



# **SANA KHAN**

**Um Mestre no Além**

**Parte 2**

**Luiz Roberto Mattos**

## LUIZ ROBERTO MATTOS

*Agradeço a:*

*Rodolfo Pereira dos Santos e Antonieta Almerinda de Mattos Santos*, meus avós paternos, responsáveis pela construção do caráter do melhor pai do mundo, Durval de Mattos Santos;

*Pedro Peixoto de Vasconcelos Castro e Juracy de Carvalho Castro*, meus avós maternos, geradores do anjo da guarda que todo mundo gostaria de ter, minha mãe, Inalda Peixoto de Castro Santos;

*Alberto Jorge Peixoto de Mattos Santos*, meu irmão, e quem primeiro filosofou comigo nesta vida e com quem tenho grande afinidade;

*Rodolfo Luiz Peixoto de Mattos Santos*, meu irmão, e com quem filosofo há mais de quinze anos;

*Alan Martins de Mattos*, meu filho, que me faz compreender melhor a minha infância, e desperta em mim o que tenho de melhor em termos de amor.

*Bruno Martins de Mattos*, meu filho caçula, que me despertou novamente um grande amor;

e *Vanda Martins dos Santos*, minha esposa de várias vidas, meu espelho, e que me ajuda a superar minhas limitações, me suportando e me perdoadando.

*"Ofereço este trabalho aos buscadores da Verdade, da Realização Espiritual, da Iluminação, e da Autoconsciência Divina".*

*"A boa natureza dos animais é a força do corpo; a dos homens, a excelência do caráter".*  
Demócrito de Abdera, filósofo grego.

SANA KHAN  
Um Mestre no Além  
Parte 2

*Esta obra é continuação do livro Sana Khan - Um Mestre no Além, conforme prometido no seu final. Aqui relato experiências vividas entre janeiro de 1979 e maio de 1997.*

*Muita Paz.*

*Luiz Roberto Mattos*

## I

Era alta madrugada, em um dia do mês de dezembro de 1978. Dormia não sei há quanto tempo. Sono profundo, se considerado do ponto de vista físico, visível. Dormia em meu quarto, onde havia duas camas, uma minha e outra de meu irmão Jorge. Só que este não dormira nessa noite em seu quarto. Portanto, estava só, em minha cama, estando a porta do quarto fechada. Lembro-me então de ter acordado repentinamente, abri os olhos e levantei-me parcialmente, apoiando-me no cotovelo do braço esquerdo e tendo me virado para esse mesmo lado. Minha visão se dirigiu para um ponto do quarto que ficava próximo à cabeceira da cama de Jorge. De imediato nada vi, tampouco esperava ver qualquer coisa. Mas, inexplicavelmente, estava olhando naquela direção, como se tivesse uma certeza interna de que alguma coisa iria aparecer naquele lugar, em meu quarto. Alguns segundos se passaram, de acordo com minha percepção de tempo naquele momento, e então comecei a ver algo esbranquiçado, como uma fumaça que não se movia, ou como uma nuvem muito tênue, rala, tendo contornos que gradativamente iam se definindo, mas inicialmente indecifrável.

Estava calmo interiormente, sem expectativas, sem ansiedade, sem medo. Não tinha idéia, realmente, do que estava para acontecer. E jamais imaginei de verdade que uma tal experiência iria acontecer comigo, por ser coisa rara e de difícil produção.

Desde criança ouvia estórias de aparições de espíritos, de materialização e deslocamento de objetos dentro de centros espíritas. Meu avô materno me contava tais estórias, e acredito que muitas delas fossem verdadeiras, pois ele era espírita e pessoa que não mentia. Devido a esse fato, a idéia de ver espíritos nunca se constituiu em absurdo ou fantasia para mim. Pelo contrário, sempre acreditei, desde garoto, que essas coisas fossem possíveis, e que talvez um dia acontecesse comigo.

Quando criança, costumava brincar com meus irmãos de ficar um de cada vez trancado em um quarto escuro, ficando os demais do lado de fora dizendo coisas as mais assustadoras possíveis. Isso visava, conforme pensávamos, em nossa psicologia mirim, a superação do medo. Queríamos desenvolver a coragem, em contrapartida. Contudo, apesar de todos os esforços feitos, o medo não nos abandonou por completo e em tão curto tempo. E isto porque nossos condicionamentos com relação a almas do outro mundo, fantasmas, o diabo, o mão-pelada, o capivara, os vampiros, etc., eram muito fortes, em virtude de todos os filmes por nós assistidos. Não é fácil vencer o medo!

Desde que comecei a estudar acerca dos espíritos, em 1977, com a literatura de Allan Kardec a princípio, tinha a idéia de que se um dia um espírito se materializasse na minha frente eu morreria de medo, o meu coração pararia. Não obstante, desejava uma experiência desse tipo, e até sonhava com ela.

Voltando então à narrativa inicial, estava deitado, virado de lado, apoiado em meu cotovelo, olhando para um ponto de meu quarto onde começava a aparecer uma névoa branca. Sem nenhum medo na mente acompanhava o desenrolar daquele fenômeno, sem

saber até então o que estava acontecendo e o que iria acontecer. A névoa foi se tornando mais opaca gradativamente, e seus contornos se avivando, deixando entrever que se tratava do contorno de um ser humano.

Para melhor compreensão e visualização do que estou a descrever sugiro ao leitor que frite um ovo de galinha, ainda que não vá comê-lo. Observe que a clara, a princípio totalmente transparente, deixando ver o fundo da frigideira, gradativamente vai se tornando opaca, esbranquiçada, até que não possamos ver o fundo da panela. E isso tudo ocorre em poucos segundos.

O que vi em meu quarto foi algo semelhante. E à medida que a nuvem imóvel ia se tornando mais opaca, também a forma humana ia se definindo. Até que um homem jovem, branco, magro, de calças e camisa ficou completamente visível há apenas um metro e meio de mim, aproximadamente. Estava olhando para fora da janela do quarto, como se posasse para uma foto ou filmagem. E estava imóvel.

Em nenhum momento tive medo, me sobressaltei ou pensei em correr. Impávido, foi como me defini. Até hoje não compreendo por que aquela tranqüilidade, de onde tirei tanta coragem. E por outro lado, também não compreendo por que não conversei com aquele homem ali materializado em meu quarto. Minha postura, se teve algo de coragem, também teve de apatia, de passividade. Fiquei tão "sem acreditar" no que via que não tive reação, tranqüilidade, presença de espírito e espírito científico para tentar um diálogo com aquela pessoa.

Vale ressaltar agora que não se tratava de um estranho. Eu já o conhecia há algum tempo. Contudo só o havia visto quando eu estava fora do corpo físico, em projeção astral ou desdobramento. E ele é um espírito, um ente ou individualidade desencarnada. Não habita a esfera física terrena, e não tem um corpo de carne. Muitas e muitas vezes já saímos para trabalhar em zonas de sofrimento no plano espiritual ou astral, e também percorremos cidades em outras dimensões, em busca de conhecimentos e estudos. Rodolfo é o seu nome, e o leitor deve lembrar-se dele, se leu o livro Sana Khan - Um Mestre no Além, do qual este é continuação.

Ali estava então Rodolfo totalmente materializado em meu quarto. Era difícil acreditar, mas era verdade. Era completamente real, por mais maravilhoso e inacreditável que pudesse ser. Muitos leitores talvez não acreditem. Nada posso fazer para provar o que afirmo e narro. Fica por conta do leitor acreditar ou não, dar-me crédito ou não. Não teria por que inventar uma tal experiência. Ademais, já no século passado o cientista inglês William Crookes e o russo Alexandre Aksacof faziam experiências de materialização de espíritos. Há vários livros nas livrarias e bibliotecas especializadas a respeito dessas experiências.

É uma pena eu não ter conversado com ele. Perdi uma oportunidade que ainda não foi repetida, e não sei se haverá outra igual. Passei por várias experiências mediúnicas e anímicas, porém só daquela vez tive o privilégio de assistir a uma materialização de um

espírito ou ente desencarnado. Conversar com ele em outra dimensão, o chamado plano astral, era coisa comum, mas materializado seria diferente.

Às vezes acho que o fato de conhecê-lo deixou-me tranquilo, sem medo. E acho também que antes de me integrar no corpo físico eu já sabia previamente que Rodolfo se materializaria para mim, como parte de meu aprendizado. Contudo no momento em que acordei e me virei para o local onde houve a materialização eu não tinha consciência de que o fenômeno aconteceria. Naquela noite não me recordei das andanças no plano espiritual.

Acredito que toda a experiência não levou mais que três ou quatro minutos, no máximo. Fiquei um tempo olhando para Rodolfo, que não me encarou, e era como se eu não acreditasse que aquilo estivesse acontecendo. Mas estava de fato. Não acreditava que eu estivesse sendo contemplado com aquela experiência. E então cometi a maior de todas as burrices de minha vida, deitei-me e fechei os olhos. Após algum tempo, novamente os reabri e tornei a olhar para o local onde momentos antes vira Rodolfo por inteiro. E para minha decepção, ele não mais estava lá. Porém a lembrança daqueles breves minutos continuam muito fortes e vivas em minha mente. Nunca tive a menor dúvida de ter visto realmente o que aqui relato. Estava acordado, lúcido, em plena posse de minhas faculdades mentais. Aliás, naquela época, era naturalista, não bebia, não fumava, não tomava qualquer tipo de droga. Não estava hipnotizado nem sugestionado. Sequer pensava na hipótese de ver uma materialização quando fui dormir ou quando acordei.

Não posso afirmar que a materialização fosse tangível, pois não a toquei. Visível, no entanto, ela era, sem sombras de dúvida. Eu não via o que estava por trás de Rodolfo, estando ele totalmente opaco à minha visão. Era um verdadeiro obstáculo.

No livro Sana "Khan - Um Mestre no Além" narrei diversas experiências fora do corpo, estando em outra dimensão. Aprendi a me movimentar no plano astral, trabalhando e estudando. Constatei que a vida não termina com a morte do corpo de carne. E com a materialização de Rodolfo comecei a ver como os espíritos desencarnados podem se comunicar com os encarnados e como podem agir sobre a matéria, inclusive de forma mais ostensiva, como através de sua materialização.

Sabemos que em seu estado normal, isto é, natural, um espírito desencarnado não pode ser visto nem tocado por um encarnado. E isto se deve ao fato de viverem em frequências vibratórias diferentes. A matéria ou energia do corpo astral ou perispírito vibra em frequência muito superior à do corpo denominado físico. E para que um desencarnado possa ser tocado por um encarnado, e visto por qualquer um que não seja vidente, se faz necessário que ele consiga a substância hoje chamada de ectoplasma e se envolva com ela, para então se materializar, ou seja, ficar envolvido com matéria desta dimensão física. O ectoplasma é matéria, sobretudo. Porém contém também substâncias do plano astral ou espiritual. Por isso ele é substância intermediária entre duas dimensões, ou ponte entre dois mundos. É essa substância que faz a ligação entre o corpo físico e o espiritual ou perispírito. Integra o chamado duplo etérico ou corpo etérico, que não é na verdade um corpo, pois não

serve de sede para a consciência. Ninguém se projeta com o duplo etérico e sem o corpo astral.

No duplo etérico, e sobretudo no ectoplasma reside o segredo de todos os fenômenos de efeitos físicos, como materializações, movimentação de objetos, levitação de objetos, sons produzidos em madeira, e muitos outros relacionados a contos de casas mal assombradas. Por isso Rodolfo, sob o comando do mestre Sana Khan, se fez visível para mim, tendo, provavelmente, combinado comigo previamente, ainda que eu não me recorde.

Muitos outros fenômenos de efeitos físicos foram produzidos depois desse, para que eu completasse toda uma série de lições acerca dos vários fenômenos e sobre a mediunidade, um capítulo à parte e todo especial em meu treinamento. Em outro capítulo voltarei a falar sobre isso.

Peço ao leitor que não leia todo este livro sem que antes tenha lido o Sana Khan - Um mestre no Além. Isso não é marketing, é apenas porque este livro é a continuação do outro, e naquele há conceitos e relações que não permitirão a completa compreensão deste sem a leitura daquele.

O espírito imortal não só vive em outras dimensões além desta que conhecemos como também pode se fazer visível e tangível para os olhos do nosso corpo de carne, ainda que não sejamos videntes. No caso narrado, vi materializado um espírito (uma entidade) que já conhecia de minhas várias projeções astrais, dando assim maior certeza interna de que minhas experiências de saída consciente do corpo não eram apenas sonhos, fantasia ou imaginação. Eram reais as viagens astrais, como foi realíssima a materialização de Rodolfo. Não tenho dúvidas, e me submeto a qualquer aparelho detector de mentiras ou hipnose para provar que não estou mentindo. Ademais, minha profissão e o cargo que hoje ocupo não me incentivariam a mentir em um assunto desse tipo. Meu nome, meu conceito e minha carreira podem ser afetados por isso. Um juiz não pode mentir em se tratando de coisas tão sérias, como essas, que dizem respeito ao espírito, sua sobrevivência após a morte e seu intercâmbio com os chamados vivos.

## II

No primeiro livro por mim lançado, “Sana Khan - Um Mestre no Além”, relatei diversas experiências de projeção astral, regressão de memória e fenômenos de efeitos físicos. Narrei diversos diálogos com o mestre Sana Khan e outros espíritos, principalmente Marlene e Rodolfo. No final, falei sobre o afastamento do mestre e sobre meu envolvimento com sexo e álcool, apesar de todas as advertências de Sana Khan. Agora, tentarei relatar como e por que me afastei temporariamente do mestre e de que forma aprendi a custo de prazeres e dores acerca do sexo, paixão, amor e vícios de um modo geral.

Durante o ano de 1978, em torno do qual giram os fatos narrados na primeira obra, estive razoavelmente equilibrado emocionalmente, psiquicamente, fisicamente e não sentia desejos sexuais, pelo menos isso durou vários meses. Meu interesse girava em torno de meu aprendizado sobre o mundo espiritual, no qual muito trabalhei, de forma consciente, e também do meu autoconhecimento, do que seria exatamente o centro do meu ser, aquilo que chamamos de “eu”.

Tinha na época dezenove para vinte anos e era solteiro. E não tive namorada naquele ano de 1978. Assim, a questão do sexo ficou mais facilmente adormecida, porém sem profunda compreensão. Imaginava que não fosse mais sentir desejos sexuais, e que as energias ditas sexuais seriam facilmente sublimadas, mesmo porque partiria para a Índia, como planejava a princípio, em busca de maior aprofundamento nas coisas do espírito.

Dezembro chegou, em 1978, e faltava apenas um mês para minha partida rumo à Índia. Havia comprado mochila, barraca, cantil, lanterna e alguns outros objetos de uso pessoal e que julgava que me seriam úteis naquele país. Começara a escrever a carta que deixaria para meus pais, pois não tinha coragem de dizer cara a cara que iria embora. Às vezes conversava de uma forma teórica e geral com minha mãe a respeito de uma longa e demorada viagem, para ver sua reação, e logo sentia que ela não aceitaria o fato, e que sofreria muito. Tenho certeza que o mesmo aconteceria com meu pai. Apesar dos oito filhos que eles têm, não querem se desfazer de nenhum, não imaginam perder um sequer. Não tiro suas razões, pois sentimento é sentimento, ainda que haja apego. Tenho dois filhos, e também não gostaria de me afastar deles agora.

Havia planejado a ida para a Índia seis meses antes. Contudo, acabei desistindo da idéia, ao refletir mais acerca das dificuldades que sentiria com relação à comunicação. Não dominava bem o inglês, e naquele país há mais dialetos do que estrelas em nossa constelação. Ademais, pensava naquela época, o que eu buscava não era um mestre encarnado na Índia, pois já possuía um bom mestre, no plano espiritual, com quem podia me contactar com frequência cada vez maior. O que buscava na verdade era solidão, sossego, ar puro, um clima espiritual e o meu passado vivido naquele país, em idos remotos mas agradáveis, quando praticava yoga. Não eram pessoas que eu buscava, mas um ambiente

propício à meditação e maior aprofundamento de meu autoconhecimento. Buscava meu interior, mais do que o exterior. Pensava em crescer mais, interiormente, e após dois, três ou até no máximo cinco anos retornaria ao Brasil, pois era aqui o meu lugar, nesta vida. Não nascera aqui por mero acaso. Tinha certeza de que meu trabalho seria desenvolvido aqui, ou pelo menos aqui começaria.

Desisti então de ir para a Índia (graças a Deus!). Resolvi, em compensação, perambular pelo Brasil, principalmente pela Bahia, pelo interior, saindo de Porto Seguro, por onde descobri que passa um importante paralelo. Decidi acampar lá no mês de janeiro de 1979, só que não haveria volta. De lá eu partiria a pé pelo mundo. E deixaria a carta com alguém, para ser entregue a meus pais.

Tudo estava pronto e resolvido. Faltando um mês para a viagem a Porto Seguro, numa noite, já deitado para dormir, senti a presença de Sana Khan dentro de minha cabeça, por telepatia, que disse de maneira incisiva que eu não deveria partir, mas deveria ficar com minha família. Aquilo para mim foi um choque, uma surpresa, e me tirou o sono. Fiquei a noite toda acordado, pensando naquela idéia de ficar. Não sabia mais o que fazer. Havia abandonado a faculdade, sequer trancando a matrícula. Não queria mais continuar o curso de arquitetura. Como explicaria esse abandono a meu pai? E o que faria, já que não iria mais embora nem desejava continuar estudando arquitetura ?

Dias depois da insônia acima mencionada, decidi estudar psicologia, pois tinha algo a ver com minha busca interior e o autoconhecimento. Resolvi então fazer novo vestibular. E essa decisão só seria comunicada a meu pai quando eu voltasse de Porto Seguro.

Viajei, apesar de não mais pensar em ir embora. Voltaria, e faria novo vestibular.

Permaneci treze dias acampado sozinho na beira da praia. Andava muito pelas praias do local. Sentia e encarava aqueles dias como de transição, de readaptação ao normal convívio social, o que não fazia há tempo. Conheci pessoas, conversei, troquei idéias, e acima de tudo me senti mais humano. Comecei a descer de um nível que eu julgava possuir, de quase santidade, para o nível comum dos mortais, ao qual eu pertencia, e não sabia, ou não me lembrava.

Minha alimentação sofreu brutal mudança no camping onde estava, pois a comida que eu comprava lá vinha em prato feito, o famoso "P.F.". E geralmente continha carne e batata frita. Não comia carne, mas comia as batatas. Pedi para trocar a carne por ovo frito. Dois ou três dias depois de estar comendo essas coisas tive uma diarréia daquelas, pois meu organismo não estava acostumado àquilo. Vinha há quase um ano me alimentando de cereais, verduras e frutas, tudo natural. Não comia nada de origem animal. Então quando tive a diarréia me internei em minha barraca com uma garrafa grande de água mineral para jejuar até ficar bom, que é o que os animais selvagens fazem. Tive febre altíssima, mas não saía da barraca, mesmo no sol mais forte durante o dia, o que me fazia suar bicas. Foi uma verdadeira sauna, acompanhada de jejum. No dia seguinte já estava bom. Levantei, tomei café de forma mais natural e fui para a praia, onde passei todo o dia caminhando e meditando, e tomando água de coco.

Nos dois últimos dias fiz apenas uma refeição, porque o dinheiro acabou. Já havia comprado a passagem de volta, por precaução.

Voltei mais adaptado ao mundo ocidental, pois antes estava me sentindo um oriental, mais propriamente um indiano. Meu pai seria Secretário da Segurança Pública da Bahia, tomando posse em março de 1979, e estava tudo certo para eu ir trabalhar com ele, como Oficial de Gabinete. Estava com vinte anos. Mas quando cheguei, a primeira coisa que ouvi foi a bronca de meu pai por ter perdido a data de matrícula na Faculdade de Arquitetura. Ele não sabia até então que eu abandonara o curso e não pretendia retornar. Foi aí que eu tive que contar toda a verdade, e ouvir a explosão de desagravo do coronel. Disse-lhe que não pretendia mais estudar arquitetura, e então ele disse que assim eu não teria o emprego na Secretaria da Segurança. Foi então que eu disse que ele podia ficar com o emprego, porque eu não retornaria à faculdade.

O homem ficou uma fera comigo, pois não queria que nenhum dos filhos ficasse sem estudar, acreditando que nosso futuro estava no estudo. E ele estava absolutamente certo! O futuro me mostraria isso.

Chegou março de 1979, mês em que meu pai assumiria o cargo mencionado, e eu não sabia se o acompanharia, depois da decepção que lhe causei. Precisou haver intervenção de minha mãe e de uma amiga nossa, que acabaram convencendo meu pai a me dar o emprego, pois afinal eu queria trabalhar, não iria ficar sem estudar e sem fazer nada, na ociosidade. O emprego então me foi dado, e tive que cortar os longos cabelos, em estilo indiano. Aí mesmo foi que me senti ocidental, um pouco mais distante da yoga e da Índia. Como Sansão depois que lhe cortaram os cabelos. Passei a vestir trajes normais, pois antes só usava sandálias de couro do Mercado Modelo ou mocassim tipo índio, e vestia calças jeans bastante desbotadas e camisões folgados. De um misto de hippy e yogue passei a me vestir como um Oficial de Gabinete. Em breve tempo estaria usando terno e gravata no gabinete. Que mudança!

Sem que eu sentisse, as mudanças externas eram acompanhadas por mudanças de comportamento, por alterações na minha maneira de pensar, e fui me deixando influenciar por outras pessoas e outros padrões de comportamento. Em pouco tempo deixei de fazer yoga, relaxei na alimentação e comecei a beber novamente. Aí eu deixei de ser o *guru* de alguns irmãos, como me chamavam, e voltei a ser uma pessoa normal. Minha mãe adorou! Era tudo o que ela sonhava.

Durante aquele ano, 1979, não namorei, não tive relações sexuais, pois a mudança interna com relação aos desejos instintivos dessa natureza demorou um pouco mais a se fazer presente. Iria fazer vestibular para psicologia em janeiro de 1980, porém não estudei, nem fiz cursinho. E isso se deveu ao fato de em uma conversa com Marlene, aquela amiga desencarnada, ter ela dito que eu não me preocupasse com o vestibular. Fiquei então tranqüilo, crente que passaria. Contudo levei foi "bomba", o que serviu para demonstrar que ninguém cresce sem esforço. E que os espíritos não fazem milagres, e não ajudam a quem "não madruga". Anos depois eu compreenderia que psicologia não era o meu caminho, e por

isso Marlene havia dito que eu não me preocupasse com o vestibular. Ela não me disse que eu passaria no vestibular mesmo sem estudar. Essa interpretação apressada ficou por conta de minha ignorância e de uma certa infantilidade com relação ao trato com o mundo dos espíritos, que só a muito custo e muito sofrimento foi mudando. Às vezes é preciso dor e experiências duras para crescermos. E eu precisei, até perder uma certa ingenuidade e imaturidade própria daqueles que descobrem um mundo novo, supranormal, desconhecido, e se lançam de qualquer forma em aventuras místicas.

Fiquei ainda mais perdido quando perdi o vestibular de psicologia. Lembro-me que peguei minha moto - na época era motoqueiro - e saí feito um doido pela orla de Salvador, da Pituba até Itapuã. Tive vontade de morrer. Mas meu desequilíbrio interior, emocional, não apagou por completo meu senso de responsabilidade e meus conhecimentos sobre a morte e a continuação da vida após ela. Assim, continuei vivo, sentindo a dor do vexame e a dor de consciência de causar dor a meus pais. Fui irresponsável por não ter estudado. Fui imaturo em minha interpretação da conversa que tive com a amiga Marlene. Somente eu fui culpado por minha derrota. E como diz um político baiano, *a derrota é sempre órfã*.

Continuei trabalhando na Secretaria da Segurança Pública, andando de moto, e resolvi finalmente entrar em um cursinho para tentar o vestibular de Direito dessa vez. De tanto conversar com políticos, pois eu os atendia todos os dias, acabei botando na cabeça que eu queria ser político, pois achava que assim poderia fazer algo pelos pobres e pelas pessoas em geral, e de uma forma melhor adaptada aos tempos modernos, e ocidental, deixando de uma vez por todas aquela fixação do orientalismo que me seguia há tempo, e ainda me seguiu por anos.

Fiz cursinho durante quatro meses, tendo me apaixonado por duas garotas lindas. Estava apenas começando a carreira de paixões desenfreadas que me acompanharia por longos anos. Não tive envolvimento de fato com nenhuma delas. Foi só amor platônico. Era um motoqueiro essencialmente solitário, pois apesar de andar de moto e conhecer algumas garotas, ainda estava meio preso às idéias filosóficas e sonhos de missão a cumprir. Não estava completamente integrado ainda à sociedade, nem ao comportamento dos jovens da minha idade.

Passei no vestibular de Direito no meio do ano, na Universidade Católica do Salvador. Comecei o curso em agosto de 1980. Nunca me integrei completamente com minha turma, o que causava a interpretação de meus colegas como se eu fosse "metido a besta". Isso não era verdade. Nunca me senti melhor do que outras pessoas, nunca mesmo. É que apenas andava no mundo das nuvens, perdido em pensamentos, em meditação. Pensava no que faria. Pensava em política. Não conseguia me integrar às vezes em papo superficial, segundo pensava na época. Era um tanto quanto maduro para minha idade. Talvez maduro até demais. Acho que queimei certas etapas de minha juventude, e depois tive que voltar para recuperá-las, não sem um certo desequilíbrio, próprio dessas situações. A natureza deve sempre seguir seu curso e seu ritmo próprio. E quem se atreve a quebrar o ritmo das coisas

sempre paga caro, com dor muitas vezes, pois a natureza é "cega", e "não perdoa" seus agressores.

No ano de 1979 ainda tive muitas experiências de projeção astral e regressão de memória. Porém, em 1980 elas começaram a escassear, sem que eu me desse conta e fizesse nada para impedir. Acho que estava gostando da nova vida, começando a ter casos amorosos com mulheres mais velhas, bebendo, viajando de moto e estudando Direito. Levava uma vida "normal", dentro do conceito de normalidade que me apresentavam. Meus pés se prenderam firmemente no chão, e minha cabeça cada vez mais se ligava nas coisas do mundo material. No entanto, jamais me tornei um materialista filosófico. Curtia as coisas da matéria, as coisas da carne, mas vivia meditando sobre cada coisa que fazia e vivenciava. E não deixei de ler Teosofia, Espiritismo, Yoga, Krisnamurti, Rajeneeshe e muitas outras coisas. Assim, meu corpo sentia os prazeres da vida física, sem contudo deixar a mente de estar buscando as riquezas do conhecimento e da sabedoria. Nunca deixei de almejar a iluminação, a sabedoria, apesar de ter me enredado profundamente no mundo dos prazeres físicos. E isso me causou profundos e sofridos conflitos internos.

O caminho tradicional da espiritualidade se afasta dos prazeres sensoriais, colocando-os como obstáculos à aquisição da sabedoria e iluminação espiritual, quando não considera pecado o gozo de certos prazeres, como o sexo, principalmente. Já a filosofia materialista ignora e despreza a iluminação e os "prazeres espirituais". Quem quer que seja que inicie a busca da espiritualização lendo de tudo que encontrar nas livrarias vai ficar inicialmente confuso, cheio de conflitos, porque há literatura de todo tipo. Nem tudo que vem da Índia ou da China é sagrado, nobre e se constitui a verdade. Há mentiras e interpretações errôneas das leis da natureza e das coisas espirituais tanto no ocidente quanto no oriente. Que ninguém se deixe enganar com isso. Há, hoje, mais do que há quinze anos, um monte de lixo em forma de livros espalhados pelo mundo, no afã tão-somente de gerar dinheiro. Basta que o leitor pegue cerca de cinco ou sete livros sobre energia, chacras, kundalini e tantra yoga para ver a variedade e a confusão de interpretações existentes no que toca a esses temas. E isso é só um exemplo. E se o leitor achar que este livro é mais um desses, após a sua leitura queime-o, não o passe para ninguém. Não espalhe nem divulgue o que não presta.

Mesmo no meio de minhas confusões mentais, de meus conflitos internos entre gozar os prazeres que o mundo me oferecia e buscar uma maior expansão da consciência para poder ajudar meus irmãos espirituais, fosse como político ou de outra forma, continuava de vez em quando tendo uma experiência de projeção astral ou de outro tipo. Meu lado espiritual jamais me abandonou por completo. E isso me dava suporte para interpretar mais profundamente e com maior lucidez todo o processo de desejo e apego aos prazeres, assim como me auxiliava a analisar e compreender melhor meus sentimentos e emoções.

Em 1979 comecei a escrever poemas e poesias, recheados de filosofia e reflexões. Em 1980, a partir do segundo semestre, tive influência do Zen-Budismo e deixei de beber, voltando a tomar chá e a levar vida mais natural. Depois voltei a comer comida inadequada e a beber novamente. Era a própria instabilidade interna, um conflito ambulante. Em 1981 li

muito Rajeneeshe e Krisnamurti, simultaneamente. E em 1982 quis largar a faculdade, tendo desistido de ser político. Meu irmão mais velho “fez a minha cabeça” e eu levei adiante. Pensei em seguir carreira diplomática, que logo desisti também, por achar que não poderia fazer grande coisa para melhorar o mundo. Quis novamente largar a faculdade, e de novo meu irmão me convenceu a não fazê-lo. Comecei então a escrever meu primeiro livro, que não consegui publicar. Isso foi em 1982. Levei a faculdade adiante, mais animado com a parte prática da advocacia. Nesse mesmo ano tornei-me macrobiótico radical, às vezes levando vários dias comendo somente arroz integral. Adorava fazer isso. Hoje não posso ver arroz na minha frente, tanto branco como integral. Só de vez em quando como arroz. O abuso do arroz me enjoou.

Meus processos de mudança eram intensos e variados, e eu era instável como o tempo na Amazônia. Hora era naturalista e não tomava gota de álcool, e logo em seguida estava bebendo mais de cinco garrafas de cerveja numa noite. Ora era vegetariano, ora comia frango e peixe, e assim por diante. Dormia de um jeito e acordava de outro, muitas vezes. E isso porque estava em perene busca da perfeição, da verdade, do melhor, e ainda não estabilizara essas coisas na mente. Ainda não havia encontrado o caminho do meio e o equilíbrio das emoções e pensamentos. E a vida continuava me dando lições e me proporcionando novos aprendizados.

Em dezembro de 1984 redigi uma das coisas mais lindas que já escrevi, no dia de natal, após passar o dia pensando em Jesus. Foi o "Manifesto de Amor". E com isso voltava a me equilibrar interiormente, deixando-me apto para entrar em uma nova fase de aprendizado, com intensos e importantes estudos sobre energia e mediunidade. E conheceria uma médium interessante, com quem acabaria me casando. Em seguida relatarei interessantes experiências com mediunidade e o contato com um grupo de espíritos com os quais me relacionava através de médium.

## III

Desde 1978, quando comecei a me projetar para fora do corpo, freqüentava um centro espírita em Salvador. Assistia desde 1977 a reuniões mediúnicas, porém sem participação ativa. Ficava apenas observando o que acontecia com os médiuns.

Após ter a minha primeira experiência de desdobramento ou projeção astral, conforme relatado no primeiro capítulo do livro Sana Khan - Mestre no Além, fui encaminhado por Marlene para conversar com o Prof. Walter, que trabalhava no mesmo centro. Tratava-se de um senhor simpático, de cabelos grisalhos, antigo no movimento espírita, e por isso detentor de grandes conhecimentos sobre mediunidade. Conversamos uma noite, havendo imediata empatia, dando a impressão de que já éramos grandes amigos há muito tempo. Depois fiquei sabendo que ele já fora meu pai em uma encarnação, e tivemos outras relações em algumas vidas. Tenho por ele grande admiração e carinho, e o amo muito. Ele foi o meu guru espírita.

Professor Walter resolveu criar uma reunião especial com um grupo com o qual ele já trabalhava, com a finalidade de desenvolver a minha faculdade de sair do corpo. Integravam o grupo inicialmente Acácia - minha irmã espiritual e amiga de algumas vidas - , Ana Valéria, Nagib, Fred e Aninha, e depois outros foram se juntando ao trabalho. A primeira reunião nunca me saiu da cabeça, pois inicialmente Acácia incorporou ou manifestou um espírito de uma mulher que disse que foi abandonada por mim no altar de uma igreja na França, o que lhe causou tremenda frustração, trauma e ódio por mim. Estava buscando vingança, e dizia que eu nunca me casaria com ninguém, porque ela não deixaria. Ela segurava minhas mãos enquanto falava, utilizando-se para isso, logicamente, do corpo da médium. Depois, na mesma sessão, um mago se manifestou e me deu passes magnéticos, para que eu saísse do corpo. Senti energia fluindo por todo meu corpo, me senti enorme - o embalonamento, como chama Wagner Borges - , mas não consegui sentir nada daquilo que sentia em casa quando saía do corpo. A esse tempo já estava começando a sair conscientemente, mas só em casa, na hora de dormir, deitado na cama. O mago fazia com que aparecesse na minha testa uma faixa com dizeres que eu deveria ler. A médium Acácia via tudo, porém eu não saí. Várias reuniões foram feitas com tentativas semelhantes, sem êxito, até que os espíritos desistiram, creio eu. E a reunião acabou foi se transformando em mediúnica, uma reunião de trabalho de socorro espiritual, principalmente a desencarnados.

Fiz parte desse grupo até 1986, dele me afastando, com breve retorno anos mais tarde, e novamente me afastei para não mais voltar. Tenho saudades, mas o meu trabalho agora é outro. O grupo subsiste até hoje, com o grande Prof. Walter à frente. Nele aprendi muitas coisas, que dariam para encher vários livros. Principalmente acerca das relações de causa e efeito entre os atos por nós praticados durante uma vida e que se repercutem em outra. Quantas relações de ódio, vingança e obsessão tive oportunidade de acompanhar em todos aqueles anos. Aprendi a dialogar com os desencarnados, o que mais tarde utilizaria quando

dirigi um grupo mediúnico composto por jovens, além de outros grupos de estudo e pesquisa sobre o espírito.

Em 1985 ainda participava do grupo de Prof. Walter quando conheci Vanda, exatamente no mês de abril, no dia do desencarne de Tancredo Neves, em uma palestra do espírita José Medrado. Era uma médium sensível, dotada de algumas faculdades paranormais, como vidência ocasional, incorporação ou psicofonia inconsciente, capacidade de captar os pensamentos dos outros e sonambulismo (na denominação de Allan Kardec). A princípio eu nada sabia a respeito. Somente quando ela começou a incorporar certos espíritos foi que passei a travar contato com seu lado mediúnico complexo. Ficamos amigos inicialmente, com contatos freqüentes, e então vários espíritos foram aparecendo. Primeiro Marie, uma criança que dizia que seria nossa filha. Nossas conversas eram interessantes e instrutivas. Rubem, um jovem que morara no Alto de Ondina, em Salvador, e que desencarnou e continuava a viver os prazeres da matéria, até que eu o convenci a mudar de atitude. Foi ele quem me ajudou a me libertar de uma fixação amorosa, com seus conselhos e experiência de vida. Ele verdadeiramente abriu meus olhos. Isso demonstra como encarnados e desencarnados podem conviver e se ajudar mutuamente, em vez de se prejudicarem ou se temerem.

Outros espíritos vieram, e de repente nós estávamos fazendo um trabalho de socorro espiritual fora do centro espírita, mas ambulante, sem local fixo. Vanda era a médium, e eu o doutrinador. Muita coisa eu aprendi, mas não posso entrar em certos detalhes, porque a forma como trabalhávamos é muito arriscada, e que dependia muito do nosso equilíbrio e confiança nos auxiliares invisíveis. Não passo as informações para não colocar em risco outros médiuns. Acho que trabalhos mediúnicos são mais seguros dentro dos centros espíritas, ou assemelhados, porque já existem equipes de trabalhadores desencarnados experientes e o ambiente é preparado para os trabalhos. Em casa ou na rua, em carros ou outros locais o risco de interferência das forças trevosas é muito maior, creiam-me. Sei do que estou falando!

Ainda em 1985 começamos um trabalho de cura com um espírito que se identificava com o nome de Dr. David. Com ele havia outros. Era uma equipe. Médico desencarnado que vivera sua última existência física nos Estados Unidos, ele agora queria trabalhar na cura de pessoas doentes, através da médium Vanda. Usando-a como seu aparelho de comunicação, e instrumento físico, ele fez várias operações. Operou úlcera, coluna, útero, intestino e várias outras coisas. Usava facas para realizar as cirurgias, sem qualquer assepsia, e nenhum paciente teve infecção ou morreu. Todos melhoraram dos problemas que sentiam, e muitos ficaram completamente curados, nunca mais voltando a sentir o mesmo problema de saúde.

Um detalhe interessante é que Vanda, a médium, não suportava ver sangue, e ficava preocupada com o que o médico estava fazendo, depois que eu lhe contava. Ela não confiava muito nos espíritos, por não se lembrar de nada, mas confiava em mim. E por isso emprestava seu corpo ( o aparelho de comunicação, como o chamavam os espíritos comunicantes). O médico introduzia a faca no corpo dos pacientes lentamente, porém não

saía uma única gota de sangue. E depois ficava apenas uma minúscula marca, um risco cor de rosa, no local onde a faca havia entrado. A técnica, segundo Dr. David, consistia em paralisar a circulação do sangue nas proximidades do local a ser operado. E para isso ele me ensinou a pressionar o corpo em determinados locais onde há chacras menores. Alguns desses centros de força faziam o sangue parar de circular, e outros faziam com que o sangue voltasse a circular normalmente. Fui designado enfermeiro de Dr. David, e sempre o assistia em todas as cirurgias. Nenhuma foi mal sucedida, e nenhum paciente jamais piorou ou morreu.

Trabalhamos com a equipe do Dr. David em 1985 e 1986, quando começaram a surgir desentendimentos entre os membros encarnados de um grupo de estudos que formáramos e um espírito cientista que estudava energia conosco. Tudo por defeito de comunicação, ou seja, por falta de clareza nas conversas, que gradativamente abalou a nossa confiança nos espíritos, e nos fez suspender os trabalhos. Nossa imaturidade também contribuiu para o desfazimento do grupo e o fim dos trabalhos e estudos, e também acho que uma certa vaidade sutil nos penetrou a mente, frente ao que estivemos perto de construir.

Hoje acho que os espíritos de fato existiam e que eram bons. Contudo entendo que foi melhor terminarmos os trabalhos devido a quebra de confiança do que levarmos adiante com risco para a saúde física de muita gente, caso saísse errado. E de outra forma, acho que só devemos trabalhar com desencarnados em bases sólidas de confiança e sempre calcado em sinceridade e clareza de intenções. Não devemos aceitar imposições nem posição de guru de forma desconfiável. Um espírito verdadeiramente elevado não se aborrece nunca. Tem paciência de Jó. E joga sempre limpo, nunca de forma velada e disfarçada. Nunca se esqueçam disso.

Há algum tempo atrás estive no plano astral com um dos espíritos que integravam a equipe de trabalho, a Vovó, como a batizamos. Também levamos um tempo meio afastados, devido à desconfiança que nos envolveu a todos, e com relação a todos os espíritos com os quais contactávamos. Fora do corpo as coisas ficaram mais claras, pude sentir melhor o nível e a sinceridade de Vovó, e então fizemos as pazes. Soube que Dr. David estava fazendo um curso para operar usando apenas as unhas do médium, e depois, em outro dia, em uma determinada colônia astral eu o encontrei, juntamente com o cientista, Sarquis. Fora do corpo as coisas se esclareceram. O problema é que durante o tempo em que trabalhei com esses espíritos através de médium eu não estava me projetando. Assim, não me encontrava com eles. Existia apenas o contato por meio de um intermediário, que era a médium. E nem sempre as conversas eram muito claras. Hoje sei que precisava passar por certas coisas, e eles sabiam que elas aconteceriam, mas de um certo modo se omitiram em dizer-me, deixando que “entrasse em uma fria”, como pensei na época. Hoje sei que aquela fria me ajudou muito a crescer como homem, a desenvolver meus potenciais de luta e resistência nos momentos difíceis. Há males que vêm para o bem, diz o ditado. E o que nos aconteceu serviu em última análise para um grande bem, após cerca de três anos de dificuldades e provações.

Em 1987 o trabalho mediúnico de Vanda foi paralisado. E somente anos depois retornaria. Nesse mesmo ano dirigi um grupo que estudava a existência dos espíritos. O trabalho também era com médicos desencarnados, e os médiuns eram vários. Alguém levava nome e endereço de doentes que desconhecíamos e os espíritos iam até a casa do paciente, fazendo em seguida um diagnóstico. Depois procurávamos confirmar as informações dadas pelos espíritos. Aproveitávamos para perguntar sobre os detalhes da casa, como a existência de móveis, quadros, objetos, etc. A margem de acerto tanto do diagnóstico médico quanto do ambiente doméstico ficava em torno de setenta por cento. Era razoável. Às vezes o acerto nos empolgava, face a riqueza de detalhes dados pelos espíritos.

Nesse período também não estava me projetando com frequência, o que acho interessante, porque aprendi a trabalhar com os espíritos mesmo sem vê-los. Melhorei muito a forma de contactar e tratar com os seres invisíveis, porém semelhantes a nós. E se estivesse fazendo projeções conscientes naquela época, talvez não tivesse realizado as experiências razoavelmente científicas para tentar provar a existência dos espíritos. Se não posso provar para os outros, pelo menos para mim essa existência tem se tornado cada vez mais real. A cada grupo formado, seja de pesquisa, socorro espiritual ou meramente de estudos, eu saía mais convencido da realidade espiritual, o que sempre me incentivou a continuar estudando e pesquisando para ajudar os outros a se convencerem da realidade da sobrevivência da alma após a morte do corpo.

Em 1986 vivi uma experiência interessante ao viajar para a cidade de Brumado. Tudo começou após um amigo chamado Valfrido, que mora naquela cidade, ter me convidado para realizar uma palestra no centro espírita que ele dirigia. Sabia que havia um forte esquema de bloqueio dos trabalhos espirituais naquela cidade, liderado por uma entidade que fora um fidalgo português em tempos idos. A barra era pesada, e o ambiente espiritual de Brumado naquela época não era dos melhores. Conversando a respeito do convite com um espírito que incorporava em Vanda, perguntou-me ele :

- Beto, você confia em nós?
- Sim, confio. --- respondi.
- Confia em você mesmo?
- Confio.
- Confia em Deus?
- Confio.
- Então o que há a temer?
- É, realmente não há o que temer. --- disse por fim.

Viajei para Brumado. Fui de ônibus. Durante a noite, cochilando sentado na poltrona, senti de repente uma mão pegando na minha mão esquerda, que estava repousando no braço da poltrona. Abri os olhos e vi Vanda de pé ao meu lado, no corredor do ônibus, ligeiramente inclinada para a frente e a sorrir para mim. Ela estava projetada, é claro, pois não viajou comigo. Olhei para a frente, sem saber o que veria, e percebi a presença de dois homens vestidos de branco, na parte da frente do ônibus. Estavam usando uma túnica

branca, muito alva. Um tinha os cabelos compridos, como Jesus usava, porém sem barba, e o outro tinha os cabelos curtos e usava óculos. Eram desencarnados, e estavam fazendo nossa proteção durante a viagem. Só vi isso, na ida.

Ao chegar em Brumado, uma vez instalado na casa de Glória, pessoa maravilhosa e de grande hospitalidade, deitei-me para dormir um pouco, pois esse tipo de viagem é muito cansativa. Saí do corpo e fui até a praça em frente, onde havia muitas pessoas ouvindo uma pregação que um homem fazia na porta de uma lanchonete. Eram todos desencarnados, logo percebi. Sentei-me no meio das pessoas, na praça, e fiquei escutando. De repente, o pregador me chamou para ir até a frente, apontando para mim. Me levantei e fui até ele. Dois outros homens, muito mal encarados, me chamaram para entrar no beco próximo, pois queriam conversar comigo. A princípio concordei, e segui com eles. Mas ao sentir que se tratava de uma cilada, que eles não eram realmente amistosos, disparei em alta velocidade saindo do beco, não dando chances de me pegarem. Já estava acostumado a escapar de tentativas de me pegarem. Muitas vezes isso me aconteceu no plano astral. Ao nos projetarmos, nem tudo são flores. Voltei para o corpo, lugar mais seguro que conheço, nessas situações.

À noite fiz a palestra normalmente, sem incidentes.

Depois Valfrido me contou que os espíritos que se diziam chefes da cidade se manifestaram em sessão mediúnica revoltados com o fato de estar ele trazendo gente de fora para falar no centro espírita.

Meses depois fui novamente a Brumado. Dessa vez com um grupo de médiuns, para realizar um trabalho de desobsessão juntamente com o pessoal de Valfrido. Tratava-se de um jovem que estava em tratamento psiquiátrico há algum tempo, e o quadro era de quase completo domínio por parte de espíritos. Cobranças do passado, ligações cármicas dolorosas, ficamos sabendo depois. Fizemos uma reunião na qual Dr. David faria o desligamento dos laços fluídicos que uniam dois espíritos ao rapaz. Participei como enfermeiro, manipulando os chacras que faziam a circulação do sangue parar. Depois de algum tempo, o médico pediu que eu sentisse a pulsação do rapaz. Obedeci e percebi que ela estava nula, ou seja, a pulsação não existia. Fiquei preocupado, olhei para Dr. David e ele disse:

--- Não se preocupe. Depois a pulsação voltará ao normal. Agora é preciso que o sangue pare de circular, pois vou paralisar os chacras aos quais os dois seres estão ligados ao rapaz, e é por onde inoculam suas energias desequilibradas e desequilibradoras do organismo do jovem.

O desligamento foi completado, e em seguida os dois espíritos se manifestaram revoltados através dos médiuns presentes. O médico conversou com um deles, e pediu que o rapaz que estava sendo sugado, agora mais lúcido, conversasse com o outro, o que foi feito, e de forma muito interessante. Isso tudo aconteceu em apenas meia hora de reunião, e o jovem tinha sido levado sem poder falar direito, devido aos fortes remédios que estava tomando. No final, ele mesmo encerrou os trabalhos, lendo trechos do Evangelho e fazendo uma prece final. Foi impressionante a mudança de estado do paciente em apenas uma hora.

No dia seguinte ele estava na biblioteca municipal lendo um livro, e já pensava em voltar ao trabalho.

Casei-me com Vanda em maio de 1986, a despeito das ameaças e ataques de várias formas por parte de alguns espíritos. A partir daí, começamos a atender doentes em nossa casa, com a manifestação de Dr. David. E também estudávamos energia, ondas eletromagnéticas, mediunidade, física do estado sólido e outras coisas, para melhor entendermos os fenômenos envolvidos no intercâmbio mediúnico. Tenho muitas fitas cassete gravadas e anotações relacionadas com nossos estudos e ensinamentos de Sarquis. Há coisas verdadeiramente revolucionárias, que discordam de autores orientais e ocidentais, e por isso, por extrema cautela, ainda não publiquei, o que somente farei quando tiver certeza de que são corretas as informações.

Estive praticamente sem contato com o mestre Sana Khan desde 1979. Entre esse ano e o de 1987 me relacionei com um número muito grande de outros espíritos desencarnados.

Certa vez, em 1987, quando estava voltando de uma viagem de trabalho a uma cidade do interior da Bahia, pois estava advogando em questões de terra, sem esperar tive a confirmação de que o mestre não me abandonara. Estava naquela época muito revoltado com certos espíritos, que achava que haviam me enganado, e também andava revoltado com as injustiças que certas pessoas e advogados, principalmente, estavam a cometer na cidade onde estava trabalhando. Minha revolta quase me levou a cometer atos de violência para fazer valer o direito, visto que este estava quase morto para os menos afortunados daquela cidade. Estava me sentindo desequilibrado emocionalmente. Foi aí que um dia, ao voltar de ônibus para Salvador, já chegando nesta cidade, acordei em meio a um sonho sem pé nem cabeça, horrível, ridículo, que bem demonstrava meu estado interior conturbado. Acordei, abri os olhos e perguntei para mim mesmo :

--- De onde saiu tanta bobagem?

E para minha total surpresa ouvi uma voz forte, de homem maduro, porém bastante afetuosa responder dentro de minha cabeça, ou seja, por meio de telepatia:

--- Da sua mente, meu filho. --- e completou --- Você tem andado muito desequilibrado ultimamente, e tem deixado sua mente produzir ou captar os pensamentos mais horríveis que você já teve na vida.

Ouvia a voz de Sana Khan claramente dentro de mim, enquanto pegava minha mala e descia do ônibus, já na rodoviária. Isso durou alguns segundos, talvez um minuto. Em seguida, já caminhando pela rua, o diálogo entre nós se estabeleceu, mas eu não mais ouvia sua voz, apenas captava seu pensamento, suas idéias, tendo certeza de que era ele. Foram quase cinco minutos de conversa, na qual o mestre me deu muitos conselhos e muita força para minha renovação mental. Lembro-me perfeitamente de ter perguntado a ele o que deveria fazer para me equilibrar e voltar a ser como anos antes, quando nos encontrávamos no plano astral, e ele me respondeu:

--- Você já conhece o caminho, siga-o. Você sabe o que tem a fazer. Não tenho nada de novo a lhe dizer. É uma questão de escolha e decisão sua.

De fato, eu já sabia o caminho. Já havia me elevado a uma altura razoável e me deixei cair. Era só me erguer e andar para a frente. Sabia exatamente o que tinha a fazer. Contudo, havia uma certa revolta dentro de mim que me impediu de me levantar naquele momento, e, também, havia a questão do prazer dos sentidos que eu não tinha resolvido ainda. Estava preso a moldes passados, e cheio de conflitos internos, que me impeliam para a busca do prazer. Era uma espécie de compensação pela frustração íntima, e por uma carência profunda que somente anos depois comecei a me dar conta.

A partir daquela experiência, levei um tempo somente percebendo o mestre por vias mentais. Ainda não conseguia encontra-lo no plano espiritual. Meu corpo de energia sutil estava por demais condensado por causa dos pensamentos descontraídos e instáveis. Meus conflitos e meu apego aos sentidos atraíam para mim energias correspondentes, que impregnavam meu corpo astral e tornavam-no muito denso, pesado, materializado, e me impediam de recordar as experiências astrais.

Em 1988, quando Vanda estava grávida de nosso filho Alan, certa noite saí do corpo, consciente, e vi um homem, um espírito, debruçado sobre Vanda, que estava dormindo na cama, com ambas as mãos espalmadas em direção ao seu ventre. Senti imediatamente que não se tratava de um amigo ou alguém que estivesse ali para ajudar, dando passes para fortalecer o feto. Pelo contrário, ele estava ali para tentar provocar um aborto, direcionando energias ruins, de ódio, sobre o feto, sobre o espírito reencarnante. Minha reação imediata foi de mandar-lhe uma carga energética possante, que provocasse nele a sensação de um choque elétrico. Então joguei as mãos subitamente em sua direção com o pensamento de que estava mandando um forte choque. Lembrei-me de Wagner Borges dizendo “joga energia”. Com esse recurso, que funciona muitas vezes mesmo, o espírito desapareceu pela parede rapidamente e não mais retornou. Apliquei em seguida energias em Vanda e sobre o feto, para desfazer os possíveis efeitos das energias deixadas pelo agressor.

Não pense o leitor, contudo, que isso é sempre assim tão simples, fácil, e que sempre teremos mais forças que os atacantes. Muitas vezes nos vemos completamente impotentes diante de certas investidas, necessitando de auxílio de espíritos mais poderosos. Tudo depende do grau de inteligência e conhecimento acerca de manipulação de energia que tiver o agressor, e também do nosso progresso espiritual e força mental e energética. Às vezes é preciso sermos humildes para reconhecermos nossa pequenez e pedirmos socorro mesmo.

Nesse mesmo ano, 1988, fiz concurso para Juiz do Trabalho Substituto e passei, mas só tomei posse em março de 1989. Alan nasceu em janeiro. Nesse ano comecei a me reequilibrar. Aos poucos fui voltando a ter projeções com relativa consciência, até que em 1990 resolvi escrever o livro Sana Khan - Um Mestre no Além. Terminei-o em 1991.

Em dezembro de 1990 estava na cidade de Jequié, interior da Bahia, dormindo em um hotel quando, pela manhã cedo, já acordado, mas deitado na cama, senti de repente um banho de energia sobre todo o meu corpo. Imediatamente me senti desligado do corpo. Quis reagir a princípio, tendo sentido um certo temor, por não saber quem estava ali. Mas quando

vi que não havia condições, que já estava totalmente solto, deixei fluir a experiência. Saí do corpo ouvindo uma voz já conhecida me dizendo:

--- Saia Beto, vim lhe buscar.

Era Marlene, minha velha amiga. Então relaxei.

--- Oi. --- disse eu.

--- Como vai? Ficou com medo? --- perguntou ela.

--- Um pouco, a princípio, porque não sabia quem estava aqui a essa hora da manhã.

--- Vim aqui para alertá-lo de um equívoco que você cometeu no livro que está escrevendo.

E então Marlene fez um breve relato sobre algumas coisas que eu troquei ao tentar recordar de certos diálogos tidos com ela e Rodolfo quando eu estava fora do corpo. Depois ela se despediu, sem demora, pois aproximava-se a hora de eu ir trabalhar.

--- Muita paz, Beto. Nos vemos depois.

--- Muita paz, minha amiga. Dê lembranças a Rodolfo.

O ano de 1991 seria mais rico de experiências e aprendizado. Passei a fazer palestras com frequência e a sentir a presença do mestre Sana Khan, que me inspirava sempre, desde que eu estivesse equilibrado. Comecei a trabalhar mais ainda a intuição e a me deixar solto para receber os influxos de pensamento e energia do mestre quando ia fazer palestras. Iniciei o Projeto Viagem Astral, do qual falarei no próximo capítulo. Com o tempo, já não precisava sair do corpo para conversar com Sana Khan, estabelecia o contato mental, telepático, por força da vontade e pensamento firme nele.

## IV

O Projeto Viagem Astral teve início em 14 de julho de 1991. Seu objetivo era desenvolver a saída do corpo físico, ou desdobramento, de forma consciente, com fins a conhecer melhor as outras dimensões do planeta e divulgar o conhecimento para a humanidade. Procurava melhorar a alimentação, tornando-a mais leve e vegetariana, meditar, orar, fazer exercícios respiratórios, evocar amigos espirituais, treinar relaxamento profundo e usar técnicas que induzissem a saída astral de forma consciente.

Resolvi iniciar esse projeto para me concentrar novamente na projeção astral, procurando desenvolvê-la e domina-la.

Em julho desse ano estive projetado nos Estados Unidos, em Nova Iorque, permanecendo um tempo em um viaduto a olhar para a cidade, podendo ver o edifício Empire States ao longe. Via carros passando pelas ruas, tudo muito nítido, como se estivesse ali em corpo físico. E lembrei-me, ainda estando lá, de minha última encarnação, da qual já falei alguma coisa no outro livro. Me vi jovem, entrando em um subsolo de uma casa, descendo uma escada, e depois me vi praticando artes marciais com um rapaz de cor negra. Já sabia, antes dessa regressão, que praticara artes marciais naquela vida, o que aplicara durante a guerra, em missões que tive que cumprir.

Já fui três vezes a Nova Iorque, fazendo crer que de fato lá vivi, como já me haviam dito. Disse-me um certo espírito que um de meus filhos da última encarnação ainda estaria vivo, já idoso, e morando nos Estados Unidos, informação dada em 1985 ou 1986. Às vezes acho que ele mora naquela cidade onde fui algumas vezes.

Ainda em julho de 1991 estive projetado no Egito, tendo sobrevoado as pirâmides de forma consciente e nítida. O panorama do alto é fantástico. Estive em uma cidade egípcia com várias mesquitas e vi pessoas com trajes árabes, como é usado por lá. Voltei dessa viagem com a firme convicção de que havia uma cidade soterrada ao lado das pirâmides, apesar de não me lembrar de ter visto tal coisa. Para minha grata surpresa, em outubro de 1993 estive no Egito, em corpo físico, onde fiquei onze dias e percorri todo o país, e acabei constatando que de fato há uma verdadeira cidade do lado direito da pirâmide de Quéops ( lado direito de quem está de frente para ela ), com mais de trezentos metros de comprimento e duzentos de largura. Disse-me um egiptólogo, guia do meu grupo, que se trata de uma necrópole, ou cidade cemitério. Descobri essa cidade por mero "acaso", pelo menos não a busquei conscientemente. Estava uma tarde sozinho na região das pirâmides, visando entrar novamente na câmara do rei da Grande Pirâmide, a fim de complementar minhas observações, quando percebi certas ruínas a uma certa distância, com buracos no solo e muitas construções distantes. Cheguei mais perto para ver, fiquei curioso e fui tirando fotos. Adentrei gradativamente a região de construções em ruínas, tendo algumas quase intactas. Encontrei coisas maravilhosas, tirei cerca de quarenta fotos, até que meus filmes acabaram, e então resolvi sair daquele local, onde estava me sentindo ameaçado, por estar só. Os

turistas correm perigo naquela região, eu que o diga, pelo que passei ali sozinho. Se um dia o leitor for lá, cuidado, não ande sozinho! Quando saí, vi que havia placas em inglês dizendo que aquela área era proibida, por ser zona arqueológica recentemente descoberta, e ainda em processo de escavação e limpeza. Levei duas horas nessa área sem ninguém me incomodar. Atribuo tal sorte ao fato de parecer com os egípcios, sendo moreno, de nariz grande, cabelos pretos e não muito alto. E estava com roupas semelhantes às que usam os arqueólogos. Devem ter pensado que eu era um arqueólogo fazendo observações. Ademais, turistas não ficam sozinhos naquela zona das pirâmides. Isso principalmente devido aos atentados que vez por outra acontecem por lá. O mais importante para mim foi o fato de ter estado lá primeiro projetado, voltando com uma idéia fixa, e depois comprovado fisicamente que realmente existia uma cidade soterrada. Essas construções apareceram com o terremoto de 1992, havendo ainda uma fenda ao lado da Grande Pirâmide, a qual fotografei como prova. Fatos como esse nos estimula a prosseguir com as pesquisas e exercícios de projeção.

Ainda em julho de 1991 estive em um auditório em colônia do plano astral assistindo a palestra sobre o novo espiritismo, que consistia em uma maior abertura do espiritismo, aproximando-o do universalismo, já que muitos espíritas ainda estão muito presos a Allan Kardec, na ortodoxia, vivendo no século dezenove. Os conhecimentos se aprofundaram depois de Kardec, sem desmenti-lo, mas expandindo os horizontes que ele abriu para a humanidade. Ele não disse tudo nem conheceu tudo, mesmo porque o tempo não lhe permitiu, mas abriu portas para a ciência do espírito. Coube a seus sucessores dar continuidade aos estudos e pesquisas. Hoje já se sabe muito mais do que no tempo de Kardec, e só aqueles que ainda estão muito apegados a ele insistem em cristalizar-se no seu século e em seus limitados conhecimentos. Depois dessa palestra resolvi me afastar do centro espírita e seguir linha que mais se afinava comigo, a do livre pensamento e da síntese universalista.

Fiz regressão de memória e descobri minha ligação forte com Alan, meu filho. Ele era também meu filho em outra encarnação, tendo 12 anos na época que vira. Estávamos fugindo de alguém, subindo as escadas de incêndio de um edifício e em seguida correndo por um corredor. Éramos grandes amigos. Isso explica sua paixão por mim nesta vida, e a minha por ele. Aliás, antes mesmo dele nascer, conversamos fora do corpo, e então já sabia que o espírito que estava para reencarnar era um velho amigo, o que se confirmou logo depois que ele veio à luz.

A partir de 14 de julho de 1991 comecei a colocar um cubo em quarto que ficava ao lado do meu, sem ver qual a face que estava para cima, contendo ele seis letras, uma em cada face. Concentrava-me para sair do corpo e ver a face que estava para cima, mas não consegui nos quatro primeiros dias. No quinto também não vi a face do cubo, mas, surpreendentemente, vi Jesus de forma clara, nítida e viva pregando em um pátio de um templo ou sinagoga. Era alto, forte, de ombros bem largos, moreno, de cabelos e barbas pretos e compridos. Estava falando para pequena multidão, tendo um lenço colorido nas mãos, o qual virava dos dois lados, como fazem os mágicos em seus truques. Porém ele não

estava fazendo truques, mas talvez usando o lenço para explicar alguma coisa. Falava de desejos, apegos e estados mentais, me fazendo lembrar Krisnamurti. O interessante é que eu entendia tudo que ele falava, porém não o idioma falado. Acho que foi uma regressão de memória, não algo atual que acontecia no plano espiritual. Não creio que tivesse condições de alcançar tão elevadas alturas no plano do espírito para assistir aquela cena tão bela. Contudo, o tema abordado não consta dos evangelhos, que por sua vez são muito pobres em matéria de detalhes do que Jesus falava. E outra coisa interessante é que eu estava na cena, vendo tudo em três dimensões, e me movia, vendo-o de costas e depois de lado, podendo ver seu rosto de perfil também, e sua barba. Por coincidência, eu estava completando 33 anos em setembro daquele ano. E não foi a primeira vez que o vi. Já havia visto Jesus em 1981, estando em uma fazenda. Daquela primeira vez eu o vi de lado, estando próximo, dentro de uma casa pequena. Ele era mais jovem, tendo os mesmos cabelos e barbas pretos, de fios retos e lisos, e usava apenas uma túnica branca simples. Sua pele era moreno-clara, seu nariz afilado e retilíneo, como o dos gregos, porém não vi a cor dos seus olhos, pois estava do seu lado. E em 1978 eu o vi por duas vezes, uma em que ele chegava numa casa pequena, onde eu estava, tendo parado por segundos na porta, contra a luz do sol, e então vi o quanto ele era alto e tinha os ombros largos. Era quase da altura da porta. Tinha os mesmos cabelos e barbas pretos e usava também túnica branca. Tenho certeza de que se tratava de regressão de memória. Eu vivi na Palestina em sua época. Era judeu, me converti ao cristianismo e devo tê-lo visto pelo menos umas duas vezes, ouvindo sua pregação.

Sou apaixonado por Jesus, mas sem fanatismo, e sem vinculação com qualquer religião ou igreja. Apenas pelo que ele foi e é, por sua coragem e determinação, e pela revolução que ele fez no mundo, presente ainda hoje, dois mil anos depois. Em outubro de 1993 eu vi seu rosto em Jerusalém, depois de algum tempo de insônia por estar vendo sem cessar rostos de pessoas que morreram naquele lugar desde sua época na Terra. Isso foi após ter estado no Museu do Holocausto. Após ver seu rosto, tudo se acalmou e então dormi tranquilo. A cidade de Jerusalém tem a energia mais “pesada” que já senti.

Passei alguns dias tentando ver o cubo, sem resultado animador. No dia 26 de julho tive uma regressão ao tempo dos astecas, sendo eu um deles. Dia 13 de agosto estive novamente em Nova Iorque, e no dia 14 estive na Índia, numa pequena praia, onde havia pequenas casas. Em seguida estive com um espírito, com quem conversei pensando ser Sai Baba, mas que não tinha sua aparência. Era estranho. Ele perguntou pelo meu segundo livro, que eu não publiquei, e disse que ele seria a minha grande oportunidade. Não obstante, lancei o Sana Khan, e o outro ainda dorme na gaveta. Aquele Sai Baba me pareceu muito estranho.

Às 3:30 horas da madrugada do dia 19 de agosto o telefone tocou. Acordei imediatamente, pensando ter acontecido alguma coisa ruim com alguém conhecido. Porém, quando atendi, o telefone desligou. Demorei a dormir depois, tendo ficado pensando em várias coisas. Então resolvi pensar em Jesus, e lembrei-me de Sana Khan. Após alguns momentos, estando ainda acordado e consciente, ouvi um barulho dentro de casa. Pensei em

me levantar, mas aí senti o choque vibratório em todo o meu corpo. Senti-me leve como uma pena. Pensei em mexer o corpo para cima e para baixo, e automaticamente isso aconteceu. Mentalizei minha saída astral para cima, e lentamente fui ficando de pé, sem perda de consciência. Estava perfeitamente lúcido. Virei-me para trás, estando em pé em cima da cama, e vi meu corpo e o de Vanda deitados na cama. Vanda estava deitada de lado, e eu de costas, com o rosto para cima. Podia ver tudo que havia no quarto, como televisão, armário, cortinas e outras coisas. Estava exatamente tudo como era antes de eu sair do corpo, o que demonstra a realidade da projeção astral. Vi uma mulher - um espírito - debruçada sobre Vanda e perguntei-lhe quem ela era, mas não lembrei da resposta quando voltei ao corpo. Ela era morena, tinha os cabelos castanhos e curtos, e não me pareceu que estivesse ali para fazer mal. É pena que não me lembre da conversa que provavelmente tivemos. Lembro-me, todavia, de ter voado através da parede, passando pela sala e quarto de Alan, tendo-o visto dormindo tranqüilamente. Minha memória estava voltando aos poucos, era necessário muita concentração e esforço para lembrar das experiências astrais.

No dia 21 de agosto estive em uma colônia, estando sentado em um banco, quando o espírito conhecido como Vovó chegou por trás de mim e me abraçou. Fiquei tão feliz, acariciando suas mãos. Vi seu rosto, porém não lembrei depois de como ela era. Disse-me que havia ficado muito triste quando eu a rejeitei, tendo eu dito que foi por causa de tudo o que aconteceu. Disse-lhe que havia pensado muito nela naqueles dias. Perguntei por Dr. David e Sarquis, tendo ela me contado sobre o curso que eles estavam tomando em determinada colônia. Aproveitei para pedir-lhe perdão. Esse encontro ocorreu de madrugada, provavelmente entre às 3:00 e 4:00 horas.

Estive duas vezes na Índia, em 1991, assistindo passeata de rua e sobrevoando montanhas. Somente em outubro de 1993 voltaria lá, em corpo astral, em visita a Sai Baba.

Até o final de 1991 já estava tendo experiências mais lúcidas, quando então tive alguns encontros com o mestre visando tentar resolver alguns conflitos íntimos que me assolavam. Minha consciência se expandia mais, alargando meus horizontes, e eu precisava compreender melhor certas questões da evolução.

Um dia, após ter meditado acerca do amor, entrei em relaxamento profundo, por volta das dez da noite. Logo depois senti meu corpo ficar pesado, muito pesado, e em seguida não mais o senti, passando a notar um grande fluxo de energia circulando por todo meu corpo, aquele choque elétrico indolor. Senti-me finalmente solto, leve como uma semente de dente de leão, e flutuei para cima como um balão. Pensei em ficar de pé, e automaticamente tomei essa posição. Vi meu quarto exatamente como ele era, e meu corpo deitado na cama, em sono profundo. De repente Marlene entrou pela porta do quarto e disse:

--- Olá, Beto, estava esperando você sair para irmos ao encontro de Rodolfo. Vamos fazer uma pequena viagem a um lugar interessante. Acho que você vai gostar.

--- Oi, minha amiga, já faz algum tempo que não a via.

--- Nem tanto, Beto. O problema é que nem sempre você se lembra de nossos encontros.

--- Quer dizer que nós nos encontramos e depois eu não me recordo?

--- Exatamente.

--- Por quê ?

--- Porque nem sempre seus neurônios cerebrais estão preparados para receberem as impressões colhidas por seus órgãos de percepção astral, ou perispiritual. Beto, esse assunto é muito complexo, e por isso prefiro deixar para Rodolfo explicar, ou então o mestre Sana Khan. É que são necessárias certas explicações de caráter científico, e eu não sou muito boa em ciências ainda. Minha área de estudos quando em vida era a assistência social.

--- Tudo bem, Marlene, não tem problema. Deixo a pergunta para os cientistas.

--- Vamos então ao encontro de Rodolfo.

--- O.K., vamos.

Marlene então saiu voando pela janela do meu quarto, e eu a segui. Sobrevoamos a rua onde morava, na Pituba, e depois Marlene pediu que me concentrasse nela, pois mudaríamos de dimensão e de frequência vibratória. Fiz o que ela pediu, e logo deixei de ver a rua e os edifícios da Pituba. Quantas vezes sobrevoei esse bairro e outras áreas de Salvador nem me lembro, pois foram tantas, desde 1978 até hoje.

Comecei a ver um bosque cheio de árvores grandes e frondosas, e logo me senti no solo, de pé. Marlene estava a meu lado.

--- Onde está Rodolfo ? --- perguntei.

--- Alô, Beto, como tem passado ? --- saiu Rodolfo do meio das árvores a me cumprimentar.

--- Estou bem, e você ?

--- Vou levando, como dizem vocês na Terra.

--- O que vamos fazer aqui ? --- perguntei curioso.

--- Fazer observações de estudo em uma cidade que se destina aos prazeres do sexo.

--- O quê ? --- minha expressão foi de espanto.

--- Exatamente isso que eu disse.

--- Existe no plano astral cidade com fins a satisfação dos prazeres sexuais ? Mas como isso é possível ?

--- Beto, você acha que a morte nos liberta de nossos desejos ?

--- Claro que não. --- respondi seguro.

--- E acha que os traços de personalidade masculina ou feminina desaparecem ou se transformam de imediato após a morte? --- perguntou Marlene dessa vez.

--- Também não. A morte, ao meu ver, não muda nossa maneira de ser e de pensar de forma instantânea. Nossa mente não se transforma tão rapidamente, em situação alguma. A natureza não dá saltos. As conquistas são progressivas.

--- E a saída do corpo altera a mente e a maneira de pensar, e ainda os desejos ? --- perguntou-me Rodolfo.

--- Não. Estou aqui, em outra dimensão, em outro plano, e continuo sendo exatamente o mesmo. Penso da mesma forma, e tenho os mesmos desejos.

--- Você se libertou de seus apegos e condicionamentos pelo fato de ter saído do corpo de forma consciente ? --- perguntou-me Rodolfo.

--- Também não, meu amigo. Continuo cheio de conflitos, condicionamentos, apegos e desejos.

--- Você acha hoje que a projeção astral é indispensável para o autoconhecimento e transformação da mente, com a libertação dos desejos e apegos? --- perguntou Rodolfo.

--- Não, pois tenho avançado muito em termos de autoconhecimento e domínio de mim mesmo durante os anos em que raramente saí do corpo conscientemente. Contudo acho que a projeção pode ajudar a compreender certas coisas, como nossa natureza espiritual, nossa independência do corpo e a evolução e a vida em outras dimensões, demonstrando que a vida não é exclusividade do plano físico.

--- Beto, você acha que os desejos sexuais são algo forte e marcante na mente do homem ? --- perguntou Rodolfo.

--- Sim, e que perturbam demais. O desejo sexual é algo que vem de dentro, como instinto, porém é exacerbado pelo pensamento, pela razão, e pela forte propaganda em cima do sexo, que hoje acontece na Terra.

--- Desencarnado ou projetado o ser continua então carregando seus apegos, condicionamentos e desejos ? --- perguntou-me Rodolfo.

--- Claro, é o que se deduz de tudo quanto dissemos antes. --- respondi.

--- E o sexo pode ser praticado sem a participação do corpo físico, sem os nervos, sem a pele, sem os órgãos sexuais materiais, sem as glândulas, etc. ?

--- Bem, Rodolfo, pelo que já tive oportunidade de ver anos atrás, estando projetado, o espírito desencarnado pode sentir algum prazer se ligando temporariamente ao sistema nervoso de um encarnado. Liga-se principalmente ao cérebro, carro chefe de toda a sensação que temos no plano material.

--- E sem esse intermediário, sem o encarnado servindo como médium, como ponte, pode o desencarnado sentir prazer sexual ? --- perguntou Rodolfo.

--- Li bem pouco a respeito, e tenho minhas dúvidas de que isso seja possível, já que a sensação chega à mente via sistema nervoso, e o orgasmo está ligado a todo um sistema de atrito dos órgãos genitais.

--- E o encarnado projetado pode praticar sexo, Beto ? --- perguntou Marlene.

--- Não tenho certeza. --- respondi , e complementei --- Sem os órgãos sexuais...não sei não...nunca pensei seriamente a respeito.

--- Você já teve relações sexuais fora do corpo, com uma mulher desencarnada ou projetada ? --- perguntou-me Rodolfo, deixando-me embaraçado e de um certo jeito envergonhado.

--- Não me lembro. Não tenho certeza. Já tive muitos sonhos eróticos em minha vida, principalmente na adolescência e juventude. Mas não sei dizer se alguma vez tive relações de verdade com o corpo astral, com o perispírito.

--- Beto, você mesmo responderá a essas e outras perguntas depois da visita que faremos a essa cidade aí na frente. Vai se surpreender com o que verá. --- disse Rodolfo.

--- Vamos elevar a frequência vibratória de nossos corpos energéticos, assim não seremos percebidos pelos espíritos que vivem ou estão de visita na cidade. Eles estão muito materializados, muito condensados, vibrando em baixa frequência. E além disso estão envolvidos quase todos com um pouco de ectoplasma, o que os aproxima da natureza do corpo físico terreno. --- disse Rodolfo.

--- Quer dizer que ninguém lá dentro poderá nos ver ? --- perguntei.

--- A princípio sim. A não ser que haja espíritos vibrando na mesma faixa nossa, em estudo, como nós. --- respondeu o amigo.

--- Interiorizemo-nos e façamos uma oração da forma que agrada a cada um, ou meditemos, o que dá no mesmo. O importante é que elevemos nossas vibrações, acelerando os átomos que compõem nosso veículo sutil de manifestação. E no seu caso, Beto, deve por força de comando mental mandar de volta para o corpo físico, através do cordão astral, o ectoplasma que lhe acompanhou quando você saiu. Isso quase sempre acontece. Fazendo isso, será menor a chance de se tornar visível aos espíritos que estão na cidade.

Concentrei-me com vontade firme e resoluta. Pensei em amor puro, pensei no mestre Jesus, pedindo-lhe ajuda, pois queria aprender os segredos da vida e da morte. Lembrei-me de Sana Khan. Senti-me fortalecido. Afastei de minha mente qualquer pensamento que pudesse me causar desequilíbrio, e me senti calmo e sereno.

--- Vamos, então. --- chamou-nos Rodolfo.

Caminhamos por entre o bosque, que não era muito claro. Era meio sombrio, como se em início de noite, após o pôr do sol. As árvores eram muito grandes, e não senti grama no solo. Parecia estar andando sobre terra úmida. De repente vi os muros altos de uma cidade que mais parecia ter saído de um filme sobre a Idade Média. Fomos em direção à entrada, um imenso portão que parecia madeira. Antes que chegássemos mais perto perguntei a Rodolfo:

--- Como entraremos ?

--- Atravessaremos o portão. Ele não se constituirá obstáculo para nós, pois estamos em outra frequência. As ondas de rádio e TV não atravessam as paredes no plano físico ? É tudo questão de frequência de vibração e comprimento de ondas.

De fato não foi obstáculo. Passamos pelo portão como passamos pelas portas e paredes no plano físico (estando no corpo astral). Há graus tão variados de frequência vibratória, ou de comprimento de ondas...e tão pouco sabemos sobre isso, principalmente no que diz respeito às outras dimensões, além da nossa conhecida...

Assim que adentramos a cidade, vi vários homens e mulheres de aparência normal circulando por um grande pátio, onde havia bancos para que se sentassem. Mais se parecia com uma praça. Havia vários casais conversando. Fomos caminhando por entre vários deles, até entrarmos em um jardim imenso, como um bosque ou um parque, cheio de árvores e bancos. Havia pequenos regatos e flores, mas não tão bonitos quanto os que eu havia visto

em colônias nos planos mais elevados. Não obstante, havia um clima de romantismo e erotismo no bosque. Percebi estátuas de casais tendo relações sexuais, me fazendo recordar o Kama Sutra, que li aos dezoito anos. Comecei a reparar que vários dos casais estavam se beijando na boca, de forma bastante erótica e sensual. Aquilo me provocou sensações de excitação, o que foi notado por Rodolfo, que tem muita sensibilidade.

--- Beto, --- disse-me ele --- não se deixe envolver por esse pensamento de sensualidade, pois do contrário teremos de parar nossa visita, porque você se tornará visível para eles, vibrando na mesma faixa. Pensamento é energia, você não sabe ?

--- Desculpem-me. Deixei-me levar por impulsos inconscientes, fruto de meus condicionamentos, desejos e apegos. Tentarei impedir que isso aconteça novamente.

A visão de tanta sensualidade por alguns momentos me fez esquecer que estava ali em observação de estudo, e por instantes me senti arrastado pelo desejo de sentir também prazer. Mas acabei me controlando e tirei o pensamento da mente.

Continuamos caminhando pelo parque até chegarmos a um conjunto de casas. Não eram muito afastadas umas das outras. Rodolfo nos chamou para entrarmos em uma delas. Passamos pela porta e logo vimos um casal abraçado em uma grande cama. Estavam nus. Fiquei parado olhando aquilo com pensamentos mistos em minha mente. Nunca havia visto espíritos sem roupa, e não tinha certeza se os órgãos sexuais também continuavam conosco após a morte.

--- Está surpreso, Beto ? --- perguntou-me Rodolfo.

--- Sim, estou. Eles estão tendo relações sexuais de verdade ou estão apenas imaginando que estão ?

--- Observe. --- disse Rodolfo --- Chegue mais perto e veja se eles estão transando, como vocês agora chamam.

Cheguei mais perto e vi que eles faziam movimentos iguais aos que fazemos no plano físico quando estamos tendo relações sexuais. E pude ver em determinado momento que o homem penetrava a mulher e se movimentava, não havendo nenhum fingimento. Era sexo mesmo o que eu estava assistindo. Era real. Igualzinho ao que se faz no mundo físico. Minha curiosidade se aguçava cada vez mais. Será que eles chegariam ao clímax, ao orgasmo ?

Continuei observando, por recomendação de Rodolfo. E vi que em determinado momento eles fizeram expressões de gozo, de quem estava de fato tendo um orgasmo. Era incrível demais para mim. Parecia não ser verdade, mas era. Eu estava lúcido, completamente consciente. Mas não tinha explicações para tal fenômeno. Aquilo era novidade para mim. Durante tanto tempo pensei que o sexo fosse expressão apenas do plano físico. Achava que ele estava apenas ligado à reprodução material de corpos para a reencarnação, com todas as implicações relativas ao casamento, família e ao desenvolvimento do amor. Mas que ele continuasse existindo além da morte, em outra dimensão, e que os encarnados pudessem também transar fora do corpo, isso era inteiramente novo para mim.

--- Novidade, não é Beto ? --- perguntou-me Rodolfo.

--- Sim , totalmente novo para mim. Eles são encarnados ou desencarnados ?

--- Aguce sua visão e olhe para a cabeça de ambos.

--- São encarnados, posso ver o fio de luz saindo de suas nuças. Eles vêm aqui somente para terem relações?

--- Nem sempre. Às vezes se amam. Muitas vezes são amantes de outros tempos, afastados pela reencarnação, que os coloca em lugares diferentes. Muitas vezes são casados, insatisfeitos, e vêm aqui em busca de um amor mais verdadeiro, ou simplesmente em busca de prazer. São muitos e variados os motivos que trazem cada uma dessas pessoas até aqui. Cada qual tem sua razão, e nós não devemos julgar ninguém, mas acima de tudo compreender e buscar as causas dessas coisas. Devemos procurar as raízes do amor e a compreensão profunda do que seja o sexo.

--- É, você tem razão, Rodolfo. --- disse eu.

--- Agora temos que partir. Não podemos mais ficar aqui, senão você não se recordará de muita coisa. As explicações que eu sei que você está querendo e precisando serão dadas pelo mestre Sana Khan, brevemente. Procure manter sua mente tranqüila, serena, sem conflitos, para que possa estar com o mestre e dele aprender coisas interessantes.

Sáímos da casa, atravessamos o parque e a praça por onde havíamos entrado, e finalmente atravessamos o portão, que estava fechado. Já no bosque, Rodolfo falou:

--- O sexo ainda é pouco compreendido pelas pessoas, tanto no mundo material quanto nas zonas mais baixas do plano espiritual. E ele ainda lhe perturba, ainda lhe prende ao plano Terra, fazendo que se impregne de energias materializadas. O mestre vai conversar com você sobre isso, para ver se você compreende melhor a questão do sexo e possa continuar com o trabalho que foi interrompido. Somente totalmente equilibrado com relação ao sexo você poderá subir até colônias mais elevadas e contar aos outros o que viu, ajudando a esclarecer acerca da vida em outras dimensões ou planos de vida.

Seguimos até minha casa, onde fiquei, adentrando o corpo novamente, e os dois amigos seguiram para destinos ignorados para mim.

## V

Dois dias depois de ter ido com Rodolfo e Marlene àquela cidade onde as pessoas se dedicam ao namoro e ao sexo, saí do corpo sem dificuldades, e logo percebi a presença de Marlene no meu quarto. Ela sorria e me disse:

--- Beto, concentre-se em mim e me acompanhe.

--- Tudo bem.

Deixamos de ver o quarto logo em seguida. E em instantes estávamos em um vale cercado de montanhas. Havia muitas plantas, porém a maioria baixa, e muitas flores. O vale era imenso e muito bonito. Havia um rio cortando o vale.

--- Que lugar é este ? --- perguntei.

--- É uma réplica do Vale das Flores, que fica na Caxemira. Nós estamos mais ou menos acima daquele país. Isto aqui foi criado mentalmente e ainda é mantido por Espíritos que aqui viveram e que têm muita ligação com o país. É o caso do mestre Sana Khan.

--- É mesmo? --- perguntei.

--- É, Beto. Siga por esse caminho aí na frente que você encontrará o mestre.

--- Está certo, Marlene.

--- Mais tarde virei encontra-lo, se o mestre julgar necessário, e se me chamar.

--- Até mais. --- disse a Marlene, despedindo-me temporariamente.

Iniciei uma pequena caminhada por entre flores e plantas ornamentais de vários tipos. Era tudo muito bonito. Minutos depois, percebi a um certa distância Sana Khan sentado na grama, à beira do rio, com os olhos perdidos na água. Parecia estar em profunda meditação. Mas nem por isso deixou de notar minha presença. Isso é que é meditação de plena atenção. Estar atento para tudo que acontece dentro e fora de nós mesmos.

--- Olá, Beto. Há quanto tempo não nos vemos cara a cara. Que alegria.

--- Mestre, --- fiz uma saudação em estilo indiano, juntando as palmas das mãos e inclinando ligeiramente o corpo para a frente, em sinal de respeito, e prossegui --- muito me alegra estar com o senhor novamente. Nossos contatos mentais têm sido frutíferos, mas às vezes sinto falta de um diálogo mais ostensivo, face a face.

--- É natural, meu filho. Pais e filhos sempre sentem saudades de alguma forma um do outro, e o mesmo se dá com mestres e discípulos, ainda mais quando a relação vai além do discipulado, chegando a maiores alegrias do coração, como é nosso caso. Nossa relação é antiga, e fortes laços nos unem, notadamente o amor.

--- Nunca o esqueci mestre. E tenho sentido imensamente a sua falta.

--- Mas eu nunca me afastei por completo. Apenas por um breve período estive envolvido em trabalho ligado a seleção para o exílio que já começou. Você foi quem se afastou de mim, mudando seus pensamentos, se deixando envolver novamente com bebidas alcoólicas e sexo intenso, principalmente em sua mente.

--- É mestre. Tenho sido um tolo. Minha mente tem estado tão cheia de desejos nesses últimos anos, e não tenho sido capaz de apazigua-la. Meu fogo interno se acendeu e eu não consigo apaga-lo por completo, nem compreendo inteiramente os processos do apego, do desejo, e a finalidade do sexo. A busca do prazer tem sido uma constante, como se a buscar preenchimento para uma lacuna, para um vazio que não pode ser preenchido.

--- Eu compreendo você, meu filho. Tenho acompanhado de perto seu sofrimento, decorrente de conflitos internos por causa da dubiedade de desejos. Quer sentir prazer, sente ímpetos fortíssimos nesse sentido, e ao mesmo tempo acha que nesse caminho não poderá crescer mais, pois vive com a mente saturada de desejos insaciáveis, que perturbam sua mente, deixando-a intranqüila, ansiosa, cheia de conflitos e sem ter paz.

--- É isso, mestre. Por mais que busque a satisfação de meus desejos, acabo sentindo que eles não podem ser satisfeitos. A mente deseja sem parar, cria novas necessidades, aí eu busco satisfazê-las, para em seguida sentir novo desejo. Não fui capaz de controlar meus pensamentos durante esses anos todos, por mais esforços que fizesse, e tenho vivido em perene conflito. A prisão que é o apego ainda não se desfez. E os profundos condicionamentos de muitas vidas, reforçados pelos da atual existência ajudam a manter-me vinculado ao estado de busca da satisfação dos desejos de sentir prazer.

--- Beto, meu filho, você ainda não vive em estado de perene prazer mental. Não sente ainda o prazer que emana das pequenas coisas, e é por isso que sua mente inquieta vive à caça de prazeres intensos, instantâneos e fugazes. Você compreende o que digo, pois já viveu dessa forma em alguns períodos desta vida atual. Sua fase zen foi a maior expressão dessa vivência, mas depois você se deixou levar e iludir novamente pelos prazeres ditos fortes, como o sexo principalmente. E isso deve ter uma raiz plantada no fundo do seu subconsciente. Alguma insatisfação consigo mesmo, alguma carência afetiva, ou outro motivo que você vai ter que descobrir. Talvez possa lhe ajudar a localizar a causa, a origem, mas o trabalho de percepção, interiorização, conscientização, e posterior mudança é seu, e é solitário.

--- Mestre, o sexo me tirou do meu centro de equilíbrio nesses últimos anos. O encantamento com as formas... o apelo visual das propagandas me seduziu, me atraindo e me prendendo. Às vezes acho que penso mais do que faço sexo.

--- É aí que reside, ao meu ver, o centro da questão. A mente do Espírito é racional. A mente produz pensamentos. O sexo provém do centro mais profundo do nosso ser. É instinto, e está presente em todo o reino animal, não só no homem. O animal não pensa, logicamente não pensa em sexo. Os animais não têm esse tipo de problema, não têm conflitos com relação ao sexo. Eles simplesmente copulam, impelidos pelo instinto, que vem do inconsciente, e eles nem sabem o que é o inconsciente, nem tampouco imaginam o que seja o instinto.

--- O senhor acha, então, que o problema foi criado pela mente? --- perguntei, mesmo já sabendo a resposta, face ao que o mestre expôs anteriormente.

--- Acho, Beto. E pela mente racional, ou seja, pela mente já provida da faculdade de raciocínio, que é privilégio, na Terra, dos homens. Os animais irracionais não contestam os instintos, não vão de encontro a ele, e nem o superam. Isso, no entanto, ocorre com o homem. Este, a partir de determinado ponto ou momento da evolução começa a questionar os instintos, a suprimi-los e vencê-los. E às vezes os desnatura também.

--- O que tenho que fazer então --- disse eu --- é conhecer e compreender melhor o que seja o sexo, qual a sua origem e finalidade e ter mais profundo conhecimento de mim mesmo, de meus processos mentais, de meu apego e origem dos desejos. Talvez esteja desviando o eixo do sexo, com relação à sua função e finalidade.

--- Acho que sim, Beto. Proponho fazermos uma volta a nossas origens, em processo mental de rememoração, pois você já fez isso antes, apenas não direcionado para a questão do sexo, que é o que faremos agora.

--- Acho que pode ajudar, mestre.

--- Pois então comecemos já. Você sabe que cada um de nós é uma unidade-consciência, ou um ser individualizado, que também chamamos às vezes de ego. E somos campos de força individualizados dentro de um grande campo de forças. Somos microuniversos dentro de um macrouniverso. O que está em cima está também embaixo, isto é, o que está nas unidades-consciência está também no plano do Absoluto, de Deus. E isso vale tanto para a consciência quanto para energia, do ponto de vista da origem da consciência e da energia, considerada a matéria como energia concentrada.

--- É aquela idéia de Kapilla, filósofo indiano, do purusha e prakriti, ou seja, princípio espiritual e princípio material. --- disse eu.

--- Exato. --- concordou Sana Khan --- Purusha, o princípio espiritual, é a Consciência Pura, a Mente Pura, sem qualquer atributo por nós conhecido. É Puro Espírito, incondicionado. E prakriti, o princípio material do universo, é a Substância ligada de forma indissolúvel à Consciência. Sem essa substância, a Consciência seria nada. Mas o nada não existe. Assim, Consciência e Substância, podendo ser esta também chamada de energia ou matéria, ou princípio material, coexistem, e de forma coesa e inseparável. O Espírito está sempre ligado à energia, por mais sutil que seja ela. Lembra-se disso ?

--- Sim, mestre. Esse aprendizado jamais foi ou será esquecido, porque é a base de tudo o que existe, e a raiz para a compreensão de qualquer questão do universo.

--- Nada no universo é estático. Tudo é dinâmico, tudo se movimenta, vibra, e às vezes se transforma. O plano da quietude verdadeira é o Plano Divino, aquela dimensão onde não se pode falar de tempo ou espaço, pois nela impera a atemporalidade e a infinitude. Nela o ser não conhece tempo e espaço. Somente vindo à existência no universo fenomênico o Ser Absoluto se relativiza e se torna ego, passando a se relacionar com tempo e espaço. Já dizia Lavoisier que no universo nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma. De fato, a criação no sentido de tirar algo do nada não existe. Deus, o Absoluto, utiliza-se de sua própria substância, sua própria energia, para gerar, para produzir o universo no qual Ele mesmo se manifestará, se expressará, em infinitas formas e faces. São muitas as faces de

Deus, pois Ele *vive, sofre e evolui em cada e através de cada* ser. Ele, o Ser, está presente em cada ser. O eu, no fundo, na realidade, é o Eu, é Deus, a Consciência Cósmica inciada.

--- Essa é a idéia e o pensamento da escola Vedanta Advaita, ou seja, não-dualista. Os filósofos indianos antigos já pensavam dessa forma. --- disse eu ao mestre.

--- E nós estávamos lá, aprendendo e meditando, seja como budistas, yogues, hindus ou outras escolas de pensamento e sabedoria, não é Beto ?

--- Sim, recordo-me de algumas passagens pela Índia, e chego às vezes a ter saudades, principalmente quando ouço música indiana ou vejo o Himalaia coberto de neve.

--- Meu filho, Deus olha para seu próprio universo através das janelas dos olhos e da mente dos seres emanados Dele mesmo, que são manifestações suas. Não há separação real entre a criatura e o criador, entre a manifestação, ou o manifestado, e *O* que se manifesta. A separação é meramente superficial, dimensional. As unidades-consciência são envolvidas em energias cada vez mais densas, distanciando-as apenas do ponto de vista vibracional e dimensional de sua origem Divina, do berço de onde saíram, a Consciência Cósmica Universal. Daí Buda ter falado na ilusão de separatividade, que consiste em nos sentirmos separados uns dos outros e separados de nossa essência, Deus dentro de nós. Uma vez autoconsciente o *ser*, ou autoconsciente o *Ser* em seu universo, o processo de evolução com a abertura de consciência toma novo impulso. O ser - o Ser - passa a dirigir mais o seu próprio destino. A verdadeira realização espiritual se dá com a identificação do *eu* com o *Eu*, do *ego* pequenino e limitado com o *Absoluto* ilimitado.

--- Essa conscientização é de suma importância, mestre. Enquanto o homem e também os Espíritos desencarnados não se conhecerem e se reconhecerem, viverão na ilusão de separatividade, o que gera competição, luta, conflitos variados, medo, tensão, sofrimento, dor.

--- Beto, todas as formas de energia, matéria e o que chamais de vida carregam em si mesmas consciência, no mais profundo e recôndito de seu ser. É a manifestação da Consciência Universal, que habita dentro de todos os seres, em forma de inconsciência. Todos os seres possuem consciência, são consciência, mas por não terem atingido ainda a fase autoconsciente da evolução, essa consciência vive em estado de inconsciência.

--- Mestre, essa inconsciência é o que os psicólogos chamam de inconsciente?

--- É sim, Beto. Observe esse desenho que surgirá à sua frente.

Nesse instante começou a se formar na minha frente um quadro, onde havia um desenho.

--- A esfera seccionada que você vê representa graficamente uma unidade-consciência, ou um ego, se o preferir. Não significa necessariamente que o ego seja como uma esfera, é apenas ilustração, de caráter pedagógico. Imaginemos que por diferenciação vibracional a substância divina gera um pequeno campo de força que assim passa a ter existência em outra dimensão, agora surgida com a diferenciação. *Espacialmente* falando, essa unidade-consciência não saiu do lugar. Apenas mudou de frequência vibratória, o que a torna "diferente". No entanto, a Consciência Cósmica não abandonou a substância que

mudou de frequência vibratória. Está contida na substância, e por via de consequência, na unidade-consciência. Esse ego que nasce é expressão da Consciência Cósmica, não pode ser de outra consciência. E ele carrega dentro de si, no fundo de seu ser, a Consciência Cósmica como inconsciência, que é o nosso inconsciente.

--- Então o samadhi dos yogues é a identificação com o nosso inconsciente. --- me adiantei empolgado.

--- Sim. O ser mergulhando dentro de si mesmo acaba por descobrir sua origem, e se identifica com ela, que é a Consciência Cósmica. Ultrapassada a última barreira da mente, deixando para trás o mais profundo subconsciente, o ser abre a porta que o separava, de forma relativa, do Ser Real, Verdadeiro, e penetra no seu inconsciente, que é a própria Consciência Cósmica, Consciência Pura, o Absoluto, Parabhramam ou Deus. Essa é a Realização Espiritual, pois aí o ego se descobre Espírito, Puro Espírito, que é o Real no universo.

--- E aí a busca termina. --- disse eu.

--- A busca do *quem* ou *que* sou eu, sim. Porém a evolução está apenas começando sua fase autoconsciente.

--- Então a vida não termina com a chamada realização espiritual. --- disse.

--- Não. A vida, a verdadeira vida consciente começa aí. O ser realizado, sentindo-se mais divino, vive cheio de amor, compaixão e compreensão para com todos os seres vivos, os quais reconhece também como seres divinos. Todos, sem qualquer exceção. O ser realizado ama infinitamente, e de forma incondicional. Ama a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo, pois sabe em verdade que no fundo, bem no fundo, não há distinção real entre os seres e o Ser. Respeita e considera tão divina uma barata quanto um templo de qualquer religião, ou qualquer homem ou entidade espiritual. Ama todas as formas de vida, sem discriminação de forma, beleza, cor, sexo ou qualquer outro padrão condicionante.

--- E o sexo, onde fica ? --- lembrei-me do tema inicial.

--- Não me esqueci do sexo, meu filho, estava apenas aguardando o momento oportuno de encaixa-lo no que estamos falando. Você já meditou a respeito da carência essencial, mãe de todas as carências ?

--- Não. Já ouvi falar da carência essencial, um livro publicado.

Sana Khan riu, ante minha brincadeira. É que esse livro tem o título parecido com o que ele me falou.

--- A carência essencial --- disse o mestre --- é uma sensação ou sentimento profundo de perda, de afastamento, de desligamento, que nos acompanha durante a fase inconsciente da evolução. Ela é proveniente do afastamento vibracional, dimensional e consciencial pelo qual passa o ser após seu surgimento como individualidade ou ego. É essa mesma carência inconsciente que está por trás de todas as manifestações de sexualidade no universo. Os seres, separados do Ser, têm ânsia, são impulsionados, de forma inconsciente a voltarem para Ele. É como se fosse uma saudade inconsciente, que o

ser não sabe a razão, e não sabe de quê. E essa saudade inconsciente nos impele a buscar nos outros seres aquilo que perdemos, sem qualquer consciência disso. A carência essencial está presente em todos os seres vivos, fazendo com que busquem a união sexual como forma inconsciente de buscar sua origem, que permanece escondida no seu inconsciente. Na união sexual os seres se unem momentaneamente, a princípio impulsionados pelo instinto cego, e com o passar do tempo, movidos por um crescente sentimento, manifestado como paixão e depois como amor.

--- Mestre, o que acontece com os animais no momento do ato sexual ?

--- Beto, o ser na fase animal não tem ainda razão, como você sabe. Ele é movido essencialmente por instinto, que é um impulso inconsciente que o faz agir. Esse impulso vem tanto do inconsciente do ser, zona da qual se originou, como também vem do subconsciente, gerado pelos automatismos de comportamento e ação, e por força da repetição de atos do passado remoto, na estrada da evolução. Um animal não sabe por que bebe ou tem que beber água. Ele simplesmente sente sede e bebe água. Assim acontece com a comida e com o sexo. A fome e a sede são necessidades orgânicas, mas que geram impulso psíquico de satisfação dessas necessidades. Já o sexo e o impulso de autodefesa, vêm mais do fundo, do inconsciente. É necessário que o ser sobreviva para evoluir, e se una sexualmente para perpetuar a espécie, com a reprodução da mesma. Mas por trás da reprodução e perpetuação da espécie está o impulso psíquico inconsciente de se unir a outros, ou outro, com vistas a um objetivo maior, mais profundo e mais real. O sexo tem como finalidade unir os seres individualizados, levando-os a se amarem. E sua função é servir como ponte para o amor.

--- Isso é interessante, mestre. Não é comum no mundo físico pensarmos dessa forma.

--- É porque a maioria das pessoas ainda está na fase inconsciente da evolução, levada para adiante pelos impulsos instintivos. São muito animalizadas ainda. Muitos Espíritos que habitam a esfera física são ainda crianças, do ponto de vista consciencial. Vivem sem pensar por que vivem, agem sem pensar por que agem, e sofrem também sem saber por que sofrem. Os instintos e a mente racional pouco desenvolvida os fazem levar uma vida mais ou menos inconsciente. Quando o intelecto se desenvolver mais, e a razão for transcendida e sublimada com a fluência da intuição, então as pessoas compreenderão de forma mais profunda e lúcida a função e finalidade do sexo, deixando de utiliza-lo apenas como fonte de obtenção de prazer através dos sentidos do corpo físico. O sexo começa com o instinto cego, inconsciente, participando dele apenas os corpos mais densos de manifestação. Começa com o corpo de carne, havendo trocas hormonais e energéticas superficiais, desprovido de fortes emoções e sentimento. Depois surge a paixão, quando a razão desperta, e os seres trocam mais energia do que antes, além de sentirem mais emoções. E por fim surge o amor, único e verdadeiro elo de união real entre os seres. As cópulas inconscientes dos animais e homens primitivos são impulsionadas pelo instinto, impulso cego, inconsciente, com vistas à reprodução, que está ligada à reencarnação, como

necessidade evolutiva, havendo nela fraca troca de energias, pouca ou nenhuma emoção, e nenhum sentimento. No homem um pouco mais evoluído, o sexo começa a ser buscado com certa emoção, com paixão em seguida, e muitas vezes como mero prazer físico. E no homem de evolução maior, o sexo é complemento do sentimento, realizado com prazer físico, troca de hormônios, trocas energéticas mais profundas e estando os dois parceiros envolvidos pelo sentimento do amor.

--- Mestre, algumas religiões, preponderantemente ocidentais infundiram na cabeça das pessoas a idéia de pecado relacionado ao sexo. Muita gente acha que o sexo é coisa suja, realizável no máximo para a reprodução, na constituição da família.

--- Isso não foi feito apenas pela Igreja Católica, por causa da interpretação literal e errônea do livro Gênesis, de autoria de Moisés. Desde a mais remota antigüidade os sacerdotes de quase todas as religiões seguiram essa linha de atribuir causa de impedimento de evolução espiritual ao sexo. Sempre se adotou a castidade, a abstinência sexual como meio de se tentar galgar maiores alturas evolutivas. E muita aberração e desequilíbrio surgiu dessa idéia errônea. Pensavam e alguns ainda pensam que sublimar o sexo é deixar de fazê-lo, o que se constitui em grande erro. O problema não está no sexo em si mesmo, no ato, nem muito menos em sua finalidade ou função. O problema está na mente, no intelecto, que gera o apego, os desejos desenfreados, as aberrações, que se constituem em desvios de função do sexo, e todos os conflitos a ele relacionados. A idéia da abstinência é tão antiga quanto o homem, e infelizmente ainda grassa no seio da humanidade, causando sérios conflitos no íntimo das pessoas.

--- E qual a origem dessas idéias, mestre ?

--- Em parte se deve aos capelinos que foram trazidos para cá, como eu, que tínhamos conflitos e desequilíbrios com relação ao sexo no nosso planeta. Nós já viemos para a Terra com a questão do sexo mal resolvida, ou mesmo não resolvida. Então passamos esses conflitos e idéias para vocês, que eram muito ignorantes ainda para discernir o certo do errado. E em parte se deve às idéias pessoais de cada um, fruto ainda de visão turva, parcial, fragmentada e imperfeita das manifestações da vida.

--- Eu já vivi esse conflito durante anos, nesta vida. Já fui abstinente, já liberei meus impulsos e desejos sexuais, e vivo buscando o equilíbrio. Parece que ele é muito tênue, muito sutil. --- disse ao mestre.

--- E realmente é, meu filho. Se você não voltar a sentir prazer nas pequenas coisas, como já sentiu antes, tornando toda sua vida, todos os momentos diários em momentos de prazer, e não se trata apenas de prazer dos cinco sentidos físicos, mas prazer da mente e do coração, você estará sempre buscando as fortes sensações do ato sexual ou as fortes emoções da paixão. E você já descobriu há muito tempo que essas duas coisas não são eternas, mas fugazes, transitórias, e de curta duração. O ato físico é rápido, e pouco tempo depois de terminado você mal se lembra dele. A paixão é passageira, e gera ciúmes, medo de perda, insegurança, ansiedade, saudade, frustração e dor muitas vezes.

--- É, mestre, já senti isso tudo, e muitas vezes. O sexo por mero tesão, sem sentimento, não pacifica o desejo, não acalma a mente nem realiza. É superficial, e deixa muitas vezes um vazio depois do ato. Às vezes o casal não quer nem conversar depois. Quer logo se afastar, ir embora. Sem sentimento o sexo é algo incompleto.

--- Beto, tudo depende do nível de consciência do ser que se une sexualmente. Cada um está em um nível de consciência, e a depender dele, o sexo é puramente animal, físico, está envolto em alguma emoção de superfície, como a paixão, ou é a expressão do desejo de união, de fusão, não só de corpos, mas de energia, de emoções sublimadas e reunião com Deus dentro do ser. O sexo é tão mais profundo e verdadeiro quanto mais envolvidos os seres estiverem. Há doação, há auto-entrega total no sexo sublimado. Corpos se unem, havendo troca de hormônios, de sensações prazerosas físicas, de carinho e carícias, de energia em vários níveis, dos corpos etérico, astral e mental, e o inconsciente dos dois seres se unem e se fundem em um só no momento do orgasmo, do êxtase, do clímax. O orgasmo é uma imitação do momento da criação, com intensa liberação e irradiação de energias de vários tipos. Essa é a verdadeira Tantra Yoga, a união total através do sexo. No ser evoluído, que vive na Terra, só o amor deve impulsionar o sexo. Assim, estará o ser dando cumprimento à sua função e finalidade. Se homens e mulheres se relacionarem sexualmente sem amor, estarão desvirtuando a verdadeira função do sexo, e estarão se unindo apenas superficialmente, nos planos mais baixos da existência. Muitas vezes uma relação sexual sem envolvimento de sentimentos e emoções superiores gera um vazio energético na pessoa, pois de fato há perda energética. O sexo envolto em amor, ao contrário, gera complementação energética, através da troca que se estabelece entre os pólos da relação.

--- A polarização dos seres em masculinos e femininos, então, serve a um propósito evolutivo. --- afirmei.

--- Sim, o de leva-los novamente à reunião com o Pai. As unidades-consciência imitam o Absoluto, de forma inconsciente, ao gerarem novas formas, por meio do sexo criador, e com o êxtase sexual penetram seu inconsciente por milésimos de segundos, que é o próprio Absoluto. Isso faz do sexo algo verdadeiramente divino, nada havendo nele de sujo ou pecaminoso. A abstinência por imposição alheia ou própria não se constitui em mérito algum. A falta de desejo sexual só acontece quando o ser já entrou em outro nível de consciência e outras dimensões mais elevadas, em que não mais necessita do sexo como o conhecemos para o advento do amor a todos os seres. Fora dessa hipótese, encontramos casos de passagem de polarização sexual, em que às vezes alguns não se adaptam de imediato ao novo corpo, ao novo sexo, gerando perturbações psíquicas e às vezes hormonais, ou casos das chamadas missões auto-impostas, em que pessoas renunciam às alegrias do sexo e do relacionamento a dois em prol de trabalhos para o próximo. Na busca inconsciente do sexo um ser busca a Deus dentro do outro ser. Já mais consciente, busca a Deus dentro de si. Depois, conscientemente, busca a união com o outro e com Deus através do ato sexual, que não envolve apenas o corpo, mas também o coração e a mente mais profunda. Somente muito evoluído, e há poucos casos assim na Terra, o ser deixa de precisar

da ponte para o amor, ou seja, o sexo. Tentar deixá-lo de lado prematuramente não só não é sábio, como se constitui em queima de etapas, que a evolução não tolera, e acaba levando o ser ao desequilíbrio íntimo e ao sofrimento.

--- É, mestre, tenho muito que meditar sobre tudo que o senhor falou. Preciso encontrar meu ponto de equilíbrio. Uma coisa eu tenho certeza hoje, de que não estou preparado por maturação evolutiva para viver sem as alegrias do sexo. Já tentei queimar etapas e me dei mal. E já vi muita gente passar por isso também. Nós humanos temos muito que aprender ainda sobre o sexo. Vivemos em desequilíbrio, em abusos, em desvirtuamentos e incompreensões. O prazer para o homem hoje está em primeiro lugar, e as pessoas estão se usando como se fossem descartáveis.

--- Nada como um dia atrás do outro, Beto. A tempestade é seguida pela calmaria. As crises são sinais de mudança, de maturação de idéias. O próprio abuso levará o homem a encontrar o seu ponto de equilíbrio, pois isso é da ordem das coisas, é da natureza. Cada coisa encontra sempre o seu lugar, no seu devido tempo, assim como você encontrará também seu ponto de equilíbrio, e crescerá muito sem ter que se abster do sexo. Deus não criaria o sexo para em seguida considera-lo pecaminoso e porta de entrada para o inferno. Isso só entra na cabeça dos ignorantes. DEUS CRIOU O SEXO, o que faz dele algo divino. Então que você desfrute dele com sabedoria e equilíbrio para o seu próprio bem e o de sua companheira. Assim estará tudo de conformidade com os desígnios de Deus. E você não crescerá menos fazendo sexo. O que importa em tudo na vida é nosso estado de consciência. As aparências, o exterior, a superfície, apenas servem para despertar a consciência interna. Desperta esta, você crescerá e desenvolverá todas as suas potencialidades, seja de cunho intelectual, mediúnico ou anímico. O sexo não atrapalha nem impede nada disso. Com amor, tudo é crescimento, tudo é evolução, tudo é luz, e nos aproximamos de Deus.

--- Mestre, obrigado pelos esclarecimentos.

--- Não precisa me agradecer, meu filho. Volte sempre que quiser, e puder, para tentarmos crescer juntos. Agora vá para casa. Muita paz.

--- Muita paz, mestre. Voltarei sozinho.

Me concentrei em meu quarto e viajei rumo a ele. Chegando em casa, vi meu corpo deitado, vi o de Vanda ao meu lado, me aproximei e perdi a consciência, tragado pelas vibrações mais baixas do corpo.

## VI

Passei alguns dias meditando muito acerca do que conversei com Sana Khan. Era coisa demais, material para muita reflexão. Havia me apaixonado muitas e muitas vezes em minha vida, e ainda estava em início de despertar do verdadeiro amor, incondicional, que não depende de forma externa.

Uma certa noite resolvi rever o mestre, para conversar sobre algumas coisas mais acerca do sexo, da paixão e do amor. Saí do corpo sem maiores dificuldades, e me concentrei no mestre. Então ouvi sua voz dentro de mim dizendo : "Estou na cabana, Beto. Venha para cá". Parti então para o lugar que já conhecia. Pensei firmemente no vale e na cabana, e após alguns instantes me vi lá. Adentrei e vi o mestre sentado a meditar.

--- Olá, Beto, --- disse o mestre --- como vai ?

--- Estou bem, mestre. Vim aprender um pouco mais com o senhor. Me faz bem seus ensinamentos e seus esclarecimentos.

--- Meditou em tudo aquilo que conversamos ?

--- Sim, muito. Tenho estado alerta com relação a meus desejos, apegos, pensamentos e impulsos internos. Tenho sentido a influência dos instintos, lado a lado com a participação do intelecto.

--- E tem conseguido distinguir uma coisa da outra ? --- perguntou o mestre.

--- Mais ou menos, mestre. Creio que às vezes as coisas se misturam de tal forma que fica difícil a distinção correta entre o que é instinto, o que é emoção e o que é amor. Queria que o senhor falasse um pouco mais sobre isso.

--- Claro, meu filho. Lembra-se daquela figura que lhe mostrei outro dia ?

--- Lembro.

--- Pois partiremos dela.

Vi novamente se formar diante de mim a mesma figura.

--- O inconsciente dentro de nós, em termos dimensionais, é nosso elo de ligação mais profunda com Deus, o Absoluto imanifestado. Tudo o mais é gerado a partir da Consciência Cósmica Pura, e sua Energia, ou sua Substância. Assim, tudo o que está registrado em nosso subconsciente, desde tempos remotíssimos até o passado recente, que não está na zona do consciente, está distribuído em nossa mente em camadas ou zonas de memória, das mais antigas às mais novas. A memória de uma existência como animal está guardada mais no fundo do subconsciente do que uma vida como homem primitivo, e esta está mais no fundo com relação às últimas encarnações humanas. E por aí vai. O consciente está mais na superfície. É aquilo que pensamos e percebemos a todo instante, e a memória recém adquirida. O consciente está muito ligado ao presente, a esta vida, e à personalidade atual. Contudo, muitas vezes lembranças da atual existência acabam por serem remetidas para o subconsciente, seja por mecanismos de autodefesa inconsciente, seja por processos

evolutivos criadores dos automatismos, ou ainda para liberar a mente de excesso de memória. Temos várias zonas mentais, todas elas associadas a energias, que por isso têm níveis diversos. Os chamados corpos são invólucros que envolvem a mente, desde a mais primitiva, o inconsciente, até o consciente atual, formando toda a aparência externa. O que vemos não é o Espírito, mas formas manifestadas pelas energias de vários níveis. Assim, o corpo físico do homem, e o astral ou perispírito, sem nos preocuparmos com outros níveis mais sutis, constituem a capa que encobre o ser, o ego, e também o Ser, o Inconsciente.

--- Nosso primeiro contato se faz sempre - na Terra - através dos sentidos do corpo, notadamente a visão. --- disse eu.

--- Certo. Então o primeiro contato é superficial, ou seja, de superfície, já que o corpo físico constitui a camada mais externa do ser, como vemos na figura. Os seres do Reino Animal só se sentem atraídos sexualmente por seres da mesma espécie, e na época do cio das fêmeas. E isso se dá de forma instintiva. Eles não sabem por que isso acontece. A natureza não dá saltos, como você sabe. O homem surgiu lentamente no planeta após milhões de anos de evolução do animal. Você já reviu o ponto de mutação entre os dois reinos, e bem sabe do que estou falando. No processo de mutação, na estrada da evolução, há momentos em que não se pode distinguir o animal do homem, ou seja, nós vivemos de forma instintiva e, gradativamente, sem percebermos, começamos a raciocinar, a pensar. E ainda hoje o homem possui um pouco do animal, pois ainda sente a força dos instintos em si mesmo, e é também humano, por ter a capacidade de pensar, de criar, de refletir e meditar.

--- Temos uma dupla natureza, então !?

--- Exato, Beto. O homem é influenciado ainda pelos instintos cegos e incompreendidos, principalmente pelo sexo. E a depender da evolução, da maturidade do ser, essa influência se fará maior ou menor. O homem de pouca evolução é arrastado pelos instintos, de forma inconsciente e sem qualquer controle, no tocante ao sexo. Já o mais evoluído, gradativamente supera os instintos, transcendendo-os, através da razão inicialmente, e depois pelo sentimento aliado à razão. Os seres humanos se sentem atraídos uns pelos outros, no que diz respeito ao sexo, inicialmente pela forma, pela beleza física, pela estética. É claro que isso tudo varia de acordo com o gosto estético de cada um. E há padrões de beleza em cada cultura, em cada raça, em cada país, e em cada época. O animal se encanta com formas, cores, sons, odores e movimentos, às vezes de verdadeira dança, envolvidos no processo de namoro e cópula que ocorrem na época da procriação, quando a fêmea está no chamado cio. Isso tudo acontece impulsionado pelo instinto. Mas o amor gradativamente brota nas relações mesmo dos animais. Por isso há animais que vivem anos em monogamia. Os animais também amam, à sua maneira.

--- E a mulher, mestre, que não tem cio...

--- Quando se dá a passagem do animal para o homem, o cio da fêmea desaparece, porém não acaba o instinto sexual. A carência de que falamos outro dia acompanha também o ser humano. E por isso homens e mulheres continuam se sentindo atraídos uns pelos outros, de forma inconsciente. Não há cio, mas atração física e desejo sexual. E as emoções

surgem logo no início da humanidade. As emoções são sentimentos de superfície. São fortes, muitas vezes, porém passageiras; instantâneas, porém de pouca duração. A paixão é um dos melhores exemplos de emoção forte, que surge às vezes rapidamente, sendo de curta duração, se tomado o tempo de duração de uma vida. É superficial, porque nasce e na maioria dos casos se prende à forma e é dependente dela, da aparência. A atração física é a maior causa de paixão. E é por isso que você pode se apaixonar por alguém que você nunca ouviu a voz ou conversou. Você nesse caso não sabe qual o caráter da pessoa, quais os traços de personalidade nem nada da pessoa. É um encantamento que surge inexplicavelmente, como o que certos animais sentem na época do acasalamento. Esse sentimento, a paixão, gera emoções fortes, muitas das quais levam o homem ao desequilíbrio. Ofuscado pela paixão muitas pessoas já tiraram a vida de outras. O ciúme nasce da paixão, e está relacionado com o medo de perder o ser por quem se está apaixonado. O ciúme é fruto de insegurança, que é o medo de perda. E como só se tem medo de perder aquilo que achamos que possuímos, concluímos que a insegurança e o ciúmes são filhos do sentimento de posse. A paixão está associada, está ligada, ao sentimento de posse. Quem se apaixonou se sente possuidor, dono do outro. E é isso que gera o exclusivismo nas relações, o ciúmes e a tentativa de domínio e controle sobre o outro. Tudo isso que está envolvido na paixão gira em torno, na superfície, do núcleo do ser. Por isso chamamos de sentimento de superfície a paixão.

--- É por isso que os relacionamentos baseados exclusivamente na paixão têm curta duração. Nunca consegui manter um relacionamento baseado na paixão por mais de seis meses. Sei que há casos que vão mais longe, mas também acabam, sempre que o sentimento não se aprofunda e não surge o amor. --- disse ao mestre.

--- O amor é sentimento de profundidade, não de superfície. Às vezes as duas coisas convivem durante certo tempo, até que o amor se firme, e então depois a paixão tende a se esfriar e por fim desaparecer, quando desaparecer o encantamento com a aparência externa. A chegada da velhice desfaz quase sempre o encantamento, pois o corpo sofre grandes transformações. E então aquilo que outrora serviu de base para a construção do amor se degrada até a chegada da morte. Se o amor acontece, essa transformação física não terá o poder de destruí-lo, e o amor sustenta a relação e o companheirismo até o fim dos dias na Terra. E o amor acompanha os seres além da morte, pois é sentimento da alma, do ser interior. A paixão pode demorar mais ou menos tempo, porém sempre acaba. Pode nos acompanhar além da morte por algum tempo, e até se transformar em ódio, outro sentimento de superfície, passageiro, por mais que dure. Somente o amor verdadeiro é eterno, e não se transforma em ódio jamais...

--- Mestre, quantas vezes vi paixões avassaladoras se transformarem em intenso ódio, ou em indiferença... quantos crimes por causa de paixão... quanta separação após o desfazimento do encantamento da paixão pela forma estética. Casais belíssimos que casam intensamente apaixonados e meses ou anos depois se separam, depois de se conhecerem melhor e constatarem que um não tem nada a ver com o outro. Vemos então aquele

sentimento intenso, em aparência, na superfície, desaparecer como se nunca tivesse existido. A paixão realmente é de superfície, e não dá paz interior nem felicidade. É sumamente instável.

--- Já o amor é sentimento profundo. --- disse Sana Khan --- Eterno depois que nasce, ou melhor, depois que deixamos fluir, porque ele em realidade sempre existiu dentro de nós. Porém as ilusões da forma embotam nossa mente durante muito tempo, até podermos ver claramente o que há no centro de nosso ser. A paixão é instável, mantém a mente em permanente alerta, gerando muitos conflitos, tensão, medo, ansiedade e várias outras emoções, ou sentimentos, de superfície, que impedem o advento da paz interior. E sem paz, ninguém é feliz. Assim, Beto, a paixão é uma das maiores causas de sofrimento, de dor, e um dos maiores impedimentos da verdadeira felicidade.

--- Mestre, acho que foi bom eu ter me apaixonado tantas vezes. Assim, agora compreendo bem o que seja paixão. E posso entender melhor tudo isso que o senhor falou. Não me arrependo dos sofrimentos nem dos prazeres que senti. Porém, se puder controlar, não me apaixonarei mais. Quero, sim, amar, e muito, mas sem a paixão que desequilibra, que dura pouco e é instável. Busco a minha paz interior novamente, perdida há tantos anos por causa da busca do prazer constante através do sexo. Agora começo a me sentir mais calmo, mais sereno, tendo menos desejos, e também menos conflitos. Sem paixão, minha mente fica mais calma, mais tranqüila, e vê mais claramente as nuances da paixão. Posso também compreender melhor as outras pessoas, porque possuo experiência própria. Leitura, pura e simples, não dá conhecimento real dos sentimentos. Como quero tentar ajudar as pessoas, tinha que conhecer diretamente cada vício, cada emoção, cada sentimento, cada tipo de dor, física e moral. Meus erros hoje me servem como exemplo para mim mesmo e para outros. Tenho mais profunda compreensão das coisas, tenho sobretudo a vivência, que antes eu não tinha. Quando queria ir para a Índia, era apenas uma criança, e se tivesse seguido aquele caminho não teria obtido as experiências tão importantes que tive relativas à paixão, ao sexo, ao encantamento com as formas, e muitas outras, nesses últimos anos.

--- Foi por isso que disse para você não ir, Beto. Queria que você largasse a faculdade de arquitetura, porque aquele não era o seu caminho. E queria que vivenciasse todas essas coisas, que lhe amadureceram muito. A vontade de ir embora pregar pelo mundo serviu para você aprender coisas ligadas ao espiritualismo, fazer yoga, tornar-se vegetariano e outras coisas mais, porém quando ficou em casa desequilibrou-se, dando margem a que emergissem de seu subconsciente desejos latentes e antigos, muitos dos quais você nem suspeitava da existência. Sabia que isso tudo ia acontecer, e supervisionei grande parte do que lhe aconteceu, pois queria no fim o seu bem. Agora você começa a chegar perto do que eu esperava de você, e já começo a preparar uma nova fase para sua vida. Mudanças acontecerão, mas não posso adiantar muita coisa, para que não crie expectativas e ansiedade. Viva naturalmente e deixe o amor verdadeiro fluir através de você. Se a paixão surgir novamente, esteja atento e aprenda com ela. Assim, estará também crescendo. Toda experiência nos leva ao crescimento, mesmo as que nos fazem sofrer.

--- Mestre, eu já imaginava que essas coisas tivessem acontecido. A inversão da idéia da viagem, passando a ficar em casa... e tudo o mais que me aconteceu. Acho que foi muito bom. O saldo foi positivo. Aprendi muito.

--- Ainda bem que você pensa assim. --- disse Sana Khan.

--- Mestre, e o sexo além da morte ?

--- Eu já esperava que você me perguntasse sobre isso, desde que estive naquela pequena cidade do sexo.

--- Saí de lá muito impressionado com o que vi. --- disse eu.

--- Eu sei, Beto. A maioria das pessoas encarnadas não sabe nada sobre aquilo. Geralmente pensam que o sexo só existe no plano físico.

--- Também pensava assim, mestre. Como o sexo é fruto da polarização sexual de machos e fêmeas, e depende do corpo físico, estando ligado à reprodução, achava que era exclusividade do plano do corpo, que é o físico.

--- Não deixa de ser lógico vosso pensamento, Beto. Todavia, a natureza não dá saltos, e ninguém muda simplesmente com a morte do corpo de carne. Nossos desejos e condicionamentos nos acompanham além da morte, e só lentamente nos transformamos, por conscientização e substituição de valores. Até nosso corpo espiritual, energético, chamado astral por uns e perispírito por outros, que é esse através do qual ora nos manifestamos, não se transforma do dia para a noite. Quando desencarnamos, deixamos o corpo de matéria densa levando este corpo que se apresenta como uma cópia daquele. Isto porque este corpo espiritual e o de carne são formados ao mesmo tempo. O corpo espiritual começa sua formação ainda na fase embrionária dentro do útero da mulher. Assim, toma a forma exata do corpo material, estando ligado a ele molécula por molécula, célula por célula. O corpo astral assim é uma verdadeira réplica do físico, apresentando também órgãos internos, a princípio. Em aparência continuamos o mesmo após a morte.

--- Vejo em todos os Espíritos desencarnados olhos, ouvidos, boca, pernas e braços, cabelo e nariz. Porém nunca vi órgãos genitais.

--- Beto, é que os Espíritos não andam por aí nus, como também no plano físico não o fazem. É uma questão cultural e de condicionamento. O pudor não desaparece com a morte. Se você em vida não andaria pelas ruas sem roupa, por que o faria em uma cidade nesta dimensão ?

--- Tem razão, mestre. --- disse sorrindo.

--- Preste atenção a uma coisa, meu filho. Você está ouvindo minha voz por meio de ondas sonoras, físicas, ou está recebendo meu pensamento diretamente na sua mente, por via telepática ?

--- As ondas sonoras são próprias do plano físico. Dependem de matéria, do ar. E são geradas pelo vibrar das cordas vocais. Aqui não há o mesmo tipo de matéria, não há ar, então não há o mesmo tipo de som que ouvimos no mundo material.

--- Exatamente , Beto. E aqui não precisamos de comida nem bebida, certo?

--- Certo, a não ser aqueles que estão muito condicionados.

--- Então por que nos apresentamos com boca? Beto, coloque sua língua para fora. Coloquei, rindo da situação.

--- Para que serve a língua no corpo?

--- Para sentir o sabor dos alimentos e movê-los dentro da boca para auxiliar na mastigação e insalivação dos alimentos, e ainda no processo da fala.

--- Então ela não tem mais função.

--- Não, mestre. Se não comemos e não bebemos, e não falamos em realidade com a boca e a língua, não precisamos mais dela.

--- No entanto nós continuamos com ela por muito tempo após a morte. É o condicionamento mental e o fato deste corpo ter se formado como réplica do físico que faz com que os órgãos corporais sejam também expressos no corpo astral ou perispírito. --- disse Sana Khan.

--- Então o mesmo deve ocorrer com as orelhas. Sua função no corpo de carne é ouvir os sons. Aqui não há o som, porque não há o ar da Terra. Mas continuamos com as orelhas. E o mesmo se dá com o nariz. Se podemos voar, para que as pernas? E os olhos? -- - acrescentei.

--- Também são réplica dos olhos do corpo físico. --- disse o mestre --- Normalmente o ser desencarnado só vê o que está à sua frente, tendo o mesmo ângulo de visão que possuía no corpo. Isto se deve ao condicionamento mental. Os processos da visão aqui são um pouco diferente, mas também têm semelhanças com a visão física. Se você vencer o condicionamento, e se concentrar, poderá ver o que está atrás de você. Porém como nas cidades daqui vivemos de forma mais ou menos semelhantes àquela que levávamos na Terra, normalmente limitamos nossos sentidos de percepção para vivermos de acordo. Não conseguiríamos viver o tempo todo vendo em todas as direções. Isso é difícil para nossa mente, que foi condicionada durante milhões de anos a ver apenas determinado segmento do ambiente ao seu redor.

--- Então normalmente vemos aqui da mesma forma que no corpo. --- disse ao mestre.

--- Sim, Beto.

--- E os órgãos genitais ? --- perguntei --- Os Espíritos não fazem filho. Ou fazem?

--- Não, Beto. Os Espíritos desencarnados não se reproduzem.

--- Nem fazem xixi. Ou fazem ?

--- Alguns fazem, quando se encontram muito materializados, como você verá futuramente. --- respondeu Sana Khan.

--- E têm no corpo astral os órgãos genitais, para expressão da sexualidade ? --- perguntei.

--- Depende. --- respondeu o mestre --- Se você achar que ainda precisa deles, e pensar que os tem, com certeza os verá entre suas pernas. Se achar que não mais necessita deles, não os verá. Assim, como vê, a mente aqui comanda tudo. E o Espírito não fica

traumatizado com a perda prematura dos órgãos que julga serem tão importantes. Seria uma maldade retirar esses órgãos de forma abrupta e forçada daqueles que ainda não chegaram na fase assexuada da evolução. Os Espíritos evoluídos, que já somaram as qualidades e os aspectos masculinos e femininos das duas polaridades, não se apresentam mais com órgãos genitais, porque eles então já perderam sua função. E é a função que faz o órgão. É a necessidade de um determinado órgão que o gera no corpo. É assim que a evolução age. Já aqueles que ainda consideram importantes os órgãos sexuais, que ainda precisam deles, conservam seus órgãos mesmo após a morte do corpo de carne. A evolução não dá saltos, é o que eu digo sempre. É preciso que as pessoas se acostumem às novas situações evolutivas gradativamente. Uma mudança brusca e forçada seria anti-natural, e causaria traumas de lenta reparação na mente do ser. Deus não quer isso. Nem os seres evoluídos que administram esse cantinho do universo, nossos irmãos maiores, que tiveram a mesma origem nossa.

--- E é possível então o Espírito desencarnado ter relações sexuais no além ? Ou o encarnado projetado para fora do corpo ?

--- Sim, só depende de vontade e da necessidade, que está na mente. O corpo astral ou perispírito, em si mesmo, não gera o desejo sexual. Todo e qualquer desejo está radicado na mente, e alguns são frutos dos instintos, como já vimos antes. A morte não extingue os instintos, que continuam se expressando de dentro para fora. Isso inclui o instinto sexual. A atração sexual, que existe por causa da polarização dos sexos, continua existindo além da morte, e logicamente também naqueles que estão projetados, que ainda nem morreram. Quase nada muda com a morte.

--- Mas mestre, sem o corpo...

--- E daí, Beto. O corpo é apenas a parte mais externa de seu ser, sendo o de carne quando está no plano físico e o astral quando está nesta dimensão. A mente é o mais importante, porque está no seu interior. Ela lhe acompanha aonde quer que você vá, no plano Terra ou em qualquer outra dimensão. Seus instintos, seus desejos, seus apegos, seus conflitos internos, enfim, tudo continua com você após a morte do corpo físico. Assim, se você se sente atraído por uma bela mulher na sua dimensão, não é o simples fato de sair do corpo e encontra-la também fora do corpo que mudará sua atração. A forma dela seria a mesma, como você sabe. Me refiro à aparência. Então o estímulo ao desejo e à atração não teria sido alterado. Seria tudo como no corpo físico, como se você estivesse nele. E você já viu que os órgãos sexuais podem ser percebidos, quero dizer vistos e sentidos, desde que haja esse desejo e o apego à sua existência.

--- Poderia haver beijos, abraços e o ato sexual completo, com a cópula ? --- perguntei por fim.

--- Sim. Não há Espíritos que comem e bebem do lado de cá, por estarem ainda muito condicionados? E não vemos a boca se mexer ao falarmos? É tudo condicionamento. Também o Espírito na polaridade masculina pode sentir ereção do pênis, do corpo astral ou

perispírito, e penetrar a fêmea em seu corpo do mesmo nível de energia. O que comanda tudo é a mente, não se esqueça.

--- E o prazer sentido é o mesmo que sentimos no corpo carnal?

--- Em parte. A mente que possui registros do prazer do ato sexual é capaz de imitá-lo parcialmente. Porém não há o atrito da mesma forma que no corpo físico, e não há ejaculação de sêmen por parte do homem. Há, sim, troca de energias, maior ou menor a depender do sentimento que existir entre os parceiros. O sexo sem sentimento nobre degrada as energias e o corpo espiritual, porém se é feito com amor, como pode ser feito com amor no mundo material, não é pecado, sujo ou aberração. O ser continua expressando seus instintos e sentimentos mesmo após a morte, em outra dimensão, em período que medeia entre duas encarnações. Não há mudanças bruscas de comportamento, nem de desejos e instintos. Seria cruel se a evolução desse saltos e obrigasse os seres a se transformarem em curto período de tempo, sem prévia adaptação aos novos parâmetros e modelos de vida.

--- Isso é verdade, mestre. Seria bem mais doloroso se fôssemos forçados a mudar de hábitos instantaneamente e abandonar repentinamente condicionamentos de milhões de anos. Os instintos não podem ser subtraídos de nosso ser num piscar de olhos.

--- É preciso que eles cumpram sua finalidade. --- disse Sana Khan --- O sexo visa a união entre os seres e destes com Deus, e por isso serve como ponte para o amor. Praticado com amor, é sempre fonte de trocas energéticas, de prazer e de alegrias, que Deus não retira de ninguém, nem mesmo após a morte, porque foi Ele mesmo que criou o sexo como mecanismo de evolução e união dos seres. Não fazem filho os Espíritos, mas se amam, se unem, como na Terra, e se unem a Deus no ato sexual embalado pelo verdadeiro sentimento do amor.

--- Tenho muito o que pensar, e o que vivenciar. Mestre, obrigado mais uma vez.

--- Vá para casa e volte para o corpo. E procure sentir as coisas que conversamos. São coisas para serem mais sentidas e interiorizadas do que pensadas.

--- Muita paz, meu filho.

--- Muita paz, mestre.

--- Voltei para casa sem problemas. Me integrei ao corpo novamente.

## VII

Entre 1990 e 1991 fiz parte de um pequeno grupo de pensadores livres e independentes, que se reunia no Parque da Cidade, em Salvador, aos domingos à tarde. José Roberto Bullosa (Beto), Georges Balladi Júnior (Geo), George "radical", Fábio Moura e eu. Passaram rapidamente ainda Fábio Pires e Pedro, este um nicaraguense que dizia ter sido guerrilheiro na Nicarágua, e que fora torturado. Esse grupo foi um dos mais interessantes dos que já participei, porque falávamos de tudo abertamente, sem preconceitos e ligações com filosofias ou religiões estabelecidas. Éramos realmente livres pensadores, em busca de sabedoria. Beto Bullosa é um Sócrates moderno, com uma inteligência brilhante, e Georges Balladi Júnior, o Geo, um Aristóteles. George, chamado de radical, não fica atrás, com uma vivacidade mental extraordinária. Um reencontro de filósofos da antiga Grécia, reencarnados no Brasil. Minha ligação é com Epicuro de Samos, nascido em 341 a.c., a quem já vi duas vezes em regressão de memória.

Filosofar de forma livre e descondicionada é uma das coisas mais legais do mundo. Não se aceitar idéias pré-concebidas de quem quer que seja sem raciocinar sobre elas e analisa-las. Não importa se foi Buda, Jesus, Sócrates, Confúcio, Krisnamurti ou Sai Baba quem disse, mas o que foi dito deve ser analisado à luz de nossa inteligência, para que as idéias possam ser digeridas mentalmente e incorporadas. O próprio Buda disse que não deveríamos acreditar nas coisas que ele dizia apenas porque era ele quem estava dizendo, mas que deveríamos submetê-las ao crivo da razão, do nosso juízo. A razão é conquista de milhões de anos de evolução, e não deve ser abandonada, pois ela nos ajuda a crescer, e muito.

O ano de 1992 transcorreu sem grandes mudanças internas em mim. Porém 1993 seria muito rico, com o início de uma iluminação interior cada vez mais crescente, e que vem se acentuando. Comecei a contemplar, coisa sobre a qual já lera bastante, mas não vivenciara intensamente, pelo menos não da forma como começara a acontecer em 1993.

Comecei a sentir cada vez mais freqüentemente uma penetração mental no íntimo das pessoas, em suas mentes, e a perceber suas dores, seus traumas, sua história de vida e muitas outras coisas. E comecei a me sentir fundido, em comunhão com as pessoas e os animais, até mesmo o menor dos insetos. Às vezes parava em sinaleiras, olhava para um garoto pobre que pedia dinheiro e penetrava em sua mente, e imediatamente percebia um pouco de sua vida e suas dores. Seu sofrimento, face às dificuldades materiais. Sentia enorme compaixão, e mais que isso, sentia-me um só com o garoto. Inundava-me um intenso e profundo amor, que eu não dominava, e que vinha de dentro de mim, do mais profundo do meu ser. A forma do garoto desaparecia diante de meus olhos, já não percebendo seus traços faciais. Todos os condicionamentos de forma desapareciam, e apenas sentia o Espírito que estava por trás da forma. Sentia que éramos um só, a mesma coisa, porém em roupagens diferentes, envolvido

em formas diferentes, e ele não tinha a mesma percepção que eu. E quanto mais isso acontecia mais descobria a carência essencial que existe dentro de todos nós.

Muitas crianças que vivem nas ruas expressam no rosto uma agressividade que é fruto da vida difícil. Às vezes criadas sem pai, e até sem pai e mãe. E principalmente sem saber o que comerão na próxima refeição, ou se a terão. Muitos são mortos, ou morrem de fome, ou se tornam marginais e são mortos pela polícia, quando não passam anos a fio nas prisões. Se todos se inteirassem um pouco mais sobre a vida que essas crianças levam, sentiriam mais compaixão, seriam mais compreensivos com elas, mais tolerantes, e acima de tudo seriam mais carinhosos com elas. E é exatamente de carinho que elas mais precisam, às vezes até mais do que de comida. Em casa muitas vezes são espancadas, ou forçadas a saírem para pedir, somente podendo voltar para casa com algum dinheiro ganho. Carinho é o que menos têm em casa. Surras, espancamentos, maus tratos, incompreensão...tudo a gerar muita revolta em suas mentes. Precisam de muito carinho. Se não pudermos dar dinheiro ou comida, que pelo menos lhes demos um pouco de carinho. Quem não precisa de carinho? E quem não gosta? Todos nós gostamos e precisamos de carinho. E quando somos tratados com carinho normalmente devolvemos carinho. Quem se sente amado verdadeiramente não se revolta facilmente. O mundo está precisando muito de carinho, de amor, para que acabem os conflitos, as disputas, as guerras...

Um dia qualquer do ano de 1993, estava no Parque da Cidade, no meio da floresta, contemplando os animais...de repente comecei a pensar no sapo que come a formiga, depois na cobra que come o sapo, no gavião que mata e come a cobra, e por fim no homem que caça o gavião por esporte. Cada um desses animais é a expressão de Deus, do Absoluto, em uma forma diferente no universo material. Todos somos Deus manifestado, em graus diferentes de abertura de consciência. Quanto menor e menos desenvolvido o cérebro de um animal, em relação ao seu tamanho, significa que seus sentidos são menos desenvolvidos, e em consequência sua percepção do mundo que o rodeia é menor e mais imperfeita. O sapo tem mais consciência do mundo no qual vive do que a formiga que ele come. A cobra tem mais consciência e é mais esperta do que o sapo. O gavião é mais inteligente e astuto do que a cobra, e o homem vai muito mais além do que todos eles. Somente na fase humana da evolução é que acontece a autoconsciência enquanto ego, ou seja, surge a consciência do "eu". E também é envolvido na forma humana que se dá a Autoconsciência, que é a descoberta de que somos a Consciência Cósmica, manifestada no mundo das formas. Com a autoconsciência passamos a viver com a noção do "eu", do ego, que se fortalece cada vez mais, e que acaba por ser transcendida por um outro estado de consciência superior, que é a de ser o próprio Absoluto, Deus, manifestado. Nesse estado de consciência, descobrimos que nós e o "Pai" somos um só, como afirmava Jesus, e como dizem que afirma Sai Baba. "Eu e o Pai somos Um", dizia Jesus, e complementava dizendo "Vós sois Deus". Possuía ele a *consciência crítica*, que é a mesma *Autoconsciência* de que falamos. Sabemos que somos Deus, e já não fazemos distinção e não alimentamos divisão. No Vedanta Advaita não há dualidade. No fundo, no íntimo de nós mesmos, descobrimos que somos em realidade Ele,

Aquilo, o Absoluto, o Tao, o Arquiteto do Universo, Deus, a Consciência Cósmica. E que somente devido à ilusão de separatividade, como dizia Buda, fruto da nossa ignorância da realidade, é que nos sentimos separados, divididos e isolados uns dos outros. E observando o reino animal podemos bem perceber a total ignorância de nossa identidade real, e o por quê das lutas, das disputas, das matanças das caçadas.

Como dizia, estava no Parque da Cidade observando os animais e pensando na cadeia alimentar. Da formiga comida pelo sapo até o homem que caça o gavião, a Consciência Cósmica está presente, ainda que de forma inconsciente, em estado de ignorância de sua natureza intrínseca, real e verdadeira. Sem autoconsciência, e sem Autoconsciência. No animal, o ego, o "eu" ainda não existe como está presente no homem. Não há também nos animais a busca de Deus, nem mesmo de um deus. Não há busca consciente de sua origem ou da razão da vida. Apenas vivem e lutam pela vida, ou pela sobrevivência. E é nessa luta que percebemos a competição, principalmente pela própria vida.

A formiga vive trabalhando para a sua comunidade, o formigueiro, forma bastante desenvolvida de sociedade. O sapo, mais individualista, procura comida para si, e quando encontra uma formiga não exita em comê-la. Não há dor de consciência no sapo, nem pensa ele em moral ou compaixão para com os outros seres. Em seu estado de consciência, é basicamente movido e impulsionado pelos instintos, que são cegos, no sentido de não serem raciocinados. O sapo sente-se impelido a comer a formiga, e o faz, sem pensar. E ele não está errado, e ninguém pode censurá-lo por isso. Ele faz o que é certo para ele, no seu nível de abertura de consciência. Sua vida é essa, e ele não conhece outra, e não pode mudá-la. O mesmo se dá com a cobra que caça e come o sapo. Não podemos julgá-la, pois ela faz o que seu instinto manda. E seu instinto é divino, pois é Deus que está por trás também do inconsciente da mente da cobra. O gavião também é expressão divina no mundo, e faz só o que seu instinto manda, não cometendo nenhum ato errado ou pecaminoso em sua vida. Não se pode falar em moral no reino animal. Isso só surge entre os homens, de mente mais aberta, ou consciência mais aberta.

Em uma floresta, em uma selva, impera a lei do mais ágil e mais forte, e os fracos dificilmente sobrevivem. A média de vida dos animais selvagens é pequena, porque a probabilidade de serem mortos na luta pela vida, no ciclo ou cadeia alimentar é muito grande. Isso é competição, é luta pela vida.

Sabemos que vivemos como animais durante milhões e milhões de anos. E essas experiências deixaram marcas fortes em nossa mente. Como homens, temos cerca de 15 milhões de anos apenas, enquanto como dinossauros vivemos mais de 160 milhões de anos. Assim, nosso intelecto é novo, nossa razão é ainda primitiva. E os instintos que nos comandaram por muitos milhões de anos ainda estão presentes em nossa mente. Os condicionamentos dos instintos não desaparecem da noite para o dia, como num passe de mágica. Só ao longo de milhares de encarnações como seres humanos os instintos vão dando lugar à razão, que é superior, e futuramente a intuição virá alargar os horizontes do homem.

Conicionados, nós, homens, que somos Espíritos individualizados manifestado em múltiplas formas no universo fenomênico, ainda vivemos tendo impulsos instintivos. E não esporadicamente nos pegamos cometendo atos animais, que nos fazem perceber o quanto ainda somos animais. Quanta agressividade ainda há em nós, gerando às vezes atitudes de grande violência. A busca do alimento, o sexo procriador e a necessidade de viver em grupo são instintos que ainda não abandonaram a maioria dos homens. E por isso os homens, ainda meio animais, vivem em tão grande competição, vivem em luta. O planeta possui condições para abrigar a todos, com moradia, alimento, roupa, etc., mas o homem ainda compete com os outros homens e não permite que a fraternidade, a solidariedade e a cooperação exista na Terra.

No plano físico deste planeta e nos planos ou dimensões que ficam mais abaixo, no chamado umbral, ou no abismo, há muita competição, muita luta, muita disputa. Disputa pelo poder, pelas terras, pelas mulheres e homens, pelos bens materiais, pelas fronteiras, pela fé dessa ou daquela religião, pela ideologia, pelo time de futebol, pela gang marginal, pelo controle das empresas e até do mundo. Encheríamos páginas falando de competição, que todos sabemos o que seja. Mas cooperação é diferente. Cooperar é co-operar, ou seja, é operar com, é agir em conjunto, trabalhar junto para um mesmo objetivo. Já há uma certa cooperação no mundo, e que se desenvolve até ligeiramente. Mas precisamos nos conscientizar de sua importância, a fim de abandonarmos de uma vez por todas o espírito de competição que nos acompanha de forma instintiva e inconsciente. Somos educados e educamos no sentido da competição, de que precisamos competir para sobreviver. Competimos em casa, na escola, no trabalho, na política, nos templos religiosos, na cama, e em todo lugar. E a televisão nos passa só competição, com produtos de empresas que estão competindo, e esportes onde a competição e o desejo de ganhar dinheiro vale mais do que tudo.

Mentalmente estamos quase sempre competindo, e nossa vida é cheia de competição. Quando saímos do corpo, por meio da projeção astral ou desdobramento, e vamos até uma das várias cidades do plano espiritual, acima da crosta terrestre, não vemos competição, mas apenas *cooperação*. Nas colônias, como também são chamadas essas cidades, não há mais necessidade de competição, e as pessoas são *reeducadas* para a cooperação, descondicionando-se quanto à competição a que estavam viciadas. Não há luta por emprego, por alimento, pelo candidato a presidente ou pelo time de futebol. Não há luta feroz como vemos na Terra. O que há é somente cooperação, solidariedade e fraternidade. Todos trabalham pelo bem de todos, sem interesse de ganhar, de lucrar, ou de ficar rico, mesmo porque o dinheiro perde seu significado no plano espiritual. Não o trabalho, que ainda existe, mas de forma mais amena, visando o bem de todos, e principalmente o auxílio dos que ainda sofrem de alguma forma.

A competição pela fortuna ou pela fama perde o sentido depois da morte. O desejo de ser o melhor desaparece, dando lugar ao desejo de se equilibrar e ajudar mais aos outros. Assim, quem se reeducar enquanto está "vivo", não encontrará dificuldades de readaptação

no outro mundo, chamado de *mundo dos Espíritos* ou *mundo dos mortos*. E em contrapartida, aqueles que desencarnarem ainda imbuídos do espírito de competição não encontrarão oportunidades para se satisfazerem. A não ser que vivam nas imediações do plano físico ou no umbral, onde ainda há competição.

Nas cidades mais elevadas não há crime, violência, sujeira, greve, eleições políticas e muitas outras coisas a que estamos acostumados na Terra. Os governantes são aqueles que possuem ascendência intelecto-moral, ou seja, governam os mais inteligentes e de moral mais desenvolvida. É assim que funciona em todas as cidades do plano espiritual superior. No inferior, governam os mais fortes e mais espertos, como na Terra, onde ainda impera a inferioridade moral. Só ganha eleição, na Terra, quem tem dinheiro, ou tem quem banque a campanha. E os sábios e espiritualizados dificilmente estão interessados em disputar eleições. A competição não lhes interessa, e sabem que por decreto não mudarão o mundo. Sabem que é preciso reforma interior, moral, de sentimentos, e que é preciso abandonar a competição e iniciar a cooperação entre as pessoas e entre as nações.

Observando os animais em sua competição, e depois observando os homens também em competição, comecei a sentir mais compaixão por todos os seres vivos, que lutam em sua ignorância, não enxergando ainda a possibilidade de convivência pacífica e em cooperação. Comecei a me sentir mais compreensivo com os seres, inclusive os homens, quando tentam me agredir. São impulsionados pelo instinto, é preciso termos consciência. Mesmo os homens. Quanto mais percebo isso, mais tolerante e compreensivo me sinto. O marginal que ataca, que agride, que viola, muitas vezes está dando vazão ao seu instinto, como um animal que ataca outro para comer. A fome perturba e altera o estado de espírito de qualquer um que não tenha superado e transcendido os instintos animais. É preciso termos consciência plena desse fato, para que possamos compreender e aceitar os chamados marginais. É preciso ama-los. Sei que é difícil, mas é necessário. Só o amor gerará a solidariedade e a fraternidade, e promoverá o fim da competição e nos elevará para a fase posterior que é a da cooperação, pondo fim às chamadas injustiças sociais e à miséria. Quando não houver mais fome no planeta, a violência diminuirá. *A fome violenta o estômago e a consciência, e a mente perturbada pela fome dá margem a que o instinto de sobrevivência trame contra a paz no mundo.*

Se quisermos viver em um mundo sem violência, seja neste ou no mundo espiritual, devemos imediatamente sair da esfera de pensamento competitivo e adentrar a onda da cooperação superior. Esse é o caminho da evolução que ora devemos trilhar. É a competição que gera miséria, fome, conflitos, guerras, separações de todos os tipos e muita divisão. A cooperação é irmã da solidariedade, da fraternidade, da amizade, da paz e da felicidade. Ninguém é feliz verdadeiramente estando competindo, pois nela estamos sempre receosos de perder, e isto gera ansiedade, medo, tensão, conflito, etc. E a perda na competição traz sempre frustração, dor, sofrimento. Saia da competição e comece a cooperar, e assim estará construindo um futuro melhor para você e para os outros seres do planeta.

Muita paz.

## VIII

No início de janeiro de 1994 tive um encontro com o mestre que muito mexeu comigo, e que influenciou bastante o meu futuro.

Adormeci sem preocupação de sair consciente do corpo. De repente me vi em cima de uma montanha muito grande, coberta de neve. Fiquei olhando ao redor, vendo várias montanhas de pico branco, numa cadeia interminável. Pensei ser a Cordilheira do Himalaia, e mal pensei nisso captei um pensamento dizendo "exatamente, Beto". Percebi então que se tratava de Sana Khan, que já estava ao meu lado, não tendo eu notado a sua presença de imediato.

--- Mestre, como vai?

--- Bem, e você?

--- Vou levando de vagar. Por que vim parar aqui? Não mentalizei este lugar, nem mesmo estava pensando em montanha quando dormi.

--- Pensei fortemente em você, atraindo-o para este lugar, pois aqui já estivemos muitas vezes, em uma encarnação passada.

--- Não sabia que isso era possível.

--- Quando o pensamento é forte e concentrado podemos fazer maravilhas. Queria conversar com você acerca de um assunto importante. --- disse o mestre.

--- Estou aqui. Podemos conversar.

--- Você levou alguns anos fazendo palestras sobre assuntos variados, mas principalmente sobre assuntos mais científicos. Falava sobre a ciência espiritual, ligada à parte científica do Espiritismo. Falava também sobre a parte filosófica. Depois você começou a se ligar mais nas relações humanas, voltando-se para os ensinamentos de Jesus, o maior psicólogo que já passou pela Terra. Ninguém entendeu tanto e tão bem os problemas de relacionamento humano como ele. As questões do perdão, do amor, do desprendimento, e muitas outras foram por ele abordadas. E após dois anos falando sobre isso você começa a se voltar mais para o autoconhecimento, de forma mais decidida e profunda.

--- Com razão, mestre. Tenho me voltado mais detidamente para o autoconhecimento, pois acho que ele é a base para as transformações pessoais e coletivas. Somente se conhecendo o homem poderá saber o que precisa ser mudado em seu jeito de ser. Sem conhecimento do que seja o "eu", o "ego", o ser, o Espírito, não conseguimos avançar muito na senda espiritual autoconsciente. Por isso é que agora me concentro no meu autoconhecimento e tento ajudar os outros nesse processo.

--- Muito bom, Beto. Vou trabalhar com você nesse caminho, mas não será tão necessária a projeção astral. Venho desenvolvendo em você há algum tempo suas glândulas cerebrais, ativando-as para que você possa receber mais claramente meus pensamentos, quase como numa incorporação. Nossa ligação será mais mental, telepática. Mas tudo

dependerá de você manter o equilíbrio interior, uma certa paz, e estar sintonizado comigo, comungando com meus pensamentos e propósitos.

--- Mestre, quer dizer que o senhor vai trabalhar por meu intermédio, utilizando-se de minha mediunidade? Não sabia que eu possuía essa faculdade.

--- Há algum tempo que você desenvolveu a psicografia intuitiva, faculdade estudada por Allan Kardec, sendo esta uma denominação adotada por ele. Quando fala em palestras, usamos sua faculdade de médium inspirado. Ambas na verdade são muito semelhantes, pois transmitimos nosso pensamento para sua mente, não diretamente para seu cérebro físico. Você registra, sente os pensamentos fluindo, pode bloqueá-los, se quiser. E querendo os deixa fluir, falando o que lhe vem à mente. Nem sempre o pensamento é seu. Quanto mais você se entregar, deixar fluir, sem interferir ou escolher as idéias, mais pura será a mensagem transmitida. Aí está o segredo dos bons médiuns de incorporação que não são inconscientes. E também dos médiuns de psicografia intuitiva. Tenho já testado essa faculdade em você, e tenho sentido bons resultados.

--- Mestre, tenho de fato sentido muita inspiração quando faço algumas palestras, e também quando escrevo.

--- Muitas vezes estou irradiando meu pensamento para você, meu filho, mesmo sem estar presente no local onde você está. O pensamento não encontra barreiras, podendo percorrer imensidões de distâncias sem problema. As dimensões diferentes de energia não são obstáculos para o pensamento, mormente quando há afinidade e receptividade para ele. É a lei de afinidade ou sintonia que rege esse fenômeno, da transmissão e recepção do pensamento.

--- Mestre, como devo trabalhar o autoconhecimento com as pessoas?

--- É necessário que você comece por indagar se elas estão em paz consigo mesmas, e em paz com os outros. Depois, se disserem que não, peça que procurem identificar as causas das perturbações no interior da mente, as causas ou agentes que impedem o estado mental de paz. Identificadas as causas, então você começará a trabalhar em cima dessas causas, tais como impaciência, intolerância, irritação generalizada, medo, apego, condicionamento e muitas outras, que as pessoas colocarão em evidência. Cada um tem suas causas principais, mas quase todos sentem às vezes a sua tranqüilidade ser abalada por um agente externo ou interno. E é preciso identifica-los antes de qualquer coisa. Por aí deve começar o trabalho de autoconhecimento. Com isso, as pessoas irão gradativamente se tranqüilizando, se acalmando interiormente, possibilitando uma percepção mais clara e nítida de outros estados mentais que nós trabalharemos em conjunto. Vamos fazer com que as pessoas mergulhem cada vez mais profundamente dentro de si mesmas, num verdadeiro mergulho interior. Será uma viagem interior, mais importante até do que a viagem astral ou desdobramento. E uma coisa não depende da outra.

--- Me inspire sempre mestre. Assim terei coragem de me lançar nessa aventura interior com outras pessoas. Mexer com consciências é muito complicado.

--- Mas é hora de mexer com as consciências, meu filho. As pessoas têm que parar para pensar, para refletir, e para se perceber internamente, observando o que elas são. Vivem quase de forma inconsciente.

Sana Khan segurou a minha mão e saímos dali, passando rapidamente a ver uma praia. Estávamos na areia, e podíamos ver as ondas quebrando, indo e vindo. O mar estava meio agitado, cheio de ondas.

--- Observe, Beto, como as ondas flutuam acima da superfície do mar. Imagine-se uma onda. Você em determinado momento se descobre uma onda, pensa ser uma onda, acredita ser uma onda. Passa a ser uma onda autoconsciente. Desliza pela superfície, chocando-se às vezes com outras ondas, e acabam lutando por isso. Cada onda pensa ser uma onda individual e pensam ser independentes, sem qualquer ligação uma com a outra. Um belo dia, você, onda, tem a idéia de mergulhar dentro de si mesma, ou seja, auto-observar-se por dentro, para ver o que existe realmente dentro de você, o que você é na realidade. Resolve descobrir qual é a sua essência. Então empreende o mergulho interior, pela primeira vez, com coragem, e acaba por descobrir que debaixo da superfície há apenas água, um infinito de água, sem qualquer divisão ou separação. Descobre que apenas na superfície há sensação de separação, e que esta sensação é apenas aparente, é ilusória. O que há é apenas o oceano líquido, de água, em verdade, em realidade. Apenas as ondas no estado de inconsciência ou ignorância pensam ser independentes, imortais, como ondas, não tendo consciência de que elas são em verdade o oceano, manifestado em múltiplas e incontáveis ondas, em sua superfície. As ondas são os entes inteligentes deste universo, quase todos ainda inconscientes de sua verdadeira natureza interior. O oceano é o Absoluto, ou Deus. A superfície é o universo fenomênico. Não há divisão ou separação real, mas apenas aparente, fruto da ilusão que envolve a todos os seres no início da evolução. A formiga é uma onda inconsciente. Você já está entrando na fase consciente da evolução, e muitas pessoas ainda estão na fase semiconsciente. Há a autoconsciência, da maioria dos homens, e a Autoconsciência, de uns poucos, que já vivenciaram o oceano que eles são em verdade. Isto é que é a Realização Espiritual. É conhecer a sua natureza interior de Espírito incondicionado, Puro Espírito, Mente Pura, Consciência Cósmica Universal, ou outro nome que se dê à mesma Realidade. O Absoluto é imutável em sua dimensão virgem, porém mutável nas dimensões em que se manifesta no universo dos fenômenos, que faz também parte Dele mesmo. Não há nada fora do Absoluto, e Ele interpenetra tudo. Deus está em tudo, e tudo está em Deus. Mas Deus não está todo em tudo, mesmo estando em tudo. Daí os conceitos de Onipresença, Onisciência, fruto dessa integração e comunhão entre Criador e criaturas. No fundo, e na verdade, não há divisão, que é apenas aparente. A sensação de separação é ilusão da mente que se sente separada por não conhecer sua natureza interior verdadeira.

--- Mestre, será que as pessoas conseguirão sentir isso tudo?

--- Depende de como você trabalhar o autoconhecimento. Esteja sintonizado comigo que vou ajuda-lo. Tentaremos ajudar as pessoas a mergulharem dentro do ser.

Faremos as ondas descobrirem que são o oceano, e despertarão do sonho inconsciente, passando a viver de forma lúcida, conscientes de que são reais em essência, imutável em sua base, mas mutante em sua superfície. A vida na fase da Autoconsciência é bem melhor, pois nela já não há luta, conflito, competição, ódio, vingança, e tudo aquilo que perturba a paz interior.

--- Que a vida é bem melhor depois que vivenciamos o Absoluto, isso é verdade. Porém, mestre, isso só não é suficiente. É preciso que trabalhemos internamente para nos livrarmos dos condicionamentos, dos apegos, dos medos, dos desejos de coisas que não nos fazem bem, das ilusões, da impaciência, da intolerância e muitas outras coisas.

--- Você tem razão, Beto, o trabalho é árduo. Conhecer-se pode ser até fácil, porém transformar-se, dominar-se, pacificar-se, isto não é tão fácil. É preciso vontade firme e resoluta.

--- Sinto grande afinidade com o trabalho de autoconhecimento, mestre. Quero muito ajudar as pessoas a se conhecerem bem, e fazerem sua mudança, caso queiram.

--- Ajudarei você, meu filho, porque acho que o autoconhecimento é necessário para a fase de evolução consciente. E as pessoas que se conhecem e adquirem autodomínio são mais felizes, porque estão em paz interiormente. A paz só se instala com a extinção de todo tipo de conflito na mente. E como podemos extinguir os conflitos sem conhecer a sua origem e mecanismo de nascimento?

--- Tem razão, mestre. É preciso que se conheça o mecanismo do surgimento dos conflitos, para então trabalharmos em cima deles até eliminarmos os efeitos e acima de tudo as causas dos conflitos. Se eu não sei por que tenho medo, como deixarei de ter medo? Se eu não sei por que sou egoísta e isso me incomoda, como poderei deixar de ser egoísta? Se fico impaciente com determinada coisa e não gosto, mas não conheço as causas da impaciência, nem como me livrar dela, como dissolverei a impaciência e me tornarei imune a ela?

--- Por isso é importante conhecermos as causas das coisas que nos incomodam, das coisas que perturbam ou impedem a nossa paz interior. Esse é o primeiro passo, Beto. *Conhece-te a ti mesmo*, como dizia Sócrates, e como estava escrito em um velho templo da Grécia antiga, muito tempo antes de Sócrates. A partir do conhecimento do que há dentro de nós em termos de desejos, emoções, sentimentos, apegos, e do controle dos pensamentos, poderemos direcionar nossos desejos, fortalecendo-os ou esvaziando-os, através do pensamento reiterado ou da ausência de pensamento sobre aquele determinado desejo. Se você pensa muito em uma coisa, tende a desejar-la cada vez mais, e até a se apegar a ela. Se corta a fonte de combustível do desejo deixando de pensar, eliminando o pensamento relacionado àquela coisa, esvazia o desejo, impedindo que venha a se apegar a ela.

--- Mestre, percebo realmente que a fonte de alimentação dos desejos e conseqüentemente do apego é o pensamento. Daí considerar que é necessário o conhecimento profundo do mecanismo do pensamento.

--- Sim, Beto, é preciso conhecer o pensamento e saber como ele se forma e como permanece na mente. Se você, por exemplo, vê uma maçã e acha ela bonita e cheirosa, dá

uma mordida e acha ela gostosa, tende a desejar dar outra mordida, para que se repita o prazer que sentiu ao mordê-la. O desejo de repetição do prazer, por meio de repetição da experiência, somente ocorre porque temos memória. E o apego intrínseco no desejo de repetição também só existe por causa da memória. Mas a memória não é a culpada pelo apego. Ela nos permite aprender e guardar o que aprendemos, poupando trabalho quando nos deparamos com um problema que já sabemos resolver. Sem a memória não haveria evolução. E aí incluímos tanto a memória da mente como a memória dita genética. O problema está na repetição dos desejos de forma desenfreada e sem compreensão. E o desejo, no fundo, é pensamento. Então repetir o desejo é repetir um mesmo pensamento relacionado a alguma coisa. E essa repetição acaba por dar nascimento ao que chamamos de apego. Ficamos presos mentalmente a uma idéia ou pensamento, sem conseguirmos nos livrar dele, sem nos libertarmos dele. E ficamos correndo atrás do objeto do nosso desejo, até nos sentirmos satisfeitos.

--- E quando não conseguimos satisfazer o desejo nos sentimos frustrados. E isso é dor, é sofrimento.

--- Exatamente, Beto. Desejo não satisfeito gera insatisfação na mente, e às vezes conflito. Por isso é que os sábios antigos diziam que devíamos ter um único desejo, que era o de não ter qualquer desejo. Quanto menos desejos, menor a probabilidade de insatisfação e de conflito, e maior paz teremos mentalmente. Paz é ausência de guerra, e guerra é conflito. Cheios de conflitos estaremos em guerra interna, em luta com nós mesmos. Estaremos sofrendo, e não estaremos em paz. A paz interior é um estado da alma, um estado de espírito, um estado mental. E ela depende primordialmente da ausência de tensões e conflitos internos.

--- Mestre, minha paz ainda não é completa. Ainda tenho um apego, que me faz pensar e desejar uma determinada coisa.

--- Por isso você ainda não é um mestre, mas um discípulo. Já avançou muito, sabe muita coisa, mas ainda se irrita e se impacientiza às vezes, principalmente com uma determinada pessoa com quem tem ligações profundas do passado. E esse seu apego ainda o coloca um pouco à mercê dos Espíritos que querem desvia-lo novamente do bom caminho. Precisa trabalhar muito esse apego, deixando de alimenta-lo com o pensamento solto e desenfreado. Perceba, observe o objeto do seu desejo e seu apego, mas não deixe a mente solta, indisciplinada. Não deixe a mente fluir como ela quer. *Domine-se a si mesmo*. E lembre-se que outros inoculam também pensamentos em sua mente, porque há afinidade mental com relação a esse desejo e apego. Você está ainda suscetível a essa influência mental. Tenha muito cuidado. Esteja em plena atenção na vida diária. Mas não esteja tenso. Deve ser uma atenção sem tensão, na qual você observará tudo o que acontece dentro e fora de você mesmo. Observará seus pensamentos, desejos, condicionamentos, sentimentos, emoções e tudo o mais.

--- Venho fazendo isto há muito tempo, mestre.

--- E continue fazendo meu filho...

--- Vou continuar, mestre. Preciso me libertar desse condicionamento que me acompanha há tantos milênios. Esse apego é muito antigo, e não é fácil me livrar dele.

--- Eu sei, Beto. Há muito tempo atrás eu também tive um forte apego a uma certa coisa, e não foi fácil me libertar dela. Sei das suas dificuldades, compreendo-as perfeitamente, e por isso sou paciente na espera. A paciência só nasce da compreensão. Também a tolerância brota da compreensão. Se quisermos ser pacientes, devemos procurar a compreensão e a tolerância.

--- Preciso compreender mais e tolerar mais uma determinada pessoa, pois do contrário não terei a paz necessária nesta encarnação.

--- Isso, meu filho. Busque a compreensão. Pense e lembre-se que não somos perfeitos. Todos temos nossas fraquezas e defeitos, e por isso há ainda atritos nos nossos relacionamentos. Somente nas esferas superiores não há atritos, porque não há divergências. Não há conflitos porque todos desejam a cooperação, não havendo espaço para a competição. Não há mais orgulho ou vaidade, pois todos sabem que são manifestação de Deus, sendo no fundo um só, na multiplicidade aparente. É a sensação e a ilusão de separatividade que gera o orgulho, o egoísmo, a vaidade, a competição, a luta, os conflitos de todos os tipos e as guerras. Todas as diferenças existentes entre as pessoas nascem da ilusão que as impede de perceber que são na realidade Aquilo, como chamavam os filósofos antigos da Índia. A falsa sensação de separação nos faz lutar pela vida, pela sobrevivência, até que cheguemos ao ponto de maturação espiritual que nos capacita perceber claramente que somos o Absoluto manifestado em seu próprio universo. É UM TODO, UM TODO que é UM, UM TODO que É.

--- Mestre, quanto mais percebo e interiorizo esta verdade, mais sinto compaixão por todos os seres vivos, sem qualquer distinção de forma. Desde uma aranha ou uma barata até o homem mais cruel. Mas às vezes ainda sinto uma certa repulsa por determinados homens ou Espíritos essencialmente maus.

--- Meu filho, não há ninguém nem nada no universo essencialmente mau. Todos os seres espirituais inteligentes são expressão de Deus, e O Absoluto é essencialmente AMOR.

--- Sei disso, mestre. Mas é que há certas pessoas tão cruéis que às vezes não consigo compreender sua maldade e falta de sensibilidade com relação ao sofrimento alheio. Quando me lembro, por exemplo, do que os nazistas fizeram na Europa, me arrepio, e os considero monstros.

--- Meu filho, tire esses pensamentos da sua mente assim que eles surgirem, de imediato. Não alimente um sentimento de condenação àqueles Espíritos, pois a ninguém é dado o direito de julgar os motivos que levaram os alemães a fazerem o que eles fizeram. Não julgueis para não serdes julgados, disse o maior de todos os mestres que já passaram por este planeta. Quem estiver sem pecados que atire a primeira pedra, disse ainda o grande mestre e conhecedor da alma. Ele sim, era e é um Espírito completamente realizado. Desceu na matéria em missão das mais importantes, para nos ensinar a amar, a perdoar, a nos desprendermos dos bens materiais e dos apegos, sobretudo. Pena que os homens não o

tenham compreendido, nem aceito. Mas suas palavras não passarão, ainda que tudo passe neste mundo.

--- Mestre, não sabia que o senhor dava tanta importância e valor a Jesus.

--- Como não, meu filho? Quando eu comecei a me iluminar ele já era um grande iluminado há muito tempo. Para usar uma expressão de vocês da Terra, quando eu ainda usava calças curtas, Jesus já era homem feito, homem de verdade. Um Espírito do maior quilate, um verdadeiro diamante, a brilhar neste cantinho do cosmos e a iluminar as almas ainda em fase inicial de evolução. Jesus ainda vive neste planeta, no mais alto plano, numa dimensão tão sutil que poucos eleitos podem chegar até ele para vê-lo face a face. Mas essa eleição é energética, e a energia ou vibração é gerada por nossos sentimentos e pensamentos. Quando você estiver mais purificado mentalmente, livrando-se de toda impaciência e irritação, e quando não for mais capaz de se ofender, talvez leve você até lá para vê-lo pregar ou dar instruções aos governadores das cidades do mundo espiritual.

--- Mestre, Jesus é o Governador da terra?

Sana Khan sorriu...depois disse:

--- Ainda não posso responder esta pergunta. No futuro você saberá.

--- Mestre, sou macaco de auditório de Jesus. Eu o adoro. Quis muito seguir o seu caminho há tempos atrás.

--- Ainda está em tempo, meu filho. --- disse Sana Khan sorrindo. --- Volte para casa, pois tenho algo a fazer em esfera superior. Muita paz, Beto. E pense em tudo o que conversamos.

--- Pensarei, e estarei em plena atenção aos meus pensamentos, emoções, desejos e condicionamentos. E procurarei compreender mais, e tolerar mais, cômico de que também sou imperfeito, cheio de defeitos...muita paz, mestre.

--- Muita paz, meu filho, e até breve.

## IX

Em outubro de 1993, realizando um antigo sonho meu, fiz uma viagem ao Oriente Médio, mais especificamente ao Egito, Israel, Turquia e Grécia. E nessa viagem tive uma experiência das mais incríveis e assustadoras que já tive, de projeção astral ou desdobramento.

Na ida, sobrevoei ( de avião ) a Ilha de Creta, no Mar Mediterrâneo, o que me fez lembrar das lições de História, do Minotauro, etc. Uma visão incrível. Creta é muito grande, montanhosa, e quase desprovida de vegetação. É bastante árida.

Desembarquei na cidade do Cairo, capital do Egito moderno, onde fiquei dois dias inicialmente. Estive nas pirâmides, adentrando todas elas, em cada câmara; estive em Sakara, onde está a pirâmide mais antiga do mundo; em Mênfis, antiga capital do Egito antigo; no Vale dos Reis, em Luxor e muitos outros lugares interessantes. O Egito é um país que vale a pena ser conhecido, tanto pelas coisas antigas quanto pelas modernas. É hoje um país árabe e de religião muçulmana, de povo simpático. É uma pena que os terroristas estão atacando turistas para desestabilizar a economia e jogar o país no caos, pois o turismo é a maior fonte de renda do Egito. E isto faz com que corramos um certo perigo por lá. Nenhum ônibus trafega pelas estradas egípcias sem escolta da polícia ou do exército, o que nós tivemos, pois fomos em um grande grupo (120 brasileiros).

Numa certa tarde, em Aswan, no sul do Egito, estava escrevendo um capítulo de um livro enquanto curtia também o pôr do sol no Nilo. Meu hotel, o Ísis Island, fica em uma pequena Ilha no meio do rio, e da varanda de meu quarto tinha uma vista privilegiada, pegando ao mesmo tempo o Rio Nilo e as montanhas de areia por trás dele.

Antes de terminar o capítulo que estava escrevendo, lembrei-me de um místico indiano, de quem já ouvira falar, e lera dois livros. As informações que eu tinha eram todas positivas e favoráveis a ele, salvo duas experiências de projeção astral que tivera algum tempo antes da viagem e que me mostravam um homem diferente daquele descrito nos livros. Vi, em ambas, um homem orgulhoso, meio prepotente, metido a porreta - para usar uma expressão bem baiana - e que tinha outro rosto. Logicamente na época achei estranhíssimas essas percepções, e cheguei até mesmo a duvidar das experiências, pensando que talvez fossem sonhos criados por minha mente. Mas eu não pensava nele, e o que lia mostrava um outro homem.

Ao terminar então o capítulo que escrevia na margem do Nilo, decidi escrever sobre esse determinado místico no capítulo seguinte. As coisas que um grande espírita baiano havia falado sobre o indiano, pois também estive com ele na Índia, fazia com que eu duvidasse de meus sonhos, e achasse que o espírita estava certo. Pois quem sou eu, perto do tal palestrante espírita? O indiano seria um iluminado, o homem mais evoluído encarnado no planeta atualmente, era o que dizia o espírita baiano. Faria por isso, pensei no Egito, sua propaganda e divulgação através de meu livro.

Naquela noite, no entanto, teria uma experiência horrível, de projeção. E não a contei no outro livro porque ela aconteceu depois de sua publicação. Não estava pensando no “santo” indiano quando me deitei para dormir, nem pensava em um amigo meu que estava em Salvador. De repente estava com um amigo, um dos filósofos do parque, projetados, na comunidade do indiano, em pequena localidade na Índia. Estávamos vendo-o sentado em uma cadeira, com a exata aparência que se vê nos seus livros, a falar. E víamos também uma segunda figura, como se estivesse em outro ambiente, também sentado em uma poltrona a falar para pessoas. O primeiro, que estava mais próximo de nós, estava só. Ouvi ele dizer a frase "quanto mais poder melhor". E de repente começou a fazer caretas estranhas, passando a se transformar, ou se metamorfosear em macaco. Só a cabeça. Achei aquilo estranhíssimo, e disse a meu amigo "Krisnamurti tinha razão". Krisnamurti foi um pensador moderno que nasceu na Índia mas foi criado no ocidente, pelo pessoal da Sociedade Teosófica. Criado para ser um novo messias, acabou por abandonar o sonho dos teosofistas e passou a levar o resto da vida a fazer palestras pelo mundo e a escrever. Era contra toda autoridade religiosa, e o seu trabalho levava ao autoconhecimento.

Quando disse que Krisnamurti tinha razão, houve no ambiente onde nos encontrávamos uma explosão, com barulho e tudo. Houve um clarão de luz e depois muita fumaça. E então percebi que eu e meu amigo estávamos presos, mas presos mesmo, na parede ( ou parecia ser parede), com os braços abertos em postura de crucificados. Não podíamos nos mover nem um pouco, nem sair dali. Jamais, em quinze anos de vivência de projeção astral, tivera uma tal experiência. Nunca havia ficado preso no plano astral, ainda que por pouco tempo. E não sei se teria escapado sem o socorro de Espíritos mais elevados.

Tudo aconteceu muito rápido, talvez décimos de segundos. Quando me vi preso, impotente diante daquele ataque espiritual poderoso, senti um grande medo, e a primeira coisa que fiz foi gritar "Jesus...Sana Khan...". E quase que imediatamente senti que descia uma energia poderosíssima do alto, naquele local, e neutralizava completamente a força daquele Espírito. Havia muita fumaça, e de repente me senti novamente livre, vendo uma figura envolta numa espécie de roupão com um capuz na cabeça, de cabeça baixa, a se arrastar no ambiente, mas de pé. De repente estava eu batendo com uma espécie de corda ou chicote naquela figura cujo rosto não via direito. E ele saía por uma porta. Nada mais me recordo, nem mesmo como retornei para casa.

Como pode ver o leitor, a experiência foi muito estranha. Mas de uma coisa eu tenho certeza, não foi sonho criado por minha mente. Aquilo foi  *muitíssimo real*. E quando acordei decidi não mais escrever sobre o “santo” indiano até ter certeza de quem ele era realmente. Não foi por acaso - pensei - que tive aquela experiência, justo no dia em que resolvi escrever sobre ele e fazer sua propaganda. Havia algum fogo por trás daquela fumaça, como diz o ditado (onde há fumaça há fogo). E resolvi então pesquisar mais sobre o “fazedor de milagres”.

Li outro livro seu quando cheguei em Salvador, e não gostei. Achei que talvez já estivesse agora influenciado pela experiência havida no Egito. E o tempo passou...

No segundo semestre de 1994, soube de um amigo que havia um grupo se formando para ir à Índia ver o tal místico. Como vocês sabem, minha ligação com a Índia é antiga. E agora tinha um forte motivo para querer ir lá: ver de perto o milagreiro.

Resolvi partir com o grupo. Eram todos simpatizantes dele, menos eu, que só queria investiga-lo. E aproveitaria para dar um giro pela Índia. No dia dez de dezembro de 1994 partimos. Passamos por Paris, e lá pegamos outro avião para Bombaim, no centro da Índia. Dormimos no avião, pois o vôo era noturno. E foi nessa noite que tive outra experiência envolvendo o “santo”. Saí do corpo, sem planejamento algum, e fui até ele. Me lembro de estar em um lugar fechado, não muito grande, onde havia muita gente em pé, ouvindo um homem que estava na frente. Ele retirava uma manga - fruta - não sei de onde e colocava numa espécie de mesa ou estante inclinada, como as que existem em algumas feiras. E ele não tinha o mesmo rosto que eu conhecia do indiano, que vemos nos livros e revistas. De repente entrou no recinto um padre e falou alguma coisa para aquele homem, mas não me recordo mais das palavras ditas, sendo no entanto algo relacionado aos "milagres" daquele homem. Pedia o padre para ele fazer uma aparição de objetos, uma materialização. E o homem então fez uma cara feia para o padre. Nesse momento, vi no lugar daquele homem a clara figura conhecida do “santo”, tal qual o via nos livros. E disse mentalmente "é fulano". Então fui atacado por alguém. Saí dali em disparada, voando, de retorno a meu corpo, tendo junto a mim um Espírito altamente enfezado a tentar apertar meu pescoço. Eu voava de costas, para não ficar de costas para ele, que vinha a toda atrás de mim. Pedia socorro o tempo todo, até que despertei no corpo, estando sentado na poltrona do avião, a caminho da Índia. Nem bem chegara no país e já estava sendo atacado. Era promessa que muita coisa iria me acontecer, pensava na época. E isso me preocupou. Antes de viajar, uma amiga me contou um sonho que teve comigo, no qual eu me arrastava pelo chão, sem poder andar. Fiquei meio receoso. Será que aquele Espírito, fosse quem fosse, tinha esse poder todo? Mas a minha curiosidade científica sempre me inspirou a coragem.

Na primeira noite que dormi em solo indiano, depois de três dias de viagem, e duas noites dormindo em avião, não consegui dormir. Tinha a impressão o tempo todo que seria atacado. Mas isso não aconteceu, pelo menos fora do corpo. Passamos um dia em Bangalore e partimos depois para o lugar onde mora o “santo”. Ao chegarmos lá, fui logo surpreendido com o tamanho do seu Ashran. Parecia um quartel, todo murado (altos muros). Muitos prédios de apartamentos (eram na época 2.000 apartamentos) e alojamentos em galpões, para centenas de pessoas. Vi uma construção enorme no alto de um morro que me lembrou o filme "Conan, o Bárbaro". Era o museu das religiões, do milagreiro. Ficamos alojados em um hotel do lado de fora do Ashran, o que eu adorei, porque teria maior liberdade de observação.

São milhares de pessoas diariamente transitando pelo local. Gente do mundo todo. E o homem santo somente aparece duas vezes por dia, uma pela manhã e outra pela tarde, durante cerca de dez minutos. Todos têm que esperar em filas durante mais de uma hora, talvez duas, tanto de manhã como de tarde. Isso somente para ver o homem passar

lentamente recolhendo cartas que não responde (pelo menos materialmente). E chama um grupo para uma entrevista com ele, separadamente, sem que os outros vejam. Passei oito dias com os brasileiros no Ashram e não fomos chamados. Depois viajei sozinho para o centro e o norte da Índia.

Enquanto estive em sua aldeia, não tive nenhuma experiência de projeção astral, ao contrário de minhas expectativas. Por isso, lá, toda minha observação foi feita no que toca ao plano físico. A obra material do homem, seu comportamento, o comportamento de seus auxiliares, a vida em sua comunidade e sua relação com as pessoas. O Ashram é cinematográfico, hollywoodiano. A casa do “santo” não é o que se poderia chamar de uma casa modesta, não, não é. É grande, com uma fachada linda, duas varandas luxuosas e um galpão imenso nos fundos, onde tive oportunidade de entrar e assistir à sua única palestra naqueles dias, e uma coisa rara, segundo soube, porque ele não fala ao povo que vai lá. Há um templo muito bonito, com o interior ricamente decorado com uma grande carruagem de Crisna nos fundos e os retratos em tamanho natural do “santo” e outro místico já há muito morto, de quem ele diz ser a reencarnação. Achei aquilo estranho. Colocar o próprio retrato para adoração no altar do templo...

No museu das religiões, praticamente a metade é dedicada ao homem. Sua vida e sua obra. Sua associação ao outro místico do passado e outras coisas. E termina com uma verdadeira lavagem cerebral com aparato eletrônico. Somos praticamente obrigados a repetir frases que aparecem em um visor, a respeito do “santo”, aceitando-o em nosso coração. Senti uma certa competição no museu em relação a ele e Cristo. Sempre que há um quadro de Jesus, há um do mesmo tamanho e com igual pose do indiano. Estranha necessidade...

O símbolo do Ashram é composto dos símbolos das maiores religiões, algo eclético, ecumênico. Mas na prática isso não existe no Ashram. Todos são levados a engolir o culto hindu, como a adoração ao Ganesha, um deus com cara de elefante. Todos os dias de manhã cedo (às 5:30) há procissão para adorar o Ganesha. Há meditação que não passa da repetição do mantra OM, sem nenhuma orientação ou condução por instrutor. Há um grande comércio dentro do Ashram, de comida, posters do “santo” (até dos pés), livros e cinza. Há uma fábrica de cinza dentro do Ashram. Muita gente chega no Brasil dizendo que a cinza que trouxe foi materializado pelo “santo”, o que não é verdade. Há um fogo (sagrado, segundo uma seguidora dele - brasileira) queimando dia e noite os restos de alimentos, o que gera a cinza, e por isso quilos e mais quilos são vendidos todo dia dentro do Ashram. E também do lado de fora, pelos camelôs. Um inclusive nos ensinou a limpar pratarias com a cinza, e demonstrou.

No local onde as pessoas ficam para ver o homem há várias colunas revestidas de granito e grandes e caros lustres. As mulheres ficam separadas dos homens, sendo que ocupam 1/3 apenas do espaço, ou menos, e o “santo” passa perto de poucas mulheres, diferentemente do que acontece na parte dos homens. Clara discriminação com as mulheres. Típico da Índia. Lá a mulher é totalmente discriminada em relação ao homem. E no Ashram de do maior “santo” atual isso é ainda mais forte do que no resto da Índia. Em várias cidades

por onde andei vi mulheres indianas sentadas com sua família em restaurantes. No Ashram desse “santo”, o restaurante é dividido com uma divisória de madeira, e enquanto almoçamos, tomamos café ou jantamos sequer vemos as mulheres. As filas são separadas. Não vi nenhuma mulher entrar no templo do homem. Aliás, a fila somente se forma na parte dos homens, o que me levou a concluir que elas não podem entrar no templo dele. E soube que mulher não entra em sua casa. Ou seja, a mulher é claramente discriminada no Ashram e pelo “santo”. E isto, salvo melhor juízo, não é postura de um iluminado. Pense em Jesus, Buda, Crisna ou Gandhi discriminando as mulheres. Todos eles tiveram discípulas. Nenhum se deixava adorar ou construiu templo para sua adoração em vida. Buda inclusive antes de morrer, nas últimas horas, deu instrução a seus discípulos para não fazerem imagens dele, o que depois foi desrespeitado.

Não consigo imaginar um ser evoluído, iluminado, mandando as mulheres se sentarem em local distinto dos homens ou mesmo permitindo que seus discípulos façam a discriminação. Todo iluminado ultrapassa as barreiras do seu tempo e da sua cultura, transcendendo os preconceitos, lutando contra as coisas erradas do comportamento humano, e até muitas vezes são mortos por isso. Mas não teme a morte. Um Espírito verdadeiramente evoluído não é retrógrado, e não fica preso ao passado cultural.

Há em um morro no Ashram imagens grandes dos fundadores das quatro maiores religiões do mundo. E acima dessas imagens, mais no alto, a imagem de um homem com cara de macaco, que faz parte da mitologia hindu. Essa imagem é bem maior que as outras, e domina a paisagem. Achei contrária à idéia do ecumenismo. Na verdade o que se vê no Ashram é a predominância da cultura hindu e da religião hindu. Dentro do Ashram não há nenhuma imagem de outros fundadores de religião, nem altar para adoração ou culto. Não há espaço para qualquer outro culto além do hindu. Há nisso, ao meu ver, uma contradição, se tomarmos como parâmetro os livros do homem dos milagres.

Nos oito dias em que fiquei em sua aldeia procurei saber de brasileiros e estrangeiros se conheciam algum caso de cura feita pelo “santo”. Nenhum caso foi apurado. Não houve cura naqueles dias nem tive notícias reais de que tenha acontecido em outros tempos. Procurei observar as materializações tão faladas, tão propagadas, e tão famosas. Para minha surpresa, não houve nenhuma. As pessoas chegam no Brasil trazendo balas (bombons) que dizem terem sido materializadas pelo homem dos milagres. Isso não é verdade. Ele não materializa bala nenhuma. No segundo darshan, ou "bênção" dada pelo homem, que participei, pela manhã cedo, tive a sorte de ficar na primeira fila, e procurei um lugar estratégico, ficando na quina do corredor em formato de L, por onde anda o “santo”, de onde vi desde a hora em que ele saiu de casa até quase o final do desfile e arrecadação de cartas. E logo de saída mostrei a um viajante brasileiro que estava comigo que o homem não flutua, como falam algumas pessoas. Víamos seus pés se movendo por entre a longa roupa que se arrasta no chão. E pudemos ver como as pessoas colocavam bandejas cheias de balas no chão ou em altura razoável para que ele pegasse e jogasse na multidão. E víamos de fato ele em gestos ultra rápidos meter a mão nas bandejas e jogar as balas ao povo. Se visto do

fundo, sem ver ele pegando as balas, como aconteceu comigo no primeiro dia, pode se ter a impressão de que ele realmente está tirando as balas do “nada”, ou do ar, ou materializando-as. E muita gente fica só atrás vendo isso, tendo já chegado lá sabendo das proezas do homem e não questiona nada. Acham que as balas são materializadas por ele, o que não acontece verdadeiramente. Se é tudo armação proposital ou é o povo fanatizado que cria e inventa só Deus sabe. Não vi materialização de cinza alguma no meio da multidão. Nem anéis, jóias, pulseiras ou relógios. Nada. Ou ele nunca materializou nada ou se aposentou dessa atividade, ou perdeu os poderes, se é que já teve um dia.

O “homem dos milagres” possui mais de duzentos auxiliares permanentes no Ashram. Eles não fazem nada fora do Ashram. Suas vidas se resumem àquilo ali. As mulheres desse exército são hiper mal humoradas e muitas são violentas. Empurram as mulheres na fila, retiram grupos para colocar outros que chegaram depois, sem critério algum, como aconteceu com as brasileiras de Salvador. Em oito dias no Ashram, somente vi dois desses membros do “exército” do “santo” sorrirem. Um foi um senhor que trabalha na agência de telefone, quando soube que eu era brasileiro e perguntou sobre futebol. E o outro foi um rapaz, este sim, dando um sorriso aberto, o que chamou a minha atenção e de um outro brasileiro. Dissemos quase ao mesmo tempo espantados "você viu o sorriso daquele cara?", devido a raridade e a desconexão do sorriso ali dentro. Parece um quartel, ou pior, uma prisão. Ninguém sorri, ninguém brinca. É tudo muito triste. Todo mundo de cara amarrada, parecendo que não está feliz.

Não se pode ficar sozinho em nenhum lugar do Ashram sem a vigilância permanente do "exército" de seguidores do “santo”. A cada esquina, a cada beco, a cada curva de rua há pelo menos uma pessoa vigiando. Não se pode tirar fotos de nada lá dentro, nem filmar. E eles vendem filmes e fotos só do que querem e lhes interessa mostrar ao mundo. As coisas contraditórias que eu vi não estão em nenhum livro ou revista, e dificilmente estarão um dia. Os livros vendidos lá e no mundo não dão a real mostra do que é o Ashram e o homem milagreiro. Fui detido um dia ao descer de um morro onde estive lendo, tirando fotos e meditando. Engraçado é que quando subi não havia ninguém no pé do morro. Ninguém me viu subindo. Mas quando descí havia mais de cinco homens me esperando, que logo me cercaram e me levaram para o escritório de segurança do Ashram, onde fui interrogado sobre o que fazia lá no morro. Cheguei a ter receio do que poderiam me fazer, porque são fanáticos. Soube depois, ao viajar sozinho para Bangalore, que já houve vários atentados à vida do “santo”, e todos envolvendo estudantes de suas escolas. Por que será? No último, em 1993, morreram dois estudantes e dois seguranças do Ashram, segundo me contou um motorista de taxi que é seu seguidor e admirador.

Há uma verdadeira idolatria ao homem dos milagres no Ashram e em sua aldeia natal, mas é só lá. Nem em Bangalore, que fica há apenas 120 quilômetros disso não acontece. Não se vêem retratos seus pelas lojas dessa cidade, como há em sua aldeia, porque nesta os comerciantes vivem dos turistas adoradores do “santo”. Em Bombaim também não vi retratos do milagreiro, um sequer, apesar de ver muitos do outro santo, de quem ele se diz a

reencarnação. E em sua aldeia, e no seu ashram, ele está sempre associado nos retratos (as duas figuras juntas) ao outro santo antigo indiano. No resto da Índia eu não vi isso. E conversei com devotos do outro santo em Bombaim, que fica perto de onde viveu o antigo santo. Soube que muitos não admitem o homem dos milagres como sendo a reencarnação do outro santo indiano. Como se vê, o que está nos livros sobre o milagreiro não mostra a verdade por inteiro. Dá uma visão superficial e parcial de sua personalidade.

Soube da pessoa que nos levou até o “santo” (e que é devoto fervoroso e inquestionável dele) que uma vez ela lhe pediu para beijar seus pés e ele prontamente levantou a barra do vestido e mostrou os pés, colocando-se à disposição para o beija-pés. Não consigo imaginar uma tal atitude por parte de Jesus, Buda, Gandhi ou Chico Xavier. Isso não é demonstração de humildade. Muito pelo contrário...

O nível de fanatismo que eu vi no Ashram jamais havia visto antes em qualquer das igrejas das mais fanáticas no Brasil. As pessoas ficam loucas quando o “santo” sai de casa, e consideram-no a reencarnação de Deus. Ele é Deus para seus devotos mais fervorosos, pelo menos. Soube que ele nunca saiu daquela pequena região da Índia. Não fala às pessoas. Fica o dia todo trancado dentro de sua casa.

Voltando então às experiências de projeção que tive, tudo o que vi no Ashram bate com essas experiências e com as percepções que tive do homem dos milagres anteriormente, e que não li em lugar algum. Sempre via em sonhos um homem vaidoso, meio deus...e foi essa a sensação que tive durante os oito dias no seu Ashram. Foi isso que captei dele. Não senti nem um pouco de simplicidade ou humildade. Até numa foto sua que consegui, que não é vendida no Ashram, dele com 15 anos, mostra já uma certa vaidade e gosto pelas poses para fotografia. Acho realmente que ele faz pose de deus, apesar de dizer sempre o contrário. Disse ele na palestra que assisti: "I am the light", que quer dizer "Eu sou a luz". Muita pretensão, diante do que se vê no ashram.

Minha conclusão, sinceramente, é de que, se ele não é o Espírito que me atacou e que disse "quanto mais poder melhor", e assim age em busca desse poder, pode estar servindo, quem sabe, como médium para outro Espírito, o que me atacou e que eu vi nas várias experiências de projeção astral. Ou então há um Espírito muito poderoso vivendo perto dele e influenciando-o. Ainda tenho dúvidas quanto a isso. Mas tenho a minha certeza interior de que aquele homem “fazedor de milagres” não é um Espírito iluminado como foi Buda, Gandhi, Jesus, e como é Chico Xavier. Humildade está ali, e simplicidade nem se fala. Ao redor do “santo” indiano há ostentação, o que não é próprio dos iluminados...

Ficam minhas observações e minhas conclusões para o leitor julgar por si próprio, e se puder, vá lá na Índia conferir o que eu disse aqui. Livros podem enganar, mostrando parte da verdade, o que também a imprensa pode fazer, mas seus olhos vêem a verdade, e seu coração a sente. Não estava condicionado nem sugestionado contra o “fazedor de milagres” quando do Egito me projetei para a Índia. Pelo contrário, tinha decidido escrever falando bem dele, quando então fui até lá e fui atacado. E isso desencadeou um processo

investigatório que culminou com a minha ida à Índia, e as minhas conclusões aqui lançadas, sem medo.

Se eu estiver errado, o “santo” não se afetará com o que digo, pois ele seria um iluminado, e um iluminado não se ofende. Não é verdade? E que Deus me perdoe se eu estiver de fato errado.

Muita Paz.

## X

Tenho muitos amigos, de diversos graus de intimidade e confiança. Mas amigos filósofos, pensadores de verdade, são poucos.

É muito comum as pessoas lerem livros e passarem a repetir o que os autores escreveram. Esses são meros repetidores dos conhecimentos alheios. Não pensam por si mesmos, muitas vezes. Não refletem nem questionam o que os outros escrevem, quando isso sempre deveria ser feito. Não importa se quem escreveu foi Platão, Moisés, Confúcio, Montesquieu, Rousseau, Marx, Allan Kardec, Sartre, Einstein, Emanuel (através de Chico Xavier), Helena Blavatsky, Krisnamurti, Gandhi, Sai Baba ou quem quer que seja. Devemos sempre analisar criteriosamente o que está escrito, não passando a seguir os autores tão logo acabemos de ler o seu livro. Espero que o leitor faça isso em relação a esta obra. Analise, reflita, tire *suas conclusões*. Isso é o mais importante. Não parta do princípio de que eu sou dono da verdade, porque de fato seguramente não sou. Sou tão imperfeito e falível quanto você e os outros seres humanos. Erro muitas vezes em meu julgamento, e procuro estar sempre revendo minhas posições em relação a tudo na vida. Procuro reformar minhas opiniões e posições quando alguém me mostra que estou errado, e quando assim reconheço. Cristalizar-se numa idéia é o princípio da morte. A vida é dinâmica, e nós somos eternos mutantes...

Tenho em especial conta cinco amigos filósofos, que são: Alberto Jorge Peixoto de Mattos Santos (meu irmão), Rodolfo Luiz Peixoto de Mattos Santos (meu irmão mais velho), José Roberto Bullosa, Georges Baladi Júnior ( Geo ) e George (cujo sobrenome não sei, mas é conhecido como radical). São Espíritos altamente críticos e observadores, e profundos pensadores. Sobre os três últimos já falei em capítulo anterior. Jorge despertou espiritualmente junto comigo, em 1976, quando começamos a filosofar sobre Deus. Nessa época tinha dezessete anos, e ele dezesseis. Foi quando conhecemos Gregório, de quem falei na primeira parte do Sana Khan. Jorge e eu somos velhos conhecidos, de milênios...muitas farras juntos, guerras, mulheres, bebida e muitas outras coisas, nesta e em outras vidas.

Rodolfo, meu irmão, é um Espírito que posso literalmente considerar maduro. Pensador crítico, equilibrado, sensato. É o bom senso encarnado. Mais do que ele só meu pai, Durval Mattos. Rodolfo saiu de casa com dezessete anos, o que sem dúvida contribuiu para a aceleração de seu processo de maturação espiritual. Estudou no ITA, em São José dos Campos, São Paulo. Começamos a filosofar juntos em 1978, na época áurea de meu despertar espiritual, e quando ele vinha passar as férias com a família.

Eu e Rodolfo levamos anos discutindo - filosoficamente - a questão da disciplina, se necessária ou não para o crescimento espiritual. Pelo menos dez anos levamos nessa discussão. Assuntos da maior importância também, como a auto-repressão, ou o deixar fluir foram objeto de longas discussões filosóficas entre nós. Foi Rodolfo quem me disse certa vez, depois de eu ter lido vários livros de Krisnamurti, que era hora de ler o livro *Liberte-se*

*de Krisnamurti* (parodiando o livro "Liberte-se do Passado", desse autor citado). Isso bem demonstra o espírito ao mesmo tempo gozador mas pensador independente, livre, que não fica preso a autor ou a guru.

Recentemente tive oportunidade de conversar com Rodolfo sobre um assunto que há muito não falávamos, e que é um "calcanhar de Aquiles" dos espiritualistas em geral: *Comer ou não comer carne, eis a questão.*

O que colocarei aqui é parte de nossa conversa, de acordo com o que me lembro, e com alguns acréscimos, e se o leitor entender que se trata de bobagem, quero que pense que a autoria da bobagem é minha.

Nós, seres humanos, começamos a comer carne (animal) desde o início da própria humanidade. O homem começou a sua existência comendo carne.

Recentemente, em programa veiculado na TV Educativa da Bahia, tive a oportunidade de ver as técnicas de caça de vários espécimes animais. Dentre elas, vi a caçada feita por um grupo de chimpanzés a um macaco de outra espécie. Para mim, confesso, que sempre achei que os símios eram herbívoros, como os gorilas, orangotangos e os próprios chimpanzés, foi uma tremenda surpresa ver e saber que esses macacos caçam e comem outros macacos, devorando sua carne crua (pois macacos não fazem fogo). Assim, vemos que nossos antepassados do reino animal já comiam carne.

Todos nós sabemos que há no mundo animais carnívoros (como os felinos - leões, leopardos -, os gaviões, as águias, etc.) e animais herbívoros (elefantes, bois, cavalos, girafas, etc.). E ninguém sabe ao certo quando nem por que houve essa diferenciação. Será que os herbívoros não comem carne por causa do colesterol, ou porque a sua energia fica impregnada na aura, ou ainda porque têm compaixão para com os outros seres vivos? Acho que não é por aí...mas não sei sinceramente seus motivos...

Será que os carnívoros comem carne porque acham que a proteína animal é melhor do que a vegetal e é indispensável à vida? Também acho que não é por aí. Eles não possuem esse tipo de consciência. A não ser que seja inconsciente...

E o homem? Onde fica nessa história? Ainda hoje a maioria da humanidade come carne. Nossa dentição ainda possui dentes adequados para cortar e cerrar, mas não tanto quanto os animais carnívoros. E hoje a humanidade em geral come bem menos carne do que há mil anos atrás. A base de nossa alimentação hoje é composta de cereais, verduras e legumes, e a carne não participa geralmente com mais do que 20% do total das refeições. Se considerarmos tudo o que comemos durante o dia, a carne não passa de 10% da alimentação, pois de modo geral só é consumida no almoço.

Vemos, assim, que o homem vem comendo cada vez menos carne.

Desde que pela primeira vez deixei de comer carne, tendo alternado vários períodos comendo-a, tenho identificado três ordens de motivos que levam as pessoas a quererem deixar de comer carne. Um é de ordem física, orgânica, que vai desde a questão da digestão mais demorada, da putrefação da carne no intestino (sustentada por alguns), dos malefícios dos hormônios contidos nas carnes até a questão do colesterol, que provoca o endurecimento

e entupimento das artérias e o enfarto. Outro argumento é o energético, e por isso ainda não reconhecido pela ciência oficial, que é a questão da energia do animal ficar impregnada na carne após a sua morte, e que passa depois para a nossa aura e é por nós absorvida, gerando distúrbios energéticos. Esse motivo é muitas vezes sustentado por esotéricos e espiritualistas em geral. E o outro motivo é espiritual, relacionado à compaixão e ao respeito à vida dos animais, considerando-os nossos irmãos. Vemos assim três motivações, que às vezes se apresentam separadas e outras vezes misturadas. Quando deixei pela primeira vez de comer carne pensava nos três aspectos acima descritos, conjugadamente.

Vamos tentar analisar cada um desses argumentos isoladamente, e buscar depois uma visão de conjunto, global. Começamos pela parte mais superficial e material, que é o argumento físico, orgânico, depois passando para o energético, e por último trataremos da vida dos animais, com a motivação consciencial.

Jesus disse em seu tempo que o mal não é o que entra pela boca, mas o que dela sai. Porém em seu tempo não existia a ciência como hoje, nem se conheciam os micróbios, vírus e bactérias. E, ademais, tem que ser levado em conta o contexto em que Jesus disse isso. Testavam-no quanto a regras superficiais de religião, quando ele não lavou as mãos antes de comer, na casa de alguém. Isso foi motivo de crítica e gerou a discussão no meio da qual ele disse que o verdadeiro mal é o que sai da boca, ou seja, o que dizemos aos outros. Muitas vezes matamos pela palavra, usando tão-somente a língua como arma. E isso mata mais do que os vírus.

Hoje, no entanto, no século vinte, século da ciência, sabemos que o colesterol causa grandes males ao corpo, como a obstrução das artérias, causando a morte por enfarto às vezes em poucos e rápidos minutos, como recentemente tive o desprazer de presenciar.

Isso demonstra que o que disse Jesus não é absoluto, ou seja, há males que entram pela boca também, como o colesterol, o fumo, o álcool, as drogas em geral (maconha, LSD, cocaína, etc.). Mas o que ele quis demonstrar é que o mal que sai pela boca é muito maior do que aquele que entra por ela. Um enfarto coloca fim a uma encarnação, mas palavras podem gerar ódio e desejo de vingança a lhe perseguir por séculos...e por várias encarnações...

As pessoas que possuem problemas cardíacos, principalmente de obstrução das artérias, são normalmente recomendadas a evitarem carnes gordas, e a comer apenas carnes magras, sem gordura, sem fritura, de preferência grelhadas. E isto se deve ao fato de as carnes gordas conterem muito colesterol, que é hoje reconhecidamente prejudicial à saúde humana. Assim, muitas pessoas têm diminuído o consumo de carne ou até deixado de comê-la por causa de problemas de saúde, notadamente ligados ao colesterol. E há quem diga que os hormônios injetados nos animais, para aceleração do crescimento, bem como as vacinas, causam problemas também àqueles que comem muita carne. Mas isso, que seja do meu conhecimento, não foi ainda comprovado.

Há pessoas que comem carne de boi, de porco e de galinha a vida toda e nada sentem. E vivem muitas vezes oitenta, noventa ou mais anos com saúde. Isso mostra a relatividade do malefício da carne. O enfarto e outros problemas não têm como causa apenas a carne

gorda, mas também a vida sedentária (falta de exercícios físicos), o hábito do fumo, o stress e outros.

A ingestão moderada de carne magra (sem gordura), de preferência a carne branca (frango e peixe) evita a maioria dos problemas físicos. E o ideal é a medicina preventiva, ou seja, alimentar-se adequadamente com vistas a manter a saúde. Se isto não é feito, vem a medicina curativa, com as pontes de safena, transplantes de coração, etc., que nem sempre resolvem o problema, sendo apenas paliativos e adiadores da morte.

Se comemos de forma racional e equilibrada, mesmo comendo carne poderemos ter saúde. Assim, ninguém deve ser forçado a deixar de comer o que gosta. No máximo podemos tentar convencer os outros a terem moderação e pensarem na saúde duradoura ao invés de prazer momentâneo seguido de doenças graves que trazem sofrimento prolongado.

O aspecto energético é bem mais complexo, porque a ciência oficial não o reconhece, ou não o conhece, e nós acabamos nos limitando ao que dizem ou escrevem místicos, filósofos, pensadores, religiosos, esotéricos e Espíritos através da mediunidade. No fundo, quase nada sabemos acerca da energia que nos envolve e também aos animais.

Os espiritualistas em geral dizem que estamos rodeados de energias variadas, que vêm do sol (o chamado prana ou energia vital, ou ainda fluido vital), das estrelas distantes e do centro da Terra ( energia telúrica ou Kundalini). E que essas energias penetram em nós pelos chacras ou centros de força e passam a circular através dos canais de energia ou meridianos de energia, suprimindo as necessidades dos vários órgãos do corpo. E há saída também, ou eliminação de energia, como há de suor, urina e fezes. E esse fluxo dinâmico de energia que entra e que sai forma um halo energético ao nosso redor, que é chamado de aura. Para se ter uma idéia da aura podemos ver nos livros de física o campo de força que existe ao redor de um ímã. Ele não pode ser percebido pela vista humana, mas está ali presente, e influencia magneticamente outros campos de força que dele se aproximem.

Todos nós temos a nossa aura, ou campo de força, como os ímãs, mesmo sem nos darmos conta desse fato. E nosso campo de forças ou aura tanto influencia como é influenciado por outros que dele se aproximam. Supridos de energia, passamos a doar energia mesmo que inconscientemente para aqueles que estão debilitados. E debilitados, muitas vezes sugamos, também inconscientemente, as energias dos outros, em processo chamado por alguns de “vampirismo energético”.

Mas não são só os humanos que possuem aura energética, também os animais e vegetais a possuem, pois tudo que é vivo capta e irradia energia, num fluxo constante. Se cessa esse fluxo, sobrevem a chamada morte, que é apenas física, ou seja, do corpo físico. Então, quando matamos um animal e o comemos, estamos de imediato absorvendo não só a carne, o seu corpo, mas também as energias impregnadas no corpo dilacerado. É preciso que compreendamos que essas energias, principalmente as mais próximas da matéria, como o ectoplasma, não se dispersam nem se desagregam rapidamente. E por isso quando comemos a carne do boi, da galinha ou do porco recém morto vem com essa carne o ectoplasma, que está ligado ao citoplasma das células. E há quem diga, como um Espírito médico com quem

trabalhei, o Dr. David, que o ectoplasma animal entra em choque com o ectoplasma do homem. Dizia ele, e também outros Espíritos conhecidos, que os alimentos gordurosos e os de energia concentrada entopem os canais de energia. Dizia que a gordura animal obstrui os canais de energia. E essa obstrução impede a livre circulação da energia pelo corpo e a sua distribuição pelos órgãos e células, causando as várias doenças. Dessa forma, são mais ou menos esses os argumentos usados por aqueles que não comem carne por questões energéticas.

No que tange aos motivos espirituais ou filosóficos, há duas ordens de argumentos, uma levando em conta a imortalidade também dos animais e a outra levando apenas em conta o direito à vida que possuem os animais, mesmo que morrendo nada deles sobreviva. Ou seja, tanto os reencarnacionistas quanto aqueles que não aceitam a reencarnação podem não comer carne em respeito aos animais e ao seu direito à vida. Mas os primeiros possuem motivação mais profunda. Acreditam que matando os animais estamos atrapalhando a sua evolução, ao cortarmos e interrompermos uma encarnação. O assunto é por demais complexo.

Precisamos analisar a vida dos animais livres na natureza para termos uma idéia exata a respeito do assunto que ora tratamos.

Pensemos em uma floresta, como a amazônica, ou uma selva na África. O que constatamos é que os animais não vivem muito tempo, ou seja, não chegam às mais das vezes à velhice, porque a luta pela vida e a cadeia alimentar quase sempre interrompe as existências no reino animal em idade não muito avançada. Somente os animais mais fortes vivem mais tempo, como os leões, os ursos, os leopardos e os elefantes. Mas dificilmente um veado ou uma zebra vive até idade avançada, pois quando a vitalidade vai diminuindo passam a se tornar alvos e presas mais fáceis para seus predadores. A vida é dura, e dizemos muitas vezes até mesmo cruel, para esses animais mais fracos. A competição não dá um dia de trégua, e a vida é uma constante vigilância. Um momento de distração na selva pode significar a morte, e todos lutam pela vida, pois esse é *o comando interior do instinto*.

Os animais criados pelo homem em fazendas, granjas, etc., estão fadados à morte, ou seja, a sua morte é certa, atingido certo peso ou idade. Mas enquanto vivem, às vezes vivem mais tranquilos, como os bois soltos nos pastos, em segurança. Quanto tempo duraria um bezerro numa selva africana, repleta de leões e outros animais carnívoros? E um pintinho, quanto tempo viveria na selva amazônica? Como vemos, a vida dos animais, em geral, não é moleza. Nem na selva, livres, nem em confinamento. Mas essa é a sua destinação, nesse ciclo de vida na Terra. É o seu caminho de crescimento, a que foram e são lançados para evoluir. Não podemos dizer que estamos atrapalhando a sua evolução ao mata-los para comer, pois assim também seríamos forçados a concluir que Deus os cria para a morte cruel nas selvas, nas garras e dentes afiados dos caçadores. A morte nos matadouros é mais rápida e menos cruel do que a morte a dentadas que normalmente ocorre nas selvas. Se eles não tivessem que passar por essas experiências, por que Deus os teria colocado nessa situação? Injustiça Divina, crueldade Divina, falta de controle Divino? Não, sabemos que nada

acontece sem a permissão e o conhecimento de Deus. Ninguém passa por nada que não precisa passar. Portanto, mesmo sem que compreendamos ainda com profundidade o por quê disso tudo que vivem os animais, com certeza não é em vão, pois Deus nada faz inútil. Os animais devem crescer mesmo na dor, na luta, na competição. A luta pela vida desenvolve a inteligência, a destreza, a astúcia, os reflexos, etc.

A questão da sensibilidade humana em não querer causar dor aos animais é uma outra questão. Se você já não consegue colocar caranguejos vivos num caldeirão de água e vê-los se debaterem até a morte enquanto a água ferve, ou cortar o pescoço de uma galinha e vê-la sangrar até morrer, ou ainda matar um porco ou um boi, é sinal de que sua sensibilidade à vida está ampliada. Muita gente já não consegue fazer isso. E é por isso que Ramatis dizia que se as pessoas ( cada uma ) tivessem que matar os animais para comer, a maioria não comeria carne. Mas como encontramos nos supermercados os animais já mortos e limpos, e muitas vezes já tratados, não nos defrontamos tanto com a questão da morte deles, e não temos dramas de consciência.

A Consciência Cósmica, ou Divina, está presente em tudo o que existe no universo. Nada há que não possua consciência. Ser autoconsciente é uma outra estória. Há consciência nos minerais, nos vegetais, nos animais e nos homens, mas só estes últimos são autoconscientes. E todas as unidades-consciência, ou individualidades espirituais, passam por várias etapas no universo físico. Os animais e homens reencarnam, dentro de um processo de evolução contínua. E não perdem a sua individualidade após a morte do corpo de carne. Não importa o tipo de morte que tenha uma galinha, se pelas mãos do homem ou nas garras de uma onça, ela sempre sobreviverá como entidade espiritual individualizada. A questão de matar ou não, comer ou não a carne dos animais deve ficar como opção de cada pessoa, de acordo com seu gosto, seu paladar, seu nível de consciência e respeito aos animais e seus objetivos espirituais, além do conhecimento científico relativo aos males contidos na carne e as energias nela impregnadas. Tudo depende de cada um, de como vê a vida dos animais e a sua própria. Ninguém pode forçar os outros a deixar de comer carne, porque esse hábito é natural, e mais antigo mesmo que a própria existência humana. E não tem nada de contrário às leis de Deus.

Um outro ponto importante a salientar é que existem pessoas boníssimas, evolucionadíssimas do ponto de vista moral, ético, pacíficas e que trabalham em prol dos outros de forma gratuita e que comem carne diariamente, branca e vermelha. E isso não as desmerece em nada. Em contrapartida, há vegetarianos extremamente egoístas, agressivos, orgulhosos e vaidosos e que nada fazem pelos outros se não for por dinheiro. Isso demonstra que não é o comer ou não comer carne que determina o tipo de comportamento humano, nem mede o nível de nossa evolução espiritual. Melhor comer carne de animais e conviver pacificamente com os homens do que ser vegetariano e viver em luta agressiva com os homens. Por isso, acredito, é que Jesus, profundo conhecedor que era da alma humana, não deu importância a essa questão no seu tempo, e apenas disse que o mal era o que sai da boca, mais do que o que entra. E ele até ajudou os pescadores a pegarem peixes no Lago de

Genezaré. Sabia ele que aquilo não era anti-natural, nem nenhuma aberração, e levantar polêmica em relação à vida dos animais seria desviar a atenção das pessoas em relação a questões mais urgentes e importantes, como a transformação do homem em relação ao homem, o perdão das ofensas, o amor incondicional, etc. Talvez até Jesus não comesse carne, mas isso não está escrito em lugar algum nos Evangelhos. Vinho ele tomava, o que demonstra que não era radical como muitos naturalistas e vegetarianos de hoje.

O importante, acho, é cada um seguir suas preferências pessoais, em termos de alimentação, não se violentando, não se reprimindo demais, pois isso talvez faça mais mal do que o comer carne. Se você está se sentindo bem e está feliz sendo vegetariano, ótimo, continue; se está bem comendo carne, ótimo, continue. Pense apenas em sua saúde e seu bem-estar. E acompanhe as descobertas da ciência em relação aos alimentos, para tentar levar uma vida saudável e longa. E isso você poderá conseguir tanto sendo vegetariano como comendo carne. A prova está na existência de velhos de quase cem anos que sempre comeram carne, e também de velhos vegetarianos. A saúde depende essencial e principalmente da nossa mente, dos nossos pensamentos, emoções e sentimentos. A alimentação, diante desses fatores, é secundária...

Escolha seu próprio caminho, não importa o que diga ou escreva quem quer que seja. Nenhum mestre ou guru conhece suas necessidades melhor do que você mesmo.

Muita Paz.

## XI

Uma das coisas que mais preocupam as famílias hoje, bem como os governos dos diversos países são as drogas. O combate a elas, tanto através de propagandas para desestimular o seu uso quanto através de repressão ao narcotráfico se constituem em frentes de batalha incansáveis.

É preciso reconhecermos que somente existe o tráfico e comercialização das drogas porque existem usuários, ou seja, consumidores. E somente existem estes porque existem os produtores e vendedores das drogas. Dessa forma, não se pode acabar com a produção e comercialização sem que as pessoas deixem de usar drogas, porque elas são as destinatárias finais das drogas. E não se acaba com o consumo sem acabar com a produção, comercialização e divulgação das drogas.

Uma pessoa que tenha nascido em uma localidade onde as drogas nunca tenham chegado, e que nunca tenha ouvido falar delas jamais sentirá desejo e vontade de experimentá-las. Assim como um índio que vive sem contato com a nossa civilização, no meio da selva amazônica, nunca teve vontade de tomar qualquer dos refrigerantes, porque nunca ouviu falar deles.

E por que as pessoas procuram as drogas? Esta é uma pergunta que todos se deveriam fazer, antes de apenas criticar e taxar de viciados aqueles que a consomem.

E quais os efeitos das drogas no nosso corpo e na nossa mente? A ciência tem estudado isso, mas ainda sabemos muito pouco, principalmente no que tange à mente, porque ela não é algo palpável nem mensurável. E seus efeitos são diferentes em cada pessoa, porque nenhuma mente nem nenhuma personalidade é igual a outra. Em síntese, os efeitos das drogas na nossa mente são mesmo imprevisíveis. Você nunca sabe exatamente como vai se comportar após cheirar cocaína, fumar maconha, tomar LSD ou simplesmente cheirar lança-perfume ou o cheirinho-da-loló.

Na nossa sociedade ocidental, há drogas *lícitas* e drogas *ilícitas*. O que é isso? Há drogas que têm a sua produção, circulação e consumo legalizadas, autorizadas e permitidas, como o álcool e o tabaco, e drogas que não têm circulação nem produção permitidas, como a maconha, a cocaína, o LSD e outras. Uma droga faz mais mal ao corpo, e outras mais à mente, à personalidade. O tabaco, por exemplo, segundo os cientistas, faz mais mal ao corpo do que a marijuana (maconha). Mas esta é muito mais prejudicial à mente do que o tabaco, pois pode desestruturar completamente a personalidade, e alienar a pessoa da realidade que a cerca.

É relevante a análise de alguns pontos acerca das drogas. Por exemplo, o cigarro (tabaco) produz dependência orgânica, ou seja, vicia, como hoje reconhecem os cientistas americanos, depois de décadas de omissão a respeito. Mas dizem que ele não produz dependência psíquica, no que não concordo. Há dependência também psíquica nos tabagistas inveterados. Mas o tabaco não aliena mentalmente as pessoas da realidade. Você pode levar uma vida inteira fumando e permanecer encaixado dentro dos padrões sociais

estabelecidos. Ou seja, pode ser considerado perfeitamente normal, produtivo, ativo, inteligente, etc., e apenas será candidato talvez a um câncer de pulmão, de esôfago, de laringe ou outro tipo mais exótico.

Ninguém se torna violento por fumar uma ou duas carteiras de cigarro por dia. Nem atrapalha a vida dos outros de um modo geral, nem perturba os outros, salvo pequena perturbação que causa com a fumaça do cigarro (pior ainda se for de charuto ou cigarro de palha) e as bagas deixadas dentro de xícaras ou copinhos descartáveis.

Com o álcool a coisa já é um pouco diferente. Droga também lícita, como o tabaco, é uma das maiores causas de acidentes de automóvel, e freqüentemente está associado a crimes e brigas. Normalmente, quando ingerido em doses não exageradas, o álcool não aliena da realidade. Porém, quando sorvido com freqüência e em grandes quantidades, pode levar ao chamado delirium tremens, que é característico dos alcoólatras em estágio avançado.

O álcool muitas vezes torna a pessoa agressiva, mesmo aqueles que não o são normalmente. Conheço vários casos assim. Talvez por liberar facetas desconhecidas ou reprimidas de nossa personalidade, ou quem sabe abrir-nos a influências de desencarnados que estão próximos bebendo conosco, pois o álcool desestabiliza a circulação de energia e baixa as nossas vibrações, e conseqüentemente as nossas defesas energéticas. Um médium bebendo, normalmente é um desastre. Fica sem defesa e abre as portas...

O álcool afeta rapidamente nosso sistema nervoso, e dizem alguns fisiologistas que o sistema nervoso, os neurônios, tem eletividade pelo álcool, o que significa que o álcool entrando na corrente sanguínea busca logo os nervos, tornando-os cada vez mais insensíveis. Por isso depois de algumas doses não mais possuímos o mesmo reflexo nem a mesma lucidez. E isso causa diariamente muitas mortes em acidentes de carro, nas cidades e estradas. Amigos podem acabar brigando em um jogo de "palitinho", e se matarem, como aconteceu certa vez no interior da Bahia, em uma farra etílica. E depois resta o remorso para o resto da vida. Em estado normal dificilmente isso aconteceria.

Embriagadas as pessoas muitas vezes se tornam ridículas, fazendo coisas que jamais fariam em estado normal. Isso demonstra que o álcool desativa certos freios inibidores morais, éticos, etc. Rompe com os valores, com o bom senso, e às vezes até com a sanidade. Quantas coisas já vi fazerem sob o domínio do álcool...

Segundo um Espírito amigo meu, quando ingerimos grandes quantidades de álcool, ele somente desaparece por completo de nosso corpo e de nossa aura pelo menos dois dias depois. E por isso nesse período ninguém que tenha bebido em grande quantidade pode dar passe, Reiki, jorei ou fazer qualquer trabalho de doação de energia. E ainda, o consumo habitual de álcool dificulta a liberação de ectoplasma no homem. Quem bebe habitualmente não pode trabalhar com cura (energética).

Infelizmente nossos governos ainda permitem a propaganda de bebidas alcoólicas e de cigarro na televisão, incentivando o seu consumo com isso. E o pretexto...impostos sobre esses produtos. Mas não atentam para o fato de que talvez - alguns dizem que seguramente -

o governo gaste muito mais com o tratamento de doenças decorrentes do tabaco e do álcool do que arrecade de impostos sobre eles. Fica mais um alerta e uma reflexão. Em alguns países do primeiro mundo ( o Brasil está no terceiro) é proibida a propaganda desses produtos na televisão. Quando é que vamos chegar ao segundo mundo, pelos menos?

A maconha, também conhecida por marijuana, e tem por nome científico *cannabis sativa*, é uma droga ilícita, ou seja, seu plantio e venda são proibidos por lei. É uma planta. E as folhas secas são enroladas em papel formando cigarro para ser fumado. Segundo cientistas americanos, em trabalho que li há alguns anos, ela faz menos mal ao organismo do que o tabaco. Porém, os efeitos sobre a mente, como já disse, são imprevisíveis. Já conheci uma pessoa que depois de fumar maconha diariamente, um novo cigarro a cada vez que o efeito do anterior estava cessando, e durante um ano ininterrupto, disse que não se lembrava mais como ela era antes. Isso demonstra a transformação que essa droga produz na nossa mente. Ela altera a percepção da realidade, pois altera os sentidos. A visão se modifica, e também a audição, o tato, o olfato e a gustação. Tudo muda, muitas vezes lançando o usuário num mundo mental diferente deste no qual vivemos e estamos acostumados. Já vi um rapaz conversando com uma lagartixa, já soube de vários que se sentiram pássaros e se jogaram da janela de seus apartamentos, um que se chocou de carro com um caminhão julgando que ele era um grande morcego e muitas outras estórias desse tipo.

Muita gente já foi parar em hospitais psiquiátricos por causa de droga. Mas a maconha ainda é das mais fracas, considerada apenas a "porta de entrada para o mundo das drogas". Pesadas são a cocaína, o LSD, o craque, a heroína e outras. Estas podem levar à morte em segundos ou minutos, por overdose. O coração pode parar devido à entrada na corrente sanguínea de substância estranha e letal. Os neurônios no cérebro podem ser destruídos pelas drogas, e eles não se regeneram mais depois. O que foi lesionado não ficará bom de novo jamais...

A cocaína pode destruir parte interna do nariz, impedindo o seu consumidor de sentir os deliciosos cheiros que nos cercam, como os perfumes das flores e das frutas. O tabagista muitas vezes perde também a sensibilidade olfativa. A viagem criada com as drogas nem sempre tem volta...e às vezes, mesmo voltando fisicamente, ou seja, permanecendo vivo, a mente nunca mais é a mesma. A personalidade pode mudar. E quando se fica dependente, e não se tem dinheiro suficiente para comprar a droga, muitos passam a roubar, e a se marginalizar, fazendo de tudo para obter a droga. E a degradação humana começa e pode não ter fim...a morte em meio a briga de traficantes, a morte pela polícia, o internamento permanente em hospital psiquiátrico ou mesmo manicômio judiciário.

Os esotéricos dizem que as drogas destroem a tela atômica que nos envolve e protege, deixando-nos abertos a influências do astral...talvez esse seja o caminho para muitas alucinações...

Uma pessoa ao tomar droga pode ter uma alucinação, passando a viver momentaneamente numa outra realidade, mesmo do lado de uma outra pessoa que tenta "segura-la" aqui, nesta realidade. Sei de um caso em que um jovem, apenas cheirando

lança-perfume em excesso, entrou em outra realidade, vendo o carro em que estava descer embalado uma ladeira sem que ele conseguisse puxar o freio-de-mão ou gritar por ajuda. E na verdade o carro estava estacionado entre dois outros, em frente a um clube. Ele não reconheceu seu irmão diante dele. Imaginem as possibilidades de perigo de uma alucinação...e você nunca saberá de antemão o que lhe acontecerá quando começar o efeito da droga que você tomar, mesmo sendo um simples lança-perfume...você poderá se sentir um pássaro e se lançar da varanda do décimo andar para voar...ou ver o seu apartamento pegando fogo e gritar por socorro quando nada está acontecendo...e por aí vai...

É importante que as pessoas se conscientizem dos riscos das drogas, e isso não é brincadeira. Não se trata de questão moral ou religiosa, mas de saúde física e sanidade mental. E aqueles que estão buscando o desenvolvimento de faculdades paranormais, se tomarem droga, cairão fatalmente no desequilíbrio, e jamais saberão se as suas percepções são extrasensoriais no sentido da paranormalidade ou se apenas alucinação. Um médium, ou um sensitivo, jamais deveria tomar droga, mesmo o álcool ou o fumo, pois isso compromete a pureza do seu corpo, dos seus nervos, de sua energia, e de suas percepções, que dependem de tudo isso.

Mas como tudo na vida, também as drogas são uma questão de opção de cada um. Nós sabemos o que é bom para nós, não é mesmo? E plantamos o nosso futuro, físico (saúde ou doença), energético, mental e espiritual. Se não respeitarmos nosso corpo, quem respeitará? Se não cuidarmos de nossa casa mental, quem cuidará? Os psiquiatras no hospício? O que estamos fazendo de nossas vidas? Por que bebemos? Por que tomamos droga? Do que estamos fugindo? Dos outros? De nós mesmos? Da realidade que nos cerca? Do quê? Reflitamos!

A realidade na qual vivemos pode ser tão boa, quando trabalhamos nesse sentido...as percepções obtidas pelos sentidos em seu estado normal são tão fantásticas, quando aprendemos a olhar as coisas ao nosso redor com outros olhos...nosso olfato fica mais sensível quando não fumamos...nosso tato mais puro quando não bebemos álcool...e nossa mente mais lúcida quando não tomamos drogas...

Um amigo meu me disse que, após deixar de tomar droga, há anos atrás, e comer comida natural durante algum tempo, passou a sentir renovado prazer nas coisas pequenas, e mais prazer no sexo, inclusive. A própria sensação do orgasmo se adultera quando se toma droga antes ou durante o ato sexual.

Ao deixar as drogas, é recomendável que se inicie gradativamente uma rotina de exercícios físicos, como a caminhada, o ciclismo, a natação ou outros esportes, para que o corpo comece a expulsar as toxinas armazenadas. Os exercícios melhoram a capacidade respiratória e oxigenam melhor o cérebro, dando mais ânimo à vida. E depois de algum tempo sem tomar drogas passa-se a sentir mais energia física e mental, e muito mais disposição em geral.

Uma das mais eficazes maneiras de afastar os jovens das drogas é incentivar a prática de esportes, pois os atletas precisam de fôlego, resistência e condicionamento físico, o que não se obtém usando drogas, ou mesmo fumo e álcool com frequência.

Reflita sobre tudo isso, e se você toma droga, álcool ou fuma, pense na razão de você fazer isso. Que necessidade você tem de beber álcool? E de fumar? E de sentir as coisas de forma diferente do que são na realidade? Você está fugindo de algo? Está fugindo de você mesmo? Você não poderia mudar a realidade que lhe cerca sem as drogas e a alienação? Para quê você precisa de pontes? Não vale a pena tentar ser você mesmo e encarar as coisas como elas são, e de frente?

Muita Paz.

## XII

Costumamos dizer que o que é produzido pela natureza é *natural*, e o que é construído pelo homem não se enquadra na definição de natural. Natural é o instinto animal, a reprodução das flores, através do seu sistema de pólen, a chuva, a neve, o amor, a atração sexual entre machos e fêmeas, etc.

Livres na natureza, todos os animais sentem-se atraídos para o sexo, sentem-se impelidos para o sexo, de forma instintiva. Não há pensamento nos animais, como há em nós humanos. Os animais não questionam a atração sexual, nem recusam esse impulso que vem de dentro. Não há animal celibatário, abstinência. A atividade sexual é plenamente *natural*.

Não se vê, todavia, ou pelo menos nunca ouvi falar na existência de espécies animais que fizessem opção homossexual. Um cavalo não copula com outro cavalo, nem se enamora por outro cavalo, mas apenas com uma égua. Um boi não transa com outro boi, mas apenas com uma vaca. Um cachorro não copula com outro, mas apenas com uma cadela. Nunca ouvi dizer que um elefante na selva tivesse como parceiro sexual outro elefante. É sempre uma elefoa. Um zangão não copula com outro zangão, mas apenas com a abelha rainha. E a louva-a-deus fêmea não copula e depois come a cabeça de outra fêmea de sua espécie. E o mesmo se dá com os tigres, ursos, águias, ratos, gatos, macacos, rinocerontes e todas as demais espécies animais do planeta.

A única espécie do Planeta Terra que convive com a opção homossexual, também chamada gay é o homem. Não há outra exceção. E esse é um fato que ninguém pode negar! É científico e antropológico. Quando me apresentarem um casal de gatos gay, seja de duas fêmeas ou dois machos dessa espécie animal, me convencerei do contrário, ou seja, de que o homossexualismo é natural, e não exclusivo nem criado pelo homem.

A natureza, que é obra de Deus, parte Dele, dotou os animais e também o homem, animal racional, de órgãos sexuais próprios e específicos, diferenciados, para que através da cópula se reproduzissem, perpetuando assim as espécies (é assim com todos os mamíferos). É hoje inquestionável que a reprodução e perpetuação das espécies livres na natureza, ao menos os mamíferos, dependem do ato sexual envolvendo macho e fêmea. Isso é natural. O homem hoje começa a interferir nessa situação, com a inseminação artificial, mas precisa retirar o material genético do macho e inocula-lo na fêmea. E hoje há para o homem o "bebê de proveta". No estado normal, o macho não possui óvulo, nem a fêmea espermatozoides.

No estado natural, os animais precisam do ato sexual, ao qual são impelidos pelo instinto, a fim de perpetuarem a espécie. O sexo é a base da reprodução dos mamíferos. Sem sexo, não há reprodução, salvo a inseminação artificial, que é exceção à regra. Sem a polarização sexual, com a existência de machos e fêmeas, não há reprodução de corpos da mesma espécie. E com a opção homossexual, a reprodução da espécie desaparece, seja ela qual for. E como visto, somente o homem (espécie humana) faz essa opção.

O mecanismo fisiológico e anatômico, a forma, o modelo, de que a natureza dotou a espécie humana para o sexo, a reprodução e a perpetuação da espécie é basicamente composto pelo pênis, escroto e gônadas no homem e pela vagina, útero e ovários na mulher. Há órgãos internos e externos em ambos os sexos. E o mesmo se dá basicamente nos animais machos e fêmeas.

Para a concretização do ato sexual (cópula) nos moldes construídos pela natureza, que visa precipuamente a reprodução, faz-se indispensável a existência do pênis e da vagina, e a penetração de um no outro. Na natureza, sem que o pênis penetre na vagina, e sem que haja ejaculação do sêmen do macho no interior da fêmea, não há reprodução da espécie, não há gravidez, e a espécie não se perpetua, salvo entre algumas espécies, como peixes, que colocam o esperma na água para fecundar os óvulos colocados pelas fêmeas.

Anatomicamente falando, o pênis e a vagina foram feitos um para o outro, literalmente. E isso serve em relação a todas as espécies animais que, como os mamíferos, copulam. Pode observar um cavalo, um boi, um gato, uma mosca ou qualquer outra espécie da natureza copulando com a fêmea da respectiva espécie e verá a penetração do pênis na vagina. Não há exceção.

Quando garoto, muitas vezes matei moscas que se encontravam em ato de cópula, e quando separadas, pude ver o pênis ereto do macho, e de tamanho que me chamava a atenção, em relação ao seu tamanho. A vagina da mosca fêmea deve ser bem profunda. E isso em termos biológicos prova a importância dos órgãos desse inseto para a perpetuação da espécie, que vive pouco tempo, mas se reproduz rapidamente e em grande quantidade.

O pênis e a vagina se encaixam perfeitamente um no outro, como deve ser a mão na luva, ou a chave na fechadura. Duas chaves sem fechadura não têm utilidade, o mesmo se dando com duas fechaduras sem uma chave. Para que servem? E em termos de reprodução biológica das espécies, o casamento entre dois machos ou duas fêmeas não faz sentido algum. Quando a natureza criou machos e fêmeas, dentro do esquema de polarização sexual, foi para que o sexo acontecesse entre macho e fêmea. A natureza nunca perverteu esse esquema. Foi o homem quem o fez.

No corpo humano, como também no dos animais, cada órgão tem a sua função específica, que não pode ser alterada. Por exemplo: Nosso coração não pode filtrar o sangue que por ele passa, o que é função dos rins; não podemos excretar as fezes pela uretra, mas somente pelo ânus, após passar o alimento por todo o tubo digestivo (intestino delgado, grosso e reto); não podemos gerar (as mulheres) no interior dos intestinos; não podemos enxergar pelas orelhas, nem escutar pelos olhos; e se um homem fizer com uma mulher apenas sexo anal, ela jamais engravidará, porque mesmo que o esperma seja lançado dentro do reto, ele jamais atingirá o útero e as trompas para que possa encontrar o óvulo.

A vagina tem função sexual, o mesmo se dando com o pênis, e tanto o homem como a mulher podem sobreviver sem esses órgãos, posto que podem viver sem sexo. A urina sai pela uretra e é independente tanto do pênis quanto da vagina. Assim, a eliminação que se dá pela urina não depende desses órgãos sexuais. O ânus é a boca ou porta de saída do tubo

digestivo, e ele controla a saída das fezes, que são os resíduos alimentares que o corpo não aproveitou. São os músculos existentes no ânus que controlam a saída das fezes. Se eles estiverem relaxados o tempo todo, perdendo a sua elasticidade, as fezes sairão de forma descontrolada.

No reto existem inúmeras bactérias, e também no ânus. Por isso os médicos e cientistas não consideram higiênico e saudável o sexo anal. Isso se deve tanto às fezes existentes no reto, ou seja, atrás do ânus, quanto às bactérias existentes na região anal. Há risco, dizem eles, de infecção no pênis, por causa das bactérias, o que pode depois ser transmitido para a vagina. Isto no que diz respeito a quem penetra o pênis em um ânus. E há risco de relaxamento dos músculos do ânus naqueles (homem ou mulher) que deixam que penetrem um pênis no seu ânus com regularidade. Já ouvi um caso de um homossexual masculino que usava modess no ânus porque não controlava mais a saída das fezes.

Normalmente o sexo anal é doloroso, dizem principalmente as mulheres, pelo menos no início, pois o ânus é ainda apertado e o pênis é largo demais para o ânus. Facilitado por óleos lubrificantes próprios como a vaselina o ato é menos doloroso, porém não menos perigoso e arriscado. A camisinha pode impedir as inflamações no pênis, protegendo-o, mas não pode impedir a dilatação e relaxamento dos músculos anais.

Anatomica e fisiologicamente falando, o sexo anal não é saudável. E olhado do ponto de vista da natureza, ele também não é natural. Nenhum animal pratica sexo anal. Nem entre dois machos (dois bois por exemplo), nem entre um macho e uma fêmea (um cavalo penetrando o ânus de uma égua). Isso não existe entre os animais. Como também animais de espécies diferentes não se unem sexualmente (um cavalo e uma vaca ou um cachorro e uma cabra). Só o homem pratica o sexo anal, entre machos e fêmeas e entre dois machos. Como também só o homem pratica sexo com espécies diferentes, com animais, o que é muito comum no interior do país (com cabra, égua, etc.).

O que não é natural, ou seja, o que não é criado pela natureza, sem intervenção do homem, pode ser considerado anti-natural se viola as leis da natureza, se vão de encontro à natureza. O que o homem cria mas não vai de encontro à natureza não é anti-natural, apesar de não ser natural. O computador, por exemplo, é criação do homem, mas não vai de encontro à natureza, não fere nem viola leis naturais. O mesmo se dá com o domínio do fogo, o vôo em avião ou foguete, etc. Mas o sexo anal é anti-natural, pois o corpo não é adaptado para essa prática sexual, e por isso causa danos ao organismo, como o relaxamento dos músculos anais, que ninguém pode impedir. Além disso, é anti-higiênico, pois normalmente no ato sexual saem fezes, o que ninguém pode dizer que é agradável nem cheiroso.

Nenhum anatomista ou fisiologista considera o sexo anal natural, pelas questões já abordadas.

Voltemos agora para a questão do homossexualismo. O doutor Sigmund Freud, considerado o *Pai da Psicanálise*, tão usada e reconhecida hoje, entendia que o homossexualismo é uma *perversão da sexualidade*. Isto somente pode ser aceito se visto do

ponto de vista anatômico e fisiológico e ainda observando a natureza, como exposto acima, e também do ponto de vista psicológico.

A natureza não faz nada inútil. Aceitar o contrário é afirmar que Deus faz coisas inúteis, pois Deus e a natureza não são duas coisas separadas. É como se o que chamamos de natureza fosse o "corpo físico de Deus". Não havendo coisas inúteis na natureza, então a polarização sexual em machos e fêmeas serve a um propósito, o que já analisamos em capítulo anterior. O sexo, como já dito antes, é ponte para o amor. E mais do que isso, é o mecanismo criado por Deus para a reprodução das espécies, e para a sua perpetuação. E colocando agora a visão espiritual, o sexo é o mecanismo da reencarnação, e sem esta não podemos evoluir neste ciclo atual de evolução na Terra.

O que estamos dizendo? Que *sem sexo não há reencarnação!* E que *sem reencarnação não evoluímos*. Por isso tantos Espíritos lutam por uma oportunidade na Terra através da reencarnação. A reencarnação é indispensável ao processo evolutivo do ser nesta fase da evolução em que nos encontramos. E o que o homossexualismo tem a ver com isso? É que se todos fizerem opção homossexual não haverá mais reprodução, salvo se generalizada a inseminação artificial. Dois homens não podem gerar um filho, nem duas mulheres, como uma fechadura não abre outra. Todas as crianças passariam a ser filhas de proveta, e de pais do mesmo sexo. Será que esse é o nosso caminho? Será que esse é o plano de Deus para a Terra? Se considerarmos que Deus não faz nada inútil, logicamente concluiremos que ele não faria machos e fêmeas para que os machos vivessem com os machos e as fêmeas com as fêmeas (falamos de casamento, sexo e procriação).

O homem não é e nunca será totalmente igual à mulher, e vice-versa. Começa pelas diferenças anatômicas e fisiológicas. Isso não pode ser mudado (pelo menos ainda não). Um homem pode ter o pênis retirado e feita uma vagina em seu lugar, mas mesmo assim não contém tudo que o corpo de uma mulher contém. E ainda não conheço nenhum caso de colocação de útero e ovários em homens, nem conheço homem que tenha engravidado, a não ser em comédia cinematográfica. As diferenças são normais e naturais, como acontece nos reinos vegetal e animal. Imaginem um boi querendo virar vaca, uma gata querendo virar gato, um porco querendo virar porca ou leão querendo virar leoa. Será a total inversão biológica na natureza. Tudo será alterado, e não sabemos as conseqüências disso.

Por que só o homem perverteu a sexualidade de que a natureza o dotou? Essa questão é muito complexa. E sem uma visão espiritual e reencarnacionista não encontramos uma explicação satisfatória. Por isso tentaremos analisar a questão dentro dessa ótica espiritualista. E aliada a ela analisaremos questões como o prazer, o apego e a razão, filha do intelecto, todos eles fatores, ao meu ver, envolvidos na questão do homossexualismo.

Já foi abordada anteriormente nesta obra a questão da polaridade sexual dentro do processo evolutivo, inclusive o sexo como ponte e mecanismo a desenvolver o amor. Sabemos que como Espíritos antigos temos encarnado muitas e muitas vezes, ora como homem ora como mulher, para absorvermos os aspectos e características de ambos os sexos. E são de fato diferentes certos aspectos dos dois sexos, e o perfil psicológico do homem e da

mulher. Enquanto o homem, sexualmente falando, deseja penetrar na mulher, esta deseja ser penetrada. Isto, por si só, já é uma diferença psicológica. E ela decorre da diferença existente nos órgãos sexuais, pênis e vagina. Enquanto o homem tem o órgão externo, o da mulher é interno. Quando um homem deseja ser penetrado em vez de penetrar, não há um encaixe perfeito e natural entre seu psiquê e seu corpo. Há aí um desajuste, ou como diria Freud, uma perversão da sexualidade. O mesmo se dá quando uma mulher deseja penetrar, posto que ela não possui um pênis. Também aí há desajuste psicológico em relação ao corpo feminino.

Quando um Espírito leva muito tempo encarnando como homem, ou seja, várias encarnações seguidas em corpo masculino, e de repente encarna como mulher, pode acontecer ( mais isso não é taxativo e nem sempre acontece) um desajuste psíquico em relação à não aceitação do novo sexo, do corpo no qual se reencarnou, principalmente se houve grande apego ao tipo de prazer sexual sentido como homem. Nesse caso, *pode ( não necessariamente ocorre )* haver forte tendência homossexual, com atração por outras mulheres (pois antes ele era homem), tendo a personalidade vários e fortes aspectos masculinos, adquiridos ao longo do tempo vivido como homem. Se viveu o Espírito muito tempo como mulher, em várias encarnações seguidas, pode haver forte tendência homossexual e atração por outros homens, face a sobrevivência de aspectos femininos na personalidade. A mudança repentina de sexo ( de corpo, pela reencarnação) nem sempre corresponde à mudança de padrões psicológicos e valores adquiridos no sexo anteriormente vivenciado. Ou seja, a mudança de polaridade sexual nem sempre se dá de forma ordeira e equilibrada, ou sem desajustes passageiros durante um período de adaptação, que pode levar uma vida ou mais. Isso depende muito do Espírito, de seu nível de evolução e apego em geral.

Essa questão é muito complexa, de difícil entendimento, e por mais que se tente compreender, às vezes parece difícil. Há uma forte tendência de se considerar o homossexualismo como uma doença, hormonal para uns, mental para outros, distúrbio da personalidade para outros ou ainda perversão da sexualidade, segundo considerava Freud. Mas a explicação não pode ser tão simplista.

Há muito sofrimento envolvido no homossexualismo, não só por causa das questões relativas à não aceitação do sexo de nascimento, da discriminação da família e da sociedade, da dificuldade de encontrar parceiro adequado, e muitas outras coisas complexas, que envolvem traumas, insegurança, ciúme, etc. E hoje até a AIDS está levando os homossexuais a um maior sofrimento, com morte em larga escala. Já pararam para pensar por que a AIDS surgiu?

Basicamente, ao meu ver, a questão do homossexualismo está ligada a aspectos masculinos ou femininos na personalidade, que muda a cada nova encarnação, carregando o Espírito no seu inconsciente tendências, por causa do registro na mente espiritual das experiências vividas nas várias existências físicas. Aqueles de forte tendência masculina não se transformam bruscamente nem imediatamente em espíritos de tendência feminina. Esses

aspectos da personalidade ligados ao sexo nos acompanham de uma vida para a outra. E aí está a fonte básica das tendências masculinas ou femininas, do comportamento e do perfil masculino ou feminino. Mas isso não é tudo.

Não acredito que o homem seja produto do meio, como defende uma corrente da Psicologia. Acho que ele sofre fortes influências do meio que o cerca e no qual vive. Mas nem sempre molda a personalidade de acordo com as influências desse meio. E isso nós vemos dentro da família, *célula mater da sociedade*, a base da sociedade. Pais que educam filhos num sentido e eles seguem em outra linha. Pais honestos que passam o melhor através do exemplo e vêem seus filhos seguirem a trilha da criminalidade, mesmo quando não precisam (materialmente). Pai bem masculino, viril, macho, que educa seu filho dentro de seus valores e depois assiste a sua guinada para o homossexualismo. E muitos exemplos poderia dar de que nem sempre o homem (ser humano) segue a tendência do meio. Nem todos os moradores das favelas do Rio de Janeiro são traficantes nem marginais. Nem todo mundo que está desempregado e passando fome rouba ou mata. Há casos em que a pessoa desesperada chega a matar os filhos e se matar para não ter que se marginalizar, como alguns casos veiculados pela TV.

Todos nós chegamos neste mundo (físico) trazendo no inconsciente várias tendências, aptidões, dons, propensões, etc., que nos influenciam sem que demos conta disso. Nas profissões escolhidas e no caráter, acho, essas tendências adquiridas no passado se apresentam de forma mais viva e forte. É a atração pela medicina ou pelo direito, pela pintura ou pela música, pelas letras ou pela investigação, etc., e as tendências à desonestidade ou correção, coragem ou covardia, egoísmo ou prestatividade desinteressada, orgulho ou humildade, ostentação ou simplicidade, etc., etc., etc...

Diante de várias circunstâncias e vários momentos que a vida nos cria somos impelidos a agir de acordo com nossas tendências íntimas e armazenadas no passado. Nossa memória é alimentada a todo momento com as nossas percepções e aprendizados, e por nossas experiências, e somos assim constantemente enriquecidos. Se trazemos uma tendência à agressividade e violência, mais facilmente seremos "incentivados" a despertar essa tendência quando nos depararmos com uma situação que não consigamos resolver sem agressividade. São as experiências desencadeadoras de reação, ou despertadoras de nossas tendências adormecidas e muitas vezes desconhecidas. É um jovem desempregado que não suporta passar privações, que sente inveja (tendência trazida) daqueles que possuem, e acaba roubando. A situação pode ser a "desculpa" racional para que a pessoa passe a viver de acordo com suas tendências. Não é a fome, a pobreza, a miséria que fazem o marginal. Nós já chegamos aqui com tendência à marginalidade (não todos é claro). E se vivemos num ambiente propício e incentivador da vida do crime, e vivemos passando privações, é muito provável que essa tendência assuma contornos de prática. Ninguém se torna marginal da noite para o dia numa única existência. Estive na Índia e pude constatar que aquele povo possui baixíssimo índice de criminalidade em relação à sua população e miséria ( 950 milhões de habitantes ou mais ). Os indianos são pacíficos, de um modo geral, mesmo os

mais miseráveis (cerca de 300 milhões). Então não é a miséria a maior causa da violência e marginalização. Há outras...

Um Espírito forte, corajoso e resolutivo supera todas as dificuldades, suplanta todas as más tendências e transcende o meio no qual vive. E a educação, principalmente a doméstica, através do exemplo, sobretudo, pode bloquear as más inclinações. No caso do homossexualismo, a tendência é inata, e somente o comportamento é adquirido. O ambiente influi para incentivar ou reprimir, mas raramente a sociedade busca a compreensão do mecanismo desencadeador da homossexualidade. Se um menino é criado como menina, no meio de mulheres apenas, e tiver esse Espírito a tendência (aspectos femininos) ao homossexualismo, *pode ser* que ele sucumba ao impulso interno e se torne um homossexual por opção, sem sequer, na maioria das vezes, compreender por que faz isso. Ou uma menina criada no meio de garotos, em situação similar. Mas a tendência nem sempre aflora nem domina. Muitas vezes ela é reprimida pelo próprio Espírito, que sabe inconscientemente que dessa vez precisa adquirir os aspectos do sexo no qual nasceu, masculino ou feminino. Se Deus não faz nada inútil, nem erra, pois é perfeito, *ninguém nasce no sexo errado*. Nascermos com o sexo que necessitamos, para o nosso aprendizado e evolução num determinado momento. E se nos desviamos da experiência que precisamos ter, retornaremos para passar pelas mesmas coisas, até aprendermos. Assim, a fuga apenas adia e atrasa a caminhada.

É importante que tenhamos em mente que estamos no lugar certo e na hora certa. Não estamos aqui por acaso, no país errado, na família errada, no sexo errado. Não. Nós estamos passando por tudo aquilo que precisamos passar. E o nosso sexo é de vital importância para a nossa evolução espiritual. Neste momento, nesta vida, você precisa ser homem, se nasceu como homem, e precisa ser mulher, se nasceu como mulher. Fugir dessa realidade não vai adiantar nada, nem resolver coisa alguma. Só vai leva-lo a sofrimentos muito maiores do que o que talvez sinta se você se esforçar para se adaptar ao sexo no qual nasceu. E você pode até renunciar ao sexo se preferir, para não se entregar à sua tendência homossexual e subverter o sexo, se entregando ao prazer dos sentidos físicos e criando sofrimento mental e emocional. A afetividade entre homossexuais é algo muito complexo, que envolve normalmente muito ciúme, insegurança e medo. Os riscos de sofrimento são enormes, para aqueles que não conseguirem suplantar a tendência homossexual. E o sexo natural, entre homem e mulher, é muito bonito, rico de possibilidades, e de constituição de uma família, estando dentro da ordem natural das coisas.

Se Deus quisesse que o natural fosse o casamento homossexual, teria feito só homens, ou só mulheres, e teria criado outro mecanismo evolutivo sem a reencarnação, que depende da reprodução sexuada. Como Ele não fez nem faz nada inútil, o natural é o casamento entre homem e mulher, e o casamento homossexual só pode ser considerado anti-natural. E não está correto a televisão passar uma imagem de naturalidade desse tipo de casamento ou relação homossexual, o que somente serve para incentivar outros seres que lutam consigo mesmos por causa dessa tendência a se entregarem também a um

comportamento sexual que vai de encontro à natureza e ao corpo, achando que é natural e normal. Não, o homossexualismo não é natural, e mesmo que se torne a regra geral, incentivado pela propaganda de artistas e da TV, ele jamais será considerado natural e saudável diante da evolução, da natureza, e de Deus.

Se você sente a tendência homossexual dentro de si, reflita longamente a respeito de tudo isso. E tenha a certeza de que não discrimino de forma alguma os homossexuais, sejam homens ou mulheres. Já tive e tenho alguns amigos homossexuais, a quem sempre respeitei. E convivo profissionalmente com homossexuais competentes, educados, finos e equilibrados. Mas isso não muda o meu ponto de vista e entendimento filosóficos a respeito do homossexualismo.

Que Deus abençoe a todos os homossexuais e lhes dêem forças para conviver com a sua tendência, compreendendo-a e suplantando-a se possível, e a lucidez para refletir sobre a necessidade das experiências como homem ou como mulher nesta vida.

Muita Paz.

## XIII

Durante alguns anos em que freqüentei um centro espírita, aprendi a dar passe, e fiz dele uma constante em minha vida, estudando muito acerca do passe. E com isso comecei a trabalhar com cura, ainda que de forma eventual e descontínua.

Em 1985, quando conheci Vanda, comecei a trabalhar mais efetivamente com cura, porém dessa vez não dando passe, mas sendo enfermeiro de um Espírito chamado Dr. David, que realizava cirurgias através dela, que é médium de grande potencial. Dr. David operava com faca, mas sem cortar, e sem sair sangue. Em alguns casos apenas fazia um furo, e em outros apenas pressionava a faca na pele do paciente.

Trabalhamos com cura durante cerca de dois anos e meio e depois paramos. Somente voltamos a trabalhar com cura em 1994, quase no final do ano. E isso depois de alguns meses estudando projeção astral e energização.

Tudo começou depois de algumas recordações minhas de encontros fora do corpo. A primeira se deu em 1993. Acordei e me lembrei de ter estado em um auditório falando para um grande número de pessoas. Falava sobre projeção astral. Não conhecia as pessoas que estavam me ouvindo. Depois, em 1994, no início do ano, novamente estive no auditório falando para grande número de pessoas, que também não conhecia, ou não me recordava delas, e dizia que criaria um grupo de estudo de projeção astral. Isso me levou pouco tempo depois a criar de fato esse grupo de estudos de projeção astral, em junho de 1994, que pouco tempo depois acrescentou o autoconhecimento e depois trabalho prático de energização. A projeção astral foi desaparecendo pouco a pouco do trabalho e estudo, e logo assumimos um trabalho voltado para a cura. Um ano depois de criado o grupo de estudos, já havíamos passado por dois lugares (espaços) e estávamos em casa alugada abrindo as portas para o público com trabalho razoavelmente estruturado de atendimento. É sobre esse trabalho que quero falar neste capítulo, pois falarei de doença, saúde e cura.

Essa casa de trabalho se chama *SANTUÁRIO LUZ E VIDA*, e é um centro holístico de cura integral. Os trabalhadores são todos holistas, adotando conhecimentos e técnicas de vários ramos da ciência espiritual, sem qualquer preconceito, sempre voltados para a cura no sentido mais amplo e profundo do ser.

Todas as pessoas que procuram o Santuário com algum problema passam por uma triagem, por membro encarnado primeiro, e se preciso, pelos Espíritos. A partir da triagem, a depender do que for detectado na pessoa, ela será encaminhada para tratamento específico. Todos têm uma ficha de acompanhamento do tratamento, onde são feitas anotações importantes desde a triagem até a liberação final do tratamento.

São usadas técnicas e recursos terapêuticos como os seguintes: *passe magnético*, *Reiki*, *energização (uma técnica que alia conhecimentos variados)*, *acupuntura (feita pelos Espíritos)*, *cirurgia espiritual (feita pelos Espíritos)*, *acompanhamento psicológico*,

*harmonização (basicamente com relaxamento direcionado e palestras curtas), desobsessão com atração espiritual e socorro a desencarnados em reunião mediúnica.*

A filosofia é espiritualista e holista. Acredita-se que o homem não é apenas corpo de carne, mas possui muito mais do que isso. É um Espírito, que hora vive ligado à matéria (a um corpo). Mas isso é passageiro. Essencialmente é um ser espiritual. E acredita-se que a maior parte das doenças nascem no Espírito, na sua mente. Pensamentos, emoções e sentimentos em desequilíbrio e desarmonia geram doenças no corpo. As perturbações da mente e do coração acabam se somatizando no corpo, adoecendo-o. Quantas pessoas desenvolvem câncer a partir de mágoas profundas guardadas por anos a fio; a partir de insatisfação prolongada em vários setores da vida; por ódio intenso, etc. A ciência cada vez mais reconhece o papel das emoções, dos pensamentos e dos sentimentos no desenvolvimento das doenças e no processo de cura. E a Psicologia se aproxima cada vez mais da Medicina, dando os braços e trabalhando de forma conjugada, e não desconectada, pois somos corpo e alma. As doenças tanto nascem no corpo como também nascem na alma. E tentar trata-las apenas sob um prisma e ângulo é correr o risco de apenas produzir cura de superfície, e adiar o verdadeiro contato com a origem da doença, e adiar também a cura profunda e verdadeira.

Hoje, o stress é uma das maiores causas de doença. E ele está associado à vida de cidade grande. É o corre-corre da vida, o medo da violência, a competição, o baixo salário, os preços subindo, etc. Como costumamos dizer, meio brincando, *não dá pra ser feliz.*

Vivemos em meio à poluição do ar, com grande quantidade de gás carbônico no ar, proveniente dos ônibus e automóveis, poluição sonora oriunda dos veículos, poluição das praias, rios e lagoas, envenenamento de alimentos através de agrotóxicos, etc. E nos alimentamos mal, principalmente no que diz respeito à qualidade. Às vezes comemos até muito, mas é só quantidade. Há pessoas subnutridas gordas. Isso demonstra que só o açúcar não alimenta. Se faltam determinadas vitaminas, proteínas, sais minerais ou enzimas, podemos ficar doentes. Além disso, ingerimos alimentos inadequados ao nosso corpo, como as gorduras animais, que contêm muito colesterol, hoje reconhecidamente maléfico à circulação sanguínea e ao coração. O colesterol obstrui as artérias, podendo causar infarto.

Outro grande fato gerador de doença é a falta de exercícios, ou *vida sedentária*. Quantas pessoas hoje andam de carro o dia todo, somente descendo na porta do Shopping, de casa ou do trabalho. Isso é extremamente ruim para a saúde. A circulação sanguínea não flui bem sem exercícios, os músculos ficam flácidos, as articulações tendem a endurecer, e muitos outros problemas surgem. Deveríamos todos fazer exercícios físicos regulares, como uma caminhada três ou quatro vezes por semana, durante uma hora. Ou pedalar bicicleta, ou remar, nadar, ou praticar qualquer esporte. É importante a atividade física, tanto quanto a mental, esta última para não ficarmos caducos precocemente...

Outro ponto que considero importante é o relaxamento físico e mental. Se possível, devemos praticar o relaxamento diariamente, por 20 a 40 minutos, pelo menos. Deitado ou sentado, na cama ou no chão, na praia ou no campo, num parque florestal, etc., contanto que

tenhamos um relativo sossego e silêncio, e não sejamos perturbados. Com ou sem música. Tudo isso são detalhes de menor importância. O mais importante mesmo é relaxar, física e mentalmente.

No relaxamento, devemos tentar nos esquecer momentaneamente dos problemas, dos rancores, das mágoas, dos ressentimentos, da ansiedade, do medo, da competição, e tudo o mais que nos perturbe a mente. Relaxar o corpo só, não adianta muito, pois o que está mais no fundo - no interior - é o que mais causa doenças. A mente é a maior fonte de doenças, a Psicologia que o diga...

Tenho sentido ao longo do tempo, inclusive em mim mesmo, que até uma depressão passageira faz reduzir as defesas orgânicas, dando margem até ao surgimento de uma gripe repentina. Uma mente saudável tende a tornar saudável o corpo, e uma mente em desarmonia tende a desarmonizar o corpo e fazê-lo doente. Temos que cuidar dos dois, do *corpo* e da *mente*. É o binómio equilibrado que nos permite estar saudáveis integralmente. A mente em paz com falta de exercícios físicos pode ter que conviver numa boa com um problema de coluna, ou problemas de circulação. Um ser tranqüilo pode ter que conviver com problemas cardíacos por causa de excesso de colesterol entupindo suas artérias. Como vemos, são muitas e variadas as causas das doenças: físicas, como o excesso de exposição ao sol; químicas, como o abuso de alimentos contendo corantes, conservantes, etc., ou respiração de monóxido de carbono em excesso; alimentares, por ingestão de gordura animal em demasia, açúcar em quantidade, cafeína, fumo, álcool ou drogas; emocionais e sentimentais, etc. E por isso é importante que busquemos compreender em profundidade a causa de nossa doença antes de tentar combatê-la cegamente. Temos que sair dessa psicologia imediatista na qual nos encontramos. Vivemos explicando superficialmente as doenças e aplicando tratamentos superficiais, que apenas atacam os efeitos, mas não as causas. É o tomar um remédio "mágico" para fazer cessar uma dor, sem procurar entender o *por quê* da dor.

Em nossa vida, há doenças que já trazemos no corpo espiritual, nele registradas, doenças que trazemos ainda na mente, ou no coração ( não físico), e doenças adquiridas aqui e agora, por fontes materiais (físicas e químicas) ou de fundo emocional e psíquico. Aquelas que trazemos de forma congênita também são chamadas *doenças cármicas*. São exemplos delas a cegueira de nascimento, as deformidades físicas e retardamentos mentais, como o mongolismo. Estas doenças e outras com as quais já nascemos não foram aqui adquiridas, e não fizemos nada *agora*, nesta encarnação, para merecê-la. Nem são culpa de nossos pais. São fruto da *Lei de Causa e Efeito*, e servem a um propósito evolutivo e educador, que muitas vezes não compreendemos.

Um torturador medieval, por exemplo, que sentia prazer em cegar suas vítimas com ferro em brasa pode ter depois encarnado portador de cegueira para sentir na pele o problema. Mas isso não significa que todos os cegos tenham feito isso. É apenas um exemplo. Quem abusou muito da visão, espionando e fazendo intrigas também pode nascer cego em outra vida. Quem bebeu muito numa encarnação pode nascer com debilidades no

fígado, e propensão a doença desse órgão. Quem abusou do fumo pode nascer com o pulmão fraco em outra encarnação, porque a destruição do corpo físico fica registrada no corpo espiritual, e no futuro o próximo corpo físico será construído levando em conta as necessidades educacionais de respeito ao corpo e à vida.

Muitas vezes abusamos da inteligência para prejudicar os outros, e acabamos nascendo numa vida seguinte com retardamento mental, tendo que levar uma vida inteira dependente dos outros. E assim todos nós vamos crescendo, através de *experiências retificadoras de nosso caráter* como Espíritos, ou *experiências educacionais*. Não há castigo nem punição infligidos por Deus. Nós somos os construtores do nosso futuro, de ventura ou de desgraça, de suave existência ou sofrimentos. Nós sempre colhemos o que plantamos. E nossas ações são lançadas no universo como um bumerangue. Elas vão longe, e depois sempre retornam a nós mesmos. Os atos bons geram sempre alegria e felicidade para nós mesmos, e os atos ruins nos trazem sempre dor. O que importa é o nosso crescimento espiritual, o nosso aprendizado, a nossa evolução.

Todas as nossas doenças, devemos ter isso sempre em mente, são causadas por nós mesmos. Nós as criamos. Se não nesta existência física, em outra anterior. Mas sempre nós as criamos, as geramos. Ninguém sofre por causa de atos dos outros. E ninguém sofre inocente. Ninguém nasce cego ou mongolóide porque Deus quer castigar os pais. E nem quer castigar os filhos que assim nascem. Há sempre, acreditem, necessidade de passarmos por aquilo que estamos passando. Deus não faz nada inútil, como costumamos dizer. E Ele não é perverso, nem gosta de nos ver sofrer. Ele somente quer o nosso bem, a nossa evolução e o amadurecimento espiritual. *As experiências dolorosas são a profilaxia da alma. A dor faz parte do mecanismo de cura. E a doença já pode ser considerada como a própria cura.* Porque é da dor que nascemos mais fortalecidos, e é ela que muitas vezes nos desperta e impulsiona nosso processo de mudança interior.

Não devemos jamais maldizer a dor e o sofrimento, mas antes escuta-los e auscultar nosso íntimo sobre a causa da dor. *Quando sofremos ou sentimos alguma dor, é o universo nos sinalizando que alguma coisa está errada conosco e precisamos mudar.* A dor é uma bênção! Não procuremos pura e simplesmente afastar a dor, anula-la, porque na verdade ela não é o mal. Ela apenas indica que existe algo errado. É como uma lâmpada vermelha que acende sinalizando que há algo errado com o equipamento eletrônico, como num automóvel. Se quebrarmos a lâmpada estaremos destruindo apenas o sistema de detecção dos defeitos, não consertando o defeito. A nossa compreensão da dor ainda é muito superficial e distorcida. Devemos buscar mais profundamente as causas, as origens, as raízes de nossas dores e nossos sofrimentos.

É o orgulho, a vaidade, o egoísmo, a intolerância e muitas outras coisas que nos fazem sofrer. Sempre que andamos pela vida de "nariz empinado" acabamos passando por experiências que nos forçam a baixar o nariz. O rico orgulhoso e egoísta de uma encarnação depois vem pobre, dependente da caridade alheia, e deixa o corpo muitas vezes transformado, um outro ser...humilde, paciente, e mais compreensivo com o que diz respeito

à pobreza. Em outra vida, estará mais preparado para ter dinheiro, e provavelmente será um rico diferente, mais simples, e mais caridoso, quem sabe...

Aqueles que tiveram posição de mando e poder e deles abusaram, vêm muitas vezes em posição subalterna, tendo que cumprir ordens, sendo muitas vezes humilhados, sem poder reagir devido à necessidade do emprego...

Um racista muitas vezes encarna depois na raça que detestava. Se era branco e odiava os negros, nasce depois sob a pele negra; se era negro e odiava os brancos, depois nasce sob a pele branca; se era índio ("vermelho") e odiava o homem branco, nasce na civilização branca, e assim por diante. O Espírito não tem cor nem raça. Branco, preto, amarelo, vermelho, são apenas cores da pele, transitórias, não cores do Espírito. *O Espírito é energia consciente*. Precisamos passar por todas as experiências que a vida neste planeta nos oferece, para o nosso aprendizado e crescimento espiritual. A maturidade do Espírito é conquistada através das várias vidas, das várias experiências na matéria.

Quando estamos doente, geralmente esperamos que alguém nos cure imediatamente, nos dando aquele remédio ideal, perfeito, mais moderno, para que não sofram muito. Dificilmente atentamos para o fato de que o corpo sinaliza para algo errado no Espírito. E muito raramente olhamos para dentro de nós mesmos e constatamos que há algo errado que precisa ser mudado. Quase nunca reconhecemos que estamos errados, fora do compasso da vida, desconectados e em desarmonia com o Cosmos, com Deus...

É preciso que comecemos a enxergar a nossa parcela de responsabilidade pelas coisas que nos acontece. Ver a causa de nossos sofrimentos em nossas próprias atitudes perante a vida e as outras pessoas. Precisamos rever nossas relações com os outros seres, humanos ou não, e compreender que relações desarmoniosas geram doenças também no corpo. A insatisfação com o marido ou a mulher, por longos anos, pode causar um câncer...a insatisfação contínua com o trabalho também...

Emoções, sentimentos, pensamentos. Quando em desarmonia, já são a própria doença...

Precisamos cultivar a calma mental, e procurar sempre que possível, e o mais que possível, relaxar fisicamente. Uma mente calma é uma mente em harmonia interior. É uma mente que não gera tensões no corpo. Toda tensão nasce na mente, e dela "desce" para o corpo, em processo de somatização. E a maioria das doenças modernas são no fundo doenças psicossomáticas. Ou seja, nossa mente gera a maior parte das nossas doenças. Educados mentalmente, relaxados mentalmente, tranquilos, em paz interior, não teremos esse tipo de doença, psicossomática. E fica mais fácil fechar as portas de entrada das doenças que vêm pela via alimentar.

Cuidar da alimentação, cuidar da postura e fazer exercícios físicos é muito mais fácil do que manter a mente em paz, calma, tranqüila. É muito mais fácil fazer dieta do que conhecer-se interiormente e auto-transformar-se. Não é fácil dominar a si mesmo. Esse processo leva tempo, requer esforço e força de vontade. Mas o resultado, uma vez

alcançado, é compensador. A paz interior é a maior conquista que um Espírito, encarnado ou não pode desejar. É a porta de entrada para a felicidade...

A verdadeira cura é a autocura. As outras pessoas são apenas suporte, e nos dão força, nos auxiliam. Mas a cura verdadeira e profunda é interior, é pessoal, é do Espírito, e isso ninguém pode nos dar. Há doenças que a ciência cura com bolinhas de comprimido. Mas essas são doenças bobas, como uma dor de barriga. Mas as doenças mais complicadas, só a transformação interior é capaz de bloquear. Há inúmeros casos de cura de câncer, cura mesmo, profunda, porque o doente se curou. *Doente é o Espírito. Não há doenças, mas doentes.* Precisamos compreender profundamente este fato, para podermos partir em busca de nossa cura verdadeira. Há casos em que não há cura para a doença que se instalou, ou que já veio com o corpo, porque muitas vezes ela é o expurgo de energias deletérias impregnadas no corpo espiritual às vezes ao longo de muitas vidas. E nesse caso a doença é a própria profilaxia, a cura, a limpeza do que não nos faz bem. E tentar curar esse mal ou não aceita-lo é causar maiores sofrimentos. A revolta diante da doença só traz mais dor. Devemos buscar a compreensão, e a aceitação do que não podemos mudar. A resignação muitas vezes nos traz paz à alma...

Como vemos, o processo de doença, saúde e cura depende essencialmente da alma, de seus estados internos. Devemos por isso cuidar mais e dar mais atenção aos nossos pensamentos, emoções e sentimentos. Busquemos a pacificação interior, a pacificação da alma. Busquemos uma maior compreensão e um maior respeito pelo nosso instrumento de evolução neste plano de vida, o corpo de carne. Tratemos melhor esse veículo de manifestação da alma, alimentando-o de forma mais adequada, fazendo exercícios físicos, cuidando da postura. E tratemos melhor o nosso próximo, para que nossas relações sociais melhorem e evitemos conflitos que só nos trazem dor e sofrimento. Amar é sempre o melhor remédio para tudo, sem contra-indicação. Amemos a nós mesmos e aos outros, e sejamos saudáveis em todos os sentidos, e felizes. Vamos dar uma chance a nós mesmos.

Muita Paz.

## XIV

Há um assunto que anda me martirizando e martelando a cabeça há tempos, sobre o que desejo escrever agora: *educação*.

Quando ouvimos essa expressão nos lembramos ora da educação escolar, com o aprender a ler e escrever, aprender matemática, português, etc., e ora nos lembramos da educação doméstica. Não pretendo analisar a educação escolar, pois acho que não é a falta de escolas, de cadeiras e mesas, livros e professores que se constituem a fonte de minhas preocupações, e o cerne da questão que aqui pretendo abordar. Conheço gente que estudou em escolas brasileiras do mesmo nível de algumas europeias ou americanas e nem por isso são educadas.

Quero falar da educação doméstica e da educação para a vida em sociedade. Esta última é que é a questão mais importante para mim no momento.

Há muitos anos que venho me dando conta de que nós, brasileiros, somos um povo extremamente mal educado. E foi após fazer algumas viagens para fora do Brasil que tive a certeza disso.

Às vezes tenho a impressão de que vivo no meio de pessoas selvagens, principalmente quando estou no trânsito. Os motoristas brasileiros, e não sei por que os baianos em especial, não são preparados para dirigir em meio a outros veículos. Talvez se dirigissem sozinhos fossem até bons motoristas...

As pessoas em geral não têm noção do que seja o estado. Não falo do Estado da Bahia, Estado de São Paulo, etc., mas do estado de um modo geral, ente fictício, personalidade jurídica de direito público (interno ou externo).

Enquanto vivíamos em tribos pequenas, não existia o que denominamos de estado. Havia, sim, um chefe ou cacique, e em geral um conselho de anciãos (as pessoas mais experientes da aldeia). E eles resolviam ou tentavam resolver os problemas dos membros da tribo. Não havia patrimônio que não fosse individual, como cavalos, cabanas, arcos, etc. E as necessidades das pessoas eram poucas e simples.

À medida em que foram se aglomerando as pessoas, e as necessidades aumentavam e deixavam de ser meramente individuais, passando a ser coletivas, houve a necessidade de criação por ficção ideal do *estado de direito*. A Grécia antiga e também Roma viveram sob a égide do estado de direito, a primeira com as suas cidades-estado. Havia já a representação parlamentar entre gregos e romanos, com deputados e senadores. Tanto em Atenas como em Roma havia água encanada, termas e banhos públicos, principalmente em Roma, cidade extremamente avançada e civilizada para a sua época. E não eram os cidadãos que cuidavam das obras de construção dos aquedutos, banhos públicos e teatros. Era o estado. E este para funcionar e ter "vida" arrecadava impostos (espécie do gênero tributo). Não há estado de direito sem tributo, porque o patrimônio do estado se dissocia e se separa do patrimônio dos cidadãos.

Com a queda do Império Romano, e seu fracionamento, a Europa viveu razoável período de feudalismo, que o ilustre antropólogo brasileiro Darci Ribeiro, no seu livro *O Processo Civilizatório*, considerou um retrocesso. E concordo plenamente com ele, apesar de não ser autoridade no assunto, pois a minha área é o Direito, mas sou apaixonado pela História.

No período feudal a organização social não chegava aos pés, nem valia a sombra do que foram as civilizações grega e romana.

Mas foi após Montesquieu, filósofo político francês, com a sua célebre *separação dos poderes* quem deu início à moderna estrutura do estado de direito. Separavam-se, assim, os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, para viverem independentes e em harmonia. O Executivo cuidaria da administração em geral, da execução dos serviços públicos de um modo geral. O Legislativo cuidaria da elaboração das leis que regeriam a vida dos cidadãos e do estado. E o Judiciário julgaria os conflitos entre as pessoas e entre estas e o estado.

Hoje, passado tanto tempo da criação dessa estrutura, e sendo já razoavelmente velho o estado de direito entre nós, ainda vemos as pessoas ignorarem o que seja o estado. Há muita gente que não faz idéia mesmo do que seja isso. Muita gente não sabe qual a origem do patrimônio do estado. Muita gente não sabe o que são leis e qual o seu papel. E muita gente não sabe viver em comunidade dividindo o espaço com outras pessoas. Isso me envergonha, verdadeiramente.

Nem as escolas nem os pais normalmente ensinam aos seus filhos o que seja o estado de direito, quais os deveres do cidadão ( aqueles que vivem numa cidade), ou o respeito aos direitos dos outros que convivem na mesma cidade e no mesmo estado. Se isso não fosse verdade, o quadro social seria bem diferente. Por que as pessoas destroem os aparelhos telefônicos públicos (os orelhões)? Isso não é feito só pelos pobres e em favelas! Também nos bairros de classe média e nos bairros mais nobres isso acontece, o que demonstra que também os "bem nascidos" depredam o patrimônio público.

Por que os motoristas não respeitam os sinais de trânsito, das placas até a sinaleira (semáforo)? A todo instante, em todos os dias e o dia todo presencio a falta de educação dos nossos motoristas e o descaso em relação não só às leis (como o sinal vermelho) como também em relação aos direitos dos outros, como os pedestres. Assim como os motoristas têm o seu direito de transitar pelas ruas com seus carros, os pedestres têm direito de atravessar as ruas nas faixas de segurança. E como logicamente não se pode garantir que os dois direitos existam ao mesmo tempo e o tempo todo, é que a inteligência humana criou as sinaleiras, uma grande invenção. Dessa forma, fica assegurado aos motoristas trafegarem pelas ruas e aos pedestres atravessarem as ruas com segurança. Pelo menos essa é a idéia, e a lei. Mas infelizmente muitos selvagens ainda não conseguiram colocar isso na cabeça, não conseguem compreender uma coisa tão simples...

É triste para mim a todo instante conviver com a falta de educação de meus concidadãos. Ver motoristas levando crianças dentro do carro invadirem o sinal diante de

pedestres que esperam há tanto tempo pela sua vez, que custa a chegar. Que educação esses motoristas estão dando a seus filhos? A de que não devem respeitar os direitos dos outros?

Vejo todos os dias motoristas invadirem o sinal vermelho e colocarem em perigo a segurança de famílias que seguem em outros automóveis e passam pelo sinal que lhes permite avançar (verde). Isso é um absurdo, é uma tremenda falta de educação e de respeito com o próximo! E demonstra um desrespeito total em relação às leis.

Alguns ainda tentam se defender alegando que ninguém cumpre as leis e que o governo não age correto, ou usam outros argumentos. Mas nada disso justifica a nossa falta de educação e respeito às leis. Um erro não justifica outro!

Se queremos viver em sociedade, e viver bem, em segurança, sem conflitos, devemos começar a aprender a dividir o espaço comunitário, respeitando os direitos de todos, para ter o nosso também respeitado. Ninguém pode exigir respeito sem respeitar!

Quando estive na cidade de Munique, na Alemanha, em maio de 1994, o que mais me encantou e chamou a atenção foi o trânsito, talvez devido à diferença em relação ao Vietnã que é o nosso aqui no Brasil. Durante dois dias andei muito a pé em Munique, e não vi nenhum motorista buzinar, invadir sinal vermelho, correr dentro da cidade, fazer cara feia quando pedestre atravessa indevidamente a rua ( quando o sinal estava aberto para os carros), etc. Que educação! Confesso que senti uma certa inveja, mas não aquela inveja negativa, e sim aquela que nos faz sonhar em viver entre gente verdadeiramente *civilizada*.

Aqui, se o pedestre não correr, mesmo com o sinal verde para ele, passa um carro correndo e o leva para o "céu". Todos os dias no Brasil isso acontece, não é mesmo? Inclusive aí na sua cidade. Somos mal educados, precisamos reconhecer, se quisermos tentar nos educar. É como um alcoólatra. Enquanto não admite que o é, não pode ser ajudado e não deixará o vício. Ou um viciado em droga. A falta de educação também vicia, e para se libertar desse vício...não é fácil. Só admitindo que somos realmente mal educados iniciaremos nosso processo de mudança. E se você pensa que isso não tem nada a ver com a evolução espiritual, com a realização espiritual, coitado, você ainda está muito longe de compreender o que seja isso...

Se você não respeita o próximo nos seus direitos, mesmo nos menores e mais insignificantes, é sinal de que você ainda não reconhece Deus dentro dos outros, nem mesmo dentro de você próprio. Quem já encontrou Deus dentro de si, ama a si mesmo, e quem já reconhece Deus dentro do próximo, ama-o. E aí não há lugar para falta de respeito, nem desconsideração ao próximo, nem desrespeito às leis, que servem para regular a convivência social...

Uma outra coisa que me chama a atenção em especial em Salvador, e não vi isso em nenhum outro país, e no Brasil não há nada parecido, é a quantidade excessiva de quebra-molas colocados nas ruas dentro da cidade. Será que alguém já parou para pensar e analisar por que eles são colocados? A que se destinam? E há também os chamados redutores de velocidade. Isso implica em dizer que os motoristas dirigem em alta velocidade dentro da cidade, mesmo em zonas residenciais e escolares, de forma incompatível. E não possuem consciência dos riscos para os pedestres, e para si mesmos. E por isso o estado precisa interferir enchendo as ruas de quebra-molas, para que os motoristas sejam forçados a reduzir a velocidade para poder passar por eles sem danificar o seu carro. É o mesmo que dizer: *Atenção motorista, você está correndo muito e colocando em risco a vida dos outros, diminua a velocidade do veículo senão a mola do seu carro vai quebrar*. E não é só a mola,

mas também a suspensão e os amortecedores podem estragar se passarmos correndo pelos quebra-molas. Mas a existência dos quebra-molas não indicam apenas que os motoristas não têm consciência e educação. Indicam também que os pedestres não prestam atenção ao atravessar as ruas, que atravessam às vezes como as galinhas de fazenda, sem olhar para os lados. Tanto os motoristas quanto os pedestres são mal preparados e não são educados para conviverem pacificamente. Há uma guerra não declarada entre ambos, que faz mais vítimas fatais por ano no Brasil do que o total de soldados americanos mortos na guerra do Vietnã em dez anos ( que loucura!). Isso é estatística oficial!

O leitor já deve estar meio entediado de tanto eu falar de trânsito e falta de educação. Mas esse é o meu objetivo, chamar tanto a atenção das pessoas com esse procedimento que elas despertem (aqueles que ainda não despertaram) para essa questão. Me desculpem os educados.

Outra coisa errada que vejo nos motoristas é a distância que mantêm dos carros que vão na sua frente. Andam colados, o que provoca acidentes bobos por minuto, pelo menos na Cidade do Salvador. E quantos engarrafamentos nos prende por longos minutos, quando não por horas, apenas por causa de uma trombadinha entre dois veículos, tendo sempre um mal educado, displicente e imprudente a provocar o acidente e o engarrafamento. Deveriam levar sempre uma vaia de todos os que passam pelo local, para ver se se envergonham.

Mas a nossa falta de educação não fica só aí, no trânsito. Não sabemos fazer fila em mercados, bancos, cinema, etc. Nossas filas mais se parecem com uma lagarta, tortuosa. Alguns mais preguiçosos saem da fila e se sentam distante, e depois quando está perto de chegar a sua vez vêm para a fila de novo, provocando o protesto de outras pessoas que não a viram sair da fila. Muitos de nós temos o péssimo hábito de comprar o ingresso do cinema para pessoas conhecidas que chegaram depois, sem pegar fila e sem esperar, o que se constitui numa falta de respeito para com as outras pessoas que estavam há muito tempo na fila. Nem nos damos conta disso...não é mesmo?

Nos lugares aonde vamos, queremos sempre ser logo atendidos, e muitas vezes não observamos que há pessoas esperando há mais tempo. Não nos preocupamos muito com os outros...o que importa é o nosso bem-estar (assim pensam muitos egoístas).

Os padrões brasileiros não são muito chegados a respeitar os direitos de seus empregados. Claro que há exceções, e isso varia de região para região. Mas as estatísticas da Justiça do Trabalho demonstram essa realidade. E isso também está dentro da falta de respeito aos direitos dos outros. Mas também os empregados cada vez mais forjam reclamações trabalhistas para tentar tirar algo mais de seus ex-empregadores, mesmo quando nada mais há a ser pago. E isso também a estatística trabalhista demonstra. E contam os trabalhadores quase sempre com profissionais prontos a servirem a causa, não importando se justa e legítima ou não. E isso também demonstra falta de respeito aos direitos alheios, e muitas vezes desrespeito à própria justiça, que é forçada a investigar e julgar causas absurdas e injustas, tornando-se com isso morosa por acúmulo de processos.

Nos prédios de apartamento as pessoas não conseguem seguir as normas do condomínio, e estão sempre causando problemas umas às outras. Não colocam o carrinho de supermercado no lugar certo, largando-o no elevador ou no corredor; seguram a porta do elevador por longo tempo, tomam banho de piscina com bronzeador, criam animais mesmo onde é proibido pela convenção do condomínio, etc. A convenção de condomínio é a lei do condomínio, as regras de conduta dos moradores. Se desrespeitada, na verdade estaremos dizendo que não nos submetemos à lei, às normas de conduta, ao direito. E isso demonstra a nossa falta de educação para viver em comunidade, em sociedade.

São tantas e variadas as demonstrações de falta de educação de nosso povo que dava para escrever um livro só com isso.

Quando estive em Zurique, na Suíça, chamou-me a atenção a limpeza das ruas, além também do trânsito tranquilo e bondes novos e bonitos, todos pintados e conservados. Mas uma coisa negativa também me chamou a atenção, as bagas de cigarro no chão, nas ruas e calçadas. São tantas que fiquei pensando na quantidade de pessoas que devem fumar naquela cidade. E pensei comigo mesmo: "fumante é mal educado no mundo todo". Até na Suíça eles conseguem emporcalhar as ruas e calçadas. E lá o que não falta é cesto de lixo nas calçadas, presos aos postes. Então a questão é educação mesmo. Não se vê em Zurique papel, lata ou outra coisa no chão, exceto as bagas de cigarro. Não fosse isso, eu teria dito que aquela é a cidade mais limpa que eu já conheci.

No Brasil, os fumantes colocam as cinzas na mão, em copos e xícaras, no chão, e em qualquer lugar, quando não encontram um cinzeiro. E muitos, os piores, e mais mal educados, jogam cinzas e bagas no chão mesmo nos locais onde há um lugar próprio para isso. Às vezes do lado, ou a um metro de distância. É mesmo questão de educação que não temos.

Não fomos educados para respeitar os mais velhos, as autoridades, as mulheres grávidas, os chefes e superiores hierárquicos, etc. Somos insubordinados por excelência, mal criados, resistimos à autoridade constituída, somos irreverentes em tudo e com todos. Se o Papa viesse morar no Brasil, como disse certa vez Chico Anísio em um show, nós o cumprimentaríamos dizendo "fala Santidade, garoto bom taí". Isso bem expressa o misto de bom humor e irreverência extrema dos brasileiros. E a falta de respeito com tudo e com todos. Se eu não gostasse tanto do Brasil, já o teria deixado, pois tem horas em que não aguento tanta falta de educação.

As escolas não nos ensinam a respeitar a coisa pública, nem nos dão noção de estado. Não nos educam de forma eficiente para a vida de sociedade. E também a família parece estar cada vez mais deixando esse papel de lado. Do contrário não conviveríamos com tanta falta de educação. A não ser que nós, Espíritos aqui encarnados sejamos tão ruins e atrasados que não absorvamos a educação que tentam nos transmitir. Isso também acontece...

Hoje a grande preocupação, quando se fala e defende a qualidade do ensino, é com a estrutura material (salas e equipamentos), formação dos professores e sua remuneração, e o que é transmitido. Mas o que se passa é História, Português, Matemática, Física, Química, etc., e não há muito espaço para explicação do que seja o estado, nem sobre o respeito às autoridades ou o cuidado com o patrimônio público, que é de todos. Hoje parece que as pessoas encaram as coisas públicas como coisas que não pertencem a ninguém, quando isso é uma grande distorção. A coisa pública pertence ao estado, que é mantido com as contribuições (tributos) de todos. Todos são responsáveis pelo patrimônio público, mas ninguém pode levar os bens públicos para casa, pois não pertencem individualmente a ninguém.

Quantos casos conhecemos de desaparecimento de bens públicos, de desvio de material, e de verbas, de corrupção, de peculato, de abandono de bens públicos, etc. Isso acontece no mundo todo, mas principalmente no terceiro mundo, e onde a imprensa não tem ainda liberdade de manifestação para denunciar. Há mais corrupção no interior do que nas capitais, por causa da fiscalização mais, ou menos, atuante. E no Brasil a punição ainda passa longe de ser motivo inibidor dos crimes contra a coisa pública, como em tudo em geral. Ainda somos o país da impunidade...mas devagar a coisa está mudando...

É preciso que tomemos consciência dessa realidade: *somos um povo sem educação*. Sem isso, nada mudaremos. E tomada essa consciência, ou aceita essa verdade, comecemos a nos transformar, cada um de nós, individualmente, sem esperar pelo vizinho do lado. Não adianta dizermos que só mudaremos se todos mudarem, porque não haverá mudança brusca e radical em todos ao mesmo tempo. Poderá, sim, haver a sua mudança, a minha, a daquele outro ali, e assim por diante. Se cada um se preocupar em mudar, tornando-se mais educado, as coisas vão realmente mudar.

Tenho há algum tempo feito uma experiência. Mesmo de manhã cedo, quando há poucas pessoas e poucos carros na rua, e o sinal de trânsito fica vermelho, não havendo mais ninguém por ali, paro e espero o sinal abrir. Às vezes vem um outro carro e passa correndo pelo meu lado. Mas de vez em quando um pára do meu lado, o motorista olha para mim, e tenho a impressão de que ele está se perguntando "de onde saiu esse ET?". De manhã cedo, sozinho na rua, parado no sinal, só pode ser maluco, devem pensar. Mas não me importo, estou me educando, exercitando minha paciência e respeito à lei mesmo onde não haja fiscalização. Começo a me sentir no primeiro mundo, mesmo vivendo no terceiro. E se nós não pensarmos assim, jamais deixaremos essa classificação de terceiro mundo para trás. Será que não temos vergonha disso? Será que teremos um dia?

Nós somos aquilo que acreditamos ser. Se pensarmos que somos educados e pertencemos ao primeiro mundo, não demorará a mudarmos a face do Brasil. Mas para isso é preciso mudar a nossa face primeiro, é preciso nos auto-educarmos para vivermos de acordo com a realidade de um país de primeiro mundo. Não é só questão de riqueza, mas é sobretudo questão de educação e consciência comunitária. Em Munique os trens do metrô não são pichados, nem têm as poltronas rasgadas ou riscadas, e lá há muitos jovens. O mesmo já não posso dizer da Itália, que se parece muito com o Brasil em termos de educação.

Em Paris o metrô não permite que as pessoas passem sem pagar, pois há um verdadeiro curral cercado, contra a fraude, além de fiscais que aplicam multas altíssimas a quem pular as roletas, como tive oportunidade de presenciar. Em Roma o metrô possui passagem sem roleta, o que permite que alguém passe sem pagar, e há alguns fiscais, mas não tanto quanto em Paris. E em Munique não há roletas no metrô, nem fiscais, pelo menos não vi nada disso enquanto estive lá, em 1994. É uma questão de educação e conscientização. Os alemães são educados. E também os suíços. Pelo menos muito mais do que nós. E nós, onde ficamos? Quando é que poderemos dizer que somos um povo educado, fino, consciente?

Epicuro de Samos, filósofo grego nascido em 341 a.c., e que fez escola em Atenas, deixou escrito que *o homem verdadeiramente honesto sempre será honesto, mesmo quando e onde não haja ninguém para fiscaliza-lo*. Se você age corretamente porque há fiscal ou polícia por perto, e não quer ser flagrado no erro, você não estará sabendo se é verdadeiramente honesto. Só quando se deparar com uma situação em que ninguém estiver olhando-o e você assim mesmo, por consciência e educação, fizer o correto, agir corretamente, como parar diante do sinal vermelho quando não há ninguém por perto, saberá que é honesto e respeita a lei.

Se você viaja em um ônibus e encontra uma carteira do seu lado, que alguém deixou cair, e você liga para o telefone que encontrou no seu interior (da carteira) e com isso devolve a carteira sem retirar um centavo do dinheiro que nela continha, você não é um besta, como hoje muitos dizem, você está sendo honesto sem fiscalização, e estará vivendo no primeiro mundo interior. Sinta orgulho disso, não vergonha, mas não um orgulho

negativo. Não espalhe o seu gesto, porque aí já entra a vaidade e o orgulho negativo, e o desejo de ser reconhecido como honesto. Porém, é importante que você seja sempre honesto, não tendo vergonha de agir corretamente na frente dos outros e de ser taxado de honesto como sinônimo de burro. O futuro vai mostrar quem está certo, se você, que está se esforçando para ser honesto ou aqueles que acham que ser honesto hoje é burrice. Não se preocupe com a opinião dos outros, principalmente nestas questões. Seja você mesmo, assuma a sua honestidade, e fale da honestidade a seus filhos, seus amigos e parentes. A seus subordinados, e também aos estranhos. Não tenha vergonha de pregar a honestidade, mas acima de tudo seja honesto, porque a melhor forma de ensinar é com o exemplo pessoal. Não tenha vergonha de ser honesto.

Nós brasileiros temos uma outra distorção, fruto da má educação para a vida: a relação dever e direito.

Nunca em toda a minha vida ouvi um empregado que começa em um novo emprego perguntar quais eram os seus deveres, as suas obrigações. Mas quantas vezes ouvi perguntar sobre seus direitos. Muitas empregadas domésticas quando começam em novo emprego chegam logo perguntando: *quais são os meus direitos?* Quero ver o dia em que perguntarão "*quais são os meus deveres, as minhas obrigações?*". A julgar pela nossa Constituição Federal, os cidadãos e em especial os trabalhadores só possuem direitos, pois que esse diploma legal não fala em obrigações de ambos. São os direitos dos cidadãos e os direitos dos trabalhadores. Por que não colocaram também os deveres dos cidadãos e os deveres dos trabalhadores? Ou não temos deveres, não temos obrigações? Isso também é fruto da nossa educação, ou deseducação, e da nossa cultura.

Precisamos passar por um processo de reeducação geral. Aprender sobre o estado e suas relações com o cidadão; sobre os direitos e deveres do cidadão em relação ao estado e em relação uns com os outros; sobre as leis, para que servem, qual a sua finalidade; o respeito às leis para que a sociedade tenha harmonia nas relações; o respeito aos direitos dos outros. Precisamos aprender sobre a importância da disciplina, palavra quase desconhecida entre os civis no Brasil. Os militares bem sabem o que é disciplina. Foi a disciplina que fez do Japão uma grande potência depois de ser arrasado no final da Segunda Guerra Mundial. O japonês é extremamente disciplinado, educado, responsável e consciente de seu dever. Nós não entendemos muito dessas coisas. Também o alemão com a disciplina refez o país após a guerra, e se tornou uma das maiores potências mundiais, sendo hoje um dos mais ricos países do mundo. Por que vários povos que tiveram seus países destruídos conseguem se reconstruir, se reerguer, e o Brasil não consegue nem se construir? Matéria prima nós temos, gente para trabalhar nós temos... mas não temos disciplina nem educação. Não temos patriotismo, nem orgulho de povo e nação, o que ajudou tanto a Alemanha quanto o Japão.

Somos esculhambados (desculpem-me o termo), irreverentes, festeiros em excesso, indisciplinados e insubordinados. Desse jeito, como vamos sair do terceiro mundo? Não acreditamos nos políticos, no governo, e cada um não faz a sua parte esperando que o governo desacreditado conserte as coisas erradas de quinhentos anos (desde o descobrimento). Não dá. Jamais sairemos da situação em que nos encontramos sem o esforço e o trabalho de todos. Sem educação e conscientização o Brasil não muda! E não serão as escolas que vão educar os nossos filhos e a nós mesmos, que já passamos pelos bancos das escolas. Precisamos nos auto-educar, para então educarmos nossos filhos, a próxima geração.

Eduquemo-nos.

Muita Paz.

## XV

Epicuro de Samos, filósofo grego a quem já me referi, pois lhe tenho grande admiração, dizia que “*o maior de todos os prazeres é a ausência de dor*”. Vivemos muitas vezes em busca de prazer, seja físico ou mental, sendo que prazeres temporários. Vivemos em busca de fortes emoções momentâneas, porque não sentimos prazer o tempo todo, e já não conseguimos sentir prazer nas pequenas coisas.

Quando tomamos antibiótico com frequência e sem necessidade, nosso organismo se acostuma com ele e em caso de necessidade real precisaremos tomar dose mais forte desse medicamento. Assim acontece também com o prazer. Se nos acostumamos a sentir prazer somente através de experiências "fortes", através de fortes emoções, deixamos de sentir prazer nas coisas pequenas e simples.

Hoje podemos dizer que estamos viciados em fortes emoções, sendo delas dependentes, como um toxicômano da droga ou um alcoólatra do álcool. Sentimos prazer assistindo a filmes fortes, de violência, como os policiais, os de guerra, de suspense e de terror; no sexo; nas comidas picantes e de forte sabor; na bebida alcoólica, nas drogas e no tabaco, etc. As coisas simples estão sendo deixadas de lado por nós.

Lembro-me de quando entrei numa fase de minha vida que chamei de *zen*. O zen é uma corrente do Budismo, por isso é chamado de Zen-Budismo. O zen não possui complicações filosóficas, doutrina, símbolos, rituais, nem nada que se pareça com as igrejas das várias religiões. Ser zen é simplesmente *viver o aqui e agora*. É comer quando se está com fome, beber quando se está com sede, dormir quando se está com sono, etc. Mas nós fazemos isso, dirá você, talvez. Não, não fazemos normalmente. Na maioria das vezes, quando estamos comendo, nossa mente está divagando sobre aquele problema ou assunto, e o que menos fazemos é estar consciente do ato de comer, que é tão simples, tão belo, tão maravilhoso. Quando bebemos água ou outra bebida qualquer estamos geralmente com a mente também ocupada com outras coisas. Quando nos deitamos para dormir muitas vezes temos até insônia, porque a mente está cheia de preocupações, e ocupações, e não consegue relaxar. Em suma, não estamos aqui agora, estamos em outro lugar e em outro tempo. Estamos no passado, presos a algum fato ou lugar, ou ainda a pessoas e relações que não mais existem, ou estamos no futuro, divagando, sonhando acordado, muitas vezes distantes e fugindo da realidade do presente.

O zen é viver intensamente cada momento, cada instante, o que se está fazendo agora, aqui, como se ele fosse o único momento, e na verdade ele é. Cada momento é único, porque o tempo nunca volta, o relógio não gira jamais ao contrário, e *cada oportunidade perdida no presente é simplesmente uma oportunidade perdida*. Cada momento não vivenciado porque nós estávamos distraídos, dispersos, pensativos, e com a mente longínqua, é um momento perdido. E deixamos a todo instante de sentir prazer nas coisas que passam por nós e sequer percebemos. Deixamos de ver a aranha tecendo a sua teia ou o fio por onde desce do telhado; perdemos o vôo do urubu que plana alto no céu; não vemos o vôo da gaivota que mergulha no mar para pegar um peixe; não vemos o gato que toma o seu banho de língua matinal ao sol; perdemos o canto dos pássaros que tentam nos despertar próximo à nossa janela; perdemos o sorriso ingênuo e puro de nossos filhos em suas

brincadeiras e traquinagens; perdemos o vai-e-vem das formigas na cozinha para levar o açúcar da lata; perdemos o pôr do sol todos os dias, e também o nascer, etc., etc., etc...

Nossa vida anda tão limitada...você não acha? De casa para o trabalho, do trabalho para casa, pegar as crianças no colégio, visitar os pais, ir ao cinema de vez em quando, ao teatro, à praia, etc. É sempre a mesma coisa, a mesma "mesmice". Caímos na rotina, apesar de tanto termos dito para nós mesmos que não deixaríamos isso acontecer. E então passamos a sofrer com a rotina. Mas se nós começarmos a ver as coisas que fazemos de forma diferente a rotina desaparecerá. Tudo depende de nossa ótica, ou melhor, de nossa mente.

O simples e chato ato de lavar louças pode se transformar num ato agradável e prazeroso, acreditem. Isso já aconteceu comigo. Hoje lavo louças numa boa. Não mais me aborrece, e curto passar o sabão em cada peça e depois enxaguar. É como um ritual. Mas você só consegue fazer isso se sua mente estiver tranqüila. Se você estiver agitado, nervoso, e ficar pensando nos problemas não dará certo. E se você já colocar de antemão na mente que isso (lavar louças) é chato, é um porre, então será doloroso o ato realmente. Se você partir para ele com bons olhos, procurando esvaziar a mente e ver o ato puro e simples, observar cada detalhe sem julgar, se entregar ao ato, verá então que até um ato de lavar louças pode ser um momento de intenso prazer.

O mesmo pode se dar com o banho. Curta ficar debaixo do chuveiro, curta passar o sabão em todas as partes do seu corpo, e depois se enxaguar com calma. Relaxe, não pense em nada a não ser no banho em si mesmo. Esse é o segredo, viver aquilo que você está fazendo agora, nesse momento, sem fugir mentalmente para outro lugar ou tempo. Enquanto dirige seu carro, curta o caminho, curta passar as marchas, curta estacionar, curta a música que toca no rádio, não se importe com o trânsito ou o engarrafamento, e não se irrite com nada. Relaxe e viva aquele momento único. Verá que o ato de dirigir pode também ser prazeroso, e a ida para o trabalho já não será mais uma tortura.

Curta seus filhos enquanto eles estão perto de você, porque você não sabe por quanto tempo eles ficarão aqui ao seu lado. O mesmo serve para seus pais, irmãos, esposas ou esposos, amigos, colegas de trabalho...amanhã talvez você fique sabendo que um deles partiu para o outro mundo, e quem sabe quando haverá o reencontro? Se você ainda possui inimigos, trate de trazê-los para perto de si. Sei que isso é difícil, mas se não for agora, vocês vão com certeza se encontrar em outro momento e em outra situação, talvez pior, para a reconciliação. Deus não permite o ódio eterno, nem a inimizade sem fim. Todos vamos nos amar um dia. E quanto mais cedo isso se der, melhor para nós e para os outros.

Tomar um sorvete pode ser um dos atos mais prazerosos da vida, se você gosta, logicamente, ou tomar um suco de uma fruta, ou comer um doce de leite, um pudim de leite moça, um pavê...hum, que delícia...são tantas as fontes de prazer que a vida nos oferece, a cada instante, a cada momento, e não nos damos conta. Ficamos buscando as "fortes emoções", através da embriaguez, das drogas, do cigarro, do sexo...o sexo é maravilhoso, e divino, mas é passageiro, rápido, e muitas vezes dura menos do que uma sessão de cinema na qual assistimos a um bom filme.

Viver voando atrás do sexo, pousando de cama em cama, trocando de parceiro a cada vez, na busca insana de prazer constante e intenso jamais irá nos preencher o vazio interior que sentimos. *Quando a alma se sente vazia, nada exterior é capaz de preenchê-la. Somente a sua pacificação interior, mental, lhe dará o prazer perene, independente.*

Quando estamos em paz interiormente, nossas relações com os outros tendem também a se pacificar e a melhorar. E quando deixamos de buscar os prazeres "fortes" e momentâneos, aprendendo a "ver" as coisas ao nosso redor de uma outra forma, aí sim,

passamos a sentir prazer a todo instante, nas pequenas coisas, nas coisas simples da vida, como uma flor no nosso jardim, ou do nosso prédio, que nunca havíamos reparado; numa água-viva boiando nas águas do mar; num camaleão balançando a cabeça no tronco do coqueiro; no gato que se esfrega em suas pernas em busca de carinho, em comer pipoca assistindo a sessão da tarde, em tomar chá com amigos batendo um bom papo, em comer pizza com a família, etc.

A vida é plena de coisas belas, à espera de que nós as descubramos. Abramos os nossos olhos e relaxemos a nossa mente, para podermos curtir melhor o nosso mundo. Veja a simetria dos traçados numa concha do mar, estando as praias cheias delas. Obra do acaso? E a simetria de desenhos e cores dos pássaros, dos insetos, dos répteis e outros seres? Acaso? Não há em tudo inteligência e arte? Veja os processos de reprodução no reino animal. Quanta perfeição e engenhosidade. Não há aí inteligência e engenharia? A vida em nosso planeta é por demais rica e variada. As possibilidades de prazer visual são infinitas. As possibilidades de prazer nos estudos e pesquisas de tudo o que existe no universo pode preencher nossas vidas. E os estudos das coisas do Espírito? Quanto prazer...

Nós vivemos há milênios atrás de Deus, em busca de compreensão do que nós somos. Procuramos durante tanto tempo longe de nós o que sempre esteve tão perto. Sempre procuramos Deus no céu, no alto, fora da terra, ou acima dela, como se Ele não estivesse aqui. Na verdade Deus está dentro de nós. E numa compreensão ainda mais profunda, por experiência interior, por vivência espiritual, Deus e nós somos uma só coisa. É o que Jesus queria dizer com "Eu e o Pai somos Um". E com "Vós sois Deus". Não só ele, Jesus, era Deus, ou seu filho, mas todos nós, todos os seres do universo, somos Deus. Somos expressões de Deus. Somos manifestações de Deus. Ele vive através de cada um de nós. Em nós sofre e ri, chora e sente prazer. Não há separação real entre nós e Deus, mas apenas ilusória. Era isso o que dizia Buda e muitos outros místicos e religiosos orientais. Os ocidentais sempre tiveram uma tendência dualista de separar Deus dos homens, de dividir as coisas em santas e profanas, Espírito e matéria, céu e inferno, etc., quando na verdade tudo é Um.

Espírito e matéria são na sua essência a mesma coisa. Mundo material e mundo espiritual não são coisas separadas, mas apenas estágios de condensação de energia, que como intermediária entre a matéria e o Espírito também possui a mesma essência dos dois. Tudo é Um.

Estamos na nossa fase evolutiva atual em busca do que chamamos de espiritualização. Estamos em busca de espiritualidade. E nessa busca muitas vezes passamos de um polo a outro, deixando de valorizar apenas o corpo e a matéria para valorizar apenas o Espírito e as coisas espirituais, como se elas fossem coisas separadas. Deixamos de dar valor a muitas coisas da matéria pensando que assim vamos crescer mais espiritualmente, o que é um engano. Somos essencialmente Espírito, Deus, Consciência Cósmica. E estamos experimentando este plano de vida de forma intensa e total. *A matéria é importante para o despertar da consciência.*

*Nada existe no universo que não seja divino, que não seja expressão e manifestação de Deus. Portanto, não há nada diabólico. Nada foi criado pelo que chamam de Diabo, Lúcifer, etc. E mesmo que ele exista, é também expressão e manifestação de Deus. Se assim não fosse, estaríamos admitindo que algo não foi criado por Deus, o que seria um absurdo filosófico e teológico.*

Tudo o que existe no Cosmos é divino, tudo é Deus. Dessa forma, Deus está na comida que você come (verduras, frutas, carne e tudo o mais), no ar que você respira,

mesmo que poluído, em cada célula do seu corpo, mesmo as doentes, na energia que você absorve, no seu pensamento, mesmo no mais desequilibrado, na sua criação, na sua lágrima e no seu sorriso, porque Deus é tudo, e está em tudo.

Deus "abre janelas" para o Seu universo através de cada ser, e todos os seres são conscientes, porque expressão da Consciência Cósmica que é Deus. Todos somos Deus em verdade, em *realidade*. E descobrir essa verdade é o que os místicos antigos do oriente chamavam de *Realização*. Ver a realidade, vivenciar a realidade, tornar-se Real, descobrir que é de fato Deus, que é o Real. Inicialmente nos esforçamos para compreender intelectualmente essa verdade, e depois, mais amadurecidos espiritualmente, vivenciamos essa Realidade, através de experiência interior, chamada antigamente de experiência *mística*.

Através da meditação transcendental ( da verdadeira ), o ego se despe de seus atributos ou roupas que vestiu ao longo da caminhada evolutiva até aquele ponto para poder ter um "encontro com Deus", que no fundo, na verdade, em Realidade, é um encontro consigo mesmo. O ego, o ser individualizado, ou Espírito, sai momentaneamente do sonho em que se encontra e "vê" a Realidade, o que é, o que ele mesmo é. Descobre-se Deus. E a partir daí, o Espírito nunca mais é o mesmo, ainda que enredado na matéria, nas energias densas. O Espírito não tem mais ilusão. Não há mais separação para ele, nem divisão. Passa a sentir a presença de Deus em tudo. Das formigas carregando folhas até a cobra que abocanha o sapo. Sente Deus na aranha que pega a mosca como no leão que mata o veado indefeso. Sente Deus nos homens, mesmo nos mais imperfeitos e violentos. Compreende a ignorância humana como a animal, e passa a achar tudo natural e divino.

Uma vez estava ouvindo a música The long and wind road, dos Beatles, deitado no chão do meu gabinete, olhando para o céu azul através da janela quando vi um urubu voando graciosamente, planando, na maior curtição, no maior deleite, no maior prazer, pois não estava caçando nem rondando carniça. Estava muito alto. E senti a presença divina nele. O que eu "vi", o que eu senti, foi Deus planando nas azas daquele urubu. Pode parecer loucura, se você ainda não consegue compreender intelectualmente o que estou a narrar neste capítulo, e se ainda não vivenciou a Unidade com Deus, o Um-com-Deus. Mas foi o que senti, de verdade.

Quando olho para uma planta, o que vejo é Deus manifestado, se divertindo, curtindo aquele tipo de vida e consciência. Quando olho para um inseto, como um papa-moscas ou uma formiga, o que vejo é Deus andando e caçando, ou carregando folhas para o seu formigueiro. Quando olho para um homem, o que vejo é Deus vivendo e buscando atualmente a si mesmo, meio perdido inicialmente, mas depois mais consciente, até que finalmente desperta de seu sonho e sai da ilusão em que se encontrou durante milhões de anos, até chegar no homem realizado.

O que chamamos de *iluminação* não é nada mais do que a *Realização* já analisada. Iluminação vem de luz, e luz lembra claridade. Iluminação significa *ver claramente*, ou seja, *ver as coisas como elas são de fato*, sem ilusões. A Realização é o ato de se ver como se é no Real, ou seja, enxergar-se Deus em sua plenitude. E a iluminação é ver claramente o que se é e as coisas como elas são. Portanto, as duas coisas são iguais.

O que temos buscado desde o início da evolução é ter consciência do que somos de fato. Todas as experiências por nós vividas nos levaram a desenvolver a nossa inteligência, o nosso intelecto, ao ponto de podermos compreender a nós mesmos e ao nosso universo, que não é coisa distinta de nós. Inteligentes, racionais, os seres começam um a um a se descobrir Deus em Verdade, em Realidade...se iluminam...

Não há inferno eterno. Há, sim, inferno mental durante a fase de ignorância do ser, que convive com a dor e o sofrimento. E a dor serve como fermento para a evolução e o crescimento espiritual. Mas essencialmente *somos seres de luz, fadados à felicidade, inexoravelmente...*

Busquemos sentir a presença de Deus em tudo que nos cerca, das pedras à barata. Tudo é divino, repito. Nada foge às leis de Deus, nem se desvia realmente do caminho que leva todos os seres do universo à reunião mental/espiritual com Ele. *O que chamamos de individualidade nunca mais vai ser destruído, mas estará sempre alongando sua visão e compreensão, e sua consciência estará cada vez mais ampliada.* Se sentirá cada vez mais Deus, e será cada vez mais humilde, e trabalhará cada vez mais para a felicidade dos irmãos mais novos em início de caminhada, enredados ainda na ilusão de separação.

Somos Deus sonhando que é individualidade separada e independente dos outros seres. Somos apenas, e na verdade, Deus...

Somos Um só, você, eu, e todos os demais seres do universo. Se você entrar bem no fundo de você mesmo, calando seus pensamentos, despindo-se dos atributos e agregados do ego, verá que em Realidade você é o que eu sou, o que o seu vizinho é, o que a barata que come o seu açúcar é, o que a cobra que o assusta é, o que o marginal que matou uma pessoa hoje é, e todos os seres são. Somos Ele, somos Deus, somos Um. É a Unidade Essencial e Intrínseca da Vida, na multiplicidade apenas aparente das formas. É a ilusão que nos faz ver a separação, que nos divide, e que nos faz odiar o diferente. Mas será a força do amor que nos unirá novamente, mostrando-nos com clareza que somos Um só, uma Unidade.

Vivencie essa Unidade e tente perceber Deus em tudo o que está ao seu redor, mesmo que intelectualmente no início. Assim, você estará se preparando para o momento crucial e mais importante dessa etapa e ciclo de evolução na Terra, que é o encontro interno com Deus, consigo mesmo, transcendendo o ego iludido e "limitado". A experiência mística de que falamos somente deve acontecer depois que o intelecto explorou toda a sua potencialidade. Do contrário, depois da experiência de Unidade com Deus, o ego não saberá o que aconteceu. Pensará racionalmente que morreu, que deixou de existir por algum tempo, mas não compreenderá verdadeiramente o que lhe ocorreu. Isso aconteceu comigo.

Viva a vida intensamente, cada minuto, como se ela fosse acabar no momento seguinte, mas isso não quer dizer que você deva "se acabar" nem abusar de nada. Ame todos os seres, tentando cada vez mais exercitar o desapego pelas coisas e pelas pessoas, o que não implica em desamor. Quebre as amarras dos seus preconceitos, se ainda os tem. Liberte-se do passado e de todo o medo. Seja mais compreensivo e mais tolerante. Seja mais doce e gentil com os outros. Perdoe sempre, para não se ver preso a pessoas durante séculos nem milênios, o que somente lhe causará sofrimento. Tenha mais paciência. Acalme-se interiormente, e conquiste a paz de espírito. Seja feliz e ajude os outros também a serem felizes. Se não pode ajudar, não atrapalhe a felicidade alheia. Não persiga nem se vingue. Não mate nem morra por amor, pois isso demonstraria que era apenas paixão o que você sentia. *Deixe Deus se manifestar mais livremente por você, pois isso é tudo o que Ele quer...*

Seja feliz, seja luz no mundo, seja paz e seja amor...

Muita Paz.

## XVI

Uma das maiores causas do horror que as pessoas têm pela morte é a ideia de que após ela não mais existirão, e de que não mais verão os entes queridos. Mas nem uma coisa nem outra é verdadeira. Tanto continuamos vivos após a morte do corpo como também normalmente reencontramos nossos parentes e amigos. Mas isso depende essencialmente do nosso estado de equilíbrio após a morte, e a vontade, por afinidade, de ver os parentes e amigos que partiram antes de nós.

Quero, neste capítulo, relatar alguns encontros que tive, no plano espiritual, com parentes e amigos que desencarnaram a partir 1972, tendo durante vários anos encontrado todos aqueles que desencarnavam e que eu queria ver do outro lado da vida, nos bastidores da vida.

Não vou mais narrar a saída do corpo em detalhes, porque isto seria repetitivo demais, e porque o leitor já deve estar cansado disso. Partirei já do encontro em si, que é o mais importante e interessante no momento.

Em ano que não mais me recordo, entre 1978 e 1982, aproximadamente, estive em uma cidade no plano espiritual, ou astral, como queiram, e me lembro de ter entrado em uma escola, adentrando uma determinada sala de aulas. Entrei por uma porta nos fundos, sem ser visto pelos alunos, todos crianças. Sentei-me em uma cadeira no fundo da sala, estando a professora a desenhar uma pessoa no quadro. Assim que ela terminou, virou-se para os alunos. Me viu no fundo e sorriu, tendo eu também sorrido e feito discreto aceno com uma das mãos. Era minha avó paterna, que desencarnara em 1972. Ela era professora na Terra, no plano físico, e pelo visto continuou na mesma atividade do outro lado, pois com certeza gostava do que fazia, e gostava de crianças. Meu pai diz que ela era uma santa. E de fato nunca soube de nenhum ato que desabonasse a sua conduta. Era calma, meiga, estava sempre brincando e sorrindo...essa era a imagem que guardava dela. Agora, no mundo dos Espíritos desencarnados, eu a via jovem, ereta, de cabelos pretos e pele lisa, completamente diferente de como ela era antes de desencarnar, na época com mais de setenta anos.

Não pudemos conversar naquele momento, pois ela estava dando aula. Apenas fiquei algum tempo ali, sentado, matando a saudade de tantos anos. E refletindo acerca da mudança das formas externas, ou seja, da aparência do corpo espiritual (perispírito ou corpo astral). Percebi, e confirmei, que nós podemos alterar a nossa forma perispiritual após a morte. Quem desencarna velho não precisa ficar velho para sempre. Pode rejuvenescer, passando a se apresentar, e mais do que isso, a se sentir jovem. Tudo é questão de cabeça, pensamento, sentimento interno acerca de si mesmo. A mente comanda tudo, e o corpo espiritual é muito mais flexível do que o físico, para as alterações da forma. O Espírito desencarnado pode fazer verdadeira plástica em seu corpo e rosto, muito mais ampla do que no plano físico, apenas com a sua mudança interior, psicológica.

Após algum tempo de deleite diante de minha avó Antonieta, despedi-me discretamente e saí da sala, indo para outro lugar na cidade.

Uma vez encontrei também meu avô materno, também estando ele mais jovem, de cabelos e bigode pretos. Mas não me recordo dos detalhes da conversa que tivemos. Minha lembrança é muito fraca desse encontro, exceto que ela foi muitíssimo real.

Certa vez, no início da década de oitenta, encontrei um amigo que desencarnou jovem em um acidente de automóvel. Eu havia levado um tempo dando aulas particulares a ele, em sua casa. Tinha ele dezessete anos quando partiu para os bastidores da vida, ou para o andar superior, como alguns chamam.

Lembro-me de ter chegado a uma cidade, tendo me dirigido a uma casa onde estava havendo uma festa de jovens. Aproximei-me da festa, havendo muitos jovens, dançando ao embalo de música que tocava. Mais uma surpresa na época. Espíritos desencarnados dançando, e ouvindo música...mas por que não?

Márcio me viu, saiu do meio da garotada, ou da galera, como gostava de chamar, e veio ao meu encontro. Sentamos num batente próximo ao local de dança. E então lhe perguntei:

--- Márcio, qual foi a primeira percepção que você teve quando despertou do lado de cá?

Eu tinha essa curiosidade acerca do que percebíamos primeiro após a morte, e aquele era o primeiro encontro com Márcio, que desencarnara despreparado e há pouco tempo. Mas ele não gostou da conversa, e tratou de cortar o papo.

--- Não me fale disso! Eu não quero falar sobre isso!

Percebi então que Márcio ainda não estava preparado para falar de sua própria morte, mesmo estando consciente de que havia morrido, desencarnado.

Nem todos se preparam para a vida, e poucos se preparam para a morte. Esta, na maioria das vezes, pega as pessoas de surpresa, desprevenidas, e sem que estejam com as malas prontas. E aí, do lado de lá, há mais sofrimento, por falta de adaptação rápida ao novo tipo de vida, e por sentirem falta das coisas da Terra. O apego à família e aos amigos, às coisas materiais, tudo isso prende o Espírito à Terra, e faz sentir saudades. Márcio ainda não estava, naquela época, preparado para falar de sua morte. Estava no estado de não aceitação, de certa forma ainda revoltado com o fato de ter de ficar longe da família e dos amigos, e de coisas que gostava e ali não podia fazer. Mas o nosso encontro serviu para me mostrar que a vida não muda tão repentinamente com a morte. Ainda havia dança, festa, música e diversão. Isso era animador para mim e para aqueles que gostam dessas coisas. Começava a adentrar em maiores detalhes a vida do lado de lá. Antes somente me preocupava com os aspectos filosóficos e evolutivos, mas agora estava vendo a vida cotidiana dos Espíritos desencarnados.

Algumas outras vezes reencontrei Márcio, sempre e cada vez mais em melhores condições psicológicas e emocionais. Com o tempo aceitou sua condição, e cresceu muito. Hoje trabalha no plano espiritual. Já se comunicou várias vezes através de psicografia em centros espíritas, mandando mensagens para sua família, e inclusive uma vez mandou mensagem através de Chico Xavier, em Uberaba, quando lá estive sua mãe. Não resta dúvida que sobreviveu à morte corporal, e que vive em outro lugar maravilhoso.

Em uma outra vez, desencarnou em acidente de automóvel também um amigo meu, um sargento da polícia militar, Edmundo, com quem fiz muita farra regada a cerveja e tira-

gosto de mortadela, e joguei muita bola. Isso quando eu tinha entre dezesseis e dezessete anos.

Lembro-me de que no seu velório comecei a pensar que gostaria de me encontrar com ele no outro plano. E para minha surpresa e alegria, dali há apenas três dias estava entrando em um hospital em cidade do plano espiritual para ver Edmundo.

Falei com um médico e ele me dirigiu até junto do leito onde Edmundo estava dormindo, exatamente como fazemos aqui na Terra. Aparentemente o hospital não tinha nada de diferente ou estranho se tomado como parâmetro um hospital terreno. Edmundo estava em uma cama branca, coberto por lençol branco. Seus olhos estavam fechados. Fiquei ali um tempo, observando-o. Aproveitei para orar a Deus por ele. De repente, para minha surpresa, Edmundo abriu os olhos. Eu estava só no quarto, pois o médico havia saído para ver outro paciente. Senti um certo desconforto, e insegurança. O que faria? Edmundo abriu os olhos, olhando inicialmente para o teto, e depois me viu ao pé da cama, dizendo com um discreto sorriso de surpresa nos lábios:

--- Betão, o que aconteceu? Onde é que eu estou?

--- Fique tranquilo, Edmundo. Você está bem. Sofreu um acidente e está num hospital. Está sendo bem cuidado.

--- Sinto dores no corpo todo. --- disse Edmundo.

--- Isso vai passar logo, não se preocupe. Você vai ficar bem. --- disse-lhe tentando acalma-lo.

--- Não me lembro direito do que aconteceu. Apenas que íamos bater. Depois não lembro mais de nada.

--- Isso é normal, meu amigo. A mente cria mecanismos de defesa, fazendo-nos esquecer das coisas desagradáveis, dos acidentes, dos traumas e outras coisas.

--- Há quantos dias estou aqui?

--- Três.

--- E minha família já foi avisada?

--- Eles sabem que você sofreu acidente. Estão bem, dentro do possível num momento como esse.

--- E quando é que vou poder voltar para casa?

--- Assim que você estiver realmente bem.

--- Que hospital é esse, Betão?

--- Não sei o nome, mas ele fica na cidade chamada Nova Esperança.

--- Nunca ouvi falar nessa cidade, Betão. Não é na Bahia...

--- Sim e não, meu amigo. --- respondi meio sem jeito.

--- Como assim, Betão? --- perguntou Edmundo rindo.

--- É que ele fica nas imediações da Bahia, porém não no espaço físico.

--- Não entendi nada. --- disse Edmundo rindo.

--- É que existem várias dimensões no mesmo espaço físico...como é que eu posso explicar isso para você...

--- Eu não estou em uma estação espacial fora da Terra, ou em uma nave espacial de ET, estou? --- disse brincando Edmundo.

--- Não, não é bem isso. É que você não está na Terra, no plano físico, onde o carro bateu. Você foi trazido para outra dimensão no planeta.

--- Que papo é esse, Betão? Você andou bebendo?

--- Não, Edmundo. --- respondi também rindo, começando a achar engraçado a minha falta de jeito para dar a ele a notícia de que ele havia morrido, fisicamente.

--- Vamos deixar de sacanagem, Betão. Onde é que eu estou?

--- Num hospital que não é da Terra. Os médicos que aqui trabalham não são mais do plano onde você vivia.

--- Como assim? Eles estão mortos? --- perguntou Edmundo rindo novamente, sem entender a conversa.

--- Mais ou menos. Não possuem mais aquele corpo de carne, mas possuem um corpo parecido.

--- Que papo é esse, Betão? Então eu também não tenho mais o corpo de carne? E o que é isso aqui? --- Edmundo pegava em um braço com a outra mão, batendo nele para mostrar que ele era material, palpável.

--- É que esse corpo ainda tem algo de material também, e muito semelhante ao de carne que ficou na Terra.

--- De carne que ficou na Terra? Betão, deixa de sacanagem, esse corpo é o que sempre tive. Não há nenhuma diferença nele.

--- Edmundo, alguma vez você leu algo sobre a vida após a morte ou ouviu palestra em centro espírita?

--- Não, eu nunca acreditei nisso. Para mim a morte é o fim de tudo. Não existe essa coisa de vida além, alma do outro mundo nem nada do que falam nas igrejas. Pra mim, morreu acabou, Betão.

--- É por isso que está sendo tão difícil dizer para você que você morreu, mas nada acabou, Edmundo.

Edmundo riu das minhas palavras. Aquilo para ele não fazia o menor sentido. E isso acontece diariamente tanto nos centros espíritas como no plano espiritual. É o despreparo para a morte e a vida futura.

--- Eu morri? Betão, porque você resolveu me sacanear hoje?

--- Eu não estou te sacaneando não, meu amigo. É verdade. Você sofreu um grave acidente e seu corpo não reunia mais as condições de abrigá-lo, você Espírito.

--- E aqui estou eu, morto, num hospital. --- Edmundo não conseguiu conter a gargalhada.

--- É que as coisas não mudam muito após a morte, e muitas vezes elas se parecem tanto com as coisas da Terra que as pessoas não entendem que mudaram de mundo, ou de dimensão.

--- E você, Betão, também está morto?

--- Não. Meu corpo ficou na cama lá embaixo, na Terra, e eu vim vê-lo, utilizando esse corpo aqui, que é uma réplica do outro, igualzinho.

--- Conta outra Betão, que essa é demais. Você e eu estamos vivinhos.

--- O que é eu posso fazer para provar que é verdade o que digo?

Nesse momento adentrou o quarto um médico, acompanhado de um senhor moreno. Quando Edmundo viu o senhor de cabelos grisalhos não pôde conter a emoção, e disse quase chorando:

--- Vovô...mas o senhor já morreu há tantos anos...

--- Só para o plano material meu netinho. Continuo bem vivo aqui nesta dimensão. Como os irmãos que aqui trabalham neste hospital sentiram que teriam dificuldades de esclarece-lo em razão da sua descrença na vida após a morte, mandaram me chamar em outra cidade. A morte é sempre mais sofrida e traumática quando não aceitamos e não acreditamos na sobrevivência após ela. Não existe de fato morte como extinção do ser, meu filho. O que há é apenas a libertação do Espírito do escafandro de carne que é o corpo material. Livre dele, o Espírito ganha altura e vem para cá, para outra dimensão cheia de vida, continuar aprendendo e trabalhando. E a vida é infinita...

--- Quer dizer então que eu morri mesmo, vovô?

--- Não use mais essa expressão, pois você está aqui vivo e pensando, rindo e brincando. Isto por acaso é morte? Ou é vida? Comece a pensar que você mudou de país, para um lugar melhor, sem dor, sem guerra, sem ladrões, sem políticos como há na Terra, sendo muito melhor a vida aqui.

--- E minha mulher e meu filho?

--- Trarei eles aqui em breve, para vê-lo, o que dará a você e a eles imenso conforto.

--- Isso é possível, vovô?

--- Claro, seu amigo aqui não veio vê-lo? O Espírito deixa o corpo sempre que ele dorme, e muitos vêm para cá aprender e trabalhar, como seu amigo aqui. Mas nem todos se recordam, e nem sempre, não é mesmo Beto?

--- Sim, nem sempre me lembro para onde fui nem do que vi. Mas muitas vezes a lembrança é clara e nítida, tendo a certeza de que encontrei um amigo ou parente que já veio para cá definitivamente. Espero que me lembre deste momento.

--- Provavelmente se lembrará, pois é muito importante para o seu aprendizado, meu irmão. --- disse-me o médico presente, cujo nome não sei.

E a conversa ainda rolou por algum tempo. Depois me despedi de Edmundo e de seu avô, dizendo que já era hora de retornar ao corpo físico. E que retornaria outro dia para vê-lo e conversar mais. E então parti de volta à crosta terrestre.

É muito comum a utilização de parentes e amigos já desencarnados para receber e esclarecer os recém chegados do plano físico, porque sabendo a pessoa que aquele que ele vê já “morreu”, é mais fácil aceitar e entender o que aconteceu.

Enquanto escrevia esse encontro com Edmundo, no dia 02.06.96, por volta das 11:00 horas, recebi um telefonema da mãe de Márcio, a respeito de quem escrevi menos de uma

hora antes, contando também o encontro com ele na festa. Há meses que não nos falávamos. Foi genuinamente transmissão de pensamento, pois mal acabei de pensar nela e em seu filho no além e ela logo começou a tentar me localizar, tendo eu mudado de telefone.

## XVII

A reflexão acerca da morte anda me perseguindo. Na última quinta-feira (hoje é domingo - junho/96), fiquei sabendo que um velho amigo de adolescência estava muito doente, prestes a desencarnar. Não o via há muitos anos, pois ele morava no interior. Internou-se no hospital na quinta mesmo, onde fui vê-lo. Quando o vi, falei:

--- Há quanto tempo, não é?

--- Nossas peladas (babas, futebol)... --- disse ele com dificuldades.

Conversamos um pouco e fiquei de dar um jeito de levar uma amiga minha, que é médium de incorporação inconsciente, para que pudéssemos fazer uma consulta espiritual com um médico desencarnado. Consegui levar a médium na sexta-feira à tarde. Ela se concentrou, mas não chegou a incorporar, e começou a dizer algumas coisas a ele, muito mais no sentido de entrega e aceitação do que de cura física, o que ele esperava. Quando ela saiu comigo, conversamos e ela me disse que viu o cordão de prata de meu amigo com pouca luminosidade, e que ele não teria muito tempo de vida física. Disse que ele estava muito bem amparado e que estava sendo preparado para o desencarne.

No dia seguinte, sábado, cheguei no hospital às 10:30 e fiquei até às 14:00 horas. Logo de início pedi à sua mãe e esposa para conversar com ele reservadamente. Consentiram. Foi meia hora de conversa franca e aberta, talvez a mais difícil que já tive na vida. Meu intuito era o de preparar meu amigo para deixar o corpo físico, desencarnar, morrer...como é difícil...

Falei de minhas experiências de desdobramento, ou projeção astral, com visitas a cidades no outro mundo, visitas a parentes e amigos desencarnados. Queria apenas mostrar a ele que o que eu iria falar não era apenas repetição do que lera em livros e no que acreditava. Seria experiência real minha. Passei segurança em relação à continuidade da vida após a morte física, e a semelhança imediata entre um mundo e outro logo após a morte. Não há choque brusco por mudança radical de realidade. Disse que iria passar um tempo em hospital e que depois iria estudar e trabalhar, pois a morte não é aposentadoria eterna, o que seria terrível. Ele riu ante essa afirmação. Disse que o importante naquele momento era ele estar equilibrado, calmo, em paz, aceitando tudo, para que logo, muito rapidamente, estivesse em condições de vir visitar seus filhos e esposa, mãe e amigos, e que eles também iriam visita-lo onde estaria, quando saíssem do corpo durante a noite. Ele tranqüilizou-se e ao final da conversa me disse:

--- Estou pronto, estou bem. Chame minha esposa e minha mãe.

Tendo ficado no quarto eu, a mãe de meu amigo, sua esposa e tio, fiz oração com aplicação de passes na região do coração e cabeça, e comecei a chamar, pedindo, equipe de Espíritos para proceder ao desenlace, achando que o momento era propício, de equilíbrio, estando ele muito calmo e em atitude de total aceitação.

Após algum tempo, percebi que ele fechou os olhos e seu coração passou a bater mais rápido. Achei que havia chegado o momento. Estava em expectativa. Nunca alguém desencarnara na minha presença e enquanto eu auxiliava com passes magnéticos. De repente, para minha surpresa, ele abriu os olhos grandes que tinha e disse:

--- Eu vi um jardim florido, e muitas crianças, pretinhas e branquinhas, e vi minha avó Jarda (já desencarnada)...mas não pude entrar...não me deixaram entrar...por que Beto?

--- Talvez não tenha ainda chegado a hora. --- respondi.

--- Eu vi o plano Beto...me deram um tempo...me explique Beto...isso é possível?

--- É. --- respondi, meio sem saber o que dizer.

--- Veja isso para mim, Beto. Confirme isso.

--- Vou ver se consigo.

Depois, ele ficou calmo. Mas inicialmente queria retirar a tubulação de oxigênio do nariz, tendo sua esposa dito que ele não podia apressar as coisas, que deixasse acontecer naturalmente, pois a ninguém era dado o direito de apressar a própria morte, cometendo eutanásia.

Tranquilo, ficou alisando o peito, na região do coração, e descia a mão até a região abdominal. Assim eu o deixei às 14:00 horas, ficando de voltar mais tarde ou no dia seguinte pela manhã. Soube depois que por volta de 1:00 hora de domingo ele desencarnou tranquilo, calmo, como um passarinho, sem gemer, sem se desesperar...

Estava preparado para a morte, pois havia dois anos que teve revelação de que desencarnaria no tempo que realmente correu, mesmo fazendo tratamento. Teve tempo de se preparar, o que é um privilégio que poucos têm. Leu obras espíritas que abriram seus olhos espirituais, e frequentou com sua esposa centro espírita no interior, o que lhes deu certeza da imortalidade da alma, o que é essencial na preparação para a viagem de um mundo a outro, de forma definitiva...

A esposa de meu amigo permaneceu incrivelmente forte no hospital e no velório, ao lado de seus três filhos. O fato de terem abraçado a Doutrina Espírita teve papel crucial nesse processo de todos eles. Louvado seja Allan Kardec, que com seu trabalho hercúleo nos deixou obra que nos abre as vistas para o mundo dos espíritos e nos consola diante da morte dos entes queridos, além de poder nos servir de âncora na hora da morte corporal.

No velório e enterro foi que vi o quanto as pessoas não se preparam para essa separação momentânea, e não aceitam a morte inevitável de todos nós. Choro, desespero, revolta...muita emoção...

Pediram que eu falasse algo antes de descer o caixão, e fizesse uma prece, no que atendi, pois jamais me nego a esclarecer e a consolar, por mais difícil que me seja a missão incumbida...é uma questão de caridade, como dizem uns, ou de compaixão, como prefiro...sinto a dor do outro, e às vezes não consigo conter as lágrimas. Não choro jamais pelos que se vão, mas pela dor dos que ficam em desespero, desconsolados...

Na hora de fechar o caixão, prantos, súplicas, não queriam deixar colocar a tampa, pois queriam continuar a ver meu amigo...e me emocionei...os olhos se encheram de lágrimas...então saí, e pedi a Deus que me ajudasse a me manter equilibrado para poder falar aos que estavam em pior condição...e tudo terminou bem, apesar de ligeira emoção minha, que me fizeram os olhos encherem de lágrimas e a voz embargar rapidamente, porque a mãe de meu amigo estava falando direto, descontrolada, e aquilo me afetava o coração...me partia em dois, ou em muitos...mas consegui falar...dando um certo consolo, acredito...

Pela manhã, no mesmo domingo do enterro acima narrado, presenciei do alto de minha sacada, em meu apartamento, um rapaz que acabara de morrer atropelado na Avenida Antônio Carlos Magalhães ser colocado em viatura da Polícia Militar e ser levado. Um táxi

o pegou. Fiquei então pensando na violência do trânsito, e na vida frágil de todos nós. Um descuido e já estamos no outro mundo. E normalmente sem qualquer preparação prévia. É preciso pensarmos a respeito da morte, e da vida, como fases complementares da Vida do Espírito. Este é imortal, e ora está aqui deste lado, e logo em seguida está do outro lado. Não sabemos quanto tempo ficaremos aqui, nem quando e como partiremos, salvo raras exceções. Então é preciso aproveitarmos melhor a vida, não nos drogando com cigarro, álcool, ou outras drogas piores, mas agindo de forma melhor e mais responsável, pois a Lei de Causa e Efeito está aí para nos fazer colher conforme houvermos semeado...

Devemos aproveitar e curtir melhor nossos pais, filhos, esposos e esposas, e os amigos, pois não sabemos por quanto tempo estaremos juntos...talvez amanhã um deles tenha partido sem sequer ter se despedido, porque não teve tempo, e porque foi colhido de surpresa pela morte. Não leve remorso, nem desejo de vingança para o outro mundo...resolva tudo aqui, trabalhando seus desafetos enquanto está lado a lado com eles. Perdoe seus inimigos enquanto pode...ame mais...viva intensamente cada momento, como se ele fosse único, pois amanhã talvez ele não se repita, e você não mais esteja aqui para repeti-lo. O que se leva desta vida é a vida que se leva...

Algum tempo após a morte de meu avô paterno, tive lembrança agradável de ter levado vários parentes meus a seu encontro em colônia do plano espiritual. Ele estava em um quarto, sentado numa cama, quando cheguei com a família. Filhos deles (meus tios) e netos. Lembro-me de vários deles, que lá estavam. Tudo tão real. Aquele encontro serviu de consolo não só para meu avô, mas também para seus familiares. Pena que geralmente as pessoas nada lembram desses encontros, e quando se lembram é através de sonhos confusos, às vezes desconexos.

A vida depois da morte, para a maioria das pessoas aqui na Terra, é muito semelhante àquela que viviam quando “vivos”. Corpo semelhante, gostos, prazeres, trabalho, estudo, passeio, diversão, sorrisos e lágrimas, tudo a depender da condição evolutiva de cada um. Cada um de nós faz o seu amanhã, o seu destino. Moldamos nossa vida e nossas atividades. Voltamos ao plano físico para rever parentes e amigos, os ajudamos, às vezes atrapalhamos, por ignorância, e vivemos quase sempre em planos mais elevados que este, físico.

No próximo capítulo vou contar uma visita que fiz a colônia espiritual a fim de melhor estudar o perispírito, ou corpo espiritual, o que nos acompanha após o desligamento definitivo do corpo de carne.

## XVIII

Certo dia, no ano de 1996, planejei uma visita a uma colônia espiritual acompanhado de Jurimeira, um Espírito amigo, desencarnado, que trabalha em um grupo de estudos do qual faço parte. Jurimeira é um ser maravilhoso. Possui uma sabedoria muito grande, apesar de se apresentar como índio e falar meio errado, do ponto de vista de nossa língua. É muito simples, usa figuras de expressão muito acessíveis, a fim de transmitir o que sabe ao nosso grupo, e se tornou muito querido. Chama atenção quando necessário, e às vezes de forma veemente, mas está sempre nos dando bons conselhos e nos incentivando a crescer e marchar para a frente. Uma noite, marcado o encontro, Jurimeira esteve em minha casa e me ajudou a sair do corpo.

--- A paz esteja com você, meu irmão. --- disse-me ele ao me ver sair do corpo.

--- Assim seja. --- respondi.

--- Está pronto para seguir comigo a uma colônia próxima deste plano?

--- Sim, estou. E muito curioso, em relação às últimas informações que nos passou no grupo.

--- Vamos pegar o restante do grupo.

--- Certo. --- concordei.

E partimos de minha casa com destino à casa de Angela Pinto e Edson, seu esposo, sendo a primeira a líder do grupo, e depois para a casa de Jorge e Márcia, de Rita, de Rosa, de Rosinha, D. Nilza, a matriarca, Liliam, Daniel e Rina e por último Suely. Reunido todo o Grupo Luzes e Bênçãos, seguimos com Jurimeira para a tal colônia prometida.

Chegamos a um grande portão de entrada de uma cidade murada, onde após pedirmos permissão, entramos. Notamos as roupas das primeiras pessoas (Espíritos desencarnados) que encontramos na entrada, que eram praticamente iguais àquelas usadas no plano físico. Sapatos, calças, cinto, camisas de botão e outras coisas.

--- Aqui, por serem os Espíritos muito condicionados à vida no modelo terrestre, tudo se parece, e em alguns aspectos copia mesmo a vida que vocês levam lá. --- disse inicialmente Jurimeira, em suas primeiras observações da visita que se iniciava.

--- Em outras colônias que visitei em outros tempos não vi roupas no estilo terrestre ocidental, mas geralmente no estilo greco-romano, aqueles vestidos cumpridos. --- disse eu a Jurimeira e ao grupo.

--- Há uma variação muito grande entre a maneira de viver das diversas cidades do plano espiritual. --- disse Jurimeira. --- Geralmente as pessoas não são forçadas a viver de acordo com padrões que desconhecem, pois tudo é uma questão de evolução. Os Espíritos evoluídos respeitam muito as individualidades e o momento evolutivo de cada um.

Seguíamos observando, andando por uma rua comprida, ladeada de calçada e árvores. Havia gente indo em todas as direções. Jurimeira de repente resolveu pedir licença a uma pessoa que estava na porta de uma casa, para que pudéssemos entrar e conhecer uma casa naquele plano de vida. A pessoa consentiu com muita satisfação e demonstrou se alegrar mesmo com a nossa visita. Então entramos, primeiro Jurimeira, depois o restante do grupo.

Passamos pela porta, igual a que temos em nossas casas na Terra, parecendo ser inclusive de madeira, e passamos em seguida por uma ampla sala de estar. Havia quadros

nas paredes, vasos decorativos, sofás, cadeiras, tapete, tudo que normalmente vemos na Terra.

--- Como podem observar, --- disse Jurimeira --- aqui nesta colônia as coisas se parecem muito com o que existe na Terra. Aqui vocês quase nada encontrarão de diferente. As pessoas aqui, os Espíritos, como vocês chamam, se sentam, apreciam arte, ouvem música, arrumam a casa, fazem limpeza, e muitas outras coisas que vocês vão observar em seguida.

Continuamos entrando pela casa. Após um cumprido corredor, comum nas nossas casas, chegamos a um dos quartos. Havia uma grande cama de casal, penteadeira com espelho, pente e escova de cabelo, perfumes e outras coisas que normalmente há em quarto de mulher. A pessoa que nos recebeu era uma mulher, ou pelo menos nos parecia, na sua forma.

--- Pelo condicionamento psicológico e pela materialização do perispírito, ou corpo espiritual, que também chamam agora de corpo astral, as casas das cidades mais próximas da Terra precisam ter cama, pois as pessoas recém desencarnadas sentem sono e dormem mesmo; penteiam os cabelos, igualzinho como faziam na Terra; se perfumam; algumas mulheres até se maquiavam; e os casais que vivem juntos dormem na mesma cama, muitos até se relacionando sexualmente, exatamente como faziam quando encarnados. --- terminou Jurimeira.

--- Mas então, não há diferença em relação à vida terrena. — disse D. Nilza.

--- Quase nenhuma. --- respondeu Jurimeira. --- Mas isto é aqui, nesta cidade. Em outras colônias superiores a coisa vai mudando pouco a pouco, gradativamente, de forma quase imperceptível para a maioria dos Espíritos. E se vocês forem em colônias mais elevadas, sentirão que a vida difere muito dessa que aqui se leva. O referencial vai mudando, os condicionamentos vão se desfazendo, os apegos vão sendo deixados para trás, e o ser passa a viver mais liberto de amarras, de forma muito melhor.

Sáímos do quarto e fomos para o banheiro que ficava no corredor. Vaso sanitário, banheira com chuveiro, espelho, toalhas penduradas, e tudo o que há em nossos banheiros.

--- Para quê essas coisas, irmão Jurimeira? --- perguntou Márcia.

--- O perispírito do encarnado é verdadeira réplica do corpo físico, de carne. Nele há todos os órgãos que há no corpo terreno. Coração, pulmões, estômago, intestinos, rins, fígado, cérebro e sistema nervoso completo, etc. Tudo. E eles funcionam exatamente da mesma maneira que os órgãos físicos. A única diferença é que os átomos e moléculas que formam as células desse corpo dito espiritual estão um pouco mais distantes uns dos outros. Há maior distância entre os átomos, maior intervalo interatômico, e também maior distância entre os componentes do átomo, como os elétrons. Ou seja, os espaços intra-atômicos também são maiores. E é por isso, simplesmente, que o perispírito não é normalmente visível ao olho dos humanos encarnados. Os olhos físicos possuem limites, e somente podem perceber normalmente a matéria mais condensada, que é aquela em que os átomos e moléculas estão mais próximos uns dos outros. Afastados que sejam os átomos uns dos outros, só um pouco além do que é próprio do plano físico, a matéria deixa de ser percebida

pelo olho humano comum, e se torna invisível. Mas continua a ser matéria. Por isso é que os Espíritos que orientaram o trabalho de Allan Kardec chamaram de semimaterial o perispírito. O referencial não deixa de ser a matéria.

--- Mas então o corpo espiritual aqui é quase igual ao de carne... --- disse Jorge, que é médico na Terra.

--- Sim. — concordou Jurimeira. --- Circula sangue nas veias, há respiração, batimento cardíaco, cansaço físico, sono, suor, fezes, urina e tudo o mais que há no corpo de carne terreno.

--- Fezes, suor, urina? --- demonstrei minha surpresa.

--- Sim, irmão Luiz. — respondeu Jurimeira. --- Aqui neste nível de vida e de evolução as pessoas, os Espíritos, ainda precisam se alimentar de comida como na Terra. Comem como vocês, inclusive carne.

--- Carne? Mas como? Aqui não se mata animais! --- Indagou Daniel, tão surpreso quanto eu.

--- Aqui também se planta, se colhe, se preparam alimentos como vocês fazem lá. E se pescam peixes nos rios e no mar, que são réplica do que existe na Terra.

--- Mas os peixes não podem morrer duas vezes. --- disse Rina.

--- Propriamente não morrem, --- disse Jurimeira, e continuou --- assim como não morrem as pessoas que vivem na Terra. Eles apenas perdem mais uma camada externa do perispírito, que tem a mesma formação da carne. E assada ou cozida são comidas como na Terra. Mas somente se permite comer aqui a carne branca. A vermelha, de boi, ou outras não são ingeridas. Tudo visa descondicionar gradativamente o corpo e a mente, e pouco a pouco as pessoas aqui vão deixando de comer carne, e depois, em outras colônias mais elevadas, deixam também de precisar de comida. E à medida em que isso vai acontecendo, os órgãos vão se atrofiando e atrofiando, e perdendo a sua função desaparecem. Também aqui se aplica a teoria da evolução de Darwin, muito acertada neste aspecto.

--- E o suor, a urina e as fezes? --- perguntei curioso.

--- Se os Espíritos possuem estômago e todos os demais órgãos digestivos, e comem comida sólida, bem como ingerem líquido, como água, sopas e sucos, e seu corpo perispíritual é réplica do físico, então há sempre resíduos digestivos que são expelidos da mesma forma, ou seja, como fezes, daí a necessidade de vaso sanitário, inclusive com o que vocês chamam de descarga. E há também esgotos público, serviço sanitário. Há formação de urina, expelida pelos órgãos próprios, igualzinho a como vocês fazem. E muita gente aqui ainda sua, quando se submete a esforço físico, como trabalho braçal. Daí a necessidade de chuveiro para tomar banho. Se não tomam banho, com toda a certeza vão ficar cheirando mal, como acontece na Terra. --- explicou Jurimeira.

--- Mas é tudo tão igual! --- Disse Suely.

--- Se não fosse, minha irmã, --- explicou pacientemente Jurimeira --- muita gente ficaria louca, por perda do referencial de vida a que se acostumaram durante uma longa vida na Terra. Tudo a seu tempo. A evolução não tem pressa. E Deus não quer ver ninguém

sofrendo por causa de uma mudança radical do dia para a noite. É preciso irmos nos acostumando aos poucos para a nova vida no mundo dos Espíritos. Cada um desperta na colônia que mais se adequa aos seu momento evolutivo. Os que ainda precisam sentir a sensação de estômago cheio, vão para lugares como este, onde ainda se planta e se colhe, e se pesca, para comer. conseqüentemente, precisarão de banheiro para defecar e urinar, porque farão digestão dos alimentos ingeridos. E materializados, quero dizer condensados em seus perispíritos, por maior aproximação atômica do que ocorre com os corpos mais sutis dos seres mais evoluídos, precisam descansar, dormir, tomar banho, trocar de roupa, lavar roupa, e tudo o que se faz na Terra.

--- E o trabalho aqui, Jurimeira, como é? --- perguntei.

--- Muito semelhante também ao de vocês. Há agricultores, pescadores, pedreiros, marceneiros, eletricitas, etc. Há trabalho braçal, no qual se sua de verdade, como na Terra. Os móveis como cadeiras e mesas são construídos da mesma forma que lá na Terra, utilizando-se de ferramentas. Entalham-se madeira, pintam-se paredes, constroem-se casas, etc. O trabalho é mesmo muito parecido.

Deixamos a casa da senhora que muito gentilmente nos acolheu e rumamos para o centro da colônia. Praças, ruas, movimento de gente, tudo a lembrar a Terra.

--- Vivendo-se aqui, --- disse Angela --- tem-se a sensação de estar verdadeiramente na Terra. É tudo tão parecido. As roupas, os corpos, os rostos, as casas, as praças...

--- Sim, minha irmã. --- concordou Jurimeira. --- Sem dúvida um visitante desavisado pensará estar no plano físico, nunca no plano espiritual, que vocês chamam de mundo dos mortos. Como podem ver, aqui as pessoas estão tão vivas quanto estavam na Terra, quase sem nenhuma diferença. Só mais acima, em colônias superiores, a vida começa a mudar verdadeiramente, alterando o seu referencial humano. O modelo de vida da Terra não é o único nem o melhor do universo. Muito pelo contrário, ele é dos mais atrasados. O hábito de comer carne, matando os animais, o trabalho braçal cansativo, as lides variadas que surgem pelo egocentrismo dos homens, e muitas outras coisas vão desaparecendo à medida em que o ser se eleva para planos cada vez mais belos e paradisíacos.

--- E aqui também há meios de comunicação como rádio televisão, telefone, etc? --- perguntou Liliam.

--- Sim. --- respondeu Jurimeira. --- E muitas rádios daqui já conseguiram entrar em contato com a Terra através do Spiricom, aparelho desenvolvido por cientistas americanos. Aqui há também computadores, o que foi criado muito antes de na Terra se sonhar com isso. Apesar de semelhante, a vida aqui é mais perfeita e muito melhor do que lá. Mesmo em colônias mais atrasadas como esta que vocês estão conhecendo. Aqui não há crime, não há polícia nas ruas, nem o tipo de política a que estão acostumados a ver. Não há corrupção.

--- Só isso, de fato, já faz desta cidade um lugar melhor para se viver. --- disse Jorge.

--- Com certeza. --- concordei. --- E aqui serve de ponte para o progresso futuro. Depois de passar um tempo em vida semelhante a que levavam na Terra, sem choques bruscos e perda de referencial, o que traumatizaria o Espírito recém desencarnado, este começa a apreender pouco a pouco novos valores, a absorver novos hábitos, e vão se desvencilhando dos hábitos terrenos. Descondicionados, mudam para estilo de vida mais feliz, em planos superiores.

--- Exatamente, irmão Luiz. --- concordou Jurimeira.

--- Isso é uma bênção de Deus! --- disse D. Nilza.

--- Sem dúvida minha irmã. --- disse Jurimeira. --- A evolução segue seu curso normal, de forma natural e sem traumas. De outra forma haveria muito sofrimento. Quanto mais próximo do plano Terra, mais condensada e agregada a matéria, que mais se aproxima da chamada matéria da Terra. Há muito maior proximidade e semelhança do que se pensa na Terra. Por isso é tão comum a vidência, ainda que ocasional, os transportes de objetos, as comunicações mediúnicas através da psicofonia e da psicografia. A ciência não demorará muito a desvendar o mecanismo desses fenômenos mediúnicos, que se baseiam no sistema nervoso humano e nos fluidos perispirituais.

--- Jurimeira, --- perguntei. --- quando se faz uma cirurgia mediúnica ou espiritual há manipulação apenas do corpo físico ou também do perispírito?

--- A depender do caso e da necessidade, há intervenção cirúrgica apenas no corpo físico, ou apenas no perispírito, ou nos dois.

--- E a cirurgia no perispírito envolve corte? --- perguntei curioso, depois de ouvir tanta coisa acerca da semelhança dos dois corpos em questão.

--- Sim, muitas vezes. E nesses casos são dados pontos, feitos curativos, há drenagem, introduz-se aparelhos e muitas outras coisas que fazem na Terra. Só que aqui possuem aparelhos muito mais avançados, que na Terra nem se faz ideia.

--- E a memória, meu irmão, --- perguntou Jorge, que é médico --- é registrada apenas no cérebro perispiritual ou também no físico?

--- Em ambos. --- respondeu Jurimeira --- Vou fazer uma analogia com a computação já conhecida de vocês na Terra. O que você registra em um computador vai para o seu banco de memória, o disco rígido. Mas você pode fazer uma cópia de segurança, não é mesmo, e guardar separadamente. E os registros são feitos magneticamente em matéria, nos chips. Quando estamos encarnados, possuímos um corpo mais sutil, o perispírito, ligado intimamente a um corpo mais condensado, o físico ou de carne. Há assim, por consequência, dois cérebros ligados um ao outro. A memória principal está no cérebro do perispírito, pois ele sobrevive à morte corporal. A memória provisória está no cérebro do corpo físico, que se decompõe após anos de vida e desgaste. Durante a nossa vida física, na Terra, tudo o que vemos, ouvimos, cheiramos, degustamos e sentimos de formas variadas é automaticamente registrado no cérebro perispiritual passando antes pelo cérebro físico, porque são percepções do plano físico, que passam pelos órgãos dos sentidos. Destruído que seja o cérebro físico, parcial ou totalmente, a memória física se perde, mas não a memória perispiritual, que se

conserva, sendo indestrutível o perispírito. A memória jamais se perde de verdade, podendo muitas vezes ficar adormecida no chamado subconsciente, ou mesmo no inconsciente. O que vocês estão vendo e ouvindo agora está sendo registrado apenas no cérebro perispiritual, porque estas percepções não estão chegando até suas mentes por via dos órgãos dos sentidos.

--- E por que é que uns se lembram e outros não, ao retornarem ao corpo de carne, dessas experiências fora do corpo? --- perguntei curioso, querendo aprender mais do que sabia.

--- É que algumas pessoas, quando encarnam, têm na sua programação genética, no mapa cromossômico, determinadas alterações fisiológicas que as diferenciam um pouco dos demais, como o diferente desenvolvimento de certas glândulas cerebrais, que permite a recordação das experiências extrafísicas. Quando você, que possui esta diferenciação, voltar ao corpo, estas coisas que ouviu e viu, ao menos em parte, serão registradas em determinada zona cerebral e poderão ser recordadas. Outros nada se lembrarão, porque a memória será registrada em zona que é do inconsciente. A sua irá para zona determinada do consciente. Essa é uma das causas de uns de lembrarem e outros não das experiências fora do corpo. Toda mediunidade ou paranormalidade está radicada no corpo físico também, em forma de diferenciação fisiológica, que se alcança evolutivamente. Você já vivenciou essas experiências em várias outras vidas passadas, não é a primeira. Já foi iniciado no Egito, monge budista, etc. Os que vivem isto pela primeira vez sentem maior dificuldade, e suas glândulas cerebrais ainda não estão amadurecidas o suficiente para manter o registro no consciente. Contudo este aprendizado não se perderá, ficará guardado na memória do perispírito, considerado subconsciente em relação ao corpo e cérebro físicos.

--- Irmão Jurimeira, --- perguntou Márcia --- os Espíritos neste nível de materialidade, de condensação perispiritual, atravessam uns aos outros?

--- Claro que não, minha irmã. Estando igualmente no mesmo grau de materialidade, e muito próximo da matéria mais densa que é a terrena, os seres que aqui vivem constituem uns para os outros obstáculos intransponíveis, como vocês na Terra. Chocam-se de cara. Caem de escadas quando perdem o equilíbrio. Caem da cama enquanto dormem. Um Espírito para atravessar outro precisa estar em grau de materialidade muito diferente. É o mesmo que acontece quando um desencarnado atravessa uma parede no plano físico. A sua constituição atômica e molecular permite que os núcleos atômicos de seus átomos passem pelos espaços intra-atômicos e interatômicos, sem se chocarem, da mesma forma que as ondas de rádio e TV atravessam as paredes das casas. E isso garante a invisibilidade dos Espíritos desencarnados.

--- E pode um Espírito se tornar visível aos olhos do corpo físico? --- perguntou Suely.

--- Sim, pode. Um Espírito evoluído pode por vontade íntima e poder mental agregar mais, ou seja, aproximar mais os átomos, reduzindo os espaços entre eles e assim descer ao mesmo nível de materialidade da Terra, tornando-se em consequência visível, e até tangível, podendo ser tocado, como nos estudos e experiências de William Crookes. Mas

há também outro tipo de materialização, que envolve ectoplasma, e é mais utilizado por Espíritos menos evoluídos.

--- Jurimeira, seria possível presenciarmos fenômenos de efeitos físicos do lado de cá? --- perguntei.

--- Quem sabe. Tudo depende de permissão do alto. No momento isto não há. Mas você já vivenciou alguns fenômenos do lado de lá, no plano físico.

--- É, realmente. Gostaria de obter maiores esclarecimentos acerca dos efeitos físicos, dos fenômenos, como eles ocorrem.

--- Outra hora conversaremos sobre isso. Agora precisamos voltar para o plano de vocês.

--- Está bem. A visita foi ótima, e o aprendizado maravilhoso. Muito obrigado. --- disse.

--- Não há de quê. --- respondeu Jurimeira.

Retornamos todos para nossas casas, deixando Jurimeira cada um na sua, o que fez questão, por medida de segurança. E nos despedimos.

## XIX

Uma noite de agosto do ano de 1996, antes de dormir, pensei firmemente em meu protetor espiritual e o chamei mentalmente, a fim de me levar a uma colônia no plano espiritual onde pudesse pesquisar e aprender mais acerca do corpo espiritual ou perispírito. Fiz orações antes de me deitar, e fui dormir relaxado.

Depois de algum tempo, estava de pé junto a cortina da janela, porém sem enxergar quase nada, devido à grande escuridão que cobria o meu quarto. O breu era quase completo. Apenas sentia a cortina no meu corpo, sentia o contato físico, mesmo estando fora do corpo de carne. Devia ser pela presença de uma réplica da cortina em meu quarto, naquele ambiente.

Levei então algum tempo ali pensando em um determinado ser encarnado, e de repente ouvi a voz de Sana Khan dizer “pronto”. Senti a sua presença a meu lado. E perguntei:

--- Mestre, por que não estou enxergando direito? Está tudo escuro aqui.

--- Porque ultimamente você tem estado com a frequência vibratória mental baixa, o que tem mantido seu corpo espiritual muito materializado, muito próximo do grau de agregação atômica e molecular do corpo que vocês chamam de físico.

--- Mestre, mas o meu estado mental é capaz de me impedir de ver com este outro corpo?

--- Claro. Muito materializado o corpo espiritual, você não consegue ver em todas as direções, nem por toda parte do corpo, mas tão-somente da mesma forma e com os mesmos limites do corpo de carne. Assim, no momento, você somente consegue enxergar se há luz material. Como seu quarto está escuro, na dimensão física, mesmo fora do corpo físico você não pode enxergar com a ausência de luz.

--- Então foi por esse motivo que em outras oportunidades também saí do corpo sem nada enxergar. --- disse me lembrando de experiências vividas anos antes.

--- Exatamente. Só que das outras vezes, e naquela época, você não estava preparado e maduro o suficiente para entender isso. Precisou estudar mais acerca de química e física para melhor compreender determinados fenômenos.

--- Mestre, gostaria de entender melhor a relação da mente com o corpo espiritual, e com o físico. Ainda tenho dúvidas quanto aos estados da mente, e como dominá-los.

--- Tudo bem meu filho. Vamos conversar sobre isso. Mas vamos sair daqui.

--- Está bem. --- concordei.

E saímos de meu quarto, juntos, pela janela, voando. Breve estávamos na beira de um lago que não reconheci.

--- Mestre, que lago é esse?

--- Estamos no Himalaia, na região do Nepal. É um pequeno lago que gosto muito. Aqui é um excelente local para meditação sobre a mente.

--- Por quê? --- perguntei curioso.

--- Você logo descobrirá.

--- Está bem.

Sentamos perto do lago, em duas pedras ali existentes, de bom tamanho, arredondadas. E começamos a dialogar sobre a mente.

--- Beto, --- disse Sana Khan --- olhe para as águas do lago. Elas estão aparentemente paradas, imóveis, não é mesmo?

--- Sim, aparentemente. Não há ondas na superfície do lago, não há qualquer agitação nele.

--- Assim é na dimensão do Absoluto, de Deus. --- disse Sana Khan e completou -  
 -- Calma, repouso, tranquilidade...mas por trás dessa aparente imobilidade, está o maior movimento, a maior vibração, a mais rápida frequência vibratória do universo. Ali estão as partículas menores do Cosmos, base de toda matéria. É o fluido cósmico universal, como chamaram os Espíritos que trabalharam com Allan Kardec. E a Consciência Cósmica está associada a esse fluido ou matéria elementar. Como já conversamos em outras oportunidades no passado, consciência e matéria estão ligados de forma indissolúvel. Sem uma base material, ou fluídica, como queiram, Deus seria reduzido a nada...

--- Deus é Mente Pura, enquanto não manifestado. --- disse ao mestre, apenas lembrando os ensinamentos antigos por ele passados.

--- Sim, Beto. Mente Pura, Consciência Pura, ou simplesmente Mente, ou Consciência. E a ele está associado o movimento vibratório mais rápido que existe. Quanto menor uma partícula, mais rápido o seu movimento. Os elétrons já conhecidos parcialmente pelos homens estão longe de serem os corpos menores e de se locomoverem mais velozmente. Há velocidades inimagináveis para vós humanos encarnados!

--- Mestre, e o que são os estados mentais, ou estados da mente, ou estados da alma ou Espírito?

--- A começar pelo Absoluto, seu estado mental é o de paz absoluta, a maior tranqüilidade, repouso, serenidade e tudo que a isso se relacione, ainda que contendo Nele o movimento mais veloz, em termos vibratórios.

--- E como perdemos isso com o nosso surgimento enquanto entidades individualizadas?

--- É que no processo de agregação de matéria, que alguns chamam de involução, ou condensação de energia e matéria, aquela Consciência Cósmica aberta começa a se fechar na matéria agregada, conforme em outra época vimos (na obra anterior). E nesse fechamento consciencial, e com o contato com o universo fenomênico, com todas as experiências nos reinos vegetal e animal principalmente, e depois no humano, vamos absorvendo experiências e valores, gostos e desgostos, alegrias e dores, etc., modificando pouco a pouco o nosso estado mental.

--- Mas, mestre, e qual a relação entre os estados mentais e o grau de materialização ou agregação do corpo, ou corpos?

--- É que à medida em que a matéria vai se agregando, ou condensando, como costumais dizer, da matéria elementar até o mineral sólido, a mente, a consciência, vai se embotando, vai se tornando cada vez mais inconsciente. Depois, a muito custo, vem a autoconsciência, a noção do ego, e em seguida a Autoconsciência, com a realização espiritual ou iluminação. E os estados da mente mudam em cada fase da vida e da evolução do Espírito. Cada estado da mente e cada grau de consciência está associado a um grau de agregação atômica e molecular, ou grau de materialização.

--- Quer dizer então que a cada estado mental corresponde um grau ou estado de materialização do corpo do Espírito? --- perguntei já antevendo a resposta.

--- Sim, Beto. A total inconsciência do mineral está associada ao seu grau de matéria. O vegetal, um pouco mais aberto para o meio exterior que o cerca já tem a sua forma mais plástica e mutável, e vive a fase da vida orgânica. O animal que se movimenta e começa a pensar um pouco já está em nível de consciência muito acima do vegetal e do mineral. E o homem que tem consciência do seu “eu ” tem um corpo físico mais refinado e evoluído, que lhe capacita a sentir mais o meio ambiente, e a permutar mais com ele. Seu cérebro é maior e mais sensível. E por isso serve como melhor instrumento para levar as informações para o Espírito, bem como para trazer deste para o corpo e para o meio ambiente.

--- E o corpo espiritual?

--- Da mesma forma, à medida em que a consciência fechada no mineral começa a se abrir, o corpo espiritual começa a se desmaterializar. Isto significa que a agregação atômica e molecular vai sofrendo transformações gradativamente, do grau mais materializado e condensado do mineral para o mais sutil do vegetal, deste para mais sutil ainda do animal, e deste para o ainda mais sutil do homem. E a cada grau de sutileza e desmaterialização do corpo espiritual, corresponde um nível de consciência ou estado mental. Não se pode, por exemplo, comparar o grau de materialidade do corpo espiritual de uma lagartixa com o do homem das cavernas, nem o deste com o homem moderno. E ainda não se pode comparar o corpo espiritual de um homem de pouca evolução com o de um Chico Xavier por exemplo. O grau de condensação ou agregação molecular é muito diferente entre eles. E por isso os dois não podem viver no mesmo nível no plano espiritual após deixarem o corpo físico, seja pela libertação parcial e temporária da alma durante o sono, seja após o desencarne.

--- Mestre, já sei, pois aprendi com o irmão Jurimeira, que as pessoas muito presas ao plano físico, muito apegadas à matéria, e às suas sensações que recebem pelos sentidos físicos, quando deixam o corpo, seja de forma temporária ou definitiva, mantêm o seu corpo espiritual ou perispírito como uma réplica completa e total do corpo de carne. Mantêm todos os órgãos, as células, como se fosse um outro corpo, podendo suar, sentir fome e frio, sede, sono, cansaço, defecar e urinar, etc., tudo que faziam no corpo enquanto “vivos”.

--- Exatamente, meu filho. Jurimeira ensinou muito bem ao seu grupo. Agora, é importante ter em mente que esse grau de materialização é dependente sobretudo do estado

mental, do grau de consciência, muito mais do que dependente de alimentação. A ingestão de carne faz o homem absorver em seu corpo espiritual as substâncias que compunham em parte o seu corpo espiritual, a parte mais condensada, e que faziam parte mais do plano físico do que do espiritual ou astral. É o que vocês na Terra hoje chamam de *ectoplasma*. Mas o grau de consciência - abertura - e o estado mental são muito mais determinantes do grau de materialidade do corpo espiritual do que tudo o mais junto. Assim, uma pessoa que está sempre amando de verdade, não apaixonada, que é outra coisa menor e mais mesquinha, ou está sempre fazendo o bem, ajudando de forma desinteressada, ou ainda sempre pensando o melhor, sempre otimista, e acima de tudo aqueles que são verdadeiramente espiritualizados, estes, ainda que comam carne diariamente, terão um corpo espiritual muito menos materializado do que as pessoas que não comem carne mas são mesquinhas, egoístas, brigonas, intolerantes, irritadiças, impacientes, etc. Isto porque os fluidos ou substâncias da carne podem deixar o corpo espiritual rapidamente, de acordo com uma vontade firme, e uma mudança de hábitos após a morte. Mas mudar a consciência e o estado mental nem sempre é tão rápido nem tão fácil.

--- Então, mestre, --- perguntei --- aqueles que se mantêm em estado mental prolongado de angústia, depressão, ódio, rancor, inveja, desejo de vingança e outros estados mentais negativos estão automaticamente condensando, agregando e materializando mais o seu corpo sutil, o corpo espiritual ?

--- Sim. Como disse antes, a cada estado mental corresponde um grau de agregação ou materialização do corpo espiritual. O amor é um estado mental, estado da alma, ou estado de espírito. E é um estado prolongado, que pode ser muito duradouro, até eterno. E esse estado mental está associado à maior velocidade de vibração, e a menor grau de materialização e condensação molecular. Assim, quanto mais próximo desse estado mental estiver o ser, mais sutil será o seu corpo espiritual, e mais veloz a sua vibração e emissão de energia e fluidos. Deus é amor, o mais puro amor, e por isso Nele estão as vibrações mais rápidas.

--- Mestre, o amor está no pólo oposto ao ódio?

--- Em termos de estado da mente, sim. O ódio, como o amor, é também um estado da mente, da alma, que pode ser mais ou menos prolongado. Está associado a uma velocidade vibratória atômica muitíssimo inferior à velocidade vibratória do amor. E produz por isso maior agregação molecular.

--- Por quê, mestre?

--- Porque quanto mais rápido o movimento interno de um átomo, mais afastado ele se mantém de outro átomo, porque mais instável qualquer ligação entre eles, devido à energia cinética neles contida. E quanto menor o movimento atômico interno, mais fácil a ligação com outros átomos, a agregação molecular. No plano de Deus, os átomos elementares estão mais soltos, e em movimento livre maior e mais vibrátil. No plano físico na Terra, no mineral, os átomos estão mais presos, agregados, formando substâncias químicas. Sua vibração, no reino mineral, é reduzida, e aumenta à medida em que os elementos compõem cada um dos reinos seguintes. O corpo espiritual humano é composto realmente pelos

mesmos átomos do plano físico, porém o espaço entre os átomos, nesse corpo, é maior. Há maior espaço interatômico, e conseqüentemente molecular. Por isso o corpo espiritual em seu estado normal não pode ser visto, captado, pela vista humana comum. E por ter esse maior espaçamento atômico e molecular, o corpo espiritual pode atravessar paredes no plano físico, que não constitui obstáculo para ele. Os núcleos atômicos passam pelos espaços dos outros átomos, e devido também a esse maior espaçamento, não há a mesma atração atômica, química, a impedir que um corpo atravesse o outro, de grau de materialização diferente, como o corpo espiritual e um corpo sólido da Terra, uma parede, por exemplo.

--- Mestre, a sensação que sinto quando atravesso uma parede devagar tem algo a ver com a atração atômica, ainda que não suficiente a impedir que a atravesse ?

--- Sim, tem. O que você sente é exatamente a atração atômica fraca, mais que dá para ser sentida pelo corpo espiritual. E quanto mais reduzida a sua vibração interior, pelo estado mental, e conseqüentemente mais materializado o corpo espiritual, mais você sentirá essa reação dos átomos da parede quando tentar atravessá-la.

--- Então é por isso que alguns Espíritos, mesmo desencarnados, não conseguem atravessar uma parede terrena?

--- Sim, Beto. Se o Espírito está envolto por um corpo de substância por demais materializada, muito próximo mesmo do grau de matéria terrena física, devido ao seu estado mental, psíquico, a repulsão química será tão forte entre os átomos da parede e do seu corpo espiritual que ele não conseguirá suplantar essa força. A parede, nesse caso, será verdadeiro obstáculo para o corpo espiritual, opondo-lhe resistência, e somente abrindo a porta ele poderá entrar numa casa.

--- É por isso que já vi em reunião mediúcnica o coordenador mandar abrir a porta para que um Espírito entrasse.

--- Exatamente. Isso é um fato, e que pode ser explicado cientificamente. Nada há de místico.

--- Mestre, como fator determinante de maior ou menor materialização do corpo espiritual o senhor colocaria os sentimentos, as emoções ou os pensamentos?

--- Beto, é preciso que se faça distinção entre esses estados mentais. Quando falamos em mente, estamos falando de psiquê. Olhe para o lago aí na frente. Agora ele está parado, imóvel, na sua superfície, não é?

--- Sim, mestre.

--- Digamos, apenas como comparação didática, que esse lago é uma mente. E que ela agora está calma, sem ondas de agitação. Não há pensamentos se movendo. Há apenas um sentimento perene, constante, estável, de amor. Este é um estado mental duradouro, permanente. E ele acalma a mente, e a mantém calma, em paz, serena. Vamos agora colocar um pensamento agitado, a gerar uma emoção rápida, como uma raiva.

Sana Khan jogou uma pedra no lago, e logo ondas se formaram ao redor do local onde a pedra caiu, e se deslocaram para a periferia do lago. E depois de algum tempo, as ondas cessaram, e o lago novamente se acalmou.

--- A raiva passou, --- disse Sana Khan --- pois ela é sempre passageira. A pessoa se dominou e neutralizou o efeito da emoção gerada por uma situação ou um pensamento.

--- Mas ela poderia ter tido existência mais duradoura, se alimentada pelo pensamento.

--- Exatamente, Beto. E é aí que nós chegamos à conclusão de que é o pensamento que alimenta e dá durabilidade maior ou menor às emoções e sentimentos. Uma raiva pode ser alimentada por você mesmo, ou pode ser dissolvida rapidamente, tudo de acordo com a sua firme vontade.

--- E o ódio?

--- Emoção de longa duração, ou estado mental prolongado, que também é considerado sentimento. Para mim, meu filho, a distinção entre emoção e sentimento está tão-somente na duração do estado mental. Se duradouro o estado, chamo de sentimento, se de curta duração, emoção. Assim, considero o amor e o ódio sentimentos. A raiva é emoção, porque passageira e rápida; o ciúmes permanente é sentimento, e mesquinho, pequeno; a inveja, se permanente, sentimento; a alegria estável, sentimento; a alegria ocasional, emoção. Tudo depende da duração e profundidade do estado mental, ou da alma.

--- E a insatisfação?

--- Se prolongada, sentimento, e é imensamente auto-destrutiva, muitas vezes gerando até o chamado câncer.

--- Mestre, todos os estados mentais que geram agitação e conflito na mente são negativos?

--- Sim, pois produzem sofrimento para a pessoa, e produzem desequilíbrio energético e físico. Um estado negativo mental como a depressão, por exemplo, baixa a vibração atômica na mente, produzindo mais agregação molecular em todo o corpo espiritual. Corpo e mente estão ligados profundamente, e de forma indissolúvel, como Espírito e matéria. As alterações na mente se refletem no corpo sutil, e também no mais material, que vocês chamam de físico. Por isso é que as emoções, os sentimentos e os pensamentos se refletem no corpo, gerando as doenças ditas psicossomáticas. Não pode haver saúde verdadeira e permanente no corpo mais material sem a correspondente saúde e equilíbrio na mente. É preciso termos pensamentos coordenados e equilibrados, sob o nosso domínio, e não livres para fazerem os estragos que quiserem. Os pensamentos podem alimentar ódio, inveja, rancor, discórdia, ciúmes, etc., a depender do direcionamento que lhe dermos. Daí a importância do que diz Jurimeira: “O autocontrole é a chave da evolução”. E é mesmo! Você pode e deve ser senhor dos seus pensamentos, pode e deve disciplinar-se mentalmente. Pode, querendo, e você sabe muito bem disso, afastar qualquer pensamento da mente, principalmente aqueles desequilibrados que lhe acorrem.

--- Tem razão, mestre. Quando quero, afasto da mente qualquer pensamento. Mas às vezes deixo-os soltos, e fico curtindo o seu caminho, quando eles me dão prazer.

--- Sei disso, meu filho. Mas é preciso ter autodisciplina, para crescer mais espiritualmente. Sem disciplina ninguém vai muito longe. E a mente pode ser disciplinada, e acho mesmo que deve ser. E também as emoções devem estar sob o nosso domínio. Se uma raiva pode ser controlada quase que imediatamente, também podemos controlar a inveja, o ciúmes, o despeito, a ambição, e todos os estados mentais negativos. Através e utilizando o próprio pensamento podemos obter completo domínio sobre nós mesmos, em todos os aspectos, como pensamentos, emoções e sentimentos. Basta mentalmente, por meio do pensamento, darmos comandos mentais firmes e resolutos para nós mesmos, nessa ou naquela direção. Vou me acalmar, e vou me manter mais calmo de agora em diante. Isso funciona. E se surgir em seguida um impulso de agitação, de nervosismo na mente, simplesmente o bloqueamos, dizendo mentalmente que não vamos nos agitar nem ficar nervosos com aquela situação ou pessoa.

--- Aí, nesse processo, entra o autoconhecimento.

--- Exatamente, Beto. É preciso estarmos atentos a tudo, o tempo todo, mas sem nenhuma tensão na mente. Atenção sem tensão. Vigilância relaxada. E domínio sobre sua própria mente, apenas e unicamente por vontade pessoal. Isso funciona. Você pode se controlar sempre, em qualquer situação. Veja os atletas, os músicos, os atores, como conseguem dominar as emoções e fazer o querem. É importante afastar da mente qualquer pensamento ruim, toda emoção que causa intranquilidade, todo sentimento pequeno, seja do ponto de vista humano ou espiritual. Pensamentos conflitantes são como pedras jogadas constantemente no lago, gerando ondas sem cessar. E uma mente cheia de ondas o tempo todo é uma mente intranquila, sem paz.

--- Mestre, o senhor faz distinção entre mente e coração?

--- Bem, meu filho, pensar e sentir são coisas um pouco diferentes, se bem que muitas vezes indissociáveis. O pensamento pode ser anulado rapidamente, por vontade. O sentimento, o sentir, nem sempre.

--- O sentir veio antes do pensar.

--- Sim, Beto. Desde célula você já sentia. As plantas sentem, os animais sentem. Mas só nos animais superiores a faculdade de pensar começa a surgir. Um cão doméstico pensa, toma decisões, sente ciúmes, aprende coisas que lhe ensinam, ama, guarda raiva, fica neurótico, etc. Aproxima-se, muitas vezes, da natureza humana, não é mesmo?

--- É. Há cães que parecem gente. E há um corpo para as emoções e outro para a mente, ou os pensamentos?

--- Falam em corpo mental e corpo emocional, não é?

--- É. E é por isso que pergunto. --- disse.

--- Algumas correntes espiritualistas falam que os homens possuem um corpo emocional ou de desejos, e um corpo mental. Acaso possuímos enquanto encarnados um corpo emocional ou de desejos destacado do corpo mental, quando deixássemos o que eles chamam de plano astral, que está associado ao corpo emocional ou de desejos, indo para o plano mental, não sentiríamos mais desejos, nem teríamos mais emoções? Se ao menos

separassem as boas emoções e desejos positivos dos negativos...mas então teríamos dois corpos emocionais, um para as boas emoções e bons desejos e outro para as emoções e desejos ruins...

--- É mestre. Isso soa meio estranho.

--- E em relação ao corpo mental, quando passássemos do plano mental para o plano intuicional ou búdico não mais pensaríamos? É por causa desses e outros raciocínios, além da minha própria experiência pessoal, que entendo que não há propriamente um corpo mental. Ele é apenas o envoltório da mente, e como esta nos acompanha desde a nossa “criação” e nos acompanhará eternamente, sempre com mudanças, não há um corpo mental como há um físico. Sempre, daqui para a frente, e já há muitos milhões de anos, estaremos pensando. Mas a mente estará sempre mudando, e se relacionando com matéria de vários graus.

--- E o corpo emocional, mestre?

--- Da mesma forma, emoções teremos sempre, mas não desequilibradas. Jamais deixaremos de ter emoções. Ou você acha que Jesus no plano em que se encontra não sente emoções, como por exemplo quando recebe um amigo que há muito estava perdido na matéria e acaba por subir para planos superiores?

--- E o corpo búdico ou intuicional?

--- A intuição apenas começa a surgir para a humanidade, e a acompanhará eternamente...assim, que necessidade temos de um corpo só para a intuição?

--- Então, mestre, na sua visão e experiência, não existem tantos corpos, como o etérico, o astral, o mental e o búdico?

--- Não, Beto. Vou lhe explicar de outra forma. Não há descontinuidade entre a matéria elementar do plano Divino ou do Absoluto e a matéria física do plano físico. A gradação é infinita... imagine um vidro escuro degradé. Você não consegue ver a linha de demarcação e separação. Ou lembre do arco-íris. Você não vê o ponto de mudança de cores, a separação. Assim é com a matéria ou energia. E assim é a evolução do Espírito, nas passagens dos reinos mineral para o vegetal, deste para o animal e deste para o hominal. No seu estado atual de evolução, Beto, você está envolvido por matéria desde a elementar do plano do Absoluto até a mineral do plano físico. E é impossível você separar ou mesmo contar graus de condensação de matéria ou energia.

--- Mas e os sete planos e sete subplanos...

--- Necessidade humana de racionalizar, dividir, separar, contar, e sempre de acordo com a visão do momento, de acordo com conceitos e condicionamentos, como religião e filosofia, ou ciência. Por isso estabeleceram sete planos, ou sete céus, sete subplanos para cada plano, sete chacras, sete anos, sete dias para a criação, sete dias da semana, etc. Sempre sete...

--- Então não há realmente essa divisão de planos... --- disse por fim.

--- Não, Beto. E é chegada a hora de quebrar com essa tradição secular mística. Você já foi parado ou mesmo viu alguma vez a fronteira entre dois planos ou subplanos, em suas viagens fora do corpo?

--- Não. --- respondi sorrindo.

--- É porque simplesmente não há fronteira, não há linha de demarcação perceptível para o Espírito. Mera convenção, o que foi estabelecido por algumas correntes esotéricas. E a sua antiguidade não lhe confere o domínio da verdade imutável...

--- Mestre, e o duplo etérico, ou corpo etérico?

--- Como um corpo propriamente dito também não existe. Não é um veículo de manifestação do Espírito. O *duplo*, que é *etérico*, porque etéreo para a visão humana, é o corpo espiritual, que os Espíritos chamaram de PERISPÍRITO na obra de Allan Kardec. O duplo etérico na verdade é apenas o perispírito, visto por videntes e chamado de duplo etérico. É uma duplicata do corpo físico, e por isso foi chamado de duplo. E etérico vem de etéreo. Na verdade, meu filho, acho mais razoável a noção e ensinamento dados através de Allan Kardec, do perispírito. Este sim, um corpo, que é o que você vê em mim e eu em você, e que pode se apresentar em graus de materialização infinitos. Nele há matéria que vai desde a do plano físico, no caso do encarnado, até a do plano de Deus, a matéria elementar.

--- Mas e a separação do duplo etérico do corpo físico?

--- Nunca se dá de forma total, pois do contrário ocorreria a morte corporal. Na verdade, quando você sai do corpo, a depender do seu grau de consciência, do estado mental, você atrai para o perispírito ou corpo espiritual sutil mais ou menos matéria densa, da Terra. A parte mais material do corpo espiritual ou perispírito normalmente não se afasta do corpo de carne, pois do contrário acarretaria problemas físicos. O que chamaram de ectoplasma é apenas a parte mais material e apreensível da substância que compõe o perispírito, ou corpo espiritual. E ela às vezes é visível até a olho nu, quando mais material. Leva consigo o ectoplasma matéria física, como água, proteína, carbono, fósforo e outras substâncias. Mas a parte menos material do corpo espiritual ainda não pode ser percebido pelos olhos humanos e seus aparelhos portáteis. Contudo, há átomos e elétrons no corpo espiritual, e talvez se fosse ele bombardeado no que vocês chamam de acelerador de partículas, onde fazem experiências físicas com a matéria e suas sub-partículas, pudessem os cientistas detectar a matéria do corpo espiritual, que não é algo tão distante assim do homem, pelo menos os corpos dos Espíritos menos evoluídos, que em muito se aproximam e se assemelham do homem na sua constituição molecular e atômica. Não sei é quem se ofereceria a ser bombardeado por partículas no acelerador... --- Sana Khan riu ao terminar de falar.

--- Mestre, esse corpo espiritual é muito plástico, muito maleável, e pode se separar do corpo de carne. Pode ele também de destacar no plano espiritual?

--- Beto, como eu disse antes, na emancipação da alma, ou desdobramento, ou ainda projeção astral, o corpo espiritual ou perispírito não sai por inteiro do corpo físico. Ele se elastece, ficando a parte mais material no corpo, em suas células, e a parte menos material acompanha o Espírito em sua viagem no mundo espiritual. E ao se elastecer, forma-se um cordão ou fio de matéria, ou fluido, ligando as duas partes que se desprenderam parcialmente. É o que chamam de cordão de prata.

--- É essa parte fluídica que fica no corpo físico que chamam de corpo ou duplo etérico ? -  
-- perguntei.

--- Sim, e que por observação incompleta apenas por meio de vidência de umas poucas pessoas acabaram por estabelecer uma verdade. Mas essa verdade não é real. Quando você, que está encarnado, está no corpo, integrado a ele, nenhum vidente pode ver e distinguir corpos separados, e isto porque somente se vê um, uma unidade, que é o corpo espiritual, ou perispírito. E ele, como já disse, contém matéria de todos os níveis e planos do universo. E as emoções ou os pensamentos não separam corpos, nem formam corpos. Eles apenas fazem o corpo espiritual mais ou menos materializado, do ponto de vista de vossa matéria terrena. Enquanto o amor separa e afasta as moléculas desse corpo sutil, sentimentos como o ódio aproximam mais as moléculas, tornando o corpo espiritual mais material, mais semelhante ao corpo físico, mantendo assim o Espírito desencarnado ou o encarnado fora do corpo em planos ou zonas mais próximas da crosta terrena, onde tudo se assemelha à Terra.

--- Por isso é tão importante cuidar de nossa casa mental, não é mestre?

--- Sem dúvida, meu filho. Cuidar das emoções, dos pensamentos e dos sentimentos. Amar, perdoar, ajudar...tudo que nos leve para cima, na escala evolutiva...

--- Mestre, e pode haver desdobramento ou projeção da consciência no plano espiritual? --- perguntei curioso.

--- Sim, meu filho. Da mesma forma como ocorre no plano físico, pode o corpo espiritual se elastecer e se duplicar no plano espiritual, ficando uma parte de sua matéria em um plano, a matéria mais densa, e outra parte, menos densa, que leva a consciência, pode subir a planos mais elevados, em verdadeiro desdobramento ou projeção.

--- Mestre, como valeu essa nossa conversa de hoje...nunca vou esquecer...

--- Volte sempre para trocarmos idéias...

--- Sempre que conseguir virei procurá-lo.

--- Agora volte para casa, e também tenho uma tarefa a cumprir. Muita paz, meu filho.

--- Muita paz e muito obrigado mestre.

Voltei para casa em paz, e cheio de novidades sobre o corpo espiritual. Havia muito o que meditar e assimilar...

## XX

Passei alguns dias meditando acerca do planejamento reencarnatório no mês de setembro de 1996. E por isso um dia pedi, ao me deitar, que pudesse ser levado a uma colônia, e a um setor ou departamento que cuidasse disso.

Não me recordo do momento em que deixei o corpo, mas me lembro de estar já em um prédio, acompanhado de Sana Khan, que me levou até o Departamento Reencarnatório da Colônia Nova Esperança, ficando esta, segundo ele, próximo da Terra. Já estivera lá anos antes.

Andamos por vários corredores e por fim chegamos na sala do Coordenador Geral do Departamento, que me foi apresentado por Sana Khan como Alan.

--- Muito prazer. --- disse-lhe.

--- É uma grande alegria receber amigos do mestre Sana Khan aqui. --- disse Alan.

--- Trouxe o irmão Luiz para que aprendesse um pouco mais acerca da programação reencarnatória, e possa escrever sobre isso. --- disse o mestre.

--- Não tenha dúvidas de que farei o máximo possível para que o irmão observe o mais que puder, e os aspectos principais ligados à programação reencarnatória. --- disse Alan.

--- Tenho certeza disso, meu amigo. Sei que está sempre disposto a servir. --- disse Sana Khan.

--- Vamos começar pelo setor de pedidos de reencarnação. É muito interessante. --- disse-me Alan

--- Do que cuida esse setor? --- perguntei curioso.

--- De receber pedidos de novas existências na Terra. Pessoas vêm aqui expressar o seu desejo de nova vida corporal, e são atendidas e aconselhadas a descerem à Terra ou não, no momento. --- disse Alan.

--- E elas sempre aceitam as orientações? --- perguntei.

--- Normalmente, sim. --- disse Alan, e completou --- Mas há casos em que, mesmo desaconselhadas a reencarnarem no momento, insistem, assumindo inteiramente a responsabilidade pela sua escolha, e nesse caso ajudamos no que podemos a planejar a volta à matéria.

--- Vou deixa-los a conversar e vou tratar de um assunto. --- disse Sana Khan.

--- Está bem, mestre.

Sana Khan saiu da sala do coordenador e desapareceu no longo corredor.

--- Luiz, vou leva-lo até uma das salas de recepção e encaminhamento de pedidos de reencarnação.

--- Está ótimo.

Seguimos por um longo corredor, que fazia várias curvas, ora à direita e ora à esquerda. Chegamos a uma pequena sala, onde havia um recepcionista. Ele nos recebeu

com largo sorriso, e se dirigiu a Alan com imenso respeito, por ser seu subordinado naquele departamento. Fomos apresentados.

--- Irmão Paulo, Luiz ficará com você aqui um pouco, ouvindo e observando tudo que quiser, em aprendizado. Espero que logo chegue alguém com pedido de reencarnação, para que ele possa aproveitar a sua vinda até aqui, pois não poderá demorar muito.

--- Está bem. --- concordou o irmão Paulo. --- Farei todo o possível para mostrar-lhe o que acontece por aqui.

--- Qualquer coisa que precisar me procure, irmão Luiz. --- disse Alan.

--- Obrigado. --- respondi.

Alan saiu da sala e deixou-me com Paulo. Não se passaram cinco minutos e chegou um homem, aparentando meia-idade, e se dirigiu a Paulo.

--- Com licença.

--- Pois não. No que posso ser útil?

--- Quero voltar à Terra, em nova encarnação.

--- Sente-se, por favor. Vamos ver como podemos ajudar. Qual é o seu nome?

--- Marcos.

--- Há quanto tempo está aqui, Marcos? --- perguntou Paulo.

--- Há cinco anos.

--- Só? Não acha que é cedo para voltar à Terra? --- disse-lhe Paulo.

--- Não. Já descansei muito. Preciso voltar. Minha família precisa de mim lá.

--- Mas você só descansou, aqui? Não estudou, nem trabalhou? --- perguntou Paulo a Marcos.

--- Estudar e trabalhar eu faço lá embaixo.

--- E o que você fazia na Terra?

--- Era empresário. E era muito rico. Nunca deixei faltar nada a meus filhos nem a minha esposa.

--- E eles estão passando necessidade?

--- Não, eles têm tudo o que querem.

--- E então qual é a sua preocupação?

--- É que eles estão seguindo o mesmo caminho que eu segui.

--- E qual foi esse caminho?

--- O do egoísmo e dos valores puramente materiais. Nunca liguei importância para os chamados valores espirituais, sequer sabendo o que era isso enquanto estava ocupado em acumular riquezas. Fui criado para vencer, para ser rico, não importando qual o custo ou sobre quem teria que pisar. Meus pais também tinham valores puramente materiais, e nunca me ensinaram a olhar para baixo, para a pobreza, nem a ajudar os outros. Nunca tive compaixão dos que sofriam ao meu redor. Nunca chorei...

--- E como você se viu depois da morte? --- perguntou Paulo.

--- Completamente perdido, atordoado. Nada entendia. Pensava que estava louco. Mas graças a Deus minha avó veio em meu auxílio. Aquela, sim, era uma boa pessoa, uma santa.

Não ligava para nada material. Procurava passar valores de honestidade e trabalho digno, mas meu pai não seguiu os seus conselhos, preferindo seguir o pai dele, um materialista completo. E ele se deu mal ao morrer.

--- Você foi logo trazido para cá quando desencarnou?

--- Não. Levei cerca de dois anos na Terra andando de lá para cá, e fui joguete nas mãos de Espíritos altamente inteligentes, que se aproveitam da ignorância dos que morrem como eu morri. Se não fosse minha querida avó e seus méritos, não sei onde estaria agora, e em que condições.

--- E porque não estudou durante o tempo em que esteve aqui, nem trabalhou?

--- Levei um tempo revoltado, sem aceitar a morte, e o meu destino. Não queria estar aqui, mas queria voltar para a minha família. Sentia os lamentos de meus filhos, ainda pequeninos, que sentem muito a minha falta. E também de minha esposa. Não posso ficar longe deles.

--- E como você pensa em voltar?

--- Poderia nascer como filho de meu filho mais velho, que acaba de se casar. Ele possui outros valores, que vem absorvendo com sua esposa desde o namoro. Ela é espírita, e uma empresária com um coração muito grande, que vem implantando novas formas de relação de trabalho, dando participação nos lucros da empresa a seus empregados. E a experiência vem dando certo. Assim, como filho deles, não só eu seria educado dentro de uma filosofia de vida mais perfeita e espiritualista como também poderia absorver esses novos valores e conceitos ligados à vida empresarial, e poderia compensar o meu passado egoísta.

--- Vejo que você já pensou em muitas coisas. --- disse Paulo a Marcos.

--- Sim, meu irmão. Cinco anos para mim valeram como um século. Apesar de não ter estudado em escola aqui, nem trabalhado como os outros, tenho tido permissão para visitar meus filhos constantemente, e tenho com isso aprendido muito com eles. Principalmente com o mais velho, que é quem está administrando os bens da família. Já tive vergonha de mim mesmo durante algum tempo, depois que parti da Terra. Mas depois vi que não levava a nada. Percebi que a única maneira de ajudar seria voltando, e no seio da mesma família. É claro que isso tudo depende de Deus, acima de tudo. E espero contar com a colaboração de vocês.

--- Vamos ajudar no que for possível. --- disse Paulo.

--- Tenho certeza. --- disse Marcos sorrindo.

--- Preciso levar o caso ao coordenador, para estudo e planejamento. Volte daqui a dois dias, está certo?

--- Para mim está ótimo.

--- Muito bem, então até o próximo encontro, na sexta-feira neste mesmo horário.

Marcos se despediu e saiu. E então pude perguntar a Paulo:

--- É sempre assim tão rápido e simples?

--- De forma alguma, meu amigo. Este, antes, é um caso minoritário por aqui, pois se trata de homem educado, instruído, inteligente, capaz de rapidamente se adaptar a novas situações. Logo percebeu a necessidade de voltar à matéria para novo aprendizado, e para

ajudar os que lá ficaram. Mudou rapidamente sua visão da vida e dos valores, principalmente ao ver seus parentes mais felizes vivendo sob outra ótica. Seus filhos não são apegados aos bens que ele deixou, mas também não são pródigos. São equilibrados do ponto de vista espiritual e também social, e possuem coração bondoso. O mais velho, agora auxiliado por sua esposa, que é espírita, está ajudando muita gente, devolvendo a dignidade aos empregados e seus familiares, o que o irmão Marcos nunca se preocupou em fazer. Acredito nas intenções dele, e acho mesmo que ele ganharia muito em nascer na mesma família, pois a confiança e a afinidade espiritual muito pesam no processo de educação e na transmissão de novos valores em substituição aos antigos e ultrapassados valores. Ele poderá ser educado pelo outrora filho, dando-lhe em contrapartida a alegria de ter um Espírito familiar e afim junto a si.

--- E de que depende a permissão ou autorização para o reencarne? --- perguntei.

--- Do mérito pessoal, essencialmente. O caso será levado ao coordenador geral, e ele o estudará e pedirá inspiração ao alto para decidir.

--- E depois, qual o próximo passo?

--- Depois faremos o planejamento propriamente dito, com os diversos detalhes, como consulta aos futuros pais, a época da concepção, o sexo do reencarnante, o tipo físico e o mapa cromossômico, e vários outros aspectos da nova vida física.

--- E ele participa desse planejamento?

--- No presente caso, devido ao grau de amadurecimento do Espírito reencarnante, poderá ele participar de quase tudo. Mas nem sempre isso se dá. Quando se trata de Espírito de pouca consciência, e de inteligência e visão de vida mais limitados, a participação é bem pequena, e muitas vezes nenhuma. Tudo depende de ter maturidade o Espírito para escolher o que é melhor para si. E muitas vezes o que pensamos ser o melhor, na verdade é o caminho para a nossa ruína.

--- Pode me dar um exemplo concreto? --- pedi a Paulo.

--- Claro. Muitas vezes um Espírito passa pela experiência da pobreza numa existência e na seguinte quer compensar nascendo rico. Acontece que quando ele foi pobre não desenvolveu as qualidades que deveria desenvolver naquela situação e provação, como a resignação, a simplicidade e a humildade. Não o comodismo, a que muitos se entregam, mas a aceitação sem revolta da sua condição, porém desenvolvendo a vontade de trabalhar para mudar de vida, se possível. Quando não dá para mudar, deve se resignar mesmo, como muitos indianos e africanos que não encontram nenhuma perspectiva de melhora na atual existência material, e que têm por provação ou expiação aquele estado de miséria mesmo. Aquilo se não foi escolhido por ele, lhe foi imposto para o seu próprio bem, como muitas coisas que são impostas na Terra pelos pais aos filhos visando também o bem deles. E se agora o Espírito nascesse rico mas sem as qualidades necessárias para isso, é quase que certo que ele seria um mau rico, como aliás a maioria é. Egoísta, avarento, usurário, mesquinho, apegado aos bens materiais, onde está seu coração, e a base de seus valores de vida.

--- Realmente, Paulo, a maioria de nós não está preparada para ser rico, para ter dinheiro sobrando. Quando nos vemos normalmente nessa situação, queremos mais e mais, e só para nós, acumulando desnecessariamente tesouros enquanto ao nosso redor tantos não têm sequer o indispensável para se manterem vivos e de pé.

--- É exatamente esse o problema. E muitos vêm aqui pedir o que pode ser o caminho da sua ruína. Quão poucos estão preparados para ter fortuna, meu amigo. Tenho visto há anos aqui neste trabalho Espíritos que pedem para nascer pobres para tentarem desenvolver a humildade, a simplicidade, a resignação, e até muitas vezes a religiosidade. Você encontra muito mais fé e religiosidade nos pobres e na chamada classe média do que entre os ricos. Estes se sentem fortes com o dinheiro, achando que ele compra tudo. Mas quando chegam do lado de cá, percebem que o dinheiro ficou na Terra.

--- Há um ditado na Terra que diz que caixão não tem gaveta. --- disse a Paulo sorrindo.

--- É, e com razão. --- concordou ele também sorrindo.

--- As pessoas estão tão presas aos bens terrenos, estão com seus valores tão materializados, que quando desencarnam acabam tendo uma grande decepção. Aqui os bens que valem são os do Espírito. O trabalho... --- disse a Paulo.

--- Isso mesmo. Vejo que você bem compreende isso, apesar de ainda estar preso ao corpo.

--- Há muitos anos que meus valores são basicamente espirituais. --- disse eu a Paulo --- Dinheiro vale para comprar as coisas materiais necessárias à vida. Apegar-se a ele é insensato, no mínimo, pois sabemos que ele um dia ficará na Terra. E aqui ele não tem nenhum valor. As pessoas deveriam mudar os seus valores, transforma-los, renova-los, para que aqui chegando não tenham tantas surpresas desagradáveis, e não fiquem frustradas.

Enquanto conversávamos, entrou mais um pretendente à reencarnação. Dessa vez uma mulher, alta, bonita, bem vestida, elegante, porém com um quê de simplicidade, e disse:

--- Olá. Como vão?

--- Olá. --- respondeu Paulo.

--- Como vai? --- respondi também.

--- Em que posso ajudá-la? --- perguntou Paulo.

--- Quero nascer de novo.

--- Por que você quer voltar à Terra? --- perguntou Paulo.

--- Porque quero me testar nos meus novos ideais, na minha nova visão de vida, e quero tentar esclarecer outras mulheres que como eu só viviam do seu corpo, achando que ele é tudo, e usando-o para ter poder sobre os homens que também se apegam às formas físicas femininas. Quero ser sexóloga. Tenho estudado durante dez anos aqui nesta colônia, e fiquei cerca de três anos vagando pela Terra atrás do prazer que estava acostumada a sentir. Vivi em motéis e prostíbulos me ligando às pessoas que iam lá em busca de prazer sexual, a fim de sentir o reflexo do prazer que elas sentiam. E cada vez mais me apegava e

me degradava, sem saber que existiam outros valores maiores, outras formas de prazer, e outra vida melhor do que aquela.

--- A irmã parece muito segura do que quer. --- disse Paulo.

--- Sim, estou. Dessa vez vou estudar, vou me formar, e vou trabalhar usando minha inteligência, e não apenas o meu corpo, que é passageiro e se degradará com a idade. Não vou mais viver de quimeras, nem na ilusão, como muitas pessoas vivem na Terra. E espero poder ajudar as outras mulheres a mudarem de vida e de pensamento, a saírem da prostituição, da vida fácil, e a se instruírem de forma verdadeira.

--- E a irmã já sabe como quer nascer? --- perguntou Paulo.

--- Não. Peço que me ajudem a encontrar uma família que possa me dar a necessária educação e suporte espiritual para que não caia novamente em tentação de voltar à mesma vida de antes. E não quero mais nascer, pelo menos por enquanto, muito bela, porque isso é muito complicado. Desperta normalmente a vaidade em Espíritos fracos como eu, e nos faz sentir melhor do que os outros, superior, pela beleza, e nos facilita a vida, mais de forma desviada. Quantas mulheres conseguem emprego mais fácil e rápido só por causa da beleza, mas se perdem no mar da vaidade e da venda de sua consciência e liberdade física? Quantas mulheres vivem da beleza, ganhando dinheiro rápido mas nem sempre limpo? E quantas vezes as mulheres belas retiram a oportunidade das menos belas, deixando-as a amargar subempregos porque os homens de negócio só querem belas secretárias, para delas se aproveitarem?

--- De fato. Tudo que a irmã disse é verdade. Vamos ver o que conseguimos dentro desse quadro que nos foi mostrado e na forma pedida. Volte daqui a uma semana para que tenhamos tempo de estudar a sua situação.

--- Está certo. Agradeço a sua atenção e boa vontade. E que Deus me ajude nesse meu novo propósito e caminho.

--- Tenho certeza que Ele a ajudará, pois você está querendo ajudar os outros, e mudar a si mesma. Até a próxima semana. --- disse Paulo.

A moça saiu, e então aproveitei para fazer algumas colocações.

--- Vejo que ela realmente se conscientizou de que o corpo físico e a beleza são superficiais, e que o Espírito, a mente, e os valores espirituais são o real. --- disse a Paulo

--- Quantas ilusões nós temos lá na Terra. Quanto apego, quanta paixão pelas formas exteriores, o corpo. O amor tem sido muito confundido com a paixão, que é sentimento muito mais superficial e passageiro. O amor, ao contrário, não tem qualquer vinculação ou ligação com forma, beleza, raça, cultura, cor, ou outro atributo físico qualquer. O amor é sentimento nobre, elevado, e está acima da matéria, sobrevivendo a ela e à morte. A paixão acaba rápido, em no máximo alguns anos. Não há paixão que dure a vida toda. O amor mais sublime na Terra tem sido expressado no amor dos pais e mães. É o amor genuinamente descondicionado.

--- Isso mesmo Luiz.

De repente entrou outro rapaz, aparentando cerca de trinta e cinco anos. Dirigiu-se a nós dizendo:

--- Com licença. Me mandaram vir aqui expor meu projeto de vida.

--- Pois não, entre. --- disse Paulo.

--- Estou nesta cidade há cinco anos, estudando e trabalhando na Escola de Direito. Vivi antes alguns anos na Terra, apegado que era à minha família, e depois fui levado por um grupo de Espíritos para uma região escura e sombria, fria, horrível, da qual nem gosto de lembrar. Mas já me conscientizei das causas do meu sofrimento. Eu era advogado, e bom, segundo diziam. Só que me perdi na vaidade e no apego ao luxo que o dinheiro comprava, esquecendo-me por completo das lições de ética que aprendi na faculdade, como acontece com muitos advogados que começam a ganhar dinheiro. Perdi os escrúpulos e os limites morais. Nunca quis saber de religião ou filosofia que colocavam os bens materiais em segundo plano. O meu conforto vinha sempre em primeiro lugar. Assim, corrompi juizes e servidores da justiça, que já estavam sedentos de corruptores. Sei que lhes fiz um favor, porque também eles já haviam perdido o pudor moral e a ética. Mas sei hoje o quanto me comprometi com a justiça, e com as leis divinas, principalmente a de causa e efeito. E por isso agora quero voltar e trabalhar para levar novos valores para dentro da mesma justiça que um dia ajudei a corromper e falsificar.

--- O irmão quer ser advogado novamente? --- quis saber Paulo.

--- Não. Quero estudar Direito novamente, mas dessa vez quero ser juiz, e um juiz incorruptível, para manter íntegro o ideal de justiça verdadeira. Não serei corrompido, e com isso estarei ajudando a mudar a realidade de uma justiça onde infelizmente há vários corruptos. Quero viver de forma mais modesta, com o salário que me for pago, sem esnobar nem luxar, e sem ostentar um padrão de vida elevado. Quero colocar a verdade e a justiça acima de tudo, mesmo que para isso tenha que me sacrificar, seja de que forma for, até mesmo com a própria vida, pois hoje sei que a vida sem ética e sem moral não vale a pena, e vender a alma é comprar um lugar na lama do mundo espiritual. Se todos os advogados e juizes sem escrúpulos soubessem realmente o que os espera do lado de cá, tenho certeza de que muitos mudariam de conduta rapidamente.

--- Sem dúvida. --- disse eu. --- Sou também do ramo do Direito e bem sei do que você está falando. Graças a Deus desde muito cedo tomei conhecimento de filosofias espiritualistas como o Espiritismo e outras, além da formação que tive de meus pais, que são honestos, e do Colégio Militar de Salvador, onde estudei vários anos, recebendo o melhor em termos de formação de caráter. Mas vivo em contato com muitos advogados que nenhum escrúpulo possuem, e que nem sabem o que significa ética.

--- Vamos ver se podemos ajudar. --- disse Paulo. --- Você já tem alguma ideia de onde quer nascer, em que família?

--- Sim, tenho. Há um irmão meu muito querido que está casado há alguns anos mas ainda não possui nenhum filho. É pessoa honesta, que leva vida muito mais modesta que aquela que eu levava, e que gostava muito de mim. Se Deus permitir que nasça como

filho desse irmão, tenho certeza de que muito aproveitarei a minha nova oportunidade, e que terei nova influência moral, bem diferente da anterior, pois meu pai não tinha tanta ética quanto esse irmão meu. Sua esposa também é pessoa muito direita, e que por isso até discutia muito comigo, quando sabia das minhas trapagens. Tenho certeza que me ajudará também a firmar um novo caráter, com muita ética, e me ajudarão ambos na formação de um juiz correto para renovar a justiça brasileira.

--- Seus planos são muito bons. --- disse Paulo. --- Espero que você consiga o que pretende, pois com isso crescerá muito, e ajudará a desfazer o mal que fez no passado com um comportamento tortuoso. Jesus dizia que o amor cobre uma multidão de pecados. Novas e boas ações, no caminho certo e reto, compensam as más ações do passado. Você está no caminho da regeneração, e será útil na Terra, para os planos de mudança traçados pelos seres superiores, dentro da programação para a Terra.

--- Vou estudar muito, e peço que meu protetor espiritual futuro me inspire o caminho da espiritualidade, sugerindo-me leituras e contatos com pessoas elevadas na Terra.

--- Volte daqui a uma semana, pois vou conversar com meus superiores sobre seus planos. Se for aprovado, iniciaremos logo os estudos preliminares que culminarão com o seu reencarne. E que Deus lhe abençoe nos seus novos planos de vida. Vá em paz.

--- Paz para vocês também. --- disse o rapaz.

Depois que o rapaz saiu, perguntei a Paulo:

--- E a execução desses planos aqui expostos, como se dão?

--- Depois de cuidadosamente analisados, os coordenadores de reencarnação encaminharão o projeto para o setor de execução, que cuidará do contato com os futuros pais, planejarão o mapa genético do novo corpo, cuidarão da ligação do Espírito ao óvulo em fecundação, e escolherão o futuro mentor ou protetor espiritual, que todos têm na Terra. Tudo é bem pensado e programado, em cada detalhe, para evitar falhas de programação, que podem pôr a perder uma oportunidade reencarnatória.

--- Obrigado pelas explicações e pela atenção, meu irmão. Agora preciso voltar ao corpo, pois já sinto seu “chamado”. Sinto-me como que puxado, atraído por ele e para ele. Preciso ir. Até outro dia. Muita paz.

--- Foi um prazer em conhecê-lo, meu irmão. Volte sempre que quiser e puder para aprender como eu. Muita paz para você também.

Parti de retorno para minha casa e me reintegrei no meu instrumento de evolução, o corpo.

## XXI

Maio de 1997. Uma noite, estando muito sereno ao me deitar, por volta das onze horas da noite, logo relaxei. Lembrei-me de Sana Khan, e pensei que gostaria de conversar com ele. Concentrei o pensamento nele, chamando-o. Não demorou muito e estava quase totalmente desligado do corpo, ouvindo sua voz.

--- Aqui estou, meu filho.

Levei ainda algum tempo até estar fora do corpo e poder conversar com o mestre.

--- Muita paz, mestre.

--- Muita paz. Como tem estado?

--- Ultimamente muito bem. Queria bater um papo sobre minhas conquistas internas e sobre o avanço que começo a sentir, real, e que muita tranquilidade tem me dado.

--- Isso é muito bom, meu filho. Tenho observado seu estado mental nos últimos tempos, e tenho ficado muito feliz com o seu progresso. Sinto que agora você realmente vai subir. Quer falar você mesmo sobre o seu estado atual?

--- Quero. Nunca em toda a minha vida, ou talvez de fato em todas as minhas vidas, me senti tão leve, tão livre, tão solto das amarras que me prendiam às formas, e principalmente ao sexo. Tenho me sentido tão sereno, que nem estou acreditando. Tenho confirmado o que sempre acreditei mas nunca havia de fato experimentado, que é a falta de desejos. Não tenho sentido desejos, não tenho viajado mentalmente nos desejos, não tenho sonhado nem pensado em sexo, como no passado. E isto está me dando uma serenidade que nunca tive. O senhor sabe que esse era o maior freio ao meu crescimento, o meu maior apego. Agora estou me sentindo livre, mesmo tendo relações sexuais com minha esposa. Não penso mais em sexo. Não sonho com sexo. E o sexo já não tem mais a mesma importância para mim. Acho que o sexo finalmente tomou o seu real lugar na minha vida, entrou finalmente no eixo. E com isso tenho sentido muita tranquilidade mental. Não tenho muitos outros desejos ao ponto de intranqüilizar a minha mente. Por isso, tenho apenas vivido, de forma muito mais natural, sem amarras, e tenho olhado para as mulheres de uma outra forma, sem ficar pensando em sexo ou fantasiando uma relação amorosa. E isso também tem me feito curtir muito mais a minha família, a minha esposa e meus filhos. Minha mente livre tem mais tempo para pensar em coisas reais e realmente importantes para a minha vida e minha evolução. Tenho estado muito inspirado, tenho tido muita vontade de escrever, e acho que vou voltar a produzir. Ou melhor, vou produzir como nunca produzi antes.

--- Ótimo. --- falou Sana Khan sorrindo de satisfação. --- Será bom para você e para os leitores que aguardam há anos a continuação do primeiro livro. E espero que você escreva outros depois.

--- É, mestre, tenho sido muito cobrado pelos leitores pela longa demora do segundo livro, principalmente por minha amiga Olga Eli Cabral de Almeida, que está de cama aguardando algo para ler. É a minha maior incentivadora para que eu escreva. Vive me ligando e perguntando se já terminei.

--- Meu filho, você assumiu um compromisso com as pessoas quando escreveu o primeiro livro, pois prometeu o segundo, e até hoje não terminou. Isso não se faz. Termine logo. Você criou uma expectativa nas pessoas, que gostaram da primeira obra. Você sabe da sua missão como escritor, em transmitir coisas boas, em incentivar a espiritualização, a libertação dos apegos, dos desejos, da forma. Você não pode mais parar de escrever. E não se esqueça das palestras.

--- Mestre, quando não estou muito sereno prefiro não falar nem escrever. E como estive em períodos intercalados de serenidade e ansiedade, paz e agonia, amor e paixão, liberdade e prisão pelos desejos, estive também falando e escrevendo em períodos alternados. Agora sinto que vou escrever muito, e também falar, pois estou em paz, e acho que agora é para sempre. Nunca me senti assim antes, e estou adorando. Não tenho dado mais valor ao sexo do que ele realmente tem. Tenho durante muito tempo buscado o prazer do sexo de forma autônoma, o sexo pelo sexo, o prazer pelo prazer, como muitas vezes comemos por comer, sem estarmos com fome realmente. Assim como fazemos da refeição e alimentação um divertimento e um passatempo, desvirtuando-a quanto à sua finalidade, também em relação ao sexo desviamos de sua verdadeira função, e buscamos o sexo como diversão, passatempo, super excitação, super prazer, como fortes emoções, e ficamos presos a ele durante muito tempo, tentando preencher o que não pode ser preenchido, o vazio da alma. Tentamos entorpecer a mente com o orgasmo, inconscientemente, tentando “sair do ar” por alguns instantes, para fugir da ansiedade, do medo, da tensão, do estresse, e deixar de encarar o nosso vazio.

--- Vejo que você amadureceu muito nos últimos tempos, meu filho. Possui hoje uma outra compreensão do sexo e dos estados da mente.

--- Sim, mestre. Acabei por perceber que o orgasmo tem sobre a mente um efeito semelhante à “saída do ar” de um canal de TV, ficando a tela da televisão chuvizada, sem apresentar nenhuma imagem.

--- De fato, meu filho. Quando um ser humano tem um orgasmo, quando atinge o clímax sexual, ou o gozo máximo, a mente perde momentaneamente o controle, como se saísse mesmo do ar, como bem comparou você. E isso leva muitas vezes as pessoas a fazerem bobagem, pois estão sem controle algum nesse momento. É preciso ser muito forte para não sair do ar no momento do orgasmo. Acontece nesse momento uma verdadeira descarga elétrica sobre o cérebro, e uma descarga da energia mais bruta que penetra no corpo, na forma de maior potência, que é a chamada energia telúrica ou kundalini. Essa energia possui baixo teor vibratório, com grande comprimento de onda e pequena frequência, e por isso quando penetra no cérebro o efeito é realmente o de uma

descarga energética forte e que tira a mente do ar, pois a energia usada no pensamento é bem mais sutil. E o sexo demasiado tende a diminuir o tempo de vida.

--- E é a isso que nós nos apegamos... é incrível... --- disse ao mestre.

--- O prazer é grande, como você sempre achou. --- disse Sana Khan --- E quando não se sentem outros prazeres maiores e verdadeiros, e não se tem noção ainda do prazer perene, constante, da mente serena pela ausência de conflitos e desejos irrestritos e sem controle, as pessoas se apegam a esse prazer menor, achando que ele é o máximo, o maior prazer que existe. É uma ilusão.

--- Estive preso a essa ilusão durante tanto tempo mestre. Só há pouco tempo comecei realmente a me sentir livre dessa ilusão, passando a ver o orgasmo de outra forma, e também o sexo. Comecei a colocar o sexo no seu devido lugar, e ele hoje já não é tão importante. A amizade, o companheirismo, e principalmente o amor verdadeiro são muito mais importantes para mim hoje, porque são eternos e reais.

--- Que bom que isso finalmente aconteceu. Não achava que isso fosse acontecer tão cedo. Foi preciso planejar muitos problemas para você, envolvendo o sexo, para que refletisse profundamente sobre ele e sobre isso tudo que agora você compreende. Mas valeu a pena. Agora você começa a entrever a verdadeira liberdade, e o verdadeiro prazer descondicionado. Sente novamente o prazer nas pequenas coisas. Vê as coisas realmente como elas são, sem máscaras e sem nuvens de ilusão. Você amadureceu Beto. Quase já não tenho o que ensinar a você. Talvez você nem precise mais de mestre, estando perto de tornar-se um.

--- Não exagere, mestre. Ainda tenho minhas limitações e minhas fraquezas.

--- E quem não as tem, meu filho? --- perguntou o mestre.

--- Mas ainda me irrita às vezes com as coisas...

--- Mas isso está cada vez mais raro.

--- Não sei, mestre. Estou realmente me sentindo muito bem, muito inspirado, muito iluminado ultimamente. Mas tenho problemas a resolver, que eu mesmo criei.

--- Resolva-os, se puder, ou deixe que Deus se encarregue deles, se não estiver ao seu alcance a solução. Mas não perca mais a sua paz que volta depois de tanto tempo. Ela é o portal da felicidade verdadeira.

--- Sem dúvida mestre. Estou muito feliz, mesmo com problemas. E estou me mantendo bem interiormente, mesmo envolto em problemas. Em outros tempos, estaria ansioso, nervoso, irritado, estressado...mas me sinto calmo, sereno, em paz...

--- Só uma mente que pouco deseja sente essa paz, porque tem poucos ou nenhum conflito, não tem tensão, ansiedade, frustração, medo. A ausência de desejos traz à mente a paz, a serenidade, e é isso que você está sentindo agora. Continue assim.

--- Mestre, eu já sabia dessas coisas teoricamente, mas só há pouco tempo senti realmente que elas são reais. Não estou fazendo nenhum esforço para me manter assim, em paz. E não estou reprimindo desejos. Eles apenas estão desaparecendo,

gradativamente, e está vindo um estado profundo de compreensão das coisas. Vejo as coisas cada vez de forma mais clara.

--- Isso é o prenúncio da iluminação, já é a própria iluminação chegando. --- disse Sana Khan.

--- O senhor acha mesmo, mestre?

--- Claro. Nunca você teve tanta compreensão como agora. Sinto isso claramente. A cada momento que você pára para pensar sobre um assunto, ele lhe vem à mente de forma clara, explicada, total, integral, sem dúvidas ou meias-respostas. Isso é iluminação, é luz mental, é claridade mental.

--- A todo instante me vêm pensamentos sobre assuntos importantes, e tenho vontade de colocar no papel. --- disse.

--- E por que não está colocando? --- perguntou Sana Khan.

--- Não sei, talvez falta de hábito, comodismo...

--- Crie o hábito. Não desperdice o momento criativo. A luz deve ser passada adiante. Não coloque a luz debaixo da mesa, mas em cima. Ilumine as outras pessoas com a luz que chega até você. --- disse Sana Khan.

--- Tenho pensado tanto a respeito do comportamento humano. Há tantas pessoas perdidas no mundo... tanto desvio sexual, tanta dependência às drogas, ao álcool, ao cigarro...tanto crime, tanta corrupção, tanto apego ao sexo e à beleza...há tanta gente vivendo da beleza e tentando preservá-la eternamente...tanta gente tentando manter o corpo jovem para sempre, sem cuidar da mente, da alma...tanta gente presa às teias do poder, seja pelo dinheiro ou pela política, pensando que isso dura para sempre...tanta gente presa ao luxo, e tanta gente vivendo no lixo...tanta pobreza e tanto desperdício de dinheiro com futilidades...tanto apego a cargos passageiros...tanto apego a nacionalidade, a ração, a religião, a cor, a filosofias...todos pensam que são donos da verdade...tanta intolerância, tanta impaciência, mãe do estresse...tanto desamor, tanta paixão que pensam ser amor...tanta propaganda usando as mulheres e o sexo, com o seu consentimento e até a sua vontade livre e viciada... vende-se tudo com o sexo como pano de fundo...quanta superficialidade, e quão pouca profundidade nas pessoas no mundo...quantas guerras e quanta violência ainda vemos nos países, de forma às vezes gratuita, que já perdemos até a sensibilidade para nos emocionar...quantos filmes de violência assistimos, torcendo pelo mocinho e desejando ver a caveira do bandido...quanto tempo perdido com bobagens e coisas pequenas e sem importância para a nossa evolução...

--- É por isso que você precisa escrever, meu filho. Livros e mais livros. Siga o caminho que você mesmo traçou, e sabe qual é...

--- Vou tentar mestre. Sei que em alguns aspectos terei reação forte contrária, mas vou escrever assim mesmo.

--- Jesus teve reação tão forte contrária que o mataram...mas ele é o maior de todos entre nós na Terra. --- disse Sana Khan. --- Não se preocupe com os outros, em termos de reação contrária. Você não veio ao mundo para agradar, mas para dizer a verdade que já

consegue compreender, e que é suficiente para ajudar muita gente perdida, sem rumo e sem farol. Mas seja sempre humilde, nunca se sinta grande, nem maior do que ninguém. Você é você, tem a sua forma de pensar, de escrever, e de falar, e os outros têm outra forma diferente. Ninguém é igual a ninguém. Faça a sua parte no esquema da vida. Cumpra a sua missão, e saia do mundo de cabeça erguida com o sentimento do dever cumprido... trabalhe muito pela paz das pessoas...transmita a sua paz aos outros que se sentem perturbados...cure os doentes do Espírito...ame muito, e de forma indistinta, indiscriminada, incondicionada, e não deseje ser amado...as pessoas lhe amarão naturalmente no retorno...seja prudente como uma serpente e manso como um cordeiro, como dizia Jesus...não ataque, não ofenda, não se defenda...seja paz e seja amor...seja luz para aqueles que estão na escuridão espiritual...ajude sempre, seja amável e afável...fale sempre manso, mas com verdade...seja sempre sincero...diga sempre a verdade, salvo se for para livrar alguém de uma grande dor e não for prejudicar ninguém...cumpra sempre o seu papel como cidadão...trabalhe para melhorar também as instituições da sua sociedade, para melhorar a vida material das pessoas...você sabe o que fazer...

--- Sim, mestre. Eu sei o que fazer. E espero que esteja sempre a me inspirar...

--- Não só eu, mas todos os Espíritos de luz do planeta estarão mandando mensagens por você desde que esteja em real sintonia, você sabe disso...

--- Mestre, obrigado pelo encontro e pela força.

--- Foi um prazer para mim, meu filho. Fico feliz por você, e pelo mundo, com a sua transformação, que já andava demorando...a sua iluminação se espalhará, e a sua serenidade afetarà os outros. Seja um canal puro para Deus no mundo, deixando que Ele irradie a Sua paz e o Seu amor. Muita Paz.

--- Muita paz, mestre.

E assim deixei o mestre Sana Khan na sua dimensão de vida e voltei à minha, na Terra, estando cômico do meu dever e do que devo fazer. Espero não falhar.

MUITA PAZ !!!

## XXII

Certo dia, no mês de maio de 1997, senti fortemente o desejo de me deitar mais cedo, sentindo que havia algo a fazer no plano espiritual, mas não sabia o que era. Estava me sentindo muito bem, inspirado. Deitei-me antes das dez horas da noite, e logo adormeci. De repente senti a presença de Sana Khan no meu quarto a me dizer:

--- Saia, Beto, pois há uma missão para você.

Logo deixei o corpo na cama, e parti com o mestre, que me segurou a mão e na viagem interdimensional me explicava o que eu iria fazer.

--- Beto, marquei uma palestra para você na Colônia New Flórida, que fica nos Estados Unidos. Você falará para pessoas que trabalham com comunicação em geral, jornalismo e cinema, não só dos Estados Unidos mas também de outros países, que para lá estão sendo levadas pelos irmãos protetores de cada Espírito.

--- Uma palestra para Espíritos encarnados no plano espiritual? ---- perguntei.

--- Exatamente. --- confirmou Sana Khan. --- Mas haverá também Espíritos desencarnados assistindo.

--- Mestre, porque o senhor mesmo não faz a palestra?

--- Porque tenho outro compromisso no mesmo horário em outra colônia, e quero que você comece a praticar esse tipo de atividade que no futuro será uma constante na sua vida.

--- Tudo bem. Já fiz muitas palestras no plano físico, e algumas também no espiritual. Não tenho mais medo nem timidez, que já superei há anos. Mas qual será o tema da palestra?

--- Os valores humanos e a inversão de valores.

--- Engraçado, mestre, este é o assunto que mais tem me atraído ultimamente, e mais tenho meditado, e desejado falar em palestras. É uma das minhas grandes preocupações no momento.

--- Eu sei, e é por isso que preparei essa palestra. Você saberá o que falar, e não precisa nem se preocupar com o que dirá, é só falar do que tem meditado, e deixar fluir os pensamentos e a inspiração que com certeza virá.

Logo chegamos a uma cidade, passando por cima do alto muro, e descemos em um jardim deserto. Caminhamos durante algum tempo e chegamos a uma praça cheia de gente, que seguia para um edifício belíssimo, parecendo um fórum romano. Entramos, acompanhando a multidão, e um senhor idoso nos interceptou o caminho, no corredor, dizendo:

--- Meu amigo Sana Khan. Como vai?

--- Bem, e você, Cláudio?

--- Estou indo melhor do que mereço. E o irmão Luiz, como vai?

--- Vou bem, obrigado. --- respondi.

--- Está preparado para a palestra? Estão todos em grande expectativa.

--- Não sei. --- respondi. --- Vamos ver na hora.

--- Luiz está acostumado a falar em público, e este tema de hoje é objeto de constantes meditações dele. Assim, não tenho dúvidas de que se sairá bem. --- disse Sana Khan.

--- Vamos entrar então. Me sigam. --- disse Cláudio.

Seguimos aquele senhor até um grande auditório. Aparentemente ali cabiam sentados mais de mil pessoas, e estava lotado. Havia alguns de pé, na lateral do auditório, como acontece também aqui na Terra. Cláudio nos levou até a mesa principal, no alto de um tablado, onde mandou que me sentasse, e ali se despediu de Sana Khan, que não podia ficar para assistir. Também desejei sucesso no trabalho do mestre, o que ele também me desejou, e disse que depois conversaríamos sobre os trabalhos de ambos.

Alguns minutos depois, Cláudio, que era quem coordenava os trabalhos naquele centro de estudos de comunicação, tomou a palavra e começou a falar:

--- Meus irmãos, boa noite e muita paz a todos. Que Deus nos ilumine e nos inspire, dando-nos a necessária luz e paz para entendermos o que será explanado. Este é o irmão Luiz, do Brasil, da Cidade do Salvador, na Bahia, que vem até nós nos dar um pouco da sua luz e da sua compreensão, que sabemos possuir, segundo o mestre Sana Khan. Luiz nos vai falar sobre os valores humanos e a inversão de valores que hoje vivemos no mundo terreno. Aproveitem bem as suas palavras, e que ele seja inspirado pelos irmãos maiores. Com a palavra o irmão Luiz.

Levantei-me da cadeira em que me sentava e me afastei um pouco da mesa, como costume fazer em auditórios na Terra. E comecei a falar:

--- Muita paz a todos. Espero corresponder às expectativas de todos. Se não conseguir, que me perdoem as limitações. Há algum tempo venho refletindo muito acerca dos valores humanos na atualidade e a inversão de valores que estamos vendo hoje no mundo. Vamos voltar um pouco no tempo. Os mais velhos procurem se lembrar dos anos quarenta e cinquenta, de como a maioria das pessoas valorizava a honestidade, a tinham como bom costume, como o certo, o ser honesto. As leis eram rígidas contra os desonestos, e as pessoas em geral deploravam as práticas do furto e da violência para roubar. Tinham vergonha de serem flagradas furtando. Hoje, o número de pessoas que roubam tem crescido muito, e as pessoas já não têm mais vergonha ao saberem que os outros estão sabendo que elas estão roubando ou que foram presas. As pessoas já não dão o mesmo valor à honestidade. A valoração dessa antiga virtude foi alterada. Ser honesto no mundo de hoje já não é a mesma coisa de três ou quatro décadas atrás. As pessoas já não fazem a mesma força para serem honestas. Por que será que isso está acontecendo? Ao nosso ver, essa mudança se deu em virtude da mudança geral nos valores do homem. A filosofia materialista do século dezenove retirou das pessoas suas crenças religiosas, seu temor de Deus, e nos trouxe valores novos ligados ao capitalismo então nascido, e principalmente à industrialização. A busca pelo conforto material antes inexistente ofuscou os antigos valores do homem. A luta pelo emprego nas cidades crescentes

aumentou a competição humana, e fez com que as pessoas pouco a pouco fossem deixando de lado escrúpulos, mitos religiosos, moral, ética, e se fixassem exclusivamente na sua luta particular. Sua família tinha que estar protegida, agasalhada, alimentada, aquecida, vindo somente em segundo lugar os outros. A dor alheia foi se distanciando das pessoas, que foram se tornando cada vez mais individualistas e egoístas, e insensíveis à dor do próximo. Com o desenvolvimento do capitalismo, de início selvagem, a luta e a competição fizeram balançar os antigos valores, e a honestidade passou a ser menos importante do que a sobrevivência. E isso atravessou a segunda metade do século passado e chegou até nós neste século. Cem anos de capitalismo foi o suficiente para transformar muita coisa na face da Terra. Muitas guerras foram lutadas por causa de mercados consumidores. Muita disputa pelos pólos minerais, pelas fontes de água, de petróleo, e outros produtos da natureza. Mas o advento da televisão representou uma das maiores mudanças na humanidade, tanto boa como ruim. O lado bom é a transferência de informações e a troca cultural. Hoje, em poucos minutos, o mundo todo fica sabendo de um fato que caba de acontecer ou mesmo está ainda acontecendo na outra face da Terra. Não há mais distâncias físicas nem culturais. As barreiras desapareceram. Mas em contrapartida, a televisão ganhou um tal poder de influenciar as pessoas e seu comportamento que se tornou um poder acima dos outros poderes no mundo, e inteiramente sem controle. A mídia constrói e destrói livremente o que quer. Faz um presidente, quando lhe interessa, mas o derruba logo em seguida se for também melhor para ela. Constrói valores, passa coisas boas, ensina, mas também deturpa valores, inverte-os, ensina coisas erradas. O papel educativo da televisão é hoje discutido, e discutível, mas é certo que ela educa mas também deseduca. Forma caráter mas também o desnatura. Cria ídolos de pedra e depois os lança em seguida na sarjeta, se ficam velhos e perdem a forma física que interessa à televisão para vender produtos dos patrocinadores. A televisão hoje forma cantores do nada, mesmo sem terem voz para isso, mas queima a sua imagem tão logo eles se voltem contra ela. A televisão nos faz vibrar com esportes e esportistas e nos fanatiza, fazendo-nos adorar pessoas que a única coisa que fazem na vida é correr com um veículo em torno de uma pista de asfalto, sem que isso tenha qualquer importância para a sociedade, a não ser a alienação e o fanatismo. Cria ídolos que correm atrás de uma bola, fazendo com que eles recebam salários mensais que professores e cientistas jamais receberão em toda a sua carreira profissional. Hoje há jogadores de futebol ganhando por mês mais de cem mil dólares, e também jogadores de basquete, salário que nenhum professor no Brasil receberá em vinte anos de trabalho extenuante. Há artistas ganhando em um simples comercial para a TV o que muitos médicos no Brasil que trabalham no serviço público jamais ganharão durante vinte anos. A televisão brasileira hoje, e ela não é exceção, vende a imagem de pessoas que sequer possuem de fato mérito artístico, fazendo-as enriquecer rapidamente, como muitas loirinhas que ganharam um programa infantil, ou que aprenderam um rebolado vulgar e medíocre. Chegamos a um tal ponto no mundo que muitas vezes nossos filhos querem largar os estudos para aventurarem uma

carreira na TV ou no cinema, como milhares de jovens americanas que deixam as suas cidades e vão para a cidade do cinema anualmente. E o que diremos a nossos filhos? Que o futuro deles está no estudo? Que televisão e cinema não levam a nada? Que futebol não tem futuro? Muitos jovens dizem que vão para a escola e vão na verdade jogar futebol, no Brasil, ou basquete aqui nos Estados Unidos. E se forem bons jogadores, ganharão muito mais do que se fossem bons médicos ou bons engenheiros. Qual o professor ou cientista, mesmo aqui na América do Norte, que ganha mais do que um jogador de sucesso? Ou do que um cantor famoso? Ou corredor de fórmula 1? Não dá para comparar. A televisão teve um papel fundamental nessa inversão de valores. Hoje um professor não se sente valorizado, e não é remunerado na forma que deveria ser, já que o professor nos dá as primeiras lições, nos ensinando a ler e escrever, essa mágica fantástica, que nos abre o caminho para a leitura dos grandes autores universais. A leitura nos coloca em contato com um universo vasto de conhecimento. Mas quem hoje dá valor a um professor? Quem reconhece o valor de um mestre da escola? Quem se lembra e agradece daquela ou daquele que o ensinou a ler e escrever? Quem se lembra daquele que ensinou os rudimentos da matemática? E a História? Quem reconhece o valor do guarda de trânsito ou do policial que arrisca a sua vida para nos manter seguros nas ruas, mesmo ganhando salários aviltantes, se comparados aos salários dos artistas? E quem pára para pensar que somos nós mesmos que pagamos os salários desses artistas e atletas milionários? Ao assistir televisão você está pagando os salários milionários. Mas não queremos dizer que devemos deixar de ver televisão, mas apenas que devemos ter uma visão mais crítica e desenvolvermos mais o discernimento, a fim de podermos melhor escolher o canal e o programa de televisão a ser assistido. Há programas educativos na televisão, mas quem os assiste? Hoje as crianças, adolescentes e jovens só querem jogar vídeo games, que em sua maioria são de violência, de luta, de guerra, de destruição, quase nada havendo verdadeiramente educativo. A programação da televisão está cada vez mais inchada de filmes de violência gratuita, inculcando-nos o gosto pela violência, ou quando menos nos acostumando com ela, fazendo-nos perder a sensibilidade diante de cenas reais de violência. A morte se torna tão comum e banal nos filmes que assistimos que, quando vemos a morte real, ela já não nos emociona mais. Hoje o ter se tornou mais importante do que o ser. As pessoas estão buscando de forma exagerada e sem controle algum o dinheiro, e se esquecem, ou sequer já pensaram, que há algo mais do que dinheiro na vida. Os valores são basicamente materiais. Espírito? O que é isso? O Espírito não é importante para as pessoas, salvo quando vêm para o lado de cá, para o plano espiritual. Aí se conscientizam de que são Espíritos, mas olham para trás e vêem que durante sua vida inteira na Terra viveram como se fossem apenas um corpo de carne. Nenhum valor espiritual desenvolveram, porque com eles nunca se preocuparam. A vida é bela, e plena de momentos agradáveis, cheia de prazer. Mas não é tudo fruto do corpo e do dinheiro. O dinheiro não pode comprar tudo, não comprando saúde, paz ou felicidade. Os ricos morrem como os pobres, mesmo nos grandes hospitais, e cercados dos melhores médicos.

Quantos ricos são infelizes e não podem sair de casa com medo de sequestro? Quantos ídolos da música e do cinema se trancam e se isolam em casa, às vezes até se matando, porque foram “devorados” pelos fãs. A fama mata também. E faz muita gente infeliz, porque já não pode mais sair para comer uma pizza na esquina como antes. É o que chamamos de “preço da fama”. Vale a pena? Mas muitos correm atrás, sem terem consciência do que isso representará no futuro.

Fiz uma ligeira pausa, olhei para a plateia que me escutava atenta e continuei.

--- São tantas coisas que levaríamos dias falando aqui. Uma outra coisa que tenho pensado muito ultimamente é na questão do casamento. Estamos tão presos aos valores estéticos que nos foram impostos pela mídia que não conseguimos nos livrar deles. Nos acostumamos a pensar que o bom é uma pessoa em forma, com o corpinho todo certinho. E então muitas vezes casamos pela beleza exterior, nos apaixonamos por ela, a beleza, a forma externa, não pela alma, pelo Espírito que está por trás da forma, da aparência. E quando nos deparamos com o ser que está escondido e vive de fato dentro do corpo, muitas vezes nos assustamos, não gostamos do que encontramos, e nos separamos. A forma tem sido levada muito mais em conta nos casamentos do que o ser por trás dela. Nossas relações têm sido superficiais, porque valorizamos muito mais a beleza da superfície. Quando passarmos a dar mais valor ao Espírito, ao que ele pensa e gosta, etc., e nos abstrairmos mais da forma exterior, então viveremos uma relação mais profunda, baseada não mais no corpo, mas na alma. E os casamentos serão mais duradouros e verdadeiros. Mas ainda estamos buscando apenas a beleza superficial, que nos ofusca e nos empolga momentaneamente. E somos imediatistas. O futuro não nos interessa muito, salvo quando ele já está muito próximo. Quantos casamentos terminam quando os seios da mulher “caem” e surgem suas rugas, ou quando a barriga do homem aparece e seus cabelos caem. O amor que não sobrevive a essas coisas não pode ser chamado de amor. Trata-se apenas de paixão pelas formas, pela estética. E isto é passageiro como as nuvens. Por mais que durem, acabam, passam. Só o amor de verdade sobrevive à idade e às transformações do corpo e sua forma. O amor não envelhece, porque não tem idade. Quem se ama aos dezoito anos se amará aos oitenta, mesmo enrugado e curvado. Precisamos rever todos os nossos valores. Estamos dando muito valor à forma, à aparência, e pouco valor à essência. O que está no fundo é mais real do que o que está na embalagem. Não podemos viver na superfície a vida toda, desconhecendo o que está no interior das pessoas. É preciso que olhemos mais para dentro das pessoas, vendo-as como almas encobertas com um véu, que é o corpo, corpo este que nos inebria muitas vezes, nos enleva, e nos ilude, porque apegar-se a ele é insensato, vez que ele se degradará como tudo o que é material. Mesmo as rochas são destruídas com a ação dos ventos e das águas do mar. Não devemos nos apegar a nada que é mutável, porque a cada momento a sua aparência será outra diferente. Os cabelos caem, os seios também, as rugas vêm para todos, e ninguém está imune à ação do tempo. Mas o Espírito é imortal, e sobrevive à morte do corpo, por isso ele é que deve ser valorizado em primeiro lugar. O corpo deve ser valorizado, mas no

seu devido valor, e não mais do que o Espírito. É preciso darmos mais valor àquelas profissões que hoje são desprezadas na nossa sociedade, como os apanhadores de lixo, os policiais e os professores, pois do contrário em breve seremos uma sociedade idiotizada, sem instrução, apenas dando importância ao lazer, e muitas vezes ao lazer idiotizante e medíocre. O que é ficar duas horas diante da TV vendo vários carros darem voltas na pista? O que é ficar várias horas ligados no vídeo games lutando contra o inimigo? O que é ficar duas horas vendo um filme de terror sem sentido e totalmente fora da realidade? O que é ficar vendo filmes de violência gratuita e ainda torcer pela violência e pela morte? O que é ficar vendo um homem matando aos poucos um touro com lanças e espada? O que é ficar tragando fumaça de cigarro e lançando-a nos pulmões? O que é ficar assistindo um show de pagode no qual uma garota apenas mostra o seu requebrado e nada mais, não tendo nenhum dote verdadeiramente artístico? O que estamos fazendo de nossas vidas? Do que estamos correndo atrás? De quimeras, de sonhos, de ilusões? De forma, de corpo, de prazer sexual? É preciso rever os nossos valores. O que traremos para o mundo espiritual? As coisas materiais com certeza ficarão lá na Terra. Então, o que traremos? O que estamos engolindo sem raciocinar, através da televisão? E o que estamos criando nas empresas cinematográficas e nos estúdios de televisão para as pessoas engolirem? Que valores vocês da mídia estão dando às pessoas? Já pensaram na responsabilidade do que fazem na TV e no cinema? Todos responderão um dia pelos excessos e pelos desvios, é bom que reflitam sobre isso. É preciso que pensem em rever os valores que possuem, e que passem novos valores através da programação da TV e nos filmes. As pessoas são mesmo influenciadas pela televisão e cinema, e como. Então, procurem usar bem esse mecanismo e esse poder. Vamos começar uma revolução de valores reais, espirituais, para dar novo impulso à evolução humana. Vamos deplorar a violência, em vez de sentir prazer e nos divertir com ela nos filmes. Vamos deplorar as guerras, em vez de ganhar dinheiro com elas em filmes. Vamos banir os vampiros, lobisomens e monstros da televisão e cinema, porque a sua visão em nada acrescenta às crianças, adolescentes, jovens, e nem mesmo aos adultos. O clima de terror e medo que a TV e o cinema criam só é destrutivo, fazendo com que as pessoas mantenham em suas mentes as imagens de monstros e seres infernais. O que ganhamos com isso? Só o cinema ganha. É o valor do dinheiro suplantando a tudo, e a todos os demais valores. Até quando? Vamos dar mais valor ao amor verdadeiro, e menos à paixão. Mais valor à essência do que à aparência. Vamos dar mais valor à verdade do que à mentira. Mais valor à honestidade do que à esperteza. Vamos deplorar os políticos corruptos, as autoridades que abusam do seu poder, aos policiais que se excedem no cumprimento do seu dever descarregando nos outros suas frustrações. Vamos deplorar aqueles que mentem na justiça para auferir vantagem indevida, de forma desonesta e injusta. Vamos deplorar aqueles que fazem do sacerdócio um ganha-pão, da medicina um comércio, e a advocacia mercenária. Vamos dar mais valor à vida do que estamos dando. Mas vamos nos lembrar de que a vida do corpo é passageira, e rápido se esvaiará. E que o Espírito é que é o mais importante, e que sobreviverá à morte corporal. Vamos todos

refletir sobre os valores humanos. Não se esqueçam dessas palavras quando voltarem para o corpo, aqueles que ainda estão como eu ligados a um na Terra. E tentem passar algo diferente através da televisão e do cinema. Obrigado por sua atenção. Muita paz para todos.

Terminei de falar e me sentei. Cláudio agradeceu a minha presença e a de todos que ali estavam, e encerrou o encontro daquela noite. Me despedi e voltei para casa sozinho, reintegrando-me ao corpo.

Muita Paz.

## XXIII

Para encerrar esta obra, quero contar uma experiência que tive em 1978, e que não contei antes, para falar um pouco sobre o poder do amor e sobre a transformação do ser.

Certa vez estava na praia do Jardim dos Namorados, na Pituba, em Salvador, pela manhã, deitado na areia e de olhos fechados, tomando sol e meditando. Estava relaxado, de costas, com os braços estendidos ao longo do corpo. De repente, senti algo encostar no meu corpo. Tomei um certo susto, por não saber o que era. Abri os olhos e levantei a cabeça para ver do que se tratava. Era apenas um pequeno siri de praia, conhecido como “Maria farinha”. Todo branquinho, o que o esconde na areia da praia. Aproximei minha mão direita dele para tentar toca-lo, mas ele reagiu imediatamente, abrindo suas garras de forma defensiva, como seu instinto lhe impunha. Apenas agiu instintivamente, como era de se esperar. Preparava-se para se defender de um predador. Imediatamente comecei a pensar no instinto e como os animais estão presos a ele. E decidi fazer uma experiência, para ver se o siri deixaria de lado o seu instinto natural.

Comecei a me concentrar nele, enviando pensamentos de amor, envolvendo-o com o mais puro sentimento de amor. Dizia mentalmente a ele que não lhe faria mal, que era seu irmão, que ele relaxasse. E comecei a tentar lentamente a aproximar a minha mão direita da sua carapaça, as costas. Inicialmente ele não deixou, abrindo as garras defensivamente e se afastando. Insisti, com o mesmo pensamento. E depois de alguns minutos tentei novamente aproximar a mão. Dessa vez encontrei já menor resistência. Sua postura já não era a mesma. Suas garras já não tinham a mesma rapidez de movimentos. E finalmente pude toca-lo. Ele ainda se movia um pouco, mas deixou que o tocasse. Então aproveitei para fazer-lhe carinho. Alisava suas costas, a carapaça dura. Ele foi aos poucos ficando imóvel, parecendo gostar daquilo. E depois finalmente baixou a guarda, e as garras. Aquilo foi fantástico. Nunca tinha tido uma experiência como aquela. Comprovava na prática o que já havia lido sobre yogues que conviviam com animais selvagens sem serem atacados por eles, como cobras, tigres e outros.

Levei alguns minutos alisando o siri e demonstrando que o amava de verdade, e que não lhe faria mal algum. Como ele abaixara por completo as garras, coloquei-o em minha mão esquerda. Ele parecia estar dormindo, imóvel que estava. Depois de algum tempo, resolvi que iria embora, e tentei desperta-lo, mas ele parecia não acordar. Então cavei um buraco e o coloquei dentro. E fui embora. Até hoje me pergunto se ele despertou e continuou sua vida normal. Não acredito que ele tenha morrido de tanto amor e carinho, que provavelmente nunca teve no meio animal em que vivia.

Fiquei pensando a partir daquela experiência na possibilidade de superação do instinto através do amor sincero. Em como o carinho pode desarmar o bruto que é guiado pelo instinto cego. E até como o instinto não seria tão cego quanto pensamos. Quantas vezes vi domadores de leões, tigres, crocodilos e outros animais selvagens demonstrarem

que se tornaram amigos dos animais, e que os animais realmente se tornaram também seus amigos. Isto tudo demonstra que o instinto pode ser vencido no animal. O siri baixou a guarda, que é uma atitude que vai de encontro ao seu instinto, e isto movido unicamente pela energia que eu irradiava em sua direção, e principalmente pelo sentimento de amor que eu emanava para ele, criatura divina.

Comecei então a refletir sobre o ser humano. Se os animais selvagens, muito menos evoluídos que o homem, podem suplantar e deixar de lado o instinto de agressividade e autodefesa, que os mantêm vivos, por que o homem não poderia fazê-lo também? E comecei a pensar também nos chamados marginais, nos criminosos, cheios de violência e agressividade. O pior dos marginais não é mais violento do que uma onça selvagem solta na floresta. Nós humanos já estamos muito longe da animalidade mais bruta e primitiva. Já avançamos em inteligência e sentimentos, em razão e emoções. Se um lobo selvagem pode ser domesticado; um leão pode deixar que coloquem a cabeça dentro de sua boca sem nada fazer; um elefante pode pisar levemente na cabeça de um homem deitado no chão sem machuca-lo; um cavalo selvagem se torna um amigo fiel e manso; uma cobra pode ser criada em casa e ficar enrolada no pescoço de alguém sem morder; uma aranha se deixa pegar sem picar, e um siri se deixa pegar e adormece nas mãos de um homem, então por que também nós humanos não podemos superar os instintos e deixar de ser agressivos e violentos?

Cheguei à conclusão que o problema todo está na falta de carinho e de amor. E uma vez que demos carinho e amor a alguém, seja homem ou animal, começamos a quebrar a “carapaça” de animalidade que ainda possui. A maioria dos humanos ainda possui resquícios de animalidade. E isto é natural, pois não faz muito tempo que fomos animais de verdade. A humanidade tem no máximo quinze milhões de anos de existência neste planeta, o que não é muito, se tomarmos em comparação as espécies animais. As abelhas e as formigas são muito mais antigas na Terra do que nós humanos.

Nosso passado animal ainda se faz presente em forma de agressividade, de defesa, de luta. Mas envolvidos em amor puro e sincero nos desmanchamos, e deixamos cair as “garras”. Amado, o homem ( ser humano ) se torna manso, pacífico, cordial, amigo. Como o siri que envolvi com amor na praia. Assim, os marginais podem ser recuperados com amor e carinho, que eles não têm, e talvez nunca tenham tido na vida que tinham antes de entrarem no “mundo do crime”.

Precisamos amar mais, e compreender melhor os marginais. E principalmente precisamos amar e dar carinho aos menores de rua, que muitas vezes se tornam marginais por falta de opção ou orientação ( educação, casa, alimento, carinho, trabalho, amor... ). Podemos, acreditem, transformar o mais violento marginal no mais doce amigo. E isto é mais fácil do que domesticar um urso, um leão ou um jacaré. O problema é que não acreditamos nisso nem investimos nessa ideia, envolvidos que estamos em preconceitos e raiva dos marginais. Com isso, perdem eles, e perdemos nós, que nos tornamos suas vítimas. E o círculo continua girando, e o ciclo não acaba...

Uma outra questão que tenho pensado nos últimos dias é a dos *arrastamentos* a que muitas vezes nos sentimos envolvidos. Álcool, drogas, fumo, sexo, crime, etc. São os nossos vícios. Nos sentimos às vezes tão presos a eles, que achamos que nunca vamos nos libertar. Pensamos realmente que certos arrastamentos são *irresistíveis*. Lembro-me que no “Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, este perguntou aos Espíritos sobre a existência de arrastamentos irresistíveis, e obteve como resposta que arrastamentos existem, mas que não há arrastamentos irresistíveis. Podemos resistir a todo e qualquer tipo de arrastamento, desde que possuamos uma vontade firme e resoluta.

Pensando outro dia sobre esse assunto, me veio à mente um rio e um cardume de salmões nadando contra a correnteza e saltando uma queda d’água, no sentido inverso à da queda, para subir o rio e desovar. O esforço que esses peixes fazem é hercúleo. Imaginem que eles nadam contra a correnteza do rio e ainda saltam para vencer a cachoeira, vencendo também a força da gravidade. É muita força, *física* e de *vontade*, e eles têm um objetivo claro e definido, que é subir o rio para desovar, para gerar novas vidas. Podemos nos espelhar nos salmões sempre que nos sentirmos fracos e arrastados pela correnteza dos vícios e apegos, e por tudo que nos rebaixe e nos lance na lama. E lembre-se: você é mais inteligente e mais forte que um peixe! E muito mais evoluído! Você pode muito mais do que imagina, tente conseguir e verá que se superará facilmente. Sua força é infinita. Você tem Deus dentro de você, fora de você, por trás de você, ao seu redor, etc. O que mais você quer? A fonte de *vida* e *força* é infinita. Recorra a ela! Não seja orgulhoso, nem vaidoso, achando que é auto-suficiente. Peça ajuda, e se ajude. Peça inspiração, e se abra para ouvi-la. Faça a sua parte que Deus lhe ajudará.

Quando quiser uma coisa que não seja inalcançável, lute por ela, mas não de forma violenta. Mentalize-a, tenha objetivos claros e definidos, e aprenda a desenvolver uma *vontade firme*, uma vontade de ferro. Vontade passiva não leva a nada. Precisamos ter vontade ativa, aquela que nos faz ir atrás do que queremos. *Objetivo definido, e vontade ativa*. Com isso, *você irá muito mais longe do que imagina*. Comece a planejar o seu futuro espiritual, a ser seu próprio guia e senhor. Mas não se esqueça que há muitos seres mais inteligentes que você, e uma inteligência muito acima da sua que tudo governa, ainda que você não compreenda exatamente como.

Somos tão pequenos, e ao mesmo tempo tão grandes...é tudo uma questão de referencial. Somos fisicamente os seres mais inteligentes e capazes do planeta, e temos hoje o poder de destruir a Terra e todos os seres que a habitam. E o que estamos fazendo com esse poder? Como o estamos utilizando? Somos como deuses para os animais, e os amedrontamos e matamos. E o que fazemos com as plantas?

Queremos nos lembrar do passado, de outras encarnações, mas não estamos preparados para conviver nem com nossos atos desta vida. Nosso livre arbítrio cresce na exata proporção de nossa tomada de consciência quanto às responsabilidades. Quanto mais responsáveis, mais livres para agir. É preciso crescermos!

Estamos vivendo momentos de futilidade, de vazio interior, de angústia, de falta de valores nobres, de falta de rumo, e a humanidade anda meio perdida e sem esperanças. As nações se unem e se separam de várias formas. Cada uma, no fundo, pensa primeiro em si. Isso é fruto de nossa mentalidade egoística e competitiva.

Brincamos com o sexo, achando que ele foi criado para o deleite físico e passatempo. E hoje sentimos as consequências desastrosas desse comportamento ignorante. A AIDS está aí para nos fazer refletir. Mas em vez disso, achamos mais cômodo usar camisinha. Não precisa pensar. Para que pensar? O negócio é só o prazer imediato. E de imediatismos e imediatistas o mundo está cheio, e também de neuróticos, nervosos, drogados, desequilibrados, suicidas...

Investimos hoje mais nos divertimentos do que na instrução e no crescimento espiritual. E estamos nos tornando cada vez mais risonhos e idiotas, fúteis, vazios de valores verdadeiros...rir é bom, faz bem, relaxa, mas estudar, aprender, crescer, também é importante...

Continuamos nos odiando e nos matando por causa de religião. Nisso não mudamos muito. Dois mil anos não nos despertaram. Todos amam a Deus, mas lhe dão nomes diferentes e pensam que por isso cada Deus é só da sua religião. Judeus, católicos, hindus, muçulmanos, protestantes, budistas, espíritas, todos adoram o mesmo Deus. Por que brigar? A intolerância é contrária a qualquer religião. Quem é intolerante com a religião dos outros não é um bom religioso. A essência de toda religião tem que ser o amor a Deus e ao próximo. Fora disso, para que servem as religiões? Só para promover a separação e a luta...

Vamos superar nossas diferenças raciais, ideológicas, religiosas, políticas, culturais em geral...e vamos nos amar e nos auxiliar, para que todos cresçamos...não vale a pena brigar...estamos no mesmo barco, que é o Planeta Terra...então temos que zelar por ela e por nós mesmos, como um todo...

Busquemos a nossa paz interior, para sermos felizes. E espalhemos a nossa luz, por menor e mais fraca que ela possa nos parecer. Nos lembremos que há muita gente com muito menos luz. Não esconda sua luz, mas também não se orgulhe dela nem se vanglorie...a vaidade é a porta aberta para a queda espiritual...e o que tem de gente caindo sem sentir...

Seja feliz à sua maneira, e ajude os outros a encontrarem a felicidade também...Seja luz e paz, seja amor...é tudo o que vale viver...e viver vale a pena...

MUITA PAZ.

“Escolha seu próprio caminho, não importa o que diga ou escreva quem quer que seja. Nenhum mestre ou guru conhece suas necessidades melhor do que você mesmo”.

“Um Espírito forte, corajoso e resoluto supera todas as dificuldades, suplanta todas as más tendências e transcende o meio no qual vive. E a educação, principalmente a doméstica, através do exemplo, sobretudo, pode bloquear as más inclinações”.

“No caso do homossexualismo, a tendência é inata, e somente o comportamento é adquirido. O ambiente influi para incentivar ou reprimir, mas raramente a sociedade busca a compreensão do mecanismo desencadeador da homossexualidade”.

“Viver voando atrás do sexo, pousando de cama em cama, trocando de parceiro a cada vez, na busca insana de prazer constante e intenso jamais irá nos preencher o vazio interior que sentimos. Quando a alma se sente vazia, nada exterior é capaz de preenchê-la. Somente a sua pacificação interior, mental, lhe dará o prazer perene, independente”.

“Nada existe no universo que não seja divino, que não seja expressão e manifestação de Deus. Portanto, não há nada diabólico”.

“Somos seres de luz, fadados à felicidade, inexoravelmente”.

“Deixe Deus se manifestar mais livremente por você, pois isso é tudo o que Ele quer”.